Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23177 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 9 FEVEREIRO 90 60$00

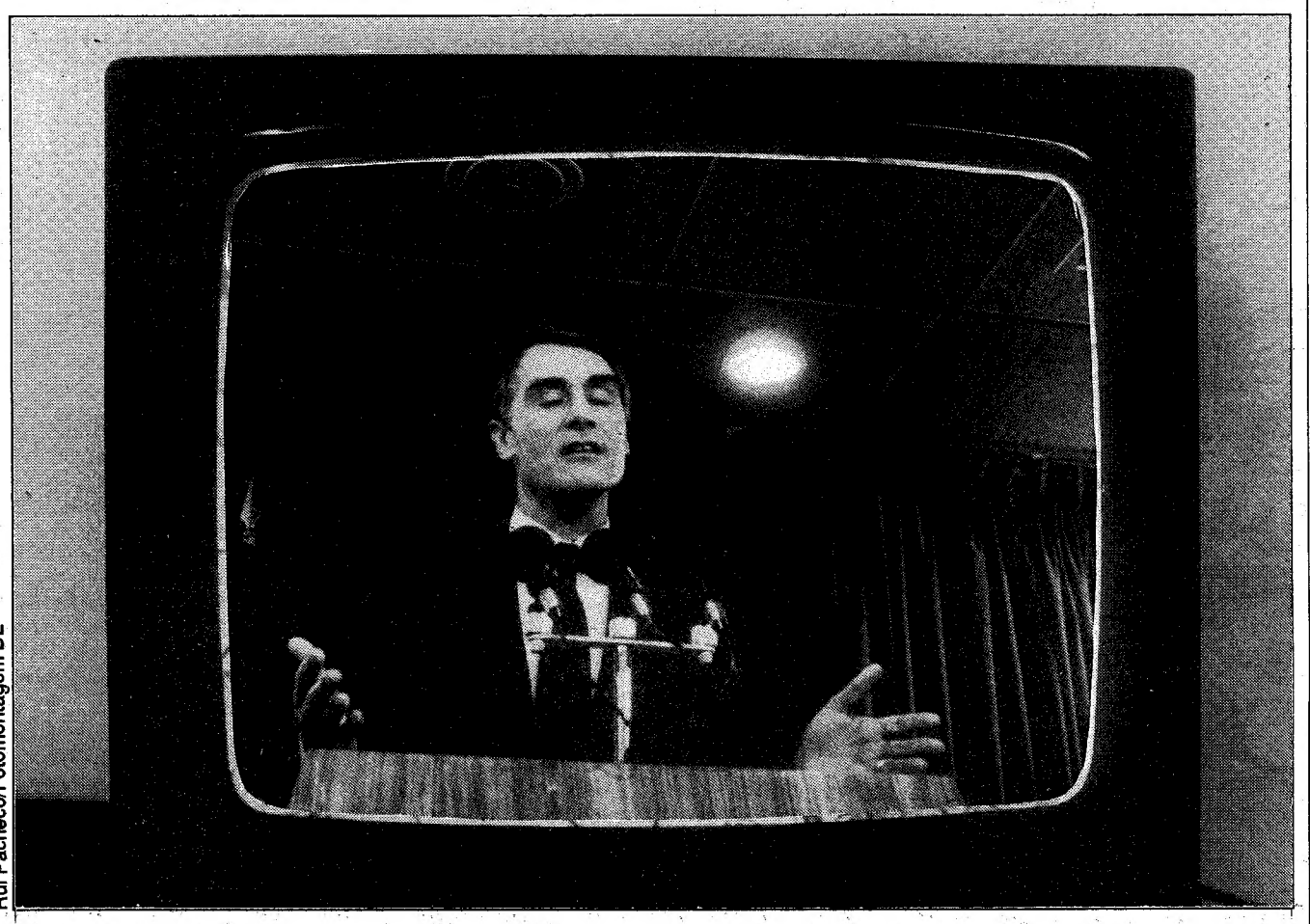
Cavaco anunciou esta manhã

Meio canal para a Igreja e TV pública sem taxas

A televisão privada poderá ir para o ar já em 1991, caso a Assembleia da República responda com a celeridade necessária a uma proposta aprovada no Conselho de Ministros de ontem e que o primeiro-ministro apresentou esta manhã em em conferência de Imprensa.

A proposta prevê - disse Cavaco Silva aos jornalistas em S. Bento - a criação de dois canais de televisão privada, um deles dando preferência à Igreja Católica - e a manutenção dos actuais canais públicos da RTP. A iniciativa acaba com a taxa de televisão e estabelece normas rígidas quanto à participação de capitais, no concurso a abrir para a atribuição de qualquer dos canais.

«Este facto marca uma viragem na sociedade portuguesa», disse o primeiro-ministro aos jornalistas, a propósito da abertura da televisão à iniciativa privada e das condições a respeitar pelos candidatos à sua exploração, de acordo com as condições do regulamento a determinar pela Alta Autoridade para a Comunicação Social. O Governo deverá enviar a proposta para a Assembleia da República antes das férias deste Verão.



Rui Pacheco/Fotomontagem DL

«Estão criadas todas as condições por parte do Governo para que, em 1991 a televisão privada já funcione», afirmou Cavaco.

A proposta privilegia canais de âmbito nacional, mas não fecha as portas às televisões regionais. «Todas as que estiverem a emitir na altura da publicação da lei não serão licenciadas», adiantou o primeiro-ministro, segundo o qual «a concorrência entre os operadores garantirá programas de melhor qualidade».

Continua na pág. 7

Mota Amaral ao DL: PSD deve ir a Belém

Do nosso enviado especial Paulo Martins

Mota Amaral aposta em Mário Soares, acha que os sociais-democratas devem insistir para que ele se recandidate, porque «é um vencedor e o PSD bem precisa de uma vitória». Foi assim, com todas as letras, que o líder açoriano definiu a sua posição sobre as presidenciais, numa entrevista, feita em Ponta Delgada, que o DL publicará na segunda feira.

Mas o presidente do Governo Regional dos Açores é bem menos explícito sobre a sua própria sucessão: diz que exerce o cargo «de alma e coração» e desdramatiza o afastamento de Álvaro Dâmaso, durante muito tempo considerado um provável sucessor.

Pág. 7

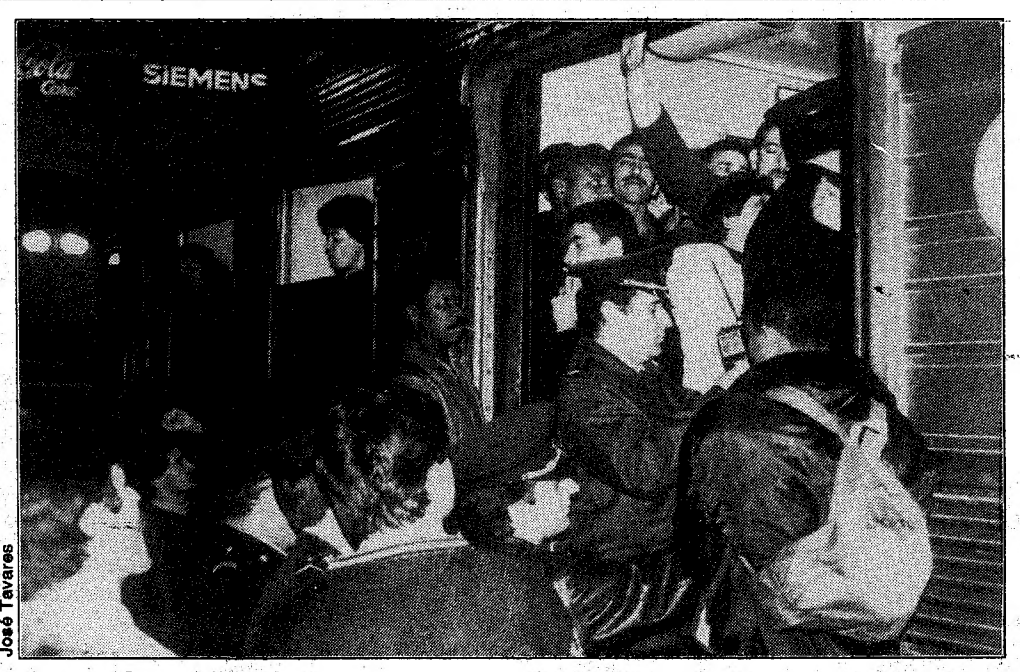
Diplomatas tocam a reunir
Págs. 2 e 3

Kissinger em Portugal: o perfil e os falhanços do infalível
Págs. 16 e 17

Collor descolorido em Lisboa
Pág. 8

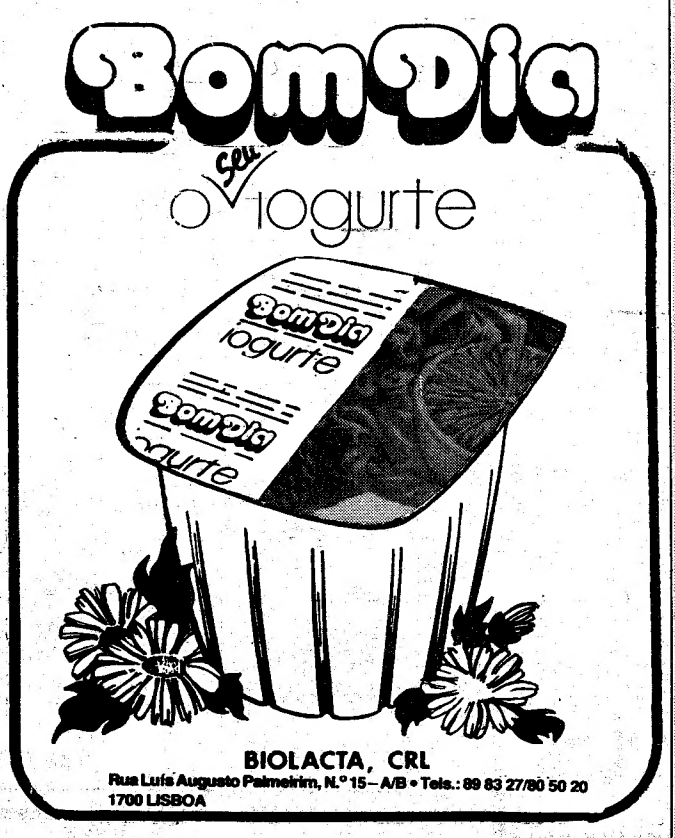
Lotaria Nacional
1.º - 40313
2.º - 13028
3.º - 52986
Pág. 13

A Mosca pica nesta edição

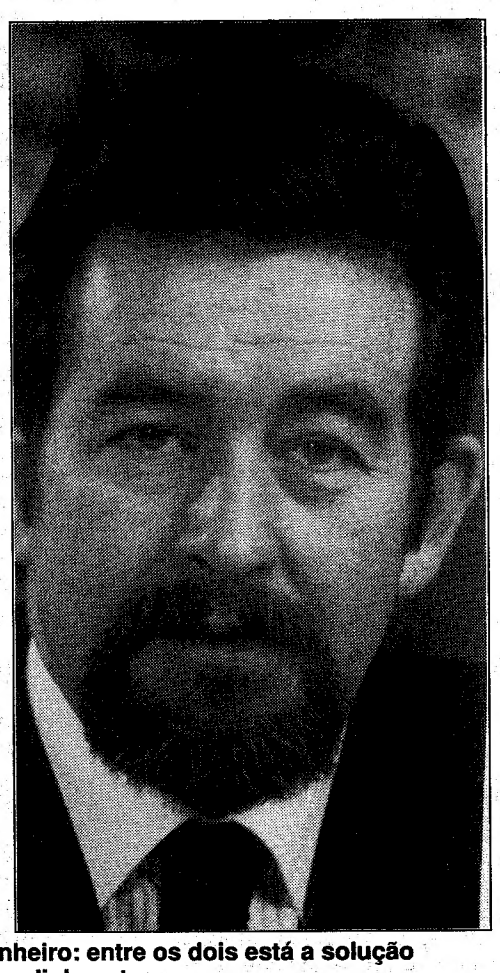


José Tavares

Revolta no Rossio Por causa de uma avaria de um comboio, em Benfica, a circulação esteve ontem interrompida, no Rossio, durante quase duas horas, e os passageiros revoltaram-se. De uns ligeiros sussurros se passou à contestação geral. A polícia vigiou mas não interveio. Depois, retomou-se a normalidade com as carruagens ainda mais superlotadas **Pág. 13**



Na segunda-feira que vem, há eleições na Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses. Depois dos militares, dos professores universitários e dos magistrados, toca a reunir no Palácio das Necessidades



Isabel Corte-Real e João de Deus Pinheiro: entre os dois está a solução da questão dos diplomatas

Às eleições para a Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses concorre apenas uma lista, multicolor quanto a tendências políticas, apostada perante o Poder em demonstrar que, em questões profissionais, os diplomatas estão basicamente de acordo.

Também não existe conflito de gerações. São, aliás, os diplomatas mais jovens que salientam o empenho dos seus colegas mais idosos, reformados incluídos, na salvação do prestígio da carreira, cada vez mais abalado nos últimos tempos, nas reuniões sindicais que decorrem no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Tudo começa pela grelha salarial, mas não acaba aí. O mais importante foi, segundo diplomatas com quem o «DL» falou, a ultrapassagem de uma mentalidade existente na carreira, segundo a qual seria «altamente possidónio discutir problemas de dinheiro».

A lista dos subdirectores

A lista dos subdirectores gerais, como já foi chamada, tem obviamente o centro na centena de funcionários colocada em Lisboa. O poder reivindicativo está, com efeito, concentrado na capital, por força das circunstâncias.

A encabeçar a lista única está Vasco Bramão Ramos, um dos subdirectores-gerais dos Negócios Políticos, candidato a presidente da Direcção. Para o cargo de vice-presidente está proposto José Vieira Branco, subdirector - geral da Cooperação e, para a presidência da Mesa da Assembleia Geral, Gonçalo Santa Clara Gomes, subdirector-geral dos negócios políticos.

Para já, a primeira grande batalha a travar é entre os diplomatas, tradicionalmente divididos por querelas surdas sobre promoções, famílias (políticas e outras) e idades, nem sempre resolvidas sem que se reconheçam as mãos que movem os cordelinhos, por debaixo das luvas brancas.

O segundo alvo

O segundo alvo é a conquista de uma opinião pública reticente perante reivindicações de uma classe que se presume ser privilegiada. Um diplomata não é encarado como um profissional, um funcionário como outro qualquer. Talvez porque preenche duas das condições que habitam o imaginário colectivo português: viaja de graça, sem os riscos dos descobridores de outros tempos, e trabalha lá fora em ofício menos penoso que a construção civil.

Mesmo os portugueses mais lidos não podem esquecer o retrato que Peyrefitte faz das embaixadas e do fim das ditas, entre as duas guerras mundiais deste século. E sempre resmungam que, se os diplomatas ganham pouco, também se divertem muito.

Está fora de questão, neste preconceito redutor, uma classificação que se faz quanto a outros ofícios, à qual também este não escapa: os bons, os maus e os assim-assim.

Como todos os preconceitos, também este é contagioso. Atingiu o próprio aparelho do Estado português existente e os diplomatas passaram a ser encarados pela burocracia como quaisquer outros funcionários.

Disseram os poderes adeus à especificidade das funções, à multiplicidade das tarefas e aplicaram, como é habitual nestes casos, uma fórmula unificadora, do género «ou há moralidade, ou comem todos» da mesma maneira. A questão deixou de ser do País e da sua representação externa para passar a morar nas secretarias. Daí o espanto da secretária de Estado da Modernização Administrativa, Isabel Corte-Real, ao tomar conhecimento das condições concretas em que decorre a vida habitual do funcionário diplomático.

Daí a insensibilidade da generalidade dos políticos actuais perante situações que já no passado deram direito a notícias pouco nobilitantes publicadas na Imprensa estrangeira, como ameaças de despejo a representações diplomáticas portuguesas no ou o puro e simples corte de telecomunicações às ditas representações, por falta de pagamento.

Sucessivos «chumbos» do Tribunal de Contas a promoções de diplomatas, com as promoções paradas há uma série de anos, ensombram ainda mais este panorama. «Há cada vez mais gente a sair da carreira, o ambiente geral é de desmotivação e o único argumento contra a satisfação das nossas pretensões é o número grande de gente nova que, todos os anos, se candidata ao sonho de ser diplomata», desabafam diplomatas ouvidos pelo «DL».

O igualitarismo salomónico do tratamento de toda a função pública conduz, no caso dos diplomatas, à inexistência de um seguro de saúde, porque existe a ADSE. Se adoecem em Nova Iorque, é manifesta a incapacidade financeira para suportarem tratamentos numa das caríssimas clínicas norte-americanas; se adoecem em S. Tomé, o problema põe-se nos custos da viagem para um sítio onde possam ser tratados.

O Outono dos diplomatas

Pensões de reforma saídas em 1989

DIPLOMATAS (Todos)

Alberto M.G. Franco Nogueira (pg. 809) — Embaixador	89 531$
Mário J.G. Lagoa (pg. 809) — Min. Pl. 1.ª Cl. (Subirector-Geral)	111 120$
Artur Dias Silva Nogueira (pg. 3135) — Min. Pl. 1.ª Cl.	106 750$
Gonçalo L.M.C. Caldeira Coelho (pg.6236) — Embaixador	119 300$
José Eduardo Meneses Rosa (pg. 6236) — Embaixador	119 300$

JUSTIÇA (Amostragem)

António Poças (pg. 3135) — Juiz-Conselheiro	234 632$
Carlos Crespo Dias Coelho (pg. 3135) — Juiz-Desembargador (Évora)	213 530$
Alberto Virgílio Fortuna (pg. 7403) — Notário (Porto)	289 000$
Moisés Santos Martins (pg. 7404) — Notário (Lisboa)	385 500$
António Augusto Pino (pg. 809) — Secretário Judicial (Porto)	129 304$
Germano Augusto Ganedo Vaz (pg. 7403) — Esc. Direito (Porto)	126 300$

DOCENTES (Amostragem)

Vitorino B. Magalhães Godinho (pg. 7405) — Prof. Cated. (Lisboa)	271 300$
Joaquim Silva Godinho (pg. 6237) — Professor associado	236 700$
António José Saraiva (pg. 810) — Professor Catedrático	228 050$
Fernando A. Serra Oliveira (pg. 3136) — Professor Catedrático	226 843$
Maria Judite R. Lima (pg. 3137) — Professora (E.P. Gomes Teixeira)	112 762$
Maria N.F. Quintela Ribeiro (pg. 811) — Professora (E.P. Parede)	112 109$

MILITARES (Amostragem)

Joaquim C. Costa Gouveia (pg. 6232) — Coronel	182 900$
Henrique Galapaz Silva Martins (pg. 6232) — Coronel 51286511	163 300$
Avelino Alves Pereira (pg. 6231Capitão SGE 51533211	147 300$
Luís Miguel Filipe (pg. 6232) — Capitão 51205311	141 200$
Alcindo Esteves Martins (pg. 6231) — Tenente-Coronel 51487911	142 500$
Américo Luz Oliveira (pg. 3129) — Capitão 15918	119 633$

OUTROS (Amostragem)

José Joaquim Augusto (pg. 6238) — Secretário-Geral/ANA	350 955$
Ramiro Pedro Azevedo (pg. 3139) — Control. Tráf. Aéreo	315 031$
Ezequiel Herculano Sargaço (pg. 817) — Cont. Tráf. Aéreo	291 622$
João A. Rocha Cunha Serra (pf. 813) — Inspector-Geral	282 015$
Artur Bandeira Castro (pg. 6239) — Enfermeiro (Portimão)	125 700$
Maria Conceição Ferreira Silva (pg. 6240) — Enfermeira	128 200$

Medeiros Ferreira:

Há que rever interferência do Tribunal de Contas

«Os corpos de Estado começam a ter a sensação que têm mais força que o próprio Estado. Por outro lado, nem sempre o Estado os trata com a equidade exigida.

Deste confronto ainda não se sabe quem levará a melhor», disse ao «DL» Medeiros Ferreira, que quando ministro dos Negócios Estrangeiros assinou o pedido de adesão de Portugal à CEE.

«A organização sindical dos diplomatas não me repugna, como é óbvio, e acho que está na ordem natural

das coisas dentro da sociedade portuguesa. Assim como os diplomatas exigem mais, e quanto a mim bem, também o Estado lhes deve exigir mais, e também melhor. Ou seja: polivalência, especialização e reciclagem. Desde que os seus direitos estejam assegurados, o Estado deve exigir a maior disponibilidade, nomeadamente no que diz respeito a colocações em certos postos», afirmou de passagem, antes de fazer questão em frisar que «entre os diplomatas portugueses, os que são bons são muito bons».

Medeiros Ferreira considerou «um ruído desnecessário e prejudicial a contínua interferência do Tribunal de Contas numa carreira que tem as suas especificidades.

Há algo a rever nessa matéria».

Guerra de luva branca feita por gente de paz

GRANDE ANGULAR

Palácio das Necessidades: nas reuniões de diplomatas a paciência chegou quase ao fim

Por detrás da falta de sensibilidade burocrática manifestada pelos poderes públicos, há diplomatas que denunciam um assunto mais grave:a inexistência de uma política externa.

Sem política externa

Ora sem política externa, é natural o tratamento desmazelado dos que seriam agentes dela. Membros do Corpo Diplomático colocam a sua situação em paralelo com a dos quadros militares, esses também à espera da definição de uma política coerente de defesa nacional.

Mesmo no dia-a-dia deste barco à deriva, a falta de preparação de alguns políticos conduz a birras que não podem ser encaradas com a bonomia dos que encolhem os ombros e dizem que «são novos...não sabem». Aqui, pouco conta a idade dos políticos, note-se. A guerra surda existente entre o ministro João de Deus Pinheiro e o seu secretário de Estado, «a guerra a preto e branco» como é chamada nos corredores das Necessidades, não passa de um episódio menor, inserido num quadro de implicações mais graves.

É real a ignorância do que deve ser a relação do poder com os seus embaixadores. Muito à José Régio, «o bom embaixador é o que diz aos responsáveis máximos que não se vai por aí e aponta alternativas», definem diplomatas portugueses. Para isso conta a experiência, o conhecimento e uma boa dose de talento, tão necessário na diplomacia como em quase todas as restantes actividades humanas.

Quando são subaproveitadas as capacidades dos mais capazes, o que fica é a diplomacia da bebida e do croquete. Regressa-se então ao ponto em que a opinião pública hostil, na base, e a incapacidade política, no topo, esvaziam de conteúdo a actividade dos nossos diplomatas.

«Quando o Marquês de Pombal criou a Secretaria de Estado, D. Luís da Cunha era o segundo da hierarquia do Governo. Hoje, o Ministro dos Negócios Estrangeiros nem figura nos primeiros dez lugares da hierarquia das precedências protocolares», queixam-se diplomatas contactados pelo DL.

Um estatuto antes do mais

O estatuto protocolar do próprio Ministro justifica a falta do dito quanto à carreira diplomática, concluem com alguma razão os diplomatas, que nesta fase se batem, para além de por vencimentos à altura, pelo estatuto condigno para a sua profissão.Um estatuto a sério, diferente do actual, que defina as regras básicas sobre colocações, promoções e vencimentos no estrangeiro, deixando espaço de manobra para o encarar a sério de situações especiais numa actividade muito específica, no conjunto da função pública.

Num memorando entregue ao Governo, em Julho passado, os diplomatas chamavam a atenção para a distância que desde há uma década cresce entre os seus vencimentos e os de outras carreiras que exigem dedicação exclusiva. Antes, os diplomatas ganhavam melhor que os militares e os docentes universitários, sendo equiparados aos magistrados. «Essa é, aliás, a prática geral dos outros países, designadamente dos comunitários. Só, portanto, nestes últimos dez anos é que aqueles corpos do Estado se distanciaram enormemente da carreira diplomática. Ora esta é uma das mais exigentes em condições de entrada, formação contínua e dedicação exclusiva de há muito estabelecida na legislação própria», afirmava a Associação dos Diplomatas nesse documento.

Em primeiro lugar, o memorando chamava a atenção para a correcção de «uma disparidade de situações».

A seguir, recordava que o número de diplomatas de carreira (à data apenas 442) não envolvia, quanto a dinheiros, grandes deslocações de verbas.

E assinalava que se tem «comprovado que, nos últimos anos, só quem luta duramente (magistrados, docentes universitários, militares) obtém o que lhe é devido e que quem não utilizar estratégias extremadas acaba na situação chocante e inaceitável em que se encontra actualmente a carreira diplomática», acabando por propor «a via do diálogo para a resolução dos problemas», como compete a diplomatas.

Não chegou ainda a hora de, segundo as normas, os sindicalistas chegarem junto do Governo e dizerem qualquer coisa como:« Temos a honra de comunicar a vossas excelências que a partir de agora existe o estado de guerra entre os nossos interesses e as vossas incompreensões».

Esta situação já esteve mais longe. A inércia também é um «casus belli».

João Isidro

A pátria e as famílias

A máxima é antiga, sempre foi pacífica, mas gera agora outras guerras: «Ser mulher de diplomata também é um posto». As mulheres dos diplomatas resignaram-se, durante anos, principalmente porque a voga não era a das carreiras próprias e a do trabalho fora dos lares sucessivos, por esse Planeta fora, funcionava como na residência portuguesa, com certeza.

Mais tarde, esta dupla exclusividade, antes natural, acabou por colidir com os tempos modernos e as novas tarefas que as mulheres assumiram.

«O departamento norte-americano de Estado dá às mulheres dos diplomatas uma compensação choruda cada vez que elas têm que interromper as suas carreiras para irem para o estrangeiro», queixam-se os diplomatas e sobretudo as mulheres, atingidas por esta falta às modas de além-Atlântico.

Está fora de questão, para elas, trabalharem fora das residências.

E os maridos das diplomatas ?

Nesse ponto, até se apoia o emprego noutros países. Como em Portugal, esses outros países têm em vigor leis laborais que limitam as hipóteses de exercício da profissão a nacionais de outros, que podem não reconhecer habilitações ou, pura e simplesmente, não querem.

Mas as crianças, senhores ?

Um adicional ao memorando citado noutro lugar descreve de forma expressiva a situação dos filhos menores de diplomatas de carreira. Ou seja: «Não constitui problema menos grave o da educação dos filhos dos funcionários diplomáticos».

No exterior, nem sempre o ensino oficial serve, coisa que depende do nível de desenvolvimento de cada país, mesmo dando de barato o desenraizamento dos filhos dos diplomatas.

Portanto, também lá fora são prováveis gastos suplementares que são ossos do ofício andante de diplomata.

No regresso, tudo se complica, uma vez que não raro se torna necessário matricular as crianças em escolas estrangeiras, decerto de boa qualidade, mas nunca baratas. Somando tudo isto ao desenraizamento citado, às polémicas sobre equivalências e às opções de separação quase permanente de famílias inteiras, verifica-se que a vida normal de um diplomata jovem, com filhos pequenos, tem uma gestão no mínimo difícil.

Sempre se definiram com ironia os deveres dos diplomatas, mentirosos profissionais por amor à Pátria. Está nas mãos do ministro João de deus Pinheiro não colocar os interesses da Pátria em confronto com a vida em família, apesar de toda a gente saber que o «saco azul» das Necessidades supre carências mas, uma vez encarado como instituição, não honra o serviço público nem desculpa tudo o resto.

J.I.

Jaime Gama:

Carreira muito qualificada

«A carreira diplomática portuguesa é extremamente qualificada. A sua valorização no conjunto dos corpos institucionais do Estado é absolutamente necessária», considera Jaime Gama, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros que assinou o Tratado de Adesão de Portugal à CEE.

«O diploma existente, intitulado Estatuto da Carreira Diplomática, é um documento de princípios gerais que não consagra os mecanismos de dignificação do Corpo Diplomático existente em situações análogas de outros países e está elaborado com base em imperativos de ordem conjuntural. Numa comunidade internacional assente nas relações entre Estados e no papel crescente das organizações internacionais, o investimento na formação e qualificação dos diplomatas é uma tarefa essencial do Estado Democrático. A par da formação clássica, são hoje indispensáveis à preparação do diplomata moderno componentes tão relevantes como a económica e a estratégica. Um País pequeno, em que a política externa deve assumir papel relevante na protecção e potenciação da soberania, deve conferir especial atenção à qualificação profissional àqueles que, em permanência, asseguram a continuidade das relações externas», acrescentou Jaime Gama.

No dia 6 de Maio de 1756, o Marquês de Pombal nomeou D. Luís da Cunha Manuel para o cargo de Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Estava criado o primeiro Ministério dos Negócios Estrangeiros em Portugal

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. ...4870/9 - Telegramas DIBOA - ... 12363 DIAROP ... Telefax 3467134. Impresso ... Renascença Gráfica, SA ... Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. ...buído por Interpress - Rua do ...e, 115-1... 1200 Lisboa ... 322204/320784. ...426/82. Preço ..., 60$00; ... Açores,

...RTE
...AGO

POLÍTICA DE A a Z

MEMÓRIA DE UM CRIME

Na próxima semana, na terça-feira, dia 13, completam-se 25 anos sobre a data da cilada e do crime. Atraído à fantasmagoria de um encontro conspirativo forjado pela PIDE e suas antenas, o general Humberto Delgado, de Argel, seu derradeiro lugar de exílio, veio a Badajoz defrontar os carrascos que executaram a sentença de morte a que o ódio do ditador o condenara.

O seu nome, e a sua legenda, com altos e baixos, lances positivos e aspectos negativos, ficará na história da luta pela Liberdade. Merece aos democratas preito e respeito. Vinha do outro lado da barricada, tenente de Maio de 1926. Combatente, em 1927, na zona do Rato, contra os marinheiros e civis comandados por Agatão Lança. Comissário adjunto da Mocidade Portuguesa (MP) e adjunto militar do comando-geral da Legião Portuguesa (LP). Autor de um texto teatral com o título «28 de Maio» e de um violento escrito polémico contra os políticos da Primeira República: «Da Pulhice do Homo Sapiens». Não lhe regatearam as promoções, os louvores, as distinções. Mas um dia, Humberto Delgado descobriu que o regime ditatorial humilhava os cidadãos e bloqueava o desenvolvimento material e cultural do País. Passou à oposição. Aceitou ser candidato à Presidência da República nas eleições de Junho de 1958.

Foi breve, e intensa, fulgurante em fugidios momentos, a passagem de Humberto Delgado pelos arraiais da oposição democrática e antifacista. Duas afirmações suas, mais do que exórdios programáticos ou profundas dissertações doutrinárias, conquistaram-lhe enorme prestígio e caloroso aplauso. Um dia disse: «Acabou o medo.» Na apresentação, em conferência de Imprensa, da sua candidatura, interrogado por um jornalista sobre o destino que, uma vez vencedor, reservaria ao Presidente do Conselho, com firmeza respondeu: «Obviamente, demito-o.» Oliveira Salazar não lhe perdoaria. E, consumada a farsa eleitoral, com a colaboração de Santos Costa, perseguiu o general, separou-o do serviço activo da Força Aérea (Janeiro de 1959). Ameaçado de prisão, a sua vida correndo risco, pede asilo político na Embaixada do Brasil.

O homem de cultura e de carácter que representava o Brasil em Lisboa, o embaixador Álvaro Lins, concedeu-lhe, sem hesitação, asilo político e travou com os governantes salazaristas uma tremenda batalha diplomática.

No livro de Álvaro Lins, «Missão em Portugal», ficaram registadas as palavras de Humberto Delgado ao formular o pedido de asilo: «Vim à Embaixada do Brasil solicitar asilo político a Vossa Excelência porque me encontro sob ameaça iminente de prisão. Fui informado... de que serei preso hoje, às 17 horas, a pretexto de uma manifestação política que me seria feita também hoje, a essa mesma hora, na porta da minha casa. Está prevista nisto tudo, claramente, uma provocação da PIDE. Os policiais, a essa hora, encherão a minha rua com bandos aparentemente populares, obtendo assim um pretexto para prender-me...»

Humberto Delgado, o «general sem medo»

De 12 de Janeiro a 20 de Abril permaneceu Humberto Delgado na Embaixada do Brasil e Álvaro Lins teria de lutar pela decisão governamental que permita a sua partida para o Brasil. Oliveira Salazar não queria que Humberto Delgado estivesse em liberdade e fora de sua esfera do Poder. Não lhe perdoava o desafio, nem a declarada intenção: «Obviamente, demito-o.» Para o Brasil em perseguição de Delgado, diz-se que incumbidos de o suprimir, enviou uma dezena de agentes da PIDE, que, oportunamente, foram identificados e expulsos.

Mas o ditador não desistiu. À volta de Humberto Delgado, a PIDE teceu a teia das intrigas e provocações. Conseguiu colar-lhe vigilantes, espiões, agentes policiais. Uma persistente manobra de cerco de que o general Humberto Delgado se não soube defender.

A paixão e a audácia perderam-no. Levaram-no à cilada de Badajoz. À beira da terra portuguesa que amava, foi traiçoeiramente assassinado. Há vinte e cinco anos.

A morte de Humberto Delgado é uma página vil da crónica das violências e crimes do «Estado Novo». Não restam dúvidas de que Oliveira Salazar conheceu, e ocultou, as circunstâncias do crime. Foi estabelecida a autoria do assassínio e apurada a sua cobertura política. Um arrastado julgamento puniu, sem força, os culpados que lhe restaram. Uns tinham fugido, outros desaparecido, outros faleceram nos seus leitos de velhice ou de doença. Ao crime sucedendo o escândalo das protecções inaceitáveis sobre o infausto reinado de Salazar esquecem ou minimizam o crime. Mas a História não pode deixar de registar o combate do general e o final trágico da sua vida.

Não esquecer é um dever cívico. O combate de Humberto Delgado — e a carta de D. António, bispo do Porto — marcam a viragem para os Anos 60. Um jovem dessa época escreveu: «Eu tinha 18 anos em 1958. E ter 18 anos nesse ano foi, para uma geração inteira, através do mês empolgante que durou a candidatura de Delgado às pseudo-eleições de então, descobriu, muito mais do que um homem que os ventos da História traziam na altura certa, muito mais do que beneficiou da feliz conjugação de um temperamento individual tão intrépido, generoso e suprapartidário como o daquele antigo soldado fascista, com uma viragem histórica em que eram requeridas todas essas qualidades e ainda o desejo e a audácia bastantes para compreender que Salazar só seria derrubado pela insurreição armada, descobrir pois que era chegada a hora de não dar tréguas ao salazarismo...» (João Medina, em «O Jornal», 30/06/1978).

Era a experiência das lutas legais, desde o MUD, a revelar os próprios limites. Ganhava força a consciência de que o regime não cedia, nem evoluía. As concepções de luta armada conquistaram terreno e adeptos. Foi o assalto ao quartel de Beja. Foi o 25 de Abril.

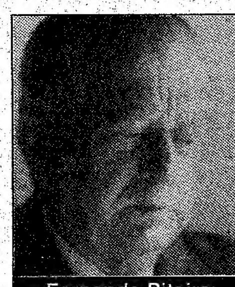
Humberto Delgado, o «antigo soldado fascista» que se bateu e morreu pela Liberdade, ficou pelo caminho. Vivendo, com uma profunda sinceridade e uma exaltação aventurosa, a sua determinação de derrubar o regime ditatorial. Enganou-se. Enganaram-no. Caiu numa cilada tenebrosa na qual perdeu a vida.

As eleições presidenciais de 1958, o asilo político do general Humberto Delgado, os seus exílios no Brasil e na Argélia, as suas peregrinações pela América Latina, pela África e pela Europa, são páginas da História da Resistência. Em 1963, presidiu à II Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

Como seu presidente se instalou em Argel. Não é esta a oportunidade de avaliar essa fase da sua vida. A ruptura com a FPLN levou-o, por ínvios trilhos, a Badajoz, à cilada e à morte.

Foi há 25 anos. O crime fascista não pode ser esquecido.

A democracia portuguesa precisa de ter memória.


Fernando Piteira Santos

NÓS, ENTRE AS EUROPAS E O DIA-A-DIA

Estou enjoado da Europa. Já vou, aliás, no segundo enjoo. Primeiro foi 92. Os inúmeros "desafios de 92", "ganhar 92", "tudo e mais alguma coisa face a 92". "Horizonte 92" onde a "única" coisa que nos espera é um grande ... mercado ; onde se cumprirão promessas de liberdade de circulação ... dos capitais, serviços e mercadorias. Depois, foi a aceleração do processo na Europa de Leste. Informações a mais. Horas a fio a ouvir telefonia. Páginas especiais dos jornais a acumularem-se em todos os cantos da casa. Emoções a mais. Ver colegas alemães, pálidos de excitação, a ler as notícias sobre a queda do muro de Berlim. Ouvir uma voz longínqua dizer : "Agradecemos a todos os que pelo mundo fora nos manifestaram a sua solidariedade. Desejamos-lhes um bom Natal !" Falava Rádio Bucareste. Num palavra : foi História - com H grande - a mais. Agora, confesso-o, domina a sensação de enjoo ; de volta ao quotidiano lisboeta de Janeiro 90, às bichas na paragem do autocarro e no banco, às sucessivas e incontornáveis reuniões de trabalho, que fazer com tanta História ?

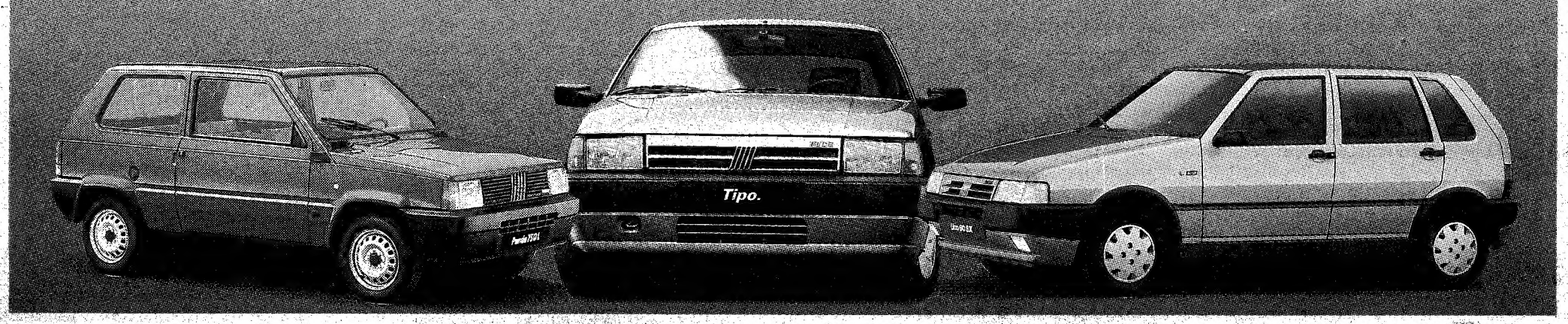
Uma possível resposta é abandonar as grandes sensações, afinal de contas, desgastantes, e voltar às realidades mais modestas e mais consistentes do quotidiano. História? Qual História ?! Enjoo ? Qual enjoo ?! A Europa, pensando bem, é um assunto de especialistas. Deixemo-la à Catherine Lalumière, ao Jacques Delors, aos engenheiros financeiros dos grandes bancos, aos departamentos de marketing das

continua na pág. 6

FIAT
O PRIMEIRO AMIGO!

ATENÇÃO, NOVOS CONDUTORES!!!

Para si, que tem carta de condução desde 1 de Fevereiro de 89,
a FIAT oferece-lhe vantagens excepcionais na compra
dos modelos PANDA, UNO ou TIPO.
TER AMIGOS É TER VANTAGENS.
INFORME-SE JÁ NO SEU CONCESSIONÁRIO FIAT.
Oferta válida até 30 de Abril de 90.



FIAT
a tecnologia líder.

Encargos Anuais: Consumo - de 72.198$00 a 150.735$00 • Seguro Ob. Resp. Civil 21.983$00 • Imposto sobre veículos - de 1.410$00 a 4.630$00 - Imposto de compensação (Diesel) 42.000$00 • Base 15 000 km - Janeiro/90

FORUM

OS RELÓGIOS FALANTES

A EUROPA E AS NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS

Perante tão intensas e profundas transformações como as que têm ocorrido na Europa Oriental, cabe perguntar se a Comunidade Europeia tem os seus dias contados ou se os objectivos que estão definidos para a sua consolidação não foram postos em causa em virtude das novas circunstâncias. A resposta a uma tal interrogação está longe de poder ser unívoca. Dependerá, certamente, da vontade que existir, das estratégias políticas a adoptar, da evolução das condições económicas e sociais, do ritmo que for adoptado nas reformas do Leste e, *last but not least*, das mudanças culturais e de mentalidades resultantes das novas *aberturas*. Não basta, pois, dizer que este ou aquele acontecimento seguirá o rumo *x* ou *y*, é fundamental compreender a grande diversidade de elementos a ter em conta e a necessidade de fazer conciliar as vontades políticas e as condições históricas. Esse método far-nos-á entender que o perigo do IV Reich ou da sombra de Bismarck não são imediatos — até porque as relações privilegiadas entre as duas Alemanhas não são de hoje (como assinalava há um ano Alain Minc em *La Grande Illusion*), sendo certo que não é já um projecto prussiano ou *junker* que está em causa, mas sim um movimento que não poderá deixar de ter em consideração os equilíbrios de forças em presença e a natureza aberta da economia federal alemã.

Estamos longe de um novo *Zollverein* assente na ideia de fortaleza germânica, dominadora e expansiva. Por outro lado, se a França e a Grã-Bretanha forem capazes de estender o espírito da *entente cordiale* à solidariedade com a RFA (o que tem sido pouco compreendido pela Sr.ª Thatcher) mais fácil se tornará a desdramatização da questão alemã e a atenuação de todos os riscos hegemonistas. Assim, a ideia europeia, ao enraizar-se, poderá conduzir à difusão — em primeiro lugar no seio dos Doze, depois nas economias abertas que lhes estão contíguas (v.g. EFTA) e, por fim, nas economias do Leste em vias de abertura — dos *efeitos do desenvolviemnto*.

É neste sentido que a visão «confederacionista» de Metternich (1815) ganha maior pertinência hoje. Mas entendamo-nos: a ideia subjacente à «confederação germâmica» não é traduzível numa «confederação» em sentido técnico-jurídico. François Mitterrand forçou um pouco a nota política, para dar o sinal claro da necessidade de se alargarem solidariedades para além das fronteiras da Europa dos Doze, todavia o que tem de estar realmente em causa é a «geometria variável europeia». Há que pôr a imaginação a funcionar para se encontrarem formas múltiplas, adequadas e eficazes de cooperar economicamente com os países do Leste em vias de abertura e democratização — no quadro mais geral de uma Europa que não se feche sobre si própria e que baseie a sua vitalidade na abertura e no desenvolvimento.

Deste modo, importa ultrapassar os lugares comuns que conduzem à ilusão de que o «ano de todas as mudanças» conduziu a uma ruptura histórica capaz de favorecer novas «guerras civis europeias» por via da inexorável balcanização. É certo que as conflitualidades nacionais e regionais tendem a reaparecer com intensidade diversificada numa «zona quente» que, aliás, já esteve na origem da primeira guerra mundial, todavia não havendo factores externos interessados em acirrar os diferendos pontuais, mais fácil se torna circunscrevê-los e reduzi-los. Daí mais um argumento a favor da intensificação da colaboração com os países da mudança. Há, assim, que distinguir a Europa do Leste, por um lado, da União Soviética, por outro — num quadro geral de desanuviamento, apontando com clareza e sem equivocidades para a necessidade de as reformas levarem ao respeito inteiro dos direitos do homem e ao funcionamento de democracias pluralistas e de economias abertas.

De um dia para o outro não se desvaneceu a influência dos acordos de Yalta. Atenuou-se, sim, a conflitualidade bipolar. Todavia, há outras zonas naturais de conflitualidade. A União Soviética não deixou de ser uma superpotência — e certamente que Gorbachev terá de procurar novos modos de manter influência no concerto das nações. Aliás, se não os encontrar, alguém surgirá a tentar fazê-lo por ele...

Neste contexto, a construção europeia terá de se basear numa actuação a um tempo realista e audaciosa — capaz de entender os riscos das novas conflitualidades descontroladas e a necessidade de favorecer determinadamente a sua regulação. Isso exige abertura, apoio à democratização a Leste — sem ingenuidades ou excessos de entusiasmo — mas também uma aguda consciência da necessidade de reforço de uma solidariedade interna aberta. Daí que a ajuda da Comunidade Europeia ao Leste não possa fazer-se com prejuízo dos países e regiões menos desenvolvidos no seio dos Doze nem com o marcar passo em matérias como a coesão económica e social, o mercado interno e a União Económica Monetária.

Só reforçando a Comunidade poderemos fazer dela um factor de agregação de novas realidades. Aí está a grande virtude do retomar da visão estratégica de Metternich. Assim evitar-se-á uma polarização excessiva e concentrada na *mitteleuropa*. No fundo, há que usar várias estradas que conduzam ao reforço do «espaço comum europeu» — espaço plural, de várias identidades, aberto e universalista. As solidariedades políticas têm de ser mais amplas — até como forma de criar elos sólidos que permitam influenciar a rápida democratização das sociedades até há pouco fechadas. As solidariedades económicas, essas terão de ser mais exigentes, rigorosas e cautelosas, uma vez que as economias colectivistas não estão aptas a responder positivamente a curto prazo ao «choque» de uma abertura brusca e da concorrência directa com as economias mais desenvolvidas. Importa, assim, fazer da «geometria variável» uma oportunidade para ligar a abertura gradual ao desenvolvimento.

Guilherme d'Oliveira Martins

Depois da vertiginosa evolução do último trimestre de 1989 assistimos agora ao reajustar de posições. As eleições de 1990 vão ser decisivas — mas o essencial vai passar pelos rumos que forem adoptados por Moscovo e pela evolução do complexo xadrez das repúblicas soviéticas. Para já, importa, porém, que a Comunidade Europeia responda com movimento e dinamismo aos estímulos que lhe estão lançados. As esperas ou o marcar passo serão fatais neste momento.

Altiero Spinelli dizia pouco tempo antes de morrer: «Todos sabeis a que desastre nos conduziu a política dita dos pés na terra ou dos pequenos passos, isto é, a política erradamente chamada de 'pragmática' que na realidade se baseia na falta de ideias e de visão global, ou para ser mais sincero, fundada na escravidão intelectual perante as ideias antigas tornadas completamente inadequadas.»

Há que voltar a lembrar o aviso. Afinal, só compreenderemos os acontecimentos que nos rodeiam se nos dispusermos a ir além das aparências e das superficialidades.

A Europa está na ordem do dia. Mesmo para nós portugueses que não podemos esquecer a dimensão extra-europeia da nossa identidade.

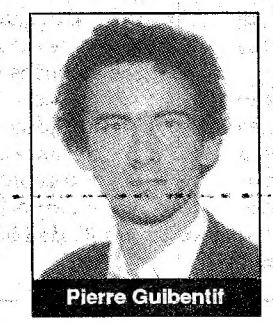
NÓS, ENTRE AS EUROPAS E O DIA-A-DIA

continuação da pág. 2

multinacionais produtoras de novas tecnologias.

Mas optar por esta atitude seria ignorar o que nos revela, mais nitidamente ainda que anteriores entusiasmos e emoções, este enjoo invernoso : quer o queiramos quer não, as nossas vidas já são vidas europeias, e sê-lo-ão cada vez mais. O que não existe deixa indiferente. O enjoo significa a digestão, por vezes laboriosa, de um aspecto novo das nossas existências. Deixar a Europa continuar a ser um mero tema de colóquio, uma designação para "gabinetes" e "centros" de todas as espécies, mais um dossier a estudar, um assunto a esquecer depois do trabalho, equivaleria hoje a uma amputação.

E uma amputação que nos afectaria a nós próprios, mas também a evolução dos acontecimentos no espaço europeu. Porque o futuro aqui não se joga apenas no plano das negociações geo-estratégicas e das estratégias financeiro-comerciais que se elaboram nas grandes empresas na perspectiva do mercado único. Também se joga no plano do nosso dia-a-dia. No âmbito desta esfera que talvez uma palavra alemã melhor delimite - palavra que não pode ser traduzida sem que se percam as suas conotacões mais essenciais , a "Lebenswelt", o nosso "mundo de vida".


Pierre Guibentif

Reagir face à história significa também aprender a pensá-la, isto é : a falar dela. Numa história cujos processos afectam cada vez mais, e cada vez mais imediatamente, amplos sectores da humanidade, a linguagem a inventar não pode deixar de recorrer a palavras de várias línguas, sendo estas opções reveladoras tanto do centro de gravidade dos processos como do alcance da sua ressonância. Pensemos na "Glasnost" e na "Perestroika". Aposto nalgo de comparável com a palavra "Lebenswelt". Palavra apanhada no vocabulário exótico da filosofia fenomenológica. Palavra retrabalhada pelos intelectuais que, a partir deste privilegiado "miradouro sobre a modernidade" que representa actualmente a Alemanha, se esforçaram em pensar melhor os paradoxos dessa mesma modernidade (cabendo entre estes um papel central a Jürgen Habermas). Palavra finalmente injectada nas batalhas do debate público pelos editorialistas da comunicação social alemã. Palavra agora disponível além da área germanófona para identificar algo que está em jogo em todo o espaço europeu. Altura apropriada para lembrar a observação recentemente referida - **cum grano salis** - pelo **Economist** : hoje em dia, os oportunistas aprendem o alemão.

O que está hoje em jogo, é a nossa "Lebenswelt". Primeiro, porque temos de certa maneira que nos reambientar nela, após as recentes evoluções que também a afectaram (verificamos as transformações no plano dos nossos consumos, das mensagens de comunicação social que nos atingem, e até das nossas expectativas e dos nossos medos). Segundo, porque um dos problemas centrais para o futuro, no espaço europeu, reside nas relações entre esta "Lebenswelt" e as instâncias onde se tenta controlar os processos em curso, isto é, os centros de decisão das grandes estruturas económicas e políticas. É na relação entre estes dois "patamares" da história que se jogará, já nos tempos mais próximos, a resolução dos problemas mais graves que se manifestam a nossa volta, entre os quais os perigos ecológicos e as tensões interétnicas.

A redução da distância entre estes dois patamares passa principalmente pela reconquista da parte europeia em cada um de nós, lugar de um possível novo relacionamento entre a nossa "Lebenswelt" e o mundo. Tarefa exaltante, já foi sobejamente dito, mas também encontro com a vertigem que não pode deixar de causar a distância patológica entre história e quotidiano. Uma vertigem que até enjoa. -Tanto melhor ; significa que o mal se manifestou. Nada pior, bem o sabemos nesta altura do ano, do que gripes sem febre.

Pierre Guibentif, *sociólogo e jurista, professor no ISCTE.*

Com as nossas desculpas

Dois lamentáveis lapsos, de que nos penitenciamos e pedimos desculpa, impõem-nos hoje a republicação do artigo intitulado "Nós, entre as Europas e o dia-a-dia", de Pierre Guibentif, que ontem inserimos em deploráveis condições de leitura, bem como a reprodução da foto autêntica do nosso colaborador Luis da Costa Correia, autor do artigo "Normas de segurança nacional: um ataque às PMES", que publicámos na edição de quarta-feira indevidamente ilustrado com a imagem de um homónimo.

POLÍTICA

Quatro canais de televisão

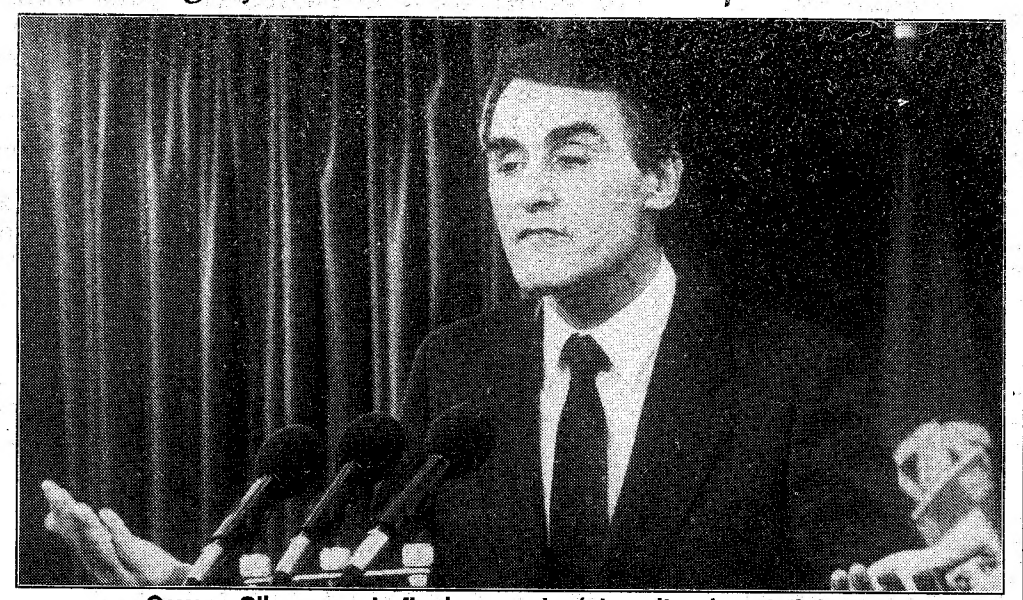
RTP vai concorrer com a Igreja Católica e a iniciativa privada

continuação da primeira página

Os novos canais de televisão privada serão licenciados por concurso público, por um prazo de quinze anos, na condição de sociedades anónimas, com um capital social mínimo de 2,5 milhões de contos, não podendo qualquer pessoa deter maisde 25 por cento. Fica vedada ao capital estrangeiro a possibilidade de posuir mais de dez por cento.

Relativamente à programação, a proposta estabelece que metade seja portuguesa e que, semanalmente, a publicidade não passe de 15 por cento do tempo de emissão, nem ultrapasse 20 por cento durante uma hora. À RTP ficará reservado um serviço público que lhe será retribuído através do Orçamento de Estado.

Solicitado a esclarecer outras questões, o primeiro-ministro considerou ser «normal» o seu relacionamento com Soares, na «linha de cooperação frutuosa» que existe entre ambos. Negou que Cardoso e Cunha esteja «zangado» com o Governo, adiantando que este comissário europeu estará em Lisboa, domingo, para esclarecer divergências vindas a público. Cavaco congratulou-se com a situação que se vive a Leste, em particular na URSS, que consubstancia «a supremacia de valores que sempre defendi».



Cavaco Silva: «ponto final num princípio culturalmente injusto e tecnicamente absurdo»

Igreja privilegiada

Nos termos da proposta do Governo, uma dessas coberturas será dividida em dois períodos de emissão, sendo cada um deles objecto de licenciamento autónomo. Um desses períodos foi reservado pelo Governo à Igreja Católica e outras confissões religiosas, respeitando-se assim o que diz o nº5, do artigo 41 da Constituição que garante «meios de comunicação social próprios» às várias confissões religiosas. A Igreja Católica vai acabar por ser privilegiada, pois a proposta do Governo prevê critérios de preferência que apontam para o privilégio da confissão religiosa mais representativa e a que mais se identifique com os valores históricos, culturais e morais da sociedade portuguesa.

A proposta que o ministro Couto dos Santos apresentou a Conselho de Ministros apontava para a concessão de parte do canal dois da RTP à Igreja, ideia que não agradou ao primeiro-ministro - soube o *DL* de fonte oficial -, já que o Governo tinha viabilizado, em Outubro passado, uma proposta de reestruturação da RTP que apontava para relançamento da empresa no pressuposto do melhor aproveirtamento dos seus dois canais.

Em entrevista ao DL

Mota Amaral defende apoio explícito a Soares

«Acho que devemos insistir com o Presidente da República para que se recandidate.

Estou a apontar para o vencedor e ao PSD bem interessa uma vitória» - assim, com toda a clareza, Mota Amaral define a opção social-democrata para as presidenciais do próximo ano, em entrevista ao DL, a publicar na segunda feira.

O presidente do Governo Regional dos Açores , admitindo um certo desgaste resultante de 14 anos à frente do Executivo da Região Autónoma dos Açores, não dá, ainda assim, mostras de querer preparar a sua própria sucessão. «Não há liderança a prazo. Enquanto eu dirigir o partido e o Governo, estou nas funções de alma e coração» , disse em entrevista a Paulo Martins, enviado do DL a Ponta Delgada.

Diálogo e mais diálogo com a oposição é a única «receita» que apresenta para renovar o seu partido face à ameaça protagonizada pelo PS. Aliás, para Mota Amaral, tudo é simples, quase linear. Mesmo o afastamento de Álvaro Damaso de funções governativas, o grande assunto da actualidade política açoriana: «Eu acho que dentro do Governo deve haver uma noção muito clara sobre qual é a linha política e quem a personifica», disse.

BREVES

INES reúne no sábado

O Instituto de Estudos Sociais, INES, que integra várias personalidades da esquerda promove amanhã um colóquio sobre os desafios da nova década, no qual participam Vital Moreira, Joaquim Mestre e Frascisco Louçã. Entretanto, os seus estatutos estão a ser elaborados por Jorge Lemos, José Barros Moura e Orlando de Carvalho esperando-se a aprovação para o dia 17 deste mês.

Cavaco vai à Figueira

Cavaco Silva discursa sábado na Figueira da Foz no início da reunião de 700 dirigentes e autarcas do partido. Os quadros do PSD convocados para o encontro incluem 327 representantes das secções, 114 presidentes de câmara, 191 primeiros vereadores eleitos nos concelhos onde o PSD perdeu, 20 representantes das distritais e regiões autónomas e 17 membros da Comissão Política Nacional.

Sampaio com burgomestre

Lisboa e Berlim-Oeste vão «encurtar» a distância que as separa. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio reuniu-se ontem com o seu homólogo alemão Walter Mompem, burgomestre daquela cidade e ambos concordaram em estabelecer um protocolo de cooperação cultural entre as duas cidades. Enquanto dirigente socialista, Jorge Sampaio discursará hoje sobre o futuro da Comunidade Europeia, no último dia de trabalhos do congresso da União dos Partidos Socialistas Europeus.

Juventude Centrista deixa CNJ

A comissão política da Juventude Centrista decidiu ontem abandonar «de imediato» o Conselho Nacional da Juventude. A JC aponta a «a progressiva degradação do CNJ» como razão fundamental para esta atitude e diz que os responsáveis pela presente situação do CNJ são a JS e a JSD cujos representantes continuam «com a irresistível tentação de ver os seus ordenados pessoais aumentados».

Soares distingue generais

O Presidente da República, Mário Soares condecorou ontem os generais Conceição e Silva e Themudo Barata. No discurso proferido durante a cerimónia, Mário Soares referiu que a condecoração a Conceição e Silva significa o seu «apreço» pela maneira como desempenhou a função de chefe da Casa Militar da Presidência da República. A insígnia imposta a Themudo Barata representa, segundo o Chefe de Estado, o galardoar de «50 anos ao serviço da instituição castrense».

Michael Dugan em Portugal

O chefe da Força Aérea dos EUA na Europa e comandante das forças aéreas da NATO na Europa, general Michael J.Dugan, chegou ontem a Lisboa a convite do general Conceição e Silva.

Congresso debate duas moções:

Juventude Centrista quer renovar o CDS

Renovação é a palavra de ordem do congresso da Juventude Centrista que hoje tem a sua sessão inaugural, em Lisboa, sendo o termo mais utilizado por ambas as moções de estratégia concorrentes à liderança da JC nos seus vários capítulos e pressupostos.

«É nossa firme ideia que a renovação da Juventude Centrista é o primeiro passo para a verdadeira renovação do CDS», sublinha a moção «O futuro passa por aqui», de Martim Borges Freitas. A mesma posição assume a moção «Uma nova fronteira», de Telmo Correia, segundo a qual a renovação do CDS só é possível com a juventude.

Os jovens centristas defendem que a renovação do CDS passa por eles. Esse é um dos capítulos comum às duas moções a discutir no congresso da Juventude Centrista de hoje a domingo, dia que será assinalado pela eleição dos seus órgãos dirigentes. A estratégia será já definida amanhã, uma vez que as propostas deverão já hoje ser apresentadas aos delegados. A moção de Martim Borges de Freitas insiste, em vários capítulos, na renovação do CDS, e este tema é também preocupação de Telmo Correia. Este último afirma que a Juventude Centrista deverá dispor de autonomia em relação ao partido, não em relação às ideias, «mas quanto à renovação da proposta política do CDS».

Martim Borges de Freitas , por seu turno, salienta que a JC terá que conseguir autoridade «para exigir ao e do CDS», propondo uma nova forma de «fazer política». Por esse motivo, o congresso debaterá uma moção de estratégia global, proposta por Martim de Freitas, que será aquela que a Juventude Centrista deverá apresentar ao nono Congresso do CDS.

Ideologia definida

Lançando uma nova proposta de relacionamento com o CDS, a moção de Telmo Correia sustenta que os seus problemas devem ter «uma ideologia política definida». Nesse sentido, caberá ao CDS «dialogar com os vários sectores da juventude». Martim Borges de Freitas propõe a «gestão política por objectivos», onde se definam, por um lado, as metas a atingir e, por outro, os prazos a cumprir.

Outra questão comum às duas moções em disputa no Congresso da Juventude Centrista, para além da análise que ambas fazem à última década, incide sobre a política de acção escolar. A de Martim Borges de Freitas avança para uma aposta clara «na intervenção ao nível do secundário», ao passo que Telmo Correia entende que a juventude centrista deve alargar a sua acção para além da escola e ir à conquista dos jovens assalariados e agricultores.

É também consensual uma proposta que pretende a retirada da Constituição da alínea e do artigo sobre a obrigatoriedade da forma republicana de Governo, para além da mudança de estratégia da Juventude Centrista.

Seja qual for o vencedor do congresso, vai haver mudanças e dele sairá a moção já referida, reivindicando «a renovação das pessoas que compõem a direcção do CDS».

Manuel Monteiro decidiu retirar-se da liderança da JC, abrindo caminho a dois candidatos que, segundo disse ao DL «têm estilos diferentes, sendo qualquer deles interessante». Manuel Monteiro apoia Martim Freitas, de 24 anos, idade que Correia da Silva, secretário-geral da JC, considera «fundamental para responder à nova geração».

Outros destacados apoiantes da candidatura de Martim Freitas são José Carlos Seixas, presidente do Conselho Nacional da JC, Jorge Ferreira e Gonçalo Ribeiro da Costa, vice-presidentes da direcção, e Francisco Gamboa, das relações internacionais.

Telmo Correia tem como principais - e mais cionhecidos - apoiantes Mário Costa Pinto, presidente da distrital de Coimbra da JC e chefe do gabinete do grupo parlamentar do CDS, e Paulo Lúcio, presidente da concelhia da JC de Lisboa.

JR

POLÍTICA

Collor descoloriu na chegada a Lisboa

Atrasado cerca de uma hora, o presidente eleito do Brasil chegou ontem à noite a Lisboa. Recusou-se a prestar qualquer declaração e ignorou por completo o batalhão de jornalistas que o aguardavam, confirmando a fama que trazia de mau relacionamento com a imprensa

Collor de Mello, presidente eleito do Brasil, chegou ontem a Lisboa. Eram cerca de 23.30 quando o Falcon particular em que viaja, um avião normalmente utilizado por companhias e homens de negócios importantes para as suas deslocações, aterrou no aeroporto da Portela.

Mário Soares, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, foram esperá-lo, não se tendo notado a presença de qualquer outra personalidade política portuguesa de relevo.

O interesse pela chegada do futuro presidente do Brasil era grande, com a sala VIP do Aeroporto a abarrotar de representantes dos meios de comunicação e a RTP preparada para transmitir o acontecimento em directo.

Mas tudo saiu frustrado. A chegada foi descolorida. O eleito de 38 milhões de brasileiros fez jus à fama de mau relacionamento que tem com os jornalistas. Ignorou-os por completo e recusou-se a fazer quaisquer declarações. Para quem vem à Europa em busca de apoios e à procura de uma imagem compatível com o país que vai representar, não terá sido uma atidude compensadora em termos de opinião pública. Collor beijou a mão a Maria Barroso, cumprimentou as personalidades que o aguardavam e isolou-se breves instantes com o Presidente Mário Soares no pequeno gabinete anexo à Sala VIP, enquanto o protocolo e a segurança verificavam se os carros da comitiva estavam em ordem de marcha. Da sua boca só foi possível ouvir, à distância, que a viagem tinha sido boa. E não havia razões para duvidar porque vinha sorridente e bem disposto.

Seguiu directamente para o Hotel Ritz onde se encontra um numeroso grupo de homens de negócios brasileiros que se deslocaram expressamente a Portugal para se encontrarem com ele e lhe proporcionarem apoio.

Esta manhã, Collor de Mello foi recebido em Belém pelo Presidente Mário Soares e em seguida pelo primeiro-ministro, Cavaco Silva, que lhe ofereceu um almoço.

À tarde, o presidente eleito do Brasil terá um encontro com o Presidente da Assembleia da Republica

À noite, Mário Soares oferece-lhe um jantar no Palácio da Ajuda. Collor de Mello deixa Lisboa amanhã às 9.30, com destino a Madrid, regressando em seguida ao Brasil.

No Palácio de Belém, Soares e Collor de Mello trocaram presentes e tiveram um encontro em que analisaram questões de interesse para os dois países. Nos últimos dias, o Presidente português tem dado diversas entrevistas para jornais brasileiros.

A questão da célebre anedota de Collor de Mello sobre os portugueses tem sido quase sempre abordada. Soares desmistifica, diz que é preciso ter sentido de humor e que, se tivesse participado numa reunião dessas, também era capaz de ter contado uma anedota. Outros jornalistas têm-se referido à diferença de perfis entre os dois presidentes, sugerindo que talvez Mário Soares tivesse mais prazer em receber Lula como presidente eleito do que Collor de Mello.

Mário Soares com Collor de Mello

O Presidente português dá a volta à questão, afirma que atribui grande importância ao facto de pela primeira vez desde há muito tempo haver um presidente eleito, e lembra que as relações entre Estados não podem sofrer atrasos e recuos em função da personalidade dos eleitos.

Soares foi, aliás, o primeiro a responder afirmativamente ao convite para a tomada de posse de Collor de Mello.

De acordo com o protocolo brasileiro será, assim, o primeiro Chefe de Estado na ordem de precedências.

Para além da omnipresente questão da enorme dívida externa brasileira (tamanha que parece ninguém saber ao certo a quanto ascende), outro dos problemas discutidos entre Soares e Collor de Mello terá sido a presença de um grande número de brasileiros radicados em Portugal, muitos deles médicos e quadros superiores.

A reunião no Palácio das Necessidades de ministros, empresários e embaixadores destinou-se a preparar a entrada dos homens de negócios portugueses nos novos mercados dos países de Leste

Deus Pinheiro prepara entrada no Leste

O Ministério dos Negócios Estrangeiros revelou ontem uma nova imagem, mais dialogante, da actividade diplomática, de acordo com as directivas do primeiro-ministro.

A abertura aos mercados de Leste, a responsabilidade de Portugal, enquanto país que preside ao Conselho da Europa, para a aproximação com aqueles países, bem como a preparação da reunião do comité de ministros do Conselho, no próximo mês, em Lisboa, foram factores decisivos para o relançamento da nova imagem do Ministério.

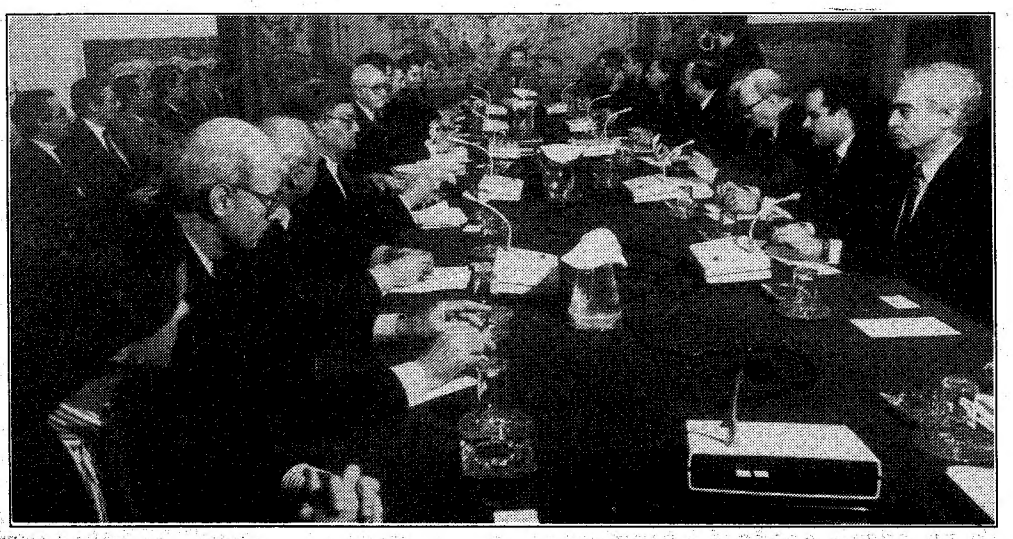
Pela primeira vez, João de Deus Pinheiro sentou em volta da mesa ministros dos principais sectores da actividade económica, secretários de Estado, embaixadores dos países de Leste, empresários, representantes do ICEP e o presidente do Banco de Fomento Externo, João Salgueiro. Destaque para a presença de Santos Martins, embaixador junto da OCDE, organismo que coordena o auxílio financeiro ao Leste.

O Governo português tem a oportunidade única de presidir no Conselho da Europa ao processo de alargamento aos chamados países socialistas, num momento em que se registam profundas alterações políticas e económicas com a consequente abertura dos mercados.

Por isso, a reunião com os embaixadores, empresários e governantes teve dois objectivos: preparar a viagem-relâmpago de João de Deus Pinheiro e da secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumiére, a oito países do Leste europeu, no âmbito dos preparativos da reunião do CE e definir a estratégia diplomática e económica que permita a Portugal estar «na primeira linha» no momento da abertura efectiva aos mercados daqueles países.

A viagem realiza-se de 28 de Fevereiro a 6 de Março. Deus Pinheiro vai estar apenas seis horas em cada capital, tempo que considerou «suficiente para tratar dos assuntos do Conselho da Europa e para a abordagem das questões bilaterais». João de Deus Pinheiro manifestou grande optimismo quanto às probabilidades de êxito dos empresários portugueses nos mercados de Leste, salientando que «há empresários que já estão a operar nestes mercados com uma experiência muito positiva». O secretário de Estado do Comércio Externo, Horta e Costa, também presente na conferência de Imprensa, especificou que «temos produtos muito competitivos na área dos bens de consumo, como os têxteis, calçado, e moldes para plásticos».

A estratégia do Executivo passa também pela realização de contratos de gestão com os países de Leste que têm investimentos nos Estados africanos de língua oficial portuguesa.



A reunião no Palácio das Necessidades

O chefe da diplomacia portuguesa sublinhou que «existem empreendimentos do Leste em África que são considerados autêntidos "elefantes brancos". Nestes casos, Portugal está em condições de, através dos conhecimentos que possui sobre a realidade africana e a facilidade de comunicação, celebrar contratos de gestão que contribuam para a viabilização dessas empresas». Em síntese, o Governo vai propor projectos de cooperação trilateral com os países de Leste que têm investimentos em África.

João de Deus Pinheiro anunciou que os participantes na reunião vão constituir uma comissão permanente, com reuniões regulares para acompanhar as formas de cooperação com os governos da Checoslováquia, Hungria, Polónia, Roménia, RDA, Bulgária, Jugoslávia e União Soviética.

Neste momento o Governo português beneficia de um conjunto de felizes coincidências que permitem ao chefe da diplomacia acompanhar as negociações sobre a regulamentação dos critérios do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento, instituição que irá coordenar o auxílio financeiro ao Leste.

O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou que o facto de «podermos participar como presidentes do Conselho da Europa nestas negociações permite-nos dar aos nossos empresários informações importantes, de forma a que estes estejam na primeira linha para o acesso aos mercados de Leste».

Reforço nas embaixadas

O empenhamento do Executivo português na conquista dos novos mercados provocou alterações na política diplomática até aqui desenvolvida. A concretizarem-se as medidas anunciadas por João de Deus Pinheiro, as embaixadas de Portugal no Leste vão ter uma modificação estrutural importante: o representante político vai ser assessorado por um novo funcionário, com a categoria de secretário da embaixada, especializado nas áreas financeiro-económica.

Os custos do reforço daquelas representações diplomáticas será suportado, anunciou o ministro, pela MNE, pelo Instituto do Comércio Externo (ICEP) e pelo Banco de Fomento Externo.

A criação de comissões mistas nas áreas da exportação, investimento e consultoradoria são outras vertentes da política diplomática.

O. governante anunciou ainda realização de novas reuniões alargadas mas com embaixadores de países africanos, no primeiro semestre deste ano, com embaixadores nos países da EFTA e da CEE, no Verão, e com os embaixadores portugueses nos países asiáticos, no final do ano.

Elogio a Gorbatchev

Questionado sobre a adesão dos países de Leste ao Conselho da Europa, João de Deus Pinheiro, salientou a morosidade do processo devido às exigências do Conselho no que respeita à garantia das liberdades.

Aliás, o ministro revelou ter tido «algumas dúvidas quanto à oportunidade de fazer agora a viagem-relâmpago aos oito países, ou no Verão, porque como sabem estão em preparação eleições em alguns destes países». Todavia, Deus Pinheiro concluiu que «era importante avançar por antecipação».

M.J.R.

Por uma centena de votos parlamentares (134-35), aLei-Quadro das Privatizações foi ontem aprovada pelo que pode começar a venda, a cem por cento, do sector público da economia. Miguel Belez não podia desejar melhor para a sua estreia no Parlamento.

Vá lá: salvou-se a voz e o voto dos trabalhadores-capitalistas

A única novidade apurada no debate final da Lei das Privatizações foi a permissão aos trabalhadores das empresas nacionalizadas, transformados em trabalhadores-capitalistas se adquirirem as acções preferenciais facultadas pela lei, de intervir e votar nas futuras assembleia gerais das sociedades anónimas em que elas vão transformar-se.

A proposta do Governo proibia-lhes a voz e o voto durante o período da indisponibilidade, ou seja, o tempo em que essas acções adquiridas a preço preferencial não poderão ser transaccionadas. Mas ontem, já com umas cinco das sete horas da sessão em cima e sob pressão de todos os partidos da oposição, o PSD cedeu, uma cedência pouco mais que simbólica, devidamente autorizado por Cavaco Silva, que assistia ao final do debate.

Mesmo assim, foi uma cedência limitada aos trabalhadores-capitalistas e não aos emigrantes e pequenos accionistas, como também pretendia a oposição.

E o voto nas assembleias gerais só poderá ser usado pelos próprios e não por intermediários, para evitar o que Octávio Teixeira, do PCP, qualificou de «agenciação». Isso já acontecera, por exemplo, nas privatizações a 49 por cento de um banco e de uma seguradora pública, com intermediação por conhecidos capitalistas da praça que vieram, assim, a beneficiaram de mais-valias acrescidas.

O novo ministro das Finanças (na foto, à direita do orador Dias Loureiro) saiu-se em beleza do seu primeiro embate parlamentar.

O 11 de Março ao contrário

O debate das privatizações—ou melhor, os debates parcelares e a votação final global, já que a discussão na generalidade acontecera há cerca de quatro meses—devolveu à Assembleia da República o clima dos grandes dias. Até a fatiota escura de muitos deputados da maioria contribuiu para criar um clima semelhante ao da sessão final da revisão constitucional.

Os deputados do PSD estavam lá quase todos—132 em 148—quando o aspecto comum da sua enorme bancada é o da desertificação. Ministros eram quatro, com Cavaco Silva à cabeça, e secretários de Estado três: um fartote.

A votação final deu 134 votos a favor (PSD e CDS), 35 contra (PS, PCP, dois independentes e Marques Júnior, do PRD) e quatro abstenções (PRD): foi acolhida de pé com aplausos e vivas pelas duas bancadas vencedoras da refrega parlamentar e que não se cansaram, ao longo da tarde, de repetir estarem a fazer o 11 de Março ao contrário. Que melhor ocasião poderia desejar o novo ministro das Finanças, Miguel Beleza, para a sua pública estreia parlamentar, sabido como é tratar-se de um liberal em economia à moda norte-americana? Certamente nenhuma. E ele aproveitou-a, a carácter, para vincar a importância da votação mas também a responsabilidade assumida pelo Governo e a Assembleia ao abrir-se esta nova era das privatizações.

O ministro das Finanças, aliás, marcou pontos ns estreia, apresentando-se com modéstia assumida perante o Parlamento, dispensando-se de comentários e respostas excusadas, deixando a Rui Carp, um dos homens de Cadilhe no departamento e hoje deputado da maioria, a principal despesa da conversa em *economês* com a oposição.

«Sendo esta a primeira vez que tenho a honra de me dirigir ao plenário desta Assembleia, permitam-me que manifeste a expressão do meu profundo respeito a esta casa e a todos os que a constituem, entre os quais vejo tantos amigos e colegas de trabalho», começou Miguel Beleza a sua curta intervenção, atentamente escutado pela irmã Leonor, ex-ministra e hoje deputada, colocada discretamente junto a uma das portas de acesso ao plenário.

Miguel Beleza sublinhou que esta lei era elemento chave da plataforma eleitoral do PSD e destacou a possibilidade que ela abre de fortalecimento do tecido empresarial português, na fase actual da construção europeia. Mas assumiu, também, alguns compromissos, como o do rigor e transparência em todo o processo de privatizações, sob o seu comando, depois de garantir que tomará a iniciativa de se submeter ao poder constitucional de fiscalização da Assembleia e lhe prestar todos os esclarecimentos.

«Mas não partilharemos a condução do processo de privatizações, que assumiremos com a consciência democrática do risco de quem aceita governar», disse ainda, para concluir, numa resposta indirecta a certos passos do debate:

«Desempenhai o vosso papel e deixai-nos desempenhar o nosso».

Em tempo: o ministro referia-se à recusa, que ele próprio subscreveu em Comissão, de anuir às pretensões do PS para que o processo de privatizações fosse fiscalizado por uma Comissão mista Governo/Assembleia da República. Foi essa recusa que mais irritou o PS e cavou as confrontações fundamentais do debate das privatizações.

Mas disso já se falou que baste, inclusive nestas páginas.

Daniel Reis

Nas jornadas parlamentares de Março

PSD assume a discussão da sua própria identidade

As jornadas parlamentares do PSD foram ontem confirmadas para os dias 2 e 3 de Março, em Lagos, no Algarve, ao mesmo tempo que eram definidos os três grandes temas em torno dos quais os deputados do grupo da maioria vão equacionar o seu futuro comportamento na Assembleia da República e a sua actuação política no País.

A preparação das jornadas de Março está a ser coordenada por Pacheco Pereira, vice-presidente do grupo social-democrata, e partiu dele a proposta dos temas a discutir e a estratégia aprovada na reunião de ontem dos deputados do PSD.«O nosso problema em 91 é que nos arriscamos a apresentar um programa ao eleitorado, o nosso programa, e o PS apresentar-se com um programa semelhante, tais as aproximações ao ideário social-democrata que eles estão a fazer», disse o próprio Pacheco Pereira ao DL.

Radica neste risco o ponto-chave da discussão agendada para Lagos que é o da «identidade partidária e acção política». Os outros dois temas genéricos das jornadas parlamentares do PSD são a estratégia do grupo no Parlamento e o cumprimento do programa social-democrata em função da revisão constitucional.

ALei-Quadro dasPrivatizações, ontem aprovada na especialidade, é o primeiro fruto da revisão constitucional, seguindo-se a da televisão e depois o grande núcleo da defesa do ambiente e dos novos direitos dos cidadãos em que o PS está a trabalhar, visivelmente, em ritmo mais forte do que o seu partido rival na Assembleia da República.

Estamos em condições de informar que as jornadas parlamentares vão lançar o debate no interior do PSD sobre o papel dos partidos e sobre a identidade partidária própria dos socialS-democratas. Estes já eram problemas de fundo da democracia política mas foram actualizados pelos acontecimentos do Leste e, nomeadamente, pela corrente anti-partidos crescente nesses países.

Internamente, o PSD sente a aproximação progressiva do PS, na prática e nos votos, e prepara-se para discutir os termos da sua própria reacção já a partir das próximas jornadas parlamentares.

COMENTÁRIO

Os incidentes regimentais do plenário e dos telejornais

A votação, artigo a artigo, da Lei-Quadro das Privatizações redundou em guerra cerradíssima dos dois maiores grupos parlamentares, na ressaca da declaração de divórcio por ambos assinada na Comissão de Economia e Finanças.

O noivado já fora curto e celebrou-o Vítor Constâncio, pelos socialistas, tal como o casamento em sede de revisão constitucional. A lua- de- mel também não se prolongou muito, mas ainda deu para uma votação conjunta, já com Jorge Sampaio à frente do PS, quando a lei foi votada na generalidade. Nada fazia, então, prever o divórcio: mas ele deu-se, durante o debate na especialidade, tornando insanáveis as divergências exibidas atrás do reposteiro da Comissão.

Conheciam-se alguns pormenores, mas desconhecia-se que os termos do divórcio tivessem assumido um carácter tão litigioso e que a confrontação, previsivelmente cerrada para ontem, se arrastasse tanto e tão duramente, recheada de incidentes regimentais e outros que tais. Então, a rábula da cadeira de Rui Carp, vazia no Jornal das 9, elevou a temperatura do confronto a níveis incendiários.

António Guterres «atrevera-se» a ir à televisão, em substituição de Manuel dos Santos, enquanto este marcava Rui Carp à zona, no plenário, sem avisar da troca a bancada adversária.

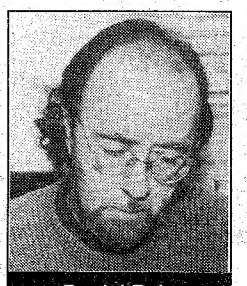
«Falta de ética política», gritaram Montalvão Machado e Duarte Lima. «Acto de má- fé», clamou Pacheco Pereira. «Apenas descuido do líder do PSD: eu penso tê-lo avisado, mas ele talvez se tenha esquecido de alertar a sua bancada para a troca», desculpou-se Guterres, que só estava previsto participar no último telejornal, frente a frente com Silva Marques.

O PS diz que não se pode dar ao luxo de falhar na televisão, tão poucas vezes o convidam. E para aproveitar a benesse, ainda por cima com falta de comparência do adversário, o seu líder parlamentar até queimou os limites da velocidade: conseguiu falar na TV e voltar a tempo da votação, mas sujeitando-se a multas de que adiantou desculpas ao MAI.

Se bem que mais contundente, este incidente dos telejornais até que nem queimou muito tempo. Foi com muitos outros e regimentais que os deputados gastaram o mor do tempo previsto para o debate. Compreende-se a apetência para esticar ao máximo o tempo de antena, quando o debate é seguido maciçamente pela Imprensa, a Rádio e a Televisão. Mas há limites para tudo, até para a decência regimental. Ontem, esses limites foram ultrapassados.

Ele foi a longa espera pelo relatório da Comissão, que nunca mais aparecia, depois de uma conferência de Imprensa feita e outra anunciada, mas ainda por fazer; ele foi o regateio dos tempos de palavra e a discussão do modo de votação, como se o importante fosse discutir o sexo dos anjos e não a entrada acelerada no Paraíso Prometido das empresas reprivatizadas.

Protestos e contraprotestos, um ror deles; defesas da honra, um nunca mais acabar. Acabou Silva Marques por perder a cabeça, ao fim de sete horas de massacre, e requerer a votação nominal das actas da Comissão de Mandatos, um ritual do dia a dia a quem ninguém liga e que todos votam, habitualmente, de cruz.



Daniel Reis

Valeu-nos a ameaça de um requerimento do Partido Comunista para meia hora de intervalo, antes dessa caricata votação: eram dez horas da noite, ninguém jantara e, ameaçado, Silva Marques desistiu. Se não, ainda lá estávamos a contar cabeças.

SEXTA-FEIRA, 9 FEVEREIRO 1990

POLÍTICA

Recurso aos duodécimos acaba mais cedo

Governo aprovou duas resoluções de preservação do ambiente

O plenário governamental aprovou ontem algumas medidas de incidência económica que se reflectirão de imediato na actividade dos departamentos e instituições públicas. Uma delas respeita ao recurso aos duodécimos, que acaba este ano mais cedo, por ter sido já assinado o diploma de execução orçamental para 1990. O Conselho de Ministros criou, ainda, uma comissão para reforma do Tesouro e anunciou a privatização do JN, que referimos nesta página.

Até à aprovação do decreto de execução governamental, em cada ano, os Ministérios só podem fazer despesas segundo o regime de duodécimos, calculado com base no respectivo Orçamento, no ano anterior.

Ao aprovar tal diploma o Conselho de Ministros minorou as dificuldades que todos os anos afectam a actividade dos Mimistérios, uma vez que o regime de duodécimos, sendo calculado sobre oo Orçamento do ano anterior, desactualiza-se todos os meses.

«Trata-de de desbloquear de imediato todas as verbas e recursos indispensáveis para lançar os grandes empreendimentos, sobretudo ao nível do plano de investimentos da Administração Central, disse Marques Mendes, porta-voz do Governo.

O Conselho de Ministros decidiu ainda criar uma Comissão para a Reforma do Tesouro com vista a adaptar as suas estruturas financeiras e monetárias aos padrões europeus.

Duas resoluções com vista a prevenir o impacto negativo no ambiente foram também aprovadas pelo Conselho de Ministros: visam evitar projectos ou acções sectoriais da Administração Central susceptíveis de provocar «incidências significativas». Obrigam a que esses projectos sejam sujeitos a uma avaliação do respectivo impacte ambiental.

Entre outros, ficam sob a alçada desta nova medida projectos como as refinarias de petróleo bruto e instalações de gaseificação e liquefação de - pelo menos - meio milhar de toneladas de carvão ou xisto betuminoso por dia.

O mesmo se passa com a construção de centrais térmicas com energia calorífica superior a trezentos megavátios e centrais nucleares e armazéns de resíduos radioactivos.

Fábricas integradas para a primeira fusão de ferro ou aço, instalações destinadas à extracção e transformação de amianto e instalações químicas integradas, estão também abrangidas por esta medida preventiva.

O decreto estabelece os factores a que devem atender os estudos de impacto ambiental.

Marques Mendes: «Desbloquear verbas para os grandes empreendimentos»

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVE DE 30 DE JANEIRO A 9 DE FEVEREIRO DE 1990

Período das 12.00 horas do dia 30/01/90 às 24.00 horas do dia 09/02/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e barcos, naquele período:

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

Prevê-se a realização dos comboios com origem e destino em Sintra e Cacém, com o horário dos dias úteis.
Todos os comboios terão paragem em Campolide.
A CP desenvolve também, a partir das 7.00 horas, um esquema rodoviário alternativo com origens e destinos em Queluz e Amadora, ambos sobre Sete Rios (Lisboa).

1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos, com algumas supressões pontuais.
Todos os comboios terão paragem em Santos.
A CP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário complementar, com origens e destinos em S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço d'Arcos e Cais do Sodré.

1.3. Lisboa – Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

1.4. Barreiro – Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

1.5. Via Fluvial – Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal

1.6. Cacém – Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga.
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

Coimbra – Figueira da Foz e Coimbra – Serpins
Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»

4.1 «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.
Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

4.2 «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto – Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto – Vigo que será suprimida neste período.

6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA – Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo – lamentando o incómodo – solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou às Secções de Informações da CP.

29.Jan.1990
Informação divulgada pela
Divisão de Relações Públicas da CP

Caminhos de Ferro Portugueses

Privatização do Jornal de Notícias

Cooperativa Alfapress admite impugnar decisão governamental

A Alfapress, cooperativa de jornalistas do Jornal de Notícias, do Porto, entregou aos seus advogados o estudo da possível impugnação da decisão ontem tomada pelo Conselho de Ministros, de proceder à venda daquele matutino através de uma OPV na Bolsa de Valores.

Um porta-voz da Alfapress manifestou ontem ao DL que é de «surpresa» a primeira reacção dos trabalhadores daquele matutino.

«Não imaginávamos que o Governo adoptasse o critério de cascata, ou seja, o modo de reprivatizar o capital desta empresa privada que é propriedade de empresas públicas».

O mesmo porta-voz lembra a existência de uma lei da Assembleia da República que define a venda dos meios de comunicação social de um modo diferente, privilegiando as cooperativas de jornalistas, tendo sido essa a razão que levou à constituição da Alfapress.

«Politicamente temos que fazer a seguinte leitura: o Governo não quis até agora, nem quer, entregar os jornais aos jornalistas. Suspeita deles. Daí ter optado por esta fórmula, que nos parece, à primeira vista, contrariar o decreto-lei 358/86, de 27 de Outubro».

Embora «jogando sob protesto», visto estar em estudo a eventual impugnação desta decisão do Conselho de Ministros, a Alfapress vai, mesmo assim, concorrer.

O porta-voz desta cooperativa sublinha que a decisão governamental vai obrigar os jornalistas a ir à Bolsa e, portanto, a arranjar capital para isso.

«Isto é má vontade do Governo e suspeição da entrega dos jornais aos jornalistas. É o medo que tem dos jornalistas e da comunicação social independente. Trata-a como se fosse uma fábrica de cervejas».

Segundo a Alfapress, a fórmula adoptada pelo Governo dificulta a formação de um núcleo duro e facilita a entrega de um jornal rentável a grupos estrangeiros, cuja apetência por aquele matutino portuense é já conhecida.

Amanhã, a direcção da Alfapress vai reunir-se com o empresário Américo Amorim, com o qual mantém, desde há tempos, um acordo de associação para a compra do Jornal de Notícias.

De acordo com a decisão governamental, a transacção de todas as acções será feita na Bolsa de Valores em quatro fases sucessivas, não sendo permitido aos compradores vender essas acções antes de dois anos sobre a respectiva aquisição.

As normas aprovadas prevêem condições preferenciais para os trabalhadores da própria empresa, cooperativas e sociedades de profissionais da imprensa e empresas da indústria dos «media».

À semelhança do que aconteceu com outras privatizações, os estrangeiros não poderão adquirir mais de 10 por cento das acções.

Na primeira das quatro fases serão postas à venda 43 mil acções, ao preço fixo de 2700 escudos cada uma, destinadas exclusivamente aos trabalhadores do «Jornal de Notícias».

Na segunda fase serão postas à venda 173 mil acções, a 3000 escudos cada, destinadas exclusivamente a cooperativas e sociedades de profissionais de imprensa.

Na terceira, também em oferta pública, serão postas à venda 173 mil acções a 3000 escudos cada, a empresas jornalísticas e editoriais.

Na última fase, serão colocadas à venda as restantes 473.666 acções, ainda a 3000 escudos cada.

URSS: reformistas querem mais

A ideia de que o PC soviético tem que efectuar mudanças radicais é também partilhada pelo ideólogo do partido, V. Medvedev

Activistas pró-reformistas soviéticos disseram que a decisão do Partido Comunista da URSS de renunciar ao monopólio do poder "não é suficiente" para pôr termo a sete décadas de controlo centralizado e de repressão política.

Um porta-voz do futuro Partido da União Democrática, Yuri Mityunov, defendeu que "é necessário eliminar as organizações do PCUS nas forças armadas, na polícia, no KGB, nos tribunais e em todas as instituições do Estado".

O Comité Central do PC soviético aprovou na quarta-feira uma plataforma que aponta para a eliminação da garantia constitucional do monopólio do poder e para a tomada de iniciativas tendentes à criação de um sistema multipartidário.

Referindo que o movimento pela realização de reformas se passou agora para as ruas soviéticas, Yuri Mityunov salientou a ocorrência, nas últimas semanas, de incidentes no país, em que foi exigido o afastamento de certos dirigentes comunistas locais intransigentes.

Por outro lado, o reformista Yuri Afanasyev, numa entrevista ao jornal italiano "La Repubblica" disse que uma cisão no PCUS poderá ser inevitável, apesar da decisão de abandonar o monopólio do poder.

Mostrando-se pouco convencido com a decisão, Afanasyev afirmou que Gorbachev tem de afirmar, claramente, "se está do lado dos conservadores ou dos reformistas do partido".

Interrogado sobre se isso significaria uma cisão no partido, o político reformista respondeu não ver "outra alternativa", acrescentando que, caso se formasse um novo partido político, "não teria necessidade de ser comunista".

O grupo inter-regional de Afanasyev no Parlamento, a que também pertence Boris Yeltsin, "vai começar a recolher assinaturas para a formação da plataforma democrática da nossa facção", afirmou.

Reformas radicais

O ideólogo do PC soviético, Vadim Medvedev, disse entretanto que o partido será reformado radicalmente e as organizações locais terão maior autonomia, como parte de iniciativas tendentes a criar uma maior democracia no país.

Medvedev disse que a União Soviética "está hoje a pagar contas em atraso", sublinhando que as transformações deviam ter sido feito "há muito", face aos problemas étnicos agravados pelos sangrentos confrontos. Segundo o ideólogo do PCUS, esses problemas foram criados antes da revolução de 1917 e pelos erros do estalinismo.

Um membro do Bureau russo do CC do PCUS, Leonid Charine, ao comentar os trabalhos do plenário, disse no entanto que o partido "não se encontra ainda perante os perigos que abalaram os restantes partidos comunistas da Europa de Leste". Mas, acrescentou, "se travar a reestruturação na suas próprias fileiras, se não se libertar das pessoas que comprometem o seu nome e não se colocar à altura das tarefas que lhe são solicitadas, será impossível garantir o seu futuro".

Troca de opiniões

Ontem, Mikhail Gorbachev estev reunido com líderes regionais do PC para "uma animada troca de opiniões" sobre a recente sessão do Comité Central, noticiou a Tass.

Além de líderes do PCUS a nível distrital e municipal, participaram também no encontro militantes de base.

A Tass assinalou ter sido salientada pelos participantes "a necessidade de desenvolver todos os esforços para ultrapassar o possível fosso entre os órgãos dirigentes do partido e as bases".

Redacção "DL"/Lusa/ Reuter

Mikhail Gorbachev, durante um encontro com dirigentes regionais do PCUS, ocorrido ontem em Moscovo

Instalações nucleares detectadas em Pyongyang

Uma máquina colocada no satélite francês Spot, que permite o registo de objectos com apenas dez metros de comprimento, fotografou em Setembro passado, de uma altura de 832 quilómetros, a construção de uma central nuclear norte-coreana, a 90 quilómetros de Pyongyang. As fotografias foram hoje publicadas nas primeiras páginas de diversos jornais de Tóquio, tendo o Governo japonês exprimido já a sua preocupação pela descoberta, que poderá significar que a Coreia do Norte está a desenvolver um projecto de bomba atómica.

Cientistas japoneses da Universidade de Tokai, na sequência da análise das fotografias, confirmaram a ampliação das instalações nucleares, embora considerem ser impossível determinar se a central se destina ou não à construção de bombas atómicas.

Um porta-voz do Governo nipónico também reconheceu essa impossibilidade, apenas com base nas fotografias, afirmando que não se sabe se a central é «para fins militares ou pacíficos».

Lusa

Redução de armas estratégicas START

Conversações Baker-Shevardnaze em clima de franco optimismo

Parecem estar a correr bem as conversações entre o Secretário de Estado norte-americano, James Baker, de visita a Moscovo, e o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnaze. Ontem, ao fim de três horas de reunião, um dos principais obstáculos das negociações para o Tratado de Armas Estratégicas (START), a fórmula de contagem dos mísseis «Cruise» de lançamento por meios aéreos, esteve em discussão, tendo sido apresentadas novas ideias que «poderão ajudar a solução do problema», segundo o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiro, Alexandr Bessmertnykh.

As divergências entre as duas superpotências devem-se ao facto de os EUA pretenderem um limite de dez mísseis por avião, ao passo que a URSS quer contabilizar os aviões equipados ao seu limite máximo.

Ontem, em Moscovo, altas entidades norte-americanas, que preferiram manter o anonimato, afirmaram que a URSS fez uma importante concessão ao deixar de insistir em relacionar o START, de redução de armas estratégicas, com o cumprimento do Tratado ABM de mísseis anti-balísticos, assinado em 1972. Segundo as mesmas fontes «os soviéticos clarificaram a sua posição», abrindo caminho para a obtenção de um tratado de redução de arsenais nucleares.

NATO faz concessões

Também a NATO avançou ontem com uma nova proposta sobre as armas convencionais na Europa, em que se «oferece muito à URSS e se fornece uma boa base para progresso futuro», segundo o chefe da delegação da RFA , Ruediger Hartmann, às conversações FCE, iniciadas em Março passado, em Viena.

O pacote de ofertas inclui formalmente a proposta feita na semana passada por George Bush, de reduzir os efectivos das duas superpotências para um novo limiar de 195 mil homens para cada lado, e concessões sobre aviões, helicópteros e tanques de combate. «Creio que estamos a entrar na fase final das conversações», afirmou Hartmann.

Os EUA fazem do encerramento bem sucedido destas conversações uma condição para a sua participação na Conferência das 35 nações sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE). Os negociadores das CFE trabalham sob pressão para chegarem a um acordo antes do fim do ano.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

EUA receiam ataques na Europa

Os Estados Unidos manifestaram, ontem, o receio de que um ataque terrorista possa ocorrer esta semana contra cidadãos ou instalações norte-americanas na Europa Ocidental. A informação foi divulgada pelo porta-voz do Departamento de Estado, Richard Boucher, segundo o qual, o atentado terrorista poderia coincidir com o décimo aniversário da revolução islâmica no Irão, no próximo domingo.

Cessar-fogo violado no Líbano

As forças cristãs rivais do general Michel Aoun e de Samir Geagea voltaram a defrontar-se esta manhã, em Beirute, quebrando um acordo assinado entre os dois lideres para pôr fim a 10 dias de combates, de que resultaram já 420 mortos. Ontem, Aoun e Geagea tinham concordado estabelecer um pacto de paz e unir as forças cristãs para fazer face à milicias prósírias, que nos últimos dias concentraram as suas forças em três frentes, no enclave cristão de Beirute Oriental.

Pretória: «mea culpa»...

O ministro sul-africano dos negócios estrangeiros, Pik Botha, admitiu ontem, publicamente, que a África do Sul deveria ter negociado há anos com o Congresso Nacional Africano (ANC). Falando em entrevista à cadeia norte-americana de televisão ABC, Botha disse que Pretória «nunca deveria ter recorrido à violência» e apelou a toda a comunidade negra sul-africana para aceitarem «a promessa do Governo de que erradicará e desmantelará o apartheid».

Crude ao largo da Califórnia

Equipas de limpeza estão a tentar impedir que uma mancha de crude, derramada quarta-feira por um petroleiro norte-americano, atinja várias praias da costa da Califórnia. O Derrame foi provocado pela abertura de um rombo no casco do navio, «American Trader», durante a manobra de atracagem num terminal petrolífero offshore, em Hungtington Beach, a 50 quilómetros a Sul de Los Angeles.

N.R.: Ao contrário do que afirma «A Mosca» (pág.29), Mandela ainda não foi libertado. Espera-se que o seja em breve. Mas o poema, esse, vale a pena.

SEXTA-FEIRA, 9 FEVEREIRO 1990

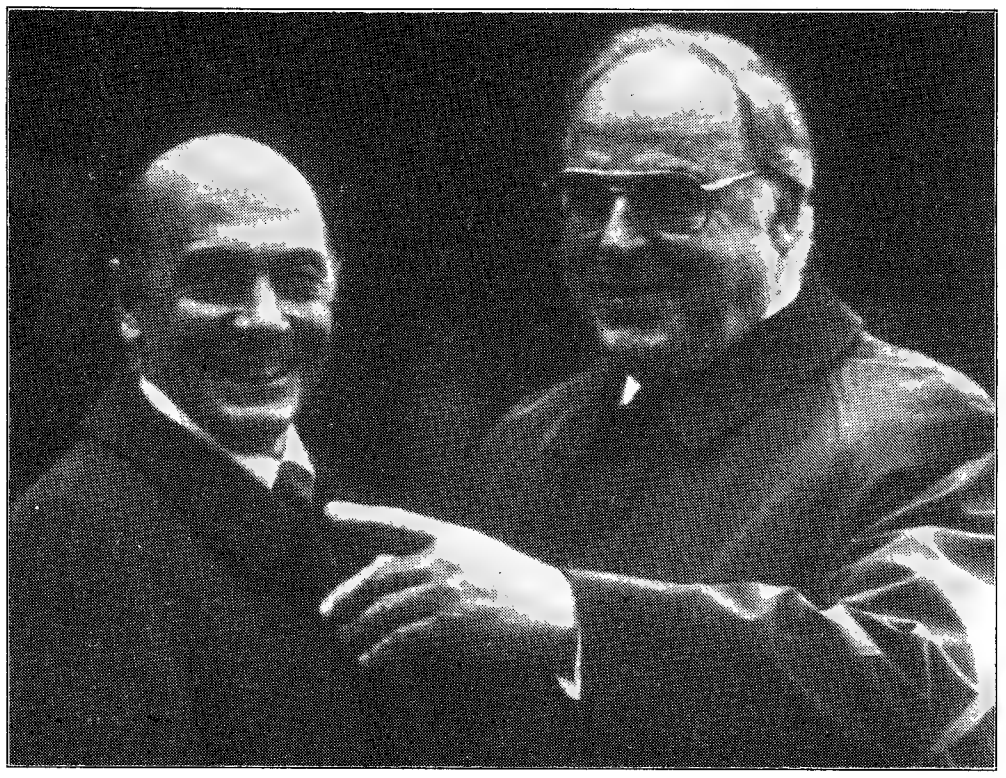
INTERNACIONAL

Reunificação alemã põe em questão o papel da Aliança Atlântica

O debate sobre a forma institucional de uma futura Alemanha unificada animou durante toda esta semana os meios diplomáticos europeus. Em reacção à proposta do primeiro ministro da RDA, H. Modrow, que em concertação com M. Gorbachev, propôs uma Alemanha unida que progressivamente se demarcasse dos blocos militares e assegurasse a sua neutralidade, vários Governos ocidentais opuseram-se marcadamente.

Em Bona, o chanceler Helmut Kohl considerou de imediato que a neutralidade não pode ser o objectivo da unificação e, em Bruxelas, o secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, afirmou que «a unidade alemã é impensável sem a Aliança Atlântica e presume que a Alemanha (reunificada) ficará na NATO.» Por sua vez, membros da oposição social-democrata alemã-federal reagiram às propostas de Woerner, considerando que elas não têm razão de ser, uma vez que as alianças militares perderão o significado numa Europa unida.

A Administração Bush apoiou, através de declarações proferidas por James Baker em Praga, na terça-feira, um plano que manteria uma Alemanha reunificada na NATO, mas impediria as tropas ocidentais de avançarem para o que é hoje a Alemanha do Leste. Ontem, em São Francisco, George Bush disse sentir-se encorajado ao ouvir Helmut Kohl e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, «falarem de uma Alemanha reunificada que permaneça de alguma forma ligada à NATO.» Estes dois estadistas alemães-federais deverão deslocar-se a Moscovo, no sábado, para analisar esta proposta. No entanto, um conselheiro do presidente Mikhail Gorbachev, considerou, na terça-feira, que a ideia de uma Alemanha unida pertencente à NATO era uma bricadeira.



O secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, durante um encontro em Bona com o chanceler alemão federal, Helmut Kohl

Em Londres, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânicos, Douglas Hurd, reafirmou o apoio do Reino Unido à reunificação alemã, mas disse que ela não deve verificar-se de uma forma que «inspire nervosismo a toda a Europa».

Da reunificação à NATO

Tendo o debate sido lançado com a reunificação no centro da questão, progressivamente, os debates orientaram-se para uma crítica à orientação futura da Aliança Atlântica.

Egon Bahr et Karstens Voigt, ambos deputados do Partido Social-Democrata alemão-federal, vêem uma futura reunificação alemã num processo global onde os blocos militares actuais eliminarão os antagonismos, passando a ter como únicas funções a transição para um sistema de segurança pan-europeu. «A Alemanha já não vive num período de ocupação americano-soviética», afirmaram estes deputados, adiantando que o tempo das alianças militares acabou e que deve ser uma Europa a 35, isto é, incluindo os países do Oeste e Leste europeu, a definir as relações com os EUA.Esta tese foi muito criticada tanto por especialistas de estratégia americanos como por europeus.« Cometeriamos um erro fatal se, face à desintegração do Pacto de Varsóvia, procedessemos também à destruição da NATO», afirmou Stoltenberg, ministro da Defesa da Alemanha Federal.

Por outro lado, e ainda criticando a auto-extinção da NATO, observadores ocidentais lembram que a União Soviética, mesmo que dentro de alguns anos esteja reduzida à Russia, permanecerá a maior potência militar e nuclear no continente europeu. Assim sendo, toda a política de segurança deverá manter uma componente militar para dissuadir uma possível agressão.

Pilar europeu

Nos meios pró-integração europeia ressurgiu um esboço de solução para o problema militar da reunificação alemã, que não implicaria nem a desintegração da NATO nem exigiria da URSS a aceitação de uma Alemanha unida dentro da NATO. A proposta, relançad, no passado fim de semana em Munique, durante um seminário de altos responsáveis em questões de segurança, visa a emergência de um verdadeiro pilar europeu da Aliança Atlântica, ou seja o surgimento na Europa ocidental de uma força dissuasiva unicamente europeia, mas com um relacionamento institucional com os EUA.

Muito defendida tanto por europeus ocidentais como pelos americanos, esta solução, ainda não comentada por Moscovo, terá de contar com algumas reservas de Paris, mas conta para já com o apoio de M. Woerner, secretário geral da NATO, assim como de altos dirigentes europeus.

Se levada a cabo, esta solução constituiria por si própria um relançamento do processo político da integração europeia e, se aceite pela União Soviética, do problema militar da reunificação alemã.O futuro da Aliança está em jogo, e as respostas a dar ao direito de auto-determinação do povo alemão não podem esperar uma eternidade.«É inconcebível que, de todos os povos da Europa, só ao povo alemão seja negado este direito» afirmou esta semana o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Douglas Hurd.

Nuno Azevedo

Não obstante o clima de desanuviamento internacional

Bush insiste na Guerra das Estrelas

Apesar das pressões dos democratas, Bush permanece prudente e insiste em manter uma Defesa poderosa. O exercício é ingrato: enquanto a Comunicação Social norte-americana se mostra entusiasta com Moscovo e a «gorbimania» regressa aos Estados Unidos, o presidente norte-americano assume o papel de desmancha-prazeres.

Bush advoga uma Defesa suficientemente poderosa. Insiste na manutenção dos actuais mecanismos defensivos face ao Leste, enquanto não se constituir uma «política assente nas esperanças prometedoras de democratização que, no entanto, não são ainda uma realidade». É esta a mensagem de George Bush desde a passada terça-feira, dia em que iniciou a sua digressão por vários Estados norte-americanos do Oeste e do Centro.

Durante a viagem assistiu a várias manobras militares e visitou alguns laboratórios empenhados nas investigações sobre a Iniciativa de Defesa Estratégica (IDS), também conhecida por «Guerra das Estrelas». Esta mensagem dirige-se essencialmente ao Congresso norte-americano, que parece mais decidido do que nunca em tranformar em farelos o orçamento do Pentágono, proposto no final de Janeiro pela Administração Bush.

Não se pode dizer, no entanto, que o presidente Bush esteja alheio à euforia geral que envolve as evoluções em curso na URSS. Pelo contrário, não deixa passar uma única ocasião para elogiar Gorbachev. Mas a administração Bush não quer deixar-se ultrapassar por todos aqueles que reclamam cortes claros no orçamento da Defesa. Bush pretende, particularmente, preservar e mesmo reforçar a componente estratégica da Defesa dos EUA, reduzindo os efectivos militares e os armamentos convencionais.

Esta «componente» inclui as armas estratégicas ofensivas - ainda que de custos elevados como é o caso do bombardeiro B-2 - mas sobretudo a Defesa Estratégica, isto é, o IDS.

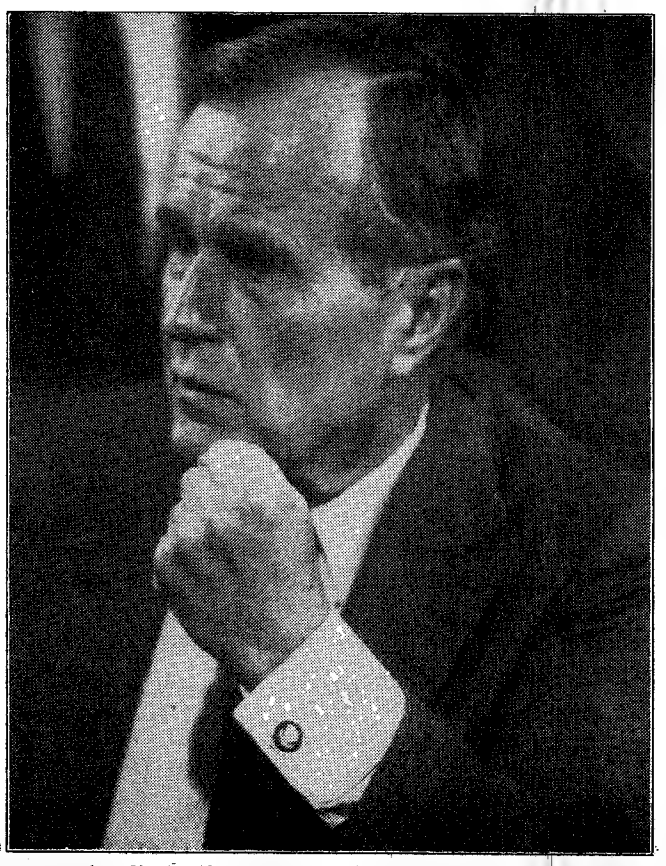
«Nos anos 90 a Defesa Estratégica é mais do que nunca justificável», declarou quarta-feira George Bush. As afirmações foram meramente circustanciais, dado que o presidente norte-americano visitava, na altura, um laboratório perto de S. Francisco que trabalha sobre um projecto de «meteoritos super-dotados». Esses «meteoritos», colocados em grande número no espaço, deverão permitir bombardear uma multiplicidade de pequenos projecteis ou mísseis lançados por um eventual agressor.

Bush parece sinceramente convencido da necessidade de continuar o esforço de investigação neste domínio. Se é certo que não compartilha do mesmo entusiasmo que o seu predecessor, Ronald Reagan, pelo menos vê no IDS um escudo intransponível que «reforça o poder dissuasor». Dito isto, Bush terá alguma dificuldade em fazer aprovar pelo Congresso o orçamento de 4,8 mil milhões de dólares proposto para o IDS para o ano fiscal de 1991, assim como em fazer respeitar as prioridades «estratégicas» do seu orçamento militar.

O esforço pedagógico do presidente tem largas possibilidades de encontrar algum eco e suster a imagem de um «homem prudente» face aos democratas, demasiado apressados em angariar os dividendos da paz. Este tipo de argumento poderá ser muito útil também no decurso da batalha orçamental. Sobretudo quando, no próximo Outono, decorrerá a campanha eleitoral para a totalidade da Câmara dos Representantes e de uma parte do Senado.

Depois disto a Casa Branca estará em posição de argumentar que, se tivermos em conta o Produto Nacional Bruto, o orçamento da Defesa está muito próximo dos níveis atingidos em 1950 e no final da década de 70.

Jean Krause
Exclusivo «DL»/Le Monde
Trad.Adap.: C. C. e M. T.



A prudência de Bush leva-o a optar por uma Defesa forte

QUOTIDIANO

Uma hora à espera de comboio

Revolta de passageiros na estação do Rossio

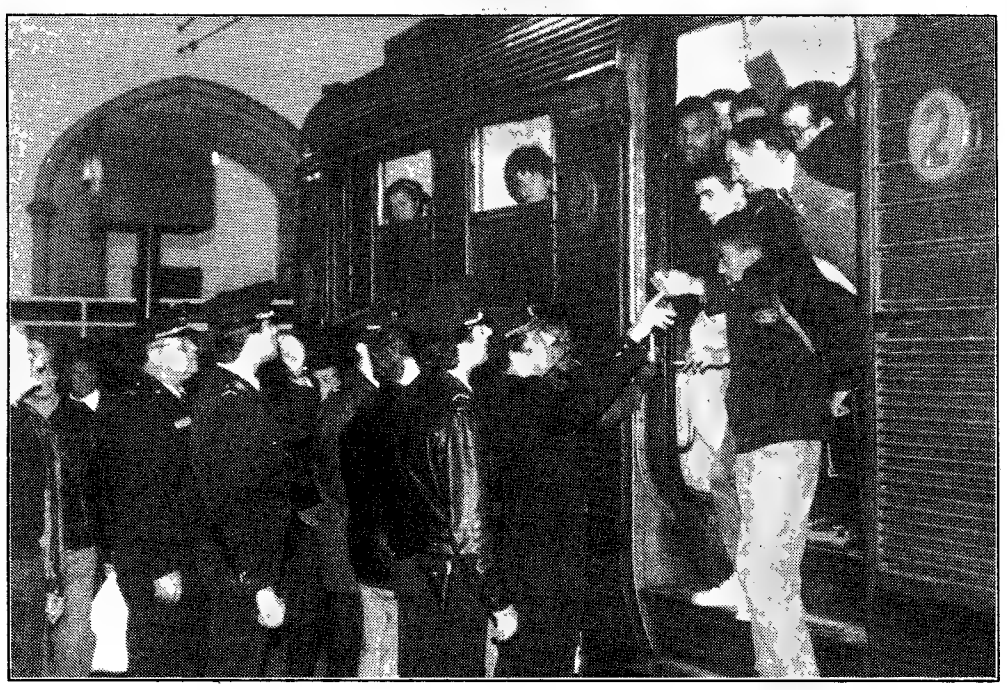
«Gatunos, gatunos... queremos ir para casa». Começou por ser um sussurro. Depois, uma voz exaltada, de uma mulher, de um homem, que se ouvia aqui e ali. E, por fim, tornou-se no grito de revolta dos muitos passageiros que ontem à noite esperaram, na estação do Rossio, mais de uma hora por comboios que os conduzissem aos seus destinos.

Uma avaria numa composição de mercadorias, junto à estação de Benfica, interrompeu a circulação na linha de Sintra desde as 17 e 30 até às 19 horas. Cansados e indignados os passageiros protestaram mais uma vez contra os serviços da CP. Quando não é a greve dos maquinistas são as avarias que não lhes permitem chegar a horas a casa e ao emprego.

«É uma vergonha. Têm o dinheiro dos passes e depois são greves atrás de greves ou avarias. Não se interessam com os passageiros tratam-nos como se fossemos cães» - dizia-nos uma mulher exaltada.

A indignação era geral. «Queremos ir para casa» era a palavra de ordem, gritada ritmadamente. A informação sobre um plenário da Comissão de Utentes da linha de Sintra, que deve ter lugar, esta noite, na Junta de Freguesia de Queluz, e amanhã, na sede dos Bombeiros Voluntários daquela zona, passava de boca em boca. «Temos de ir todos ao plenário. Ou nos unimos ou continuam a brincar connosco» - incitava outra mulher. Recorde-se que a CP entregará hoje, ao fim da tarde, na estação Rossio, uma carta-resposta às reivindicações formuladas por esta comissão, a qual se reunirá, na segunda-feira, com responsáveis desta empresa, na mesma gare.

Cerca das 18 horas os ânimos começaram a aquecer e a PSP foi chamada. Trinta agentes estiveram presentes no Rossio e, segundo nos disse o sub-comissário Peixoto, havia reforços preparados para qualquer eventualidade. Não fosse acontecer o mesmo que no dia anterior no Cacém. Mas, não foi preciso intervir.



Agentes da PSP acompanham maquinista à cabine

Quando a avaria parecia estar resolvida e a linha desimpedida, foi a vez de os maquinistas dizerem que só íam para a cabine com protecção policial. Os pasageiros estavam furiosos e podiam reagir de forma violenta.

«Há aqui dois aspectos diferentes: um é a greve e outro é esta avaria, que não tem nada a ver connosco. Podia ter acontecido num dia normal, embora noutro dia qualquer esta composição não teria seguido às cinco da tarde, como foi, mas muito mais cedo para não apanhar uma hora de ponta. Até parece que há aqui interesses subjacentes. Tudo isto aumenta a impaciência dos utentes. Esta reacção é natural. As pessoas atingiram um estado de saturação que à mínima coisa reagem emocionalmente e associam todas as complicações à greve dos maquinistas. Nós é que não podemos resolver o problema. Temos só 69 contos de ordenado base e vamos continuar a lutar por melhores condições. Compreendemos a população, mas não podemos desistir das nossas reivindicações. A solução está nas mãos da empresa» - disse ao «DL» um dos maquinistas ontem presentes no Rossio.Cerca das 19 e 30, os comboios recomeçaram a circular e os ânimos acalmaram. Depois, foram as habituais enchentes, as filas enormes de espera e os empurrões por um lugar.

Na estação de Benfica, também não se registaram quaisquer reacções violentas. Segundo nos afirmou um agente da PSP, « as pessoas apenas gritaram e houve alguns empurrões».

Contactado, esta manhã, pelo «DL», o gabinete de relações públicas da CP, informou que a situação estava «normalizada» e que os comboios funcionavam no seu horário.

Entretanto, o Conselho de Gerência da CP e o Sindicato dos Maquinistas prosseguem hoje, último dia do actual período grevista deste sector profissional, com as negociações, com vista a assinar um acordo de empresa.

Contudo, o Sindicato dos Maquinistas, já emitiu um novo pré-aviso de greve para vigorar até ao dia 19 deste mês.

Os trabalhadores da Carris deram ontem um prazo até ao fim de Fevereiro para o Governo e administração da empresa satisfazerem as suas reivindicações- revelou ontem a FESTRU.

Esta organização sindical acrescentou que os trabalhadores, reunidos em plenário, mandataram os dirigentes sindicais para, de acordo com o evoluir da situação, decidirem acções de luta a colocar à aprovação dos trabalhadores.

Na resolução aprovada os trabalhadores da Carris exige-se a reabertura das negociações do acordo de empresa, para repôr o poder de compra perdido nos últimos anos e melhorar as condições de vida e de trabalho.

Camião TIR espalha viaturas na rua

Um camião TIR, de matrícula espanhola, que transportava veículos virou-se, esta manhã, na segunda circular, junto ao estádio do Benfica, depois de ter partido a direcção. Do acidente apenas resultaram danos materiais.

Dois bancos assaltados no Porto

Uma dependência do Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa, situada na Pasteleira, Porto, foi esta manhã assaltada por dois indivíduos armados de pistolas, que apenas conseguiram furtar cerca de 150 contos.

Os assaltantes, um deles de cara encoberta, levaram apenas o dinheiro da caixa pois o cofre, de abertura retardada, desmobilizou-os quanto a maiores importâncias.O assalto registou-se às 8.40 e durou apenas cerca de dois minutos, sem que se tivesse registado qualquer violência.

Também ontem, pelas 10.30, três indivíduos, encapuzados e armados com uma G3 e duas pistolas, assaltaram uma dependência do Porto da Caixa Geral dos Depósitos e, após recolherem o dinheiro da caixa , puseram-se de imediato em fuga.

Não foi divulgada a importância roubada.

Madeira e ANA acusam controladores aéreos

A greve dos controladores aéreos, anunciada para decorrer de 14 a 18 deste mês, está a provocar reacções das mais diversas origens. A ANA publica uma «carta aberta» imputando culpas aos profissionais, enquanto o secretário regional madeirense do Turismo se manifesta «preocupado» devido ao facto de vários operadores estrangeiros estarem a cancelar as viagens à ilha até Abril.

A «carta aberta ao controlador» que a gerência da ANA (Aeroportos e Navegação Aérea) publicou na Imprensa confinando aos trabalhadores «a exclusiva responsabilidade directa» por eventuais perturbações no funcionamento da empresa devido à greve que aquela classe profissional cumpre não fará a direcção do sindicato desconvocá-la, afirmou ao «DL» Mário Delgado.

«Os problemas podem surgir se houver restrições internacionais ao controlo do espaço aéreo por parte de Portugal», afirmou uma fonte da empresa, acrescentando que, «se isso acontecer naturalmente tal terá efeito sobre os próprios trabalhadores».O comunicado do Conselho de Gerência da ANA, publicado como publicidade paga, diz respeito ao estados das negociações laborais com o Sindicato Nacional dos Controladores do Tráfego Aéreo (Sincta).

O comunicado refere que o sindicato «se tem revelado intratável por força da radicalização e imoderação», pois «expressa um conjunto de reivindicações de todo inaceitáveis».

O sindicalista Mário Delgado refuta as acusações, afirmando que, no que se refere ao controlo do espaço aéreo de Santa Maria, o problema é falso.

No que se refere à tabela salarial, a gerência, na reunião de ontem, «desceu inexplicavelmente» a sua proposta de 14,53 por cento para 12,9 por cento – afirmou uma fonte sindical. O sindicato reivindica 23,5 por cento.

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA NACIONAL

NUMEROS PREMIADOS

40 313 - 70 000 contos
13 028 - 12 000 contos
52 986 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

40 312 - 750 000$00
40 314 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

13 027 - 350 000$00
13 029 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

52 985 - 157 250$00
52 987 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

2 019; 6 538; 21 445; 22 395; 24 768
35 325; 42 967; 61 711; 68 864 e 69 653.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000$00 -8 946 Fracção nº 6
300 000$00 - 313
60 000$00 - 028
30 000$00 - 986
15 000$00 - 141; 177; 548; 550 e 787.
7 000$00 - 2 e 3.

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 40 301 a 40 400
12 500$00 - 13 001 a 13 100
10 000$00 - 52 901 a 53 000

QUOTIDIANO

B R E V E S

Conselho da Europa premeia Museu da Água

O Museu da Água Manuel da Maia, propriedade da EPAL, foi galadoardo com o prémio Museu 1990, do Conselho da Europa.

Cerca de 800 contos e uma escultura de Juan Miró (que ficará na posse do museu durante um ano) constituem o prémio, a ser entregue a 7 de Maio em sessão da Assembleia Parlamentar, em Estrasburgo.

Concedido pela Comissão de Cultura do Parlamento Europeu, o galardão nunca havia sido atribuído a um museu português.

Sismo fraco sentido em Lisboa

Um sismo com a magnitude de 4,5 graus na escala de Richter (que tem nove pontos) foi registado ao princípio da tarde de ontem em Lisboa.

De acordo com o Instituto Nacional de Metereologia e Geofísica, o registo teve o epicentro a 350 quilómetros de Lisboa e ocorreu às 15,48 horas.

Não há conhecimento de vítimas ou danos materiais.

Salário mínimo igual para vários sectores

O salário mínimo dos trabalhadores agrícolas passa, a partir de 1991, a ser idêntico ao do sector não agrícola, anunciou ontem o ministro do Emprego e da Segurança Social.

Para este ano, o Governo estabeleceu em 35 mil escudos o salário mínimo para a indústria, comércio e serviços, em 34 500 escudos para a agricultura e em 28 mil para o serviço doméstico.

Trinta por cento de formados conseguiu emprego em 1988

Cerca de 30 por cento dos indivíduos que frequentaram em 1988 acções de formação profissional conseguiram emprego, de acordo com dados do departamento de estatística do Ministério do Emprego.

Segundo as estatísticas oficiais, dos 46 061 desempregados que frequentaram, no referido ano acções de formação profissional, 29,75 por cento conseguiram empregar-se.

Greve impede 3900 exames de condução

Cerca de 3900 exames de condução e mais de meia centena de inspecções de veículos foram adiados devido aos três dias de greve, ontem concluída, dos inspectores examinadores e agentes técnicos de viação.

Carlos Drumond Borges, da direcção do Sindicato da Função Pública do Sul, disse que a paraliação registou uma adesão média de 90 por cento e vai causar um grande «engarrafamento» e atraso no serviço. A greve será retomada na terça-feira da próxima semana.

CLUBE MILITAR NAVAL
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

Nos termos do § 2 do artigo 4.º dos Estatutos do Clube Militar Naval, o presidente da mesa convoca a assembleia-geral para reunir na sede do Clube, com o calendário a seguir indicado nos termos do § 1.º do artigo 58.º do Regulamento Interno:

PRIMEIRA SESSÃO: a realizar em 21 de Fevereiro às 21.00 horas e 30 minutos, com a sguinte ordem de trabalhos:

1. Apreciação, discussão e votação da proposta de aumento do valor do Prémio «Almirante Augusto Osório».
2. Entrega dos prémios «Almirante Augusto Osório» e Almirante Barroso».
3. Apreciação e votação da admissão de novos sócios.
4. Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção referentes a 1989 e conhecimento do parecer elaborado pela Comissão Revisora de Contas.
5. Designação dos membros da Mesa Eleitoral.

SEGUNDA SESSÃO: a realizar em 28 de Fevereiro, com início às 14.00 horas e encerramento às 22.30 horas e trinta minutos, para eleição dos Corpos Gerentes, Comissão Revisora de Contas e Comissão de Redacção dos Anais para 1990.

O SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA GERAL,
José Manuel Botelho Leal
Com os melhores cumprimentos
O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
Luís Carlos Calceiteiro Serafim

Luz das velas ilumina esforço para vencer

A Escola de Camarate vive mergulhada num meio degradado. Pais, alunos e professores não se resignam e afixaram um cartaz: «O que a escola rejeita... a cadeia aproveita»

A noite passada, uma procissão de velas esperava junto à Escola C+S de Camarate, 5º ao 9º ano de escolaridade, um representante do Ministério da Educação. Não, não era nenhuma manifestação religiosa. Mas sim, uma forma original de alunos, pais e professores pedirem uma escola segura. A partir das 21 horas deixa de haver iluminação em redor daquele estabelecimento, tornando-o um alvo demasiado fácil para os assaltantes. Um miúdo, com seis velas na mão, explicava assim o exagero do seu gesto: Sou aluno da noite e nunca tenho luz, por isso trago tantas luzes.

Francisco Paraíso

Olhos e velas brilham à espera de luz, dentro e fora da Escola.

O ambiente é quase de festa, todos estão a lutar por algo que lhes pertence. «A ideia é que a nossa Escola deveria ter a luz que não tem e dar a luz que não dá», diz-nos o Jorge, presidente da Associação de Estudantes.

O Hugo, o Marco, o Vítor, o Nuno e o Paulo, sentem-se importantes em participarem de maneira tão activa e, por isso, não põem em causa os resultados da iniciativa. A esperança está bem patente nas palavras do Paulo: temos que conseguir, senão não estava tanto tempo à espera com uma vela na mão», afirmou ao «DL». À manifestação seguiu-se a habitual reunião das quintas-feiras. Um encontro alargado que contou com a presença de Lurdes Neto, da Direcção Regional da Educação de Lisboa, do padre Freitas e responsáveis autárquicos de Camarate.

«O que está a acontecer não é por acaso. É derivado de um trabalho conjunto. Somos um grupo unido que tem resolvido muitos problemas. Por exemplo, conseguimos ter um guarda à porta. Mas, há outros cuja resolução não depende só da nossa vontade», lamenta o presidente da Associação de Pais, António Coelho. Este, conjuntamente com José Faleiro, mostrou-nos a instalação clandestina de cabos eléctricos, junto ao Bairro São José, muito perto da Escola. Os fios eléctricos estão constantemente em curto- circuito, pondo em perigo a vida de quantos por ali passam. Desde Setembro já morreram três pessoas.

Os cabos foram instalados pelos habitantes do Lar Panorâmico. Um edifício que pertencia ao IARN, destinado às pessoas vindas das ex-colónias. Actualmente não se sabe quem são os responsáveis. Os moradores vão buscar electricidade a todos os lados porque a EDP cortou-lhes as ligações eléctricas, devido à falta de pagamento. Os candeeeiros junto à Escola de Camarate foram cortados para impedir que ali fossem buscar energia.

O processo tem-se arrastado e aquele estabelecimento continua sem luz exterior. Os alunos e professores têm medo. A maioria dos estudantes do curso nocturno, que abriu este ano com 300 inscritos, já desistiu.

Uma segunda questão a resolver prende-se com a construção da escola secundária. No último ano lectivo, os alunos que acabaram o 9º ano foram espalhados por oito estabelecimentos de ensino.

Muitos deles tiveram que mudar de área por não conseguir vagas na opção escolhida. A maioria sente-se deslocado. Como explica ao «DL» José Franco da Associação de Pais, «há estudantes que chumbam propositadamente para não sair daqui. Esperam que o novo edifício seja construído. Fizemos um estudo com uma das nossas melhores turmas e verificámos que 80 por cento obtem resultados negativos nas outras escolas».

A Associação de Pais, tal como a Associação de Estudantes, existe desde 1986. Ambas, com o apoio dos professores, conseguiram tirar a Escola do abondono em que se encontrava. Pintaram paredes, arranjaram portas e fizeram cortinas para os balneários. Actividades como excursões, convívios, jogos desportivos, exposições e debates têm animado a população escolar. O seu projecto de Escola Cultural foi seleccionado pelo Ministério de Educação. Curiosamente, ainda não tiveram qualquer apoio financeiro.

Para além das dificuldades materiais, existem problemas sociais difíceis de resolver. A população estudantil, dos 9 aos 18 anos de idade, é heterogénea. Muitos moram no bairro de lata a Torre e no Lar Panorâmico, apresentando carências afectivas e económicas. Outros pertencem à classe média. Têm o dinheiro que os outros não podem ter, passando, igualmente, grande parte do dia sozinhos. Nem sempre é fácil a convivência entre os diferentes estratos sociais. Tudo isto se rflecte no insucesso escolar, o ano passado com uma taxa real cerca de 70 por cento. «Os alunos têm muitos problemas. Muitos deles estão abandonados e, por vezes, temos de nos preocupar, mais com o apoio psicológico do que com a questão científica», comenta, Mercês Relvas, presidente do Conselho Directivo. Os resultados desta acção educativa e cultural estão à vista. No primeiro período registou-se uma melhoria de 20 por cento no aproveitamento escolar.

Esta não é a única a escola a ter falta de segurança, más instalações e pouco pessoal auxiliar. O que a torna diferente é a forma como Associação de Estudantes, Associação de Pais e Conselho Directivo tentam resolver as dificuldades existentes. É a verdadeira ligação do local de ensino ao meio envolvente. Não precisou de programas educativos vindos das altas instâncias para se lançar ao trabalho.

Francisco Paraíso

É evidente que os alunos são os que mais sofrem com esta situação

Céu Neves

Patronato e sindicalistas começam discussão a sério

Primeiro, foi a boa vontade negocial. Hoje, vão tentar encontrar o difícil meio termo entre flexibilidade e redução da carga horária

A discussão dos horários de trabalho, nos aspectos da sua redução e flexibilização, é apontada como um dos temas centrais da reunião que esta tarde decorre entre as centrais sindicais e as confederações patronais, no Conselho Permanente de Concertação Social. E se os sindicatos se batem pela sua redução, os patrões fazem da flexibilização a sua batalha. Resta saber até que ponto as partes vão ceder para chegarem a acordo.

A reunião que decorre entre representantes dos trabalhadores e dos empregadores, no âmbito do Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS), não é já, como a primeira, uma declaração de boa vontade negocial.

Hoje, pela primeira vez, discute-se a possibilidade de acordos em áreas como os horário de trabalho, direitos e deveres dos trabalhadores, aumento dos salários e direito à negociação colectiva, segundo informações chegadas à Comunicação Social, embora não confirmadas oficialmente, ao abrigo do acordo tácito entre ambas as partes.

As posições que cada um dos parceiros sociais defende sobre aquelas matérias divergem bastante entre si.

A questão do horário de trabalho ganha maior importância neste momento, após a discussão na Assembleia da República de três projectos de lei sobre a redução do horário laboral, tendo o do PCP sido chumbado e os do PS e do Governo descido à comissão parlamentar para o debate na especialidade, no sentido de unificar os dois diplomas num só texto que posteriormente será submetido a plenário.

O documento do Governo aponta para a redução do horário máximo semanal das actuais 48 para 44 horas até final do ano, enquanto o do PS vai mais longe, propondo a redução faseada, até 1993, para as 40 horas. O PCP pretendia a implantação, já este ano, do regime de 40 horas.

O Governo, ao explicar o seu projecto de lei, deixou em aberto a possibilidade do assunto ser alvo de acordo através da negociação colectiva, exactamente o que os restantes parceiros sociais pretendem. No entanto, qualquer acordo que se possa verificar terá de ser ratificado peló Ministério do Emprego e Segurança Social, e só após a sua publicação no Boletim do Trabalho e do Emprego tem validade.

E nem sempre isso acontece: na última negociação colectiva no sector dos seguros, sindicatos e patronato chegaram a acordo quanto à redução de um quarto de hora no horário de trabalho, o que não chegou a acontecer por o Ministério não o ter aceite.

Os acordos que eventualmente sejam conseguidos nestas reuniões bilaterais servirão, nesse aspecto, de forma de pressão sobre o Governo.

Para as actividades penosas, os sindicatos pretendem uma maior redução do horário de trabalho

A difícil conciliação

Os empregadores, representados na reunião pelo recém-formado Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP), que engloba a CIP, CAP e CCP, pretendem a flexibiliazação dos horários.

Segundo afirmou ao «DL» Nogueira Simões, vice-presidente da CIP, «um desbloqueamento das negociações implica horários flexíveis, bem como regras sobre absentismo». A explicação, para os representantes do patronato, é simples: «Há indústrias que necessitam de trabalho por turnos, como existe em quase todos os países da Europa.»

Trata-se, segundo explicou Nogueira Simões, de adaptar os horários às necessidades das empresas: «Numa semana pode ser necessário trabalhar mais, na seguinte menos. Se conseguirmos negociar isso, será um passo muito importante».

As centrais sindicais têm também uma posição sobre o assunto, e apesar de negociarem em bloco frente aos empregadores, as suas opiniões não são totalmente coincidentes. Há, no entanto, unanimidade no desacordo à forma simplista como o patronato vê a questão.

Para a CGTP, segundo afirmou Manuel Lopes, «não há nada a negociar nesse aspecto. Admitimos apenas a negociação a nível concreto, de sector a sector, empresa a empresa». Querem, sim, negociar a redução do horário de trabalho, tendo como meta as 40 horas semanais.

A UGT, por sua vez, está disponível para, «em articulação com a redução da carga horária e sem prejudicar o direito de estabilização dos trabalhadores, negociar a sua adaptabilização».

A terminologia é da Confederação de Sindicatos Europeus (CES), que não aceita a expressão «flexibilização». Assim, a UGT admite a adaptabilidade dos horários às necessidades industriais, desde que ela seja «contratualizada, e não aplicada unilateralmente».

A explicação da central para esta «abertura» prende-se com dois factores: a inovação tecnológica que liberta o homem do trabalho e o papel cada vez mais importante que é dado à educação e à formação do cidadão ao longo de toda a vida. Assim, a UGT adopta o ponto de vista da CES, que aponta para que os horários de trabalho deixem de ser pensados ao dia e à semana, para serem projectados ao ano, e à vida. Perante a diferença de pontos de vista dos representantes dos trabalhadores e dos empregadores, resta ver quem cede mais para a obtenção de um acordo nesta matéria.

Elsa Andrade

Uma etapa de atraso

Em matéria de horários de trabalho, Portugal está uma etapa atrasado em relação aos restantes países da CEE, afirmam as centrais sindicais, e dão o sector metalúrgico como exemplo.

No nosso país, os sindicatos conseguiram o ano passado negociar a redução da carga horária para 44 horas semanais, enquanto as estruturas de trabalhadores do resto da Europa se batem pelas 35.

A Holanda negoceia a passagem das 38 para as 36 horas, a Bélgica tenta reduzir o actual sistema de 40 horas semanais mais 16 de redução anual para as 37 ou 35, e a Espanha reivindica o decréscimo das 40 para as 37.

Produtividade: o desejo comum

Os aumentos salariais e a sua relação com a produtividade é uma das questões que o Conselho Nacional das Empresas Portuguesas e as centrais sindicais deverão discutir na reunião da tarde de hoje. Ambas as partes estão de acordo com a necessidade de aumentar a produtividade, embora a perspectiva seja diferente.

Para o patronato, é necessário chegar a um entendimento que possibilite o perfeito funcionamento da seguinte «trilogia»: aumento da produtividade, que fará descer a inflação, o que permitirá negociar salários com ganhos reais.

São já os próprios patrões que falam na necessidade de os trabalhadores «terem ganhos reais e não continuarem a perder poder de compra», advertindo, no entanto, que para o conseguir «tem que haver criação de riqueza, o que só é possivel com aumento de produtividade, que reverterá para os trabalhadores e para um aumento de investimento», afirmou ao «DL» Nogueira Simões, vice-presidente da CIP.

Na perspectiva patronal, se o Produto Interno Bruto continuar a aumentar em média 2 por cento ao ano, «nem daqui a 20 anos estamos ao nível da CEE», o que obriga a um grande empenhamento no sentido de modernizar as empresas e torná-las competitivas. E isso explica a crescente necessidade de negociar com os sindicatos.

Os empregadores assumem já a necessidade da formação profissional dos seus empregados, e essa é uma das suas apostas. «Os trabalhadores portugueses têm um baixo nível de escolaridade, o que tem de ser compensado com formação profissional adequada», afirmou Nogueira Simões.

As confederações sindicais pretendem igualmente o aumento da produtividade, mas insistem que ela deve reverter também em proveito dos trabalhadores. Assim, os aumentos salariais devem ter em conta a inflação e a produtividade.

Para a CGTP, não pode continuar a actual situação: há crescimento económico, mas «a parte dos salários no rendimento nacional decresce».

«Aumento de produtividade não pode significar aumento da carga, peso e horários dos trabalhadores», afirma a UGT, para quem esse objectivo só pode ser conseguido pela conjugação da inovação tecnológica com a melhor qualificação dos trabalhadores, melhoria dos sistemas organizacionais das empresas e da qualidade dos produtos.

Com base na negociação, a UGT está disposta também a aceitar que «uma parte da remuneração dos trabalhadores possa assumir a forma de poupança contratualizada, desde que não seja imposta unilateralmente».

E.A.

Henry Kissinger: «Só me enganei uma vez»

Henry Kissinger chega hoje a Portugal, onde vem falar, na Diário Económico/Semanário Económico, acerca do imp nos equilíbrios geo-estratégicos. O «DL» traça um perfil de de Bismarck, que durante oito anos comandou a polític e de boa parte do mundo - e também do mestre negociador do petróleo e do «profeta» infalível que se enganou quanto ao

Kissinger: um percurso «acima de qualquer sus

Kissinger(à esquerda) em Lisboa, antes do 25 de Abril (1973), em reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício (à sua frente, compondo a gravata)

Kissinger com o Pr

Henry Alfred Kissinger, que de 1969 a 1977, liderou a política externa de Washington, não é um americano típico, na medida em que chegou aos Estados Unidos em 1938, com a idade de 15 anos. Mas, no "país das oportunidades", esse judeu alemão, fugido ao regime nazi e falando inglês com sotaque, trinta e um anos depois tornar-se-ia conselheiro especial do Presidente Richard Nixon para os assuntos de Segurança Nacional. Mais tarde assumiria as funções de secretário de Estado, num período particularmente complexo, sem que no entanto se tivesse colocado qualquer suspeita sobre o seu patriotismo. Sintomático foi o facto de politicamente

Petróleo: uma derrota do negociador

Diplomata por excelência, independentemente da sua polémica forma de actuar, Kissinger nunca tornou suficientemente claro o seu pensamento económico. No seu período áureo ainda as nações eram dirigidas pelos políticos e o poderio militar o melhor argumento. Quer dizer, a internacionalização da economia e a globalização dos mercados eram factores que ainda não se faziam sentir.

A sua visão económica do mundo prendia-se essencialmente com o «ajudar os nossos amigos», neutralizar as economias do Leste, defesa intransigente de um «comércio livre», então dominado pelos Estados Unidos. O Japão ainda lançava as bases do seu presente poderio, a Europa procurava os caminhos de um «renascimento» económico. Quer dizer, um alto dirigente norte-americano não precisava de ser especialista em economia para tratar da «coisa» económica. O dólar era rei e o mundo seu vassalo.

Um mundo, na sua maior parte, fornecedor de matérias-primas para a indústria norte-americana, o que levaria à primeira grande intervenção de Kissinger na área económica: o embargo à produção do petróleo pelos países produtores, que acabaria por ter grandes repercussões em todo o mundo.

O então secretário de Estado norte-americano tem, em Dezembro de 1973, a sua primeira intervenção de vulto neste «contencioso energético». Desloca-se ao Médio Oriente para iniciar uma «cruzada» para obter o abrandamento do embargo.

Mas os produtores de petróleo tinham descoberto uma arma com a qual se podiam bater com as grandes nações: a económica. Com à subprodução da matéria-prima, pretendiam (e conseguiram) manter o petróleo com altos preços. Para além de quererem ganhar mais dinheiro exigiam um tratamento económico mais digno por parte das nações industrializadas, incluindo os Estados Unidos.

Kissinger adoptou para a sua acção duas atitudes: pacificadora, estendendo a mão e oferecendo boa vontade aos países produtores; ameaçadora, chegando mesmo a acenar com uma possível intervenção militar.

Em Março de 1974 prometia que o embargo do petróleo acabaria em breve. Aliciava os produtores com uma maior cooperação dos países desenvolvidos. Em Abril do mesmo ano chega mesmo a apresentar nas Nações Unidas um programa de seis pontos para tentar minorar as desigualdades entre países ricos e pobres.

Mas no dia 2 de Janeiro de 1975 ameaçava: «*Os Estados Unidos poderão envolver-se numa guerra pelo petróleo*». Em Setembro de 1975, recuava nas ameaças e apelava às nações produtoras: «*Deveríamos ser companheiros, não adversários*». Prometia mesmo ligar aos países produtores «*as nossas* (dos países industrializados) *economias em termos equitativos*».

O grande negociador, falhou na «guerra» do petróleo como nunca tinha falhado na resolução dos conflitos políticos e militares. A economia não era, de facto, o seu forte. A reacção dos mercados consumidores ultrapassou-o e foi mais eficaz, resolvendo por si só o problema: mais centrais a carvão, centrais nucleares e um uso mais racional da energia derrotaram os produtores de petróleo.

Kissinger está agora em Lisboa para falar da geo-estratégia dos acontecimentos do Leste. Veremos como ele encara a vertente económica (que é fundamental para o Leste e para o Ocidente) dos fenómenos políticos que têm nela uma parte importante da sua génese e que no futuro terão importantes repercussões no realinhamento dos mercados globais.

Redacção "DL"

lar, na 3ª Conferência Anual
do impacte da perestroika
rfil deste homem, admirador
olítica externa dos EUA
ciador que perdeu a guerra
nto ao destino de Mário Soares

so político
uspeita»

r com o Presidente Nixon (à esquerda), em 1972

ger, ou a ing- tano que idos e 15 das deu gime com anos nsel- ente s as- nça as- se- num ente en- cado re o ático ente

ter sobrevivido ao escândalo "Watergate", que provocou o afastamento da administração Nixon.

Kissinger negociou o fim da guerra do Vietname e a dramática retirada norte-americana. Esteve à cabeça de outras negociações, nomeadamente no Médio Oriente, com os soviéticos e no processo de aproximação com a China.

Convém referir que, apesar de algumas *gaffes*, entre as quais a sua pessimista previsão em relação ao futuro de Portugal pós-Abril, Kissinger exerceu um papel decisivo e uma influência duradoura no domínio das relações internacionais.

Conservador convicto, em 1973 ser-lhe-ia atribuído o prémio Nobel da Paz.

As ideias políticas

Henry Kissinger, conhecedor profundo dos meandros da política internacional, é de opinião que "todo o líder possui limites - e é dentro dos limites da sua possibilidade que o grande líder age". Porque, "se ultrapassa o limite, será destruído".

Em relação ao líder soviético, e de acordo com declarações suas a uma publicação brasileira, o antigo secretário de Estado norte-americano sustenta que as mudanças propostas por Gorbachev "podem trazer consequências boas ou más para a política soviética e para o mundo", consoante o rumo que no futuro as reformas tomarem.

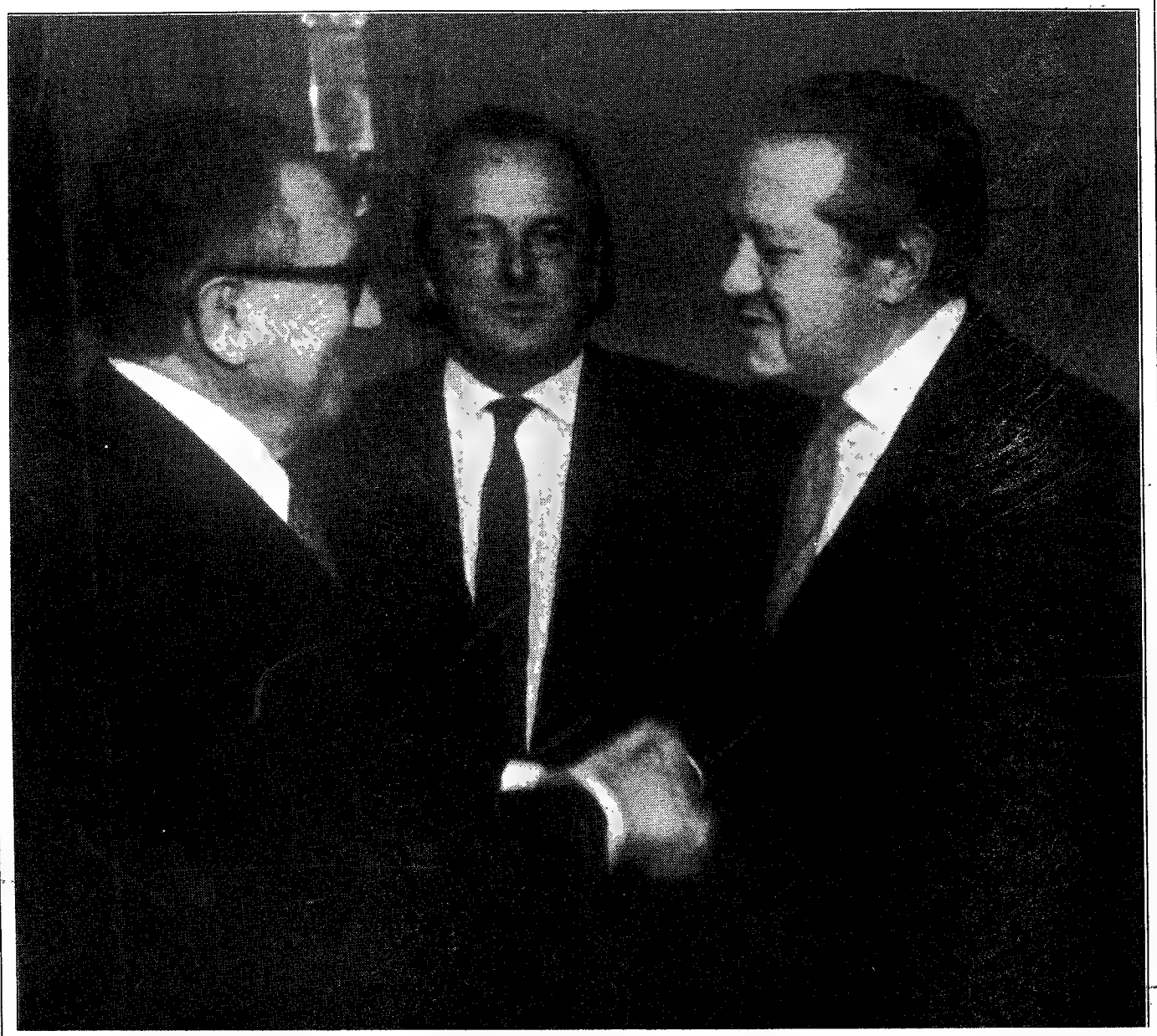
Não é contra as negociações para a limitação de armas, mas considera-as essencialmente irrelevantes, na medida em que "não existem mais do que cem pessoas, dos dois lados, que entendem desses números". Mas acredita que, cedo ou tarde, os Estados Unidos assinarão um acordo político de paz com a União Soviética.

Quanto ao panorama político nos Estados Unidos, Kissinger considera que "existe uma certa simploriedade na América", que é também "a base para um grande optimismo".

É ainda opinião sua que, devido a isso, "tantas coisas, que noutros lugares não vingariam, são realizadas na América".

Hoje, retirado da governação, Henry Kissinger dedica-se em Nova Iorque aos negócios da sua empresa de consultas geopolíticas e económicas.

Por 420 mil dólares anuais, a empresa fornece à companhia ou governo que a contratar, quatro palestras anuais, conselhos pelo telefone e dossiers sobre assuntos específicos.



Mário Soares (à direita), com Henry Kissinger, em Lisboa, em 1988. O antigo secretário de Estado norte-americano viera a Portugal para participar na reunião do «Grupo de Bildeberg». Ao centro, Pinto Balsemão

Uma profecia falhada

«No dia 19 de Outubro de 1974, o secretário de Estado convidara para almoçar, na sala do oitavo piso do seu Departamento, Francisco Costa Gomes, Presidente provisório de Portugal, e Mário Soares, o dirigente socialista e então ministro dos Negócios Estrangeiros.

«Eram catorze as pessoas à mesa; sete americanos e sete portugueses. Henry Kissinger, profundamente pessimista quanto ao rumo dos acontecimentos em Portugal, aproveitou o ensejo para dar uma lição acerca de comunismo aos seus convidados portugueses.

« 'Vou ser franco convosco - disse. - Podia falar-vos do tempo e de coisas assim, mas tenho que ser franco convosco... Os senhores estão a permitir que o Partido Comunista detenha uma influência excessiva no Governo... O ministro do Trabalho, que é comunista, continua no novo Gabinete... E, por exemplo, os senhores acabam de nomear um comunista, chamado Cabral, para dirigir a ANI (a agência noticiosa oficial). Tenho que ser franco convosco. Os senhores podem vir a arrepender-se disto...'

«Voltando-se para Soares, o socialista, Kissinger disse: ' O senhor é um Kerensky... Acredito na sua sinceridade, mas o senhor é um ingénuo'. Soares respondeu, segundo um dos presentes: 'Pode acreditar que não quero ser nenhum Kerensky'. 'Kerensky também não queria' - tornou Kissinger.»

A história desta profecia falhada e famosa, relata-a o jornalista Tad Szulc num extenso artigo que publicou na revista *Foreign Policy* (número do Inverno de 1975), acerca do 25 de Abril e da «estranha e sinuosa relação entre a revolução portuguesa e a política externa norte-americana».

Em entrevista concedida a Mário Mesquita para o «Diário de Notícias», em 24 de Abril de 1984, Mário Soares recorda as circunstâncias em que se encontrou com o secretário de Estado norte-americano e dá mais pormenores. Kissinger disse-lhe também: «O melhor que o senhor tem a fazer é ficar aqui. Talvez se lhe arranje um lugar numa universidade. Em Portugal, virá provavelmente a ser fuzilado». Soares respondeu-lhe: «A Europa acredita em nós». E Kissinger, em francês: «Bonne chance, Europe!»

O marechal Costa Gomes,solicitado pelo «DL», completou assim o relato de Tad Szulc:

«Kissinger estava muito receoso dos militares. Não confiava em militares, tratava-os mesmo agressivamente. Estava connosco um general de quatro estrelas, que trabalhava na Secretaria de Estado, e nem por isso Kissinger se coibiu de demontrar que não tinha o mínimo respeito pelos militares. Chegava a tratá-lo mal. E também foi agressivo com Mário Soares. Comigo, apesar de tudo, mostrou uma certa amabilidade porque dizia que eu era uma excepção. 'O senhor é um matemático...' No fim do almoço, deu-me o braço e disse-me que, quando precisasse de alguma coisa, lhe telefonasse directamente - isto é, passando por cima do Presidente dos EUA.»

Um ano mais tarde...

Cerca de um ano mais tarde, o primeiro-ministro Mário Soares deslocou-se oficialmente aos Estados Unidos. Visitou a Secretaria de Estado, onde foi recebido por Kissinger. Mas não apenas por Kissinger. Este convocara todos os altos funcionários do seu departamento, a fim de, perante eles, reconhecer o mau fundamento da sua profecia: Soares não fora o Kerensky português. O Presidente da República recordou agora para o «DL» a primeira reunião com Kissinger - precisando que o vaticínio não foi escutado por Costa Gomes - e as palavras do secretário de Estado dos EUA em 1975, ante o seu estado-maior:

«Vocês sabem que eu nunca me engano. Só me enganei uma vez: aquela em que vaticinei a derrota do Dr. Mário Soares».

J.P.O.

A.M.A.
Auto Monumental de Arcozo S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

BREVES

Eficiência energética tem prémio da EDP

Troféus e 350 contos constituem doze prémios com que a EDP distinguirá empresas industriais que apresentem melhorias na eficiência energética e na produtividade.

É um concurso a nível nacional, dirigido ao sector da indústria transformadora, que se insere na política de sensibilização e apoio aos clientes que a EDP tem vindo a desenvolver para que haja uma mais criteriosa utilização da electricidade.

Para o industrial, a eficiência energética traduz-se numa redução do consumo de electricidade por unidade produzida, tornando mais competitivos os seus produtos.

Para a EDP resulta na possibilidade de diferimento de alguns investimentos em novos centros produtores, podendo eles ser canalizados para a melhoria gradual da qualidade de serviço.

O concurso destina-se a duas categorias de unidades industriais: até 100 e mais de 100 empregados. Os vencedores de cada uma delas ficam habilitados ao prémio internacional «The UNIPEDE Eta Award» (Eta é a letra grega que representa o símbolo matemático de rendimento) que, para além de um troféu, confere um prémio de 2000 libras e o direito a utilizar, em campanhas publicitárias, a distinção conseguida.

Sines produz jojoba

Sines vai transformar semente de jojoba, anunciou a Câmara local, que disponibilizou um terreno com 20 mil metros quadrados para a instalação da fábrica.

Este investimento será protagonizado pela empresa Inficosa Internacional Comercial, sediada no Panamá e com sucursal em Lisboa, originará 60 postos de trabalho e materializará um investimento de 60 mil contos.

A jojoba é utilizada para extracção de óleo, usado na cosmética e no fabrico de instrumentos de alta precisão. A massa final pode ser incorporada nas rações para animais.

Com grande incremento no Alentejo, esta planta não exige terrenos de grande capacidade agrícola, o que a torna uma alternativa válida e interessante (conta com incentivos comunitários) a outras espécies de crescimento rápido.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$50	54$50
ALEMANHA FED. (marco)	87$25	88$45
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$976	4$226
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121$80	124$30
(notas de 5 a 1000)	122$30	124$80
DINAMARCA (coroa)	22$60	23$00
ESPANHA (peseta)	1$311	1$431
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$90	149$40
(notas de 5 a 1000)	146$40	149$90
FINLÂNDIA (marka)	36$90	37$50
FRANÇA (franco)	25$65	26$35
HOLANDA (florim)	77$35	78$45
IRLANDA (libra)	232$40	236$40
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$963	1$018
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	247$05	251$55
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	97$65	99$15
VENEZUELA (bolívar)	3$173	3$973

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Conciliar aprendizagem com criação de emprego

Proposta de Silva Peneda na tomada de posse da CNA

A Comissão Nacional de Aprendizagem (CNA) foi hoje de manhã empossada em funções, numa sessão a que presidiu o ministro do Emprego e da Segurança Social, Silva Peneda. A proposta de políticas de estratégias de desenvolvimento da aprendizagem é, entre outras, uma das tarefas deste grupo de trabalho, a quem o titular do MESS disse que «*há que conhecer, em termos prospectivos, as reais necessidades, em termos de recursos humanos do tecido produtivo e conciliá-los com uma política muito enérgica em termos de criação de emprego produtivo*».

A CNA, que é presidida por Dumas Diniz, do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), conta com representantes de diversos ministérios, confederações patronais e sindicais e deverá estudar e propor medidas legislativas ou outras sobre aprendizagem, bem como estudar e dar parecer sobre propostas de diplomas que visem a formação profissional de jovens.

Segundo foi referido, a reforma política de formação profissional aponta para que, até 1993, possam beneficiar, do sistema de aprendizagem, cerca de 65 mil jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 25 anos.

A comissão deverá igualmente aprovar o lançamento de novas acções de aprendizagem, propor acções de estudo e divulgação e pronunciar-se sobre o plano e orçamento do IEFP para este sector.

Silva Peneda disse, na sessão de hoje, haver factores decisivos que aconselham a procura de formas seguras de ensino. «*Desde logo o número relativamente elevado de jovens que abandonaram o sistema oficial de ensino, desprovidos de qualquer formação profissional que lhes permita, com maior facilidade, ter acesso a um primeiro emprego*», foi um dos pontos referidos.

Silva Peneda

Desenvolvimento

A Comissão deverá igualmente avaliar globalmente a aprendizagem e o seu funcionamento e aprovar as propostas de regulamento necessárias para o desenvolvimento regular da aprendizagem.

O ministro da tutela, que se mostrou preocupado com a inserção de jovens à procura do primeiro emprego, no mercado do trabalho, recordou que experiências anteriores tornaram-se positivas, uma vez que 98 por cento dos formandos acabaram por conseguir emprego na própria empresa onde foi ministrada a formação.

Os objectivos a prosseguir, disse Silva Peneda, são dois, como componentes da uma política de emprego produtivo. Um tem a ver com a rápida inserção dos jovens na vida activa e outro com a busca de maiores níveis de produtividade. Para tal existe a chamada formação contínua.

Disse hoje o ministro que tal «*trata-se de algo que consideramos estratégico em termos de desenvolvimento e competitividade: uma empresa que não considere como preocupação maior a valorização dos recursos humanos que estão a seu serviço correrá sérios riscos de sobrevivência, a médio prazo*».

Necessidades

Para levar à prática a política que o Governo se diz propor é necessária uma interacção fluida entre os serviços oficiais e as empresas. Silva Peneda recordou que, apesar do ritmo de evolução, «*não podemos deixar de insistir na necessidade de ter sempre presente esta visão a médio prazo*».

Necessário, igualmente, melhorar a capacidade de actividade dos trabalhadores. Por um lado porque o nível médio dos salários depende dos aumentos de produtividade e, por outro, porque a formação profissional «*pode condicionar decisivamente o ritmo de evolução*», como disse o ministro do Emprego, que acrescentou que será por aqui que se deve reconhecer a rentabilidade social que contém este tipo de investimento.

Nesse sentido vai ser lançado um inquérito às necessidades de formação profissional das empresas, para o biénio de 91/92, com o objectivo de fornecer dados actualizados e credíveis que permitam perspectivar, a curto e médio prazos, as necessidades de formação e aperfeiçoamento profissionais nas empresas, bem como avaliar as acções de formação já realizadas, quanto ao tipo de formação por sectores de actividades.

Acusação marroquina é «ridícula»

Industriais portugueses negam monopólio das rolhas

Marrocos queixou-se do facto de Portugal ter o monopólio do fabrico de rolhas de cortiça e, segundo o jornal local «L'Opinion», uma rolha importada do nosso país representaria 20 por cento do preço médio de venda de uma garrafa de vinho francês.

Sobre este ponto as associações de industriais e exportadores de cortiça classificaram de «*completamente ridícula tal afirmação*».

A questão levantada em Marrocos foi tida como um «*possível ataque ao grupo Américo Amorim*», que tem uma empresa produtora de rolhas perto de Rabat. Recorde-se que este industrial de há largos anos exporta cortiça marroquina, através da sua empresa, não só para Portugal, como para outros países, nomeadamente para o Leste europeu, mas fazendo-o principalmente em prancha.

Embora afirmando desconhecer o preço que o grupo pratica em Marrocos, um porta-voz da associação nortenha dos industriais e exportadores acrescentou que não deverão ser diferentes dos que são estabelecidos para Portugal. A rolha portuguesa de qualidade tem um preço que ronda os 30 escudos por unidade.

Quem produz

O mesmo jornal acrescenta que Marrocos é um grande produtor de cortiça, que exporta para Portugal. Os dados fornecidos ao DL sobre este produto referem que o nosso país detém 51 por cento da produção mundial, enquanto que Marrocos, Argélia e Tunísia só fornecem 20 por cento.

De destacar que a exportação directa portuguesa de produtos corticeiros representou, em 1989, cerca de 80 milhões de contos. Apesar de grande produtor, Portugal continua a ter de importar cortiça, para fazer face aos compromissos que a indústria tem assumido. O preço subiu, nos dois últimos anos, cerca de 200 por cento.

Segundo o representante da associação nortenha, o facto do preço das rolhas subirem anualmente entre 10 e 15 por cento «*não corresponde à subida real que se devria verificar*», opinião compartilhada pelo representante da sua congénere de Lisboa, que igualmente afirmou que «*Marrocos é que deve responder porque é que não transforma a sua cortiça, que até nem é de grande qualidade*».

CULTURA

Fantasporto: aplausos até mais não...

Homenagem de Alain Resnais à banda desenhada

Alain Resnais também compete aos prémios e distinções do Fantasporto — X Festival Internacional de Cinema do Porto. E foi uma chuva de aplausos no fim da exibição, numa noite chuvosa e fria, a plateia completamente esgotada. Título do filme: «I Wanto To Go Home», expressão que, em português, poderá ser traduzida por «Quero é ir para casa!» Duas culturas na película — a norte-americana e a europeia...

A bem dizer, essas duas culturas, essas duas maneiras de ser, são verdadeiramente as duas personagens principais do realizador que se celebrizou com, por exemplo, «O Ano Passado em Marienbad», «Providence» e «O Meu Tio da América». Um homem, enfim, que já faz parte da história do Cinema — mas que, embora já nessa posição, não desiste de acrescentar algo mais ao muito que já nos deu.

Em «I Wanto To Go Home» (Adolph Green, Gérard Depardieu, Laura Benson, Linda Lavin, Micheline Presle, Geraldina Chaplin...), Alain Resnais mostra como as culturas, deste ou daquele país, são sempre mundos diferentes, tornando-se necessário um hífen, nesta e naquela situação, para que as pessoas se possam entender e comunicar.

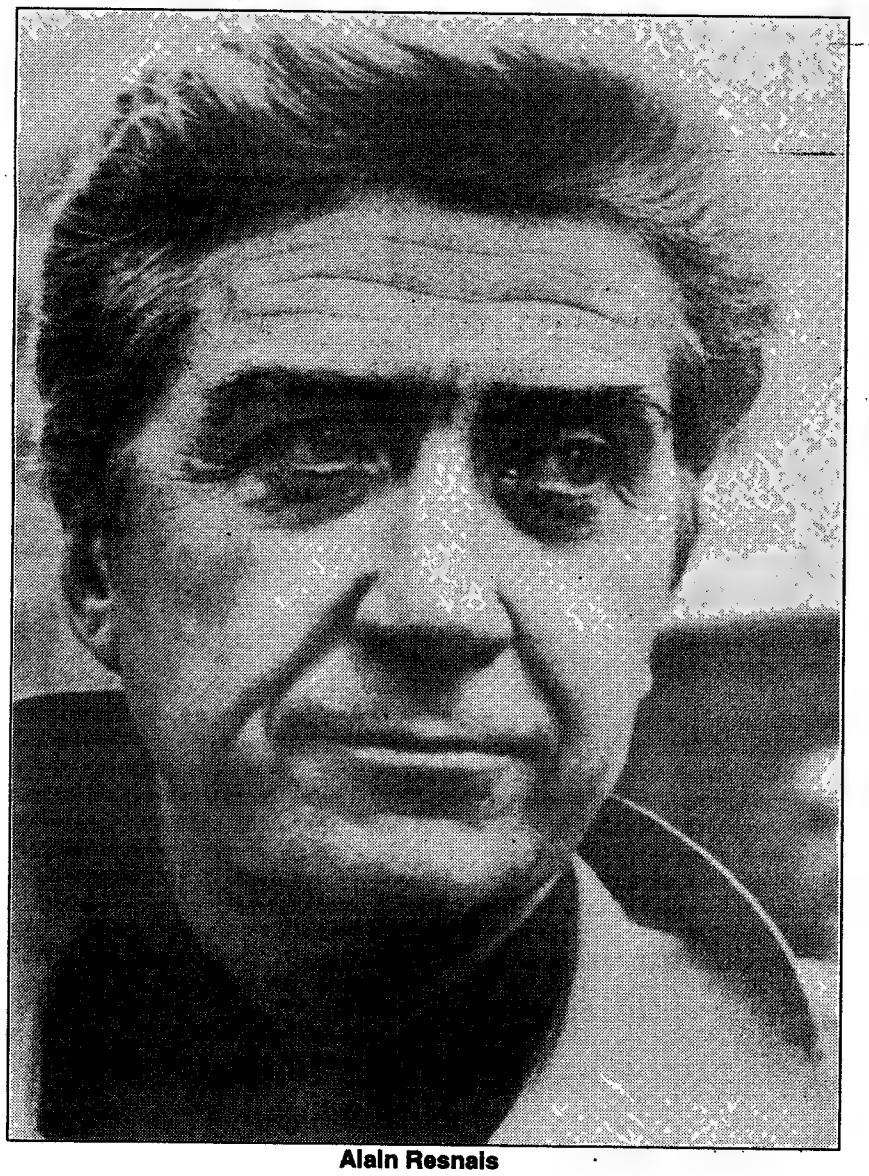
Imagine o leitor que um «cartoonist» norte-americano, já entrado em idade, se desloca a Paris, pela primeira vez, a fim de estar presente numa sessão de homenagem dedicada ao seu talento de exímio desenhador.

Instituições estranhas

Ora bem: temos o «cartoonist» (interpretação exemplar de Adolph Green) numa cidade que, embora o admire, o hostiliza de maneira inconsciente, e tal sucedendo por outros serem os costumes, outro o relacionamento humano, outra também a atmosfera no campo do amor e dos encontros de ocasião. «Instituições», em suma, que o «cartoonist» estranha — e de tal jeito que, com o passar dos dias, um grito-desabafo lhe vem aos lábios: «Quero é ir para casa!»

Por outro lado, a cidade que é Paris (e nomeadamente quem convidou o artista norte-americano) sentem-se também feridos pela sua estranha individualidade — uma maneira de proceder que parece envolvida por aspas. Isto é: enquanto as suas criações em banda desenhada respiram liberdade, humor e imaginação, ele, o criador de tais maravilhas, não sabe sair dos quadrados em que, afecto à América, se encerrou para sempre. Há nele preconceitos e um certo puritanismo que...

Alain Resnais, prestando homenagem à banda desenhada, com uma granda agilidade de montagem (há desenhos animados em algumas sequências, aparecendo sempre o propósito, sempre com um dito de espírito), oferece-nos um filme, efectivamente, diferente dos outros da sua autoria.



Alain Resnais

Colorido impecável

Daí, por conseguinte, os aplausos acima já mencionados — aplausos que constituem precisamente aquele hífen de todo necessário à união das múltiplas culturas, sejam elas a americana ou a francesa. Hífen, aliás, que se concretiza na película em questão.

«I Want To Go Home», ainda por legendar em português, é um filme que, pela anotação psicológica rigorosa das personagens, pelo colorido impecável, pela fotografia (Charlie Van Damme e Gilbert Duhalde) que sabe ir captar a essência das situações e pela música (John Kander) que nunca está a mais, mais uma vez nos atira com Alain Resnais para dentro de nós, simultaneamente nos enriquecendo e maravilhando.

Por hoje, é tudo. Segunda-feira, daremos os resultados do Fantasporto — prémios e distinções.

Pedro Alvim

Hot Club festeja 40º aniversário

O Hot Club, que comemora o seu 40º aniversário, apresenta hoje e amanhã, pelas 23 horas, na sala da Praça da Alegria, um concerto do trompetista norte-americano, Eddie Henderson.

Discípulo de Armstrong e de Miles, Henderson tocará acompanhado de Wayne Docknery (contrabaixo), Greg Bandy (bateria) e dos portugueses Pedro Moreira (sax-tenor) e Bernardo Sasseti ao piano, ambos professores da Escola do Hot Club.

Eddie Henderson esteve duas vezes em Portugal durante o ano passado para o Jazz na Cidade, integrado então no quinteto de Kenny Barron e também para diversas actuações no «Hot Club..»

No próximo domingo, tocará na sala polivalente do Serviço Acarte da Gulbenkian e na segunda-feira deslocar-se-à a Coimbra para actuar no Teatro Gil Vicente.

Paradjanov: entrada e saída do hospital

O cineasta Serguei Paradjanov, convidado especial do Fantasporto, teve alta esta madrugada do Hospital de Santo António, segundo apurou o «DL»

Paradjanov de 66 anos de idade dera entrada ontem, de urgência, naquele hospital, com prognóstico reservado, mas hoje , à uma e meia da manhã, teve alta. Paradjanov, que cumpriu 15 anos de prisão na URSS, sofreu há meses a ablação de um pulmão e, devido ao seu estado de saúde, interrompeu a rodagem do último film . Apesar disso, deslocou-se a Portugal a convite do Fantasporto, para assistir à retrospectiva completa da sua obra. No domingo estava prevista a vinda a Lisboa de Serguei Paradjanov para um encontro com o público no Teatro da Malaposta, ignorando o «DL» se, devido aos problemas de saúde do realizador, tal encontro sempre se realiza.

olhar de mocho

Sinais de confusão

O Inferno está cheio de boas intenções e o Canal 2 da RTP também quando ontem pretendeu pomposamente falar da questão germânica. Aquilo tudo parecia um exercício de jornalismo de caloiros que num primeiro semestre académico têm de aprender as declinações e depois mostrar que decoraram alguma coisa. «Sinais dos Tempos» quis falar da Alemanha - o programa prometia, já que todos falam dela. Mas em vez de irem buscar ao estrangeiro programas já feitos e enlatados, que por serem de alta qualidade, serviriam o público consumidor nacional, tentaram a terceira via da originalidade. Na primeira parte, a câmara descreveu uma RDA tal como ela foi durante mais de 40 anos apresentada pela linha editorialista da casa Axel Springer. Descrições superficiais, tudo pela rama, *sueltos* que tanto davam para provar a verdade do comunismo como do anti-comunismo. Tudo dependia do edifício que se filmasse.

E o debate da segunda parte do programa ainda foi pior: os dois intervenientes tinham historietas para contar - fomos até 1961 e explicou-se a construção do Muro -, ouvimos falar da fábrica Zeiss de Jena que fabrica lentes e não máquinas fotográficas, mas lentes para máquinas fotográficas não são máquinas de tirar retratos, e também ficámos a saber dos hotéis de Berlim-Leste onde se traficam divisas, enfim, revivemos o final da guerra do Hitler.

Mas se é certo que a divisão alemã é consequência directa da guerra, importaria explicar que essa divisão foi traçada pelas chamadas Quatro Potências vencedoras, e que só os dois grandes desses quatro é que têm a faca e o queijo na mão para refazerem fronteiras. Importa também relembrar, primeiro, que a unidade alemã é muito recente - tem pouco mais de um século. Depois, os alemães, se não fossem os problemas de crise económica surgidos antes da Primeira Guerra e o caos financeiro que precedeu a Segunda Guerra Mundial, nunca se sentiriam demasiado vinculados à unidade. Ainda hoje um bávaro é um bávaro antes de tudo e que odeia mais um prussiano que um austríaco. E depois importaria lembrar que a unificação alemã esteve à beira de uma possível concretização quando Adenauer, no início dos anos 50, tinha as rédeas do Poder. Mas o primeiro chanceler da RFA também queria a divisão: de um lado um Estado católico, a sua RFA com a capital na aldeia que era a sua terra natal, e do outro a Alemanha protestante, entregue a luteranos e comunistas.

José Sousa Monteiro

E na RFA, que pensam os habitantes da unificação? Ou será um dado adquirido que na parte ocidental todos ou a maioria querem a unificação? E a câmara do repórter não nos poderia esclarecer? É pena que um problema político de fundo tivesse ficado diluído, em questões folclóricas.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

A Companhia Nacional de Bailado abriu as portas à Informação e ensaiou, só para nós, algumas passagens do "Programa Fokine", cuja estreia está marcada para o dia 16, no Teatro São Luiz. Armando Jorge, o director artístico, pôs os pontos nos ii

Afinal, somos melhores do que se julga

A Companhia Nacional de Bailado do Teatro Nacional de São Carlos, no prosseguimento da sua temporada 1989-90, apresenta no próximo dia 16, às 21 e 30, no Teatro Municipal de São Luiz, o "Programa Fokine", constituído pelos bailados "Les Sylphides" e "Petruchka". Para que o público em geral possa dispor de melhor informação sobre este programa, bem como da actividade balética no nosso país e, em particular, acerca do que se passa na C.N.B., Armando Jorge, o director artístico, promoveu ontem um ensaio aberto aos órgãos de Comunicação, no decorrer do qual os jornalistas presentes nos belos estúdios da companhia tiveram oportunidade de assistir a algumas das mais significativas passagens das duas peças a estrear daqui a alguns dias. No final, Armando Jorge explicou para os leitores do "DL" os porquês deste "ensaio aberto", e levantou a ponta de alguns véus que ainda encobrem questões afinal tão simples como as que adiante se poderão ler. Basta seguir a conversa que o antigo bailarino e actual director e coreógrafo manteve com o jornalista:

- Diga-me, Armando Jorge, é a primeira vez, ou já fizera alguma experiência do género deste ensaio aberto?

«Em tempos já fiz, mas nesta fase da Companhia, integrada no Teatro de São Carlos, posso dizer que é a primeira vez. A ideia, posso adiantar, é realmente divulgar um bocadinho do interior e da forma como nós trabalhamos, a intensidade e o ambiente do trabalho, de forma a que os diversos órgãos de Comunicação possam transmitir um bocadinho ao público essa imagem, e isso porque - evidentemente - é impossível fazermos isto para todo o público. Assim, por vosso intermédio, poderemos dar uma ideia do que é o ritmo de trabalho de uma companhia de bailado, que é bastante diferente de qualquer outra actividade, como pôde constatar. Diferente, por exemplo, dos ensaios de uma orquestra, dos ensaios de um grupo de teatro. Tem uma disciplina própria, e essa disciplina é que cria o ambiente, que é muito "sui generis".

- Que é fundamental, presumo, para o resultado final pretendido...

«Sim, como viu, nós podemos fazer no estúdio um ensaio quase completo, como depois vai ser transposto para cena».

-Qual é o ritmo normal de trabalho desta Companhia Nacional de Bailado?

«Nós neste momento, estamos a trabalhar em vários programas ao mesmo tempo, mas a um ritmo normal de uma companhia que produz com grande intensidade. Os bailarinos fazem trabalhos de preparação entre as 10 e às 11 e 30 e depois até ás 6 horas da tarde, em ensaios consecutivos em três estúdios diferentes, com uma hora de intervalo para almoço».

- Neste momento, qual é, sensivelmente, o número de bailarinos residentes?

Rui Pacheco

"As Sílfides": a suavidade

«Actualmente, e com a formação dos bailarinos portugueses que nós tivemos na escola da CNB, são bastantes, nós temos uma percentagem muitíssimo maioritária, diria cerca de oitenta por cento de portugueses e temos alguns estagiários, de muito boa formação, de muito boa qualidade e que com certeza passarão para o elenco no próximo ano. Temos ainda dois bolseiros no estrangeiro, um na Escola de Balet de Moscovo, e outro na Escola de Balet da Ópera de Paris, portanto dois alunos finalistas da nossa escola que virão para o ano integrar também a companhia».

-Convidados estrangeiros, normalmente têm sempre?

«Nem sempre, nem sempre... Temos alguns estrangeiros fixos, mas os chamados bailarinos convidados, por norma contratamo-los por espectáculo. Neste programa dedicado a Fokine, por exemplo, não temos nenhum estrangeiro convidado. São os residentes que interpretam os dois bailados, e muito bem. Nós podemos, com o nosso elenco, apresentar seja qual for a obra de repertório. Não necessitamos, basicamente, de artistas convidados. Estes vêm como um aliciante, tanto internamente para os nossos bailarinos terem um termo de comparação - e às vezes até positivo - e também como aliciante para o público».

- E agora pode falar-me, especificamente, deste Programa Fokine?

«Como o público habitual destes espectáculos de bailado sabe, eu tento sempre, em cada época, dar um programa com características didácticas. Uma vez dedicado a um coreógrafo, outra vez até dedicado a um compositor que compôs expressamente para bailado, como é o caso de Stravinsky ou o caso de Tchaikovsky. Neste caso, dediquei um programa a um coreógrafo básico, Fokine, que tem uma importância muito especial. Eu recordo aqui que também fui intérprete dos dois protagonistas, dos poetas das "Sílfides" e da "Petruchka", por essa razão fui muito sensível, porque trabalhei com bons mestres, que me transmitiram muito da tradição deste tipo de repertório. E por isso tenho, também eu, a obrigação de o transmitir às novas gerações. Estes dois personagens, na concepção de Fokine, foram criados como uma oposição de composição. Assim, o poeta das "Sílfides" é poeta na sua aparência exterior, nem tudo aquilo que é superficial no conceito do romantismo, dum neo-romantismo; o poeta da "Petruchka", é o poeta do interiorismo, um poeta feio, palhaço exteriormente mas com alma de poeta. Mesmo coreograficamente, a maneira como o personagem foi traduzido, é a oposição em termos físicos. Enquanto nas Sílfides ele é extrovertido, na "Petruchka", o poeta apresenta a sua introversão, e as posições, a nível físico, voltam-se para dentro. Digamos que a gestualidade corresponde ao sentimento, à maneira como o espectáculo está construído técnica e coreograficamente, em relação aos dois personagens. Vê-los no mesmo espectáculo, parece-me que corresponde a um grande valor didáctico, para as pessoas que querem realmente aprender a ver dança e que querem ter uma formação sobre dança, francamente correcta».

Melhores que os do Scala

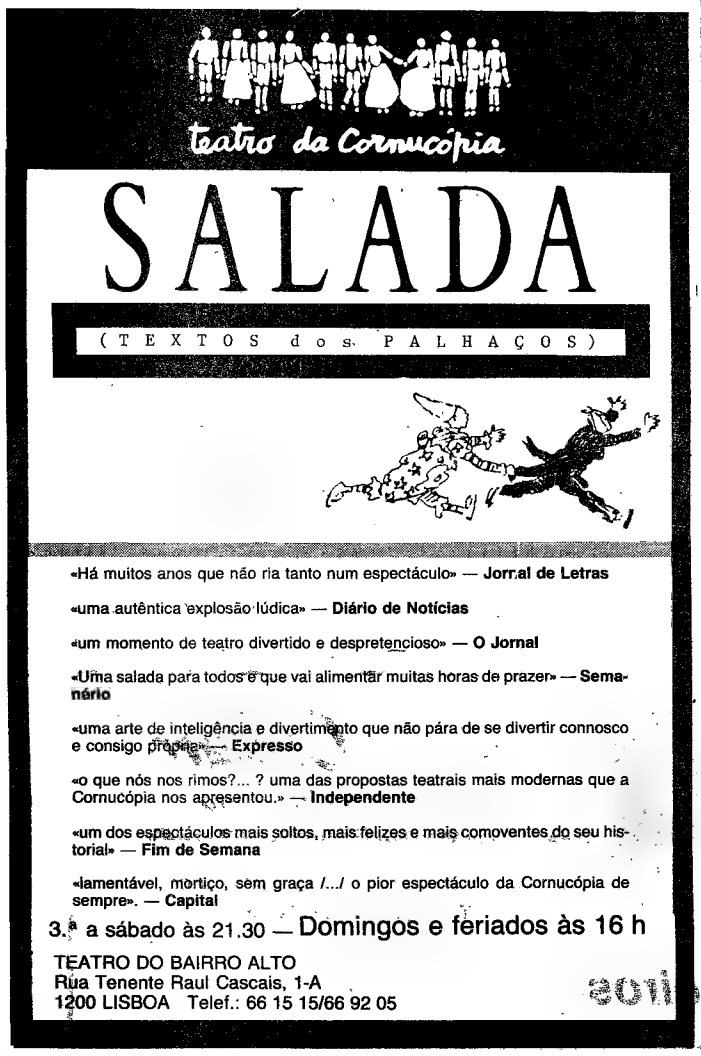
- A propósito do nível já atingido pela Companhia Nacional de Bailado, constame que, ainda recentemente, o mesmo tivesse sido posto em relevo por uma grande bailarina. Pode confirmar?

«Sim , nós temos agora entre nós, a preparar o bailado Dom Quixote, que apresentaremos em Março, dois grandes mestres do Teatro Bolshoi de Moscovo. A ela, Naia Ananiachvili, já a conhecia de Nova Iorque, aquando da primeira apresentação da companhia do Bolshoi, nos anos 60 - um grande acontecimento com Galina Ulanova - e eu aí tive oportunidade de ver a grande bailarina que temos agora entre nós, pela primeira vez. Pois a opinião dela, quando chegou a Portugal e viu a nossa companhia, e não esperava nada, ficou extremamente surpreendida, e ela que habitualmente costuma trabalhar com o Balet do Scala de Milão, disse-me que a nossa companhia tem um nível muito superior ao Balet do Scala e que portanto é superior à companhia de um dos maiores teatros do mundo».

- Opiniões como esta, são muito importantes para si?

«Isto para mim, é sobretudo muito gratificante, depois de quase treze anos de trabalho consecutivo com a CNB. Como se deve calcular, também tenho necessidade de comparar o trabalho que fazemos com o que se faz lá fora. Eu neste momento estou concentrado na técnica e exigo que os bailarinos portugueses tenham a técnica comparada a qualquer companhia e que possam entrar numa companhia estrangeira tal qual como estão aqui, sempre em benefício dos bailarinos portugueses, que já provaram ter as mesmas qualidades que os outros, ao contrario do que por vezes se tem dito. Temos é que compreender que esta é uma arte de selecção, e se não tivermos "a priori" sentido selectivo, automaticamente que não pode haver nada de bom. Quando se vão buscar artistas ao estrangeiro, na minha óptica tem que ser com isto em mira: beneficiar o nosso nível balético e nunca ao contrário. Gostaríamos era de fazer muitos espectáculos (por todo o País) e que o público correspondesse ao nosso esforço, e não só as camadas mais jovens, que felizmente estão a acorrer».

Rodrigues Borges



Intermoda abriu ontem na FIL

Do classicismo ao vanguardismo retro

Ponto de encontro de retalhistas, agentes comerciais, designers, criadores, industriais do sector têxtil, importadores e exportadores, a INTERMODA, espaço destinado à apresentação das tendências de moda e que tem lugar duas vezes por ano, foi inaugurada ontem. Logo no primeiro show da feira observaram-se as propostas, respeitantes ao próximo Outono/Inverno, das diversas firmas e marcas com uma posição de destaque no mercado português. A moda é efémera, tem uma pulsação que precisa constantemente de ser estimulada, para poder encantar e surpreender. Morre e renasce ao ritmo das estações. Na FIL, está exposta uma gama de vestuário, nas versões pronto-a-vestir, casual, lazer e vanguarda, incluindo as vertentes masculina, feminina e infantil.

Importa sublinhar que, em matéria de qualidade, o certame acusa uma melhoria substancial. Nota-se progresso no *design*, na confecção, na selecção de tecidos e de cores. Quanto a tendências, sem se desviar da tónica internacional, a moda que o 12º Salão exibe, gira à volta destes três eixos: social, político e artístico. No pronto-a-vestir, senhora e homem, privilegia-se a elegância discreta, o conforto, a naturalidade, o toque ecológico, o ar austero e sóbrio. Talvez porque a Perestroika está na moda, a moda presta homenagem aos construtivistas russos. Malevich, pintor reconhecido como chefe de fila do movimento, é uma fonte de inspiração, uma referência de vanguarda.

Vanguarda que se repete, desta vez incorporando influências dos ambientes literários dos anos 20 e 30. O artístico. Mulheres fatais e homens que cuidam, até ao último pormenor do seu *look*. Exalta-se o requinte sofisticado. Vanguardas que não permitem outras cores além do preto e do branco. Assim, constitui uma novidade o regresso ao negro que, durante uma longa temporada, foi banido da circulação. Agora, de novo na moda, compartilha o protagonismo com o vermelho, o laranja, o roxo, o verde escuro, o ocre, o *bordeaux*, o pastel, o castanho e o azul. Curiosamente, alguns padrões inspiram-se na astrologia, na cabalística, na heráldica e no tarot. Os motivos das iluminuras e dos vitrais também são reconhecíveis.

Melhoria de qualidade

A área ocupada pelo certame, segundo Victor Nobre, aumentou, devido a uma crescente adesão da indústria. «Tivemos de reduzir um terço do espaço destinado aos desfiles. Há, sem dúvida, mais stands, isto significa que o público compreendeu a mensagem. Contamos com uma forte participação do sector de criança, o que é bastante animador. No global, dispomos já de marcas excelentes, caso da Arara, especializada na indumentária casual.» O assessor da INTERMODA aponta para o stand onde se via um conjunto de blusões desportivos de óptima confecção. Trata-se de uma firma nortenha, bem implantada no mercado nacional e internacional, Na exportação atinge valores da ordem do milhão de contos e dirige-se à classe média alta.

Outra marca que, na feira, se distingue é a Quazar, proveniente de Vouzela. Centralizada na roupa de homem, funciona com duas linhas, sendo uma delas mais clássica, adequada aos indivíduos que não gostam de ousadias. Em contraponto, oferece uma linha que pisca o olho aos « jovens empresários evoluídos e liberais.» Há nela uma intencionalidade de moda, aliás derivada do papel que, na sua concepção, desempenha o estilista Manuel Alves. «Na colecção predominam os materiais nobres misturados com as viscoses. A linha é fluída e moderna. As cores incidem nos verdes oxidados, castanhos, cinzas e pastéis.» Uma delícia de tecidos, macios ao toque, agradáveis á vista. Não se chamassem eles veludo de lã e pele de pêssego, entre outros nomes.

Neste certame compareceram, além dos veteranos, alguns estreantes, caso da Nazarte, uma pequena empresa de Beja. Principiante no negócio, aposta nos tecidos orientais, importados da Índia e da Tailândia. Imagine-se um casaco preto, de lã pura, com gola e bolsos, cor verde, em seda bruta indiana. Casamento insólito, mas que resulta. «Certas peças serão únicas», afirma Nazaré Clemência Mascarenhas, sócia gerente. A combinar, propõem-se blusas feitas de saris.

Tendências barrocas

Digna de menção me parece a colecção de Luís Barbeiro, estilista que, pegando nas suas palavras, investe em si próprio. A roupa de que é autor tem nítidas influências barrocas. Cita Romeo Gigli, atrevo-me a dizer. «Sou um bocado retro e adoro o estilo arte-nova. Afeições que transparecem claramente na colecção de Outono/Inverno. A deste Verão remete para os anos 30. Muito bordado, linha gravata... está tudo vendido. Vendo para lojas de todo o país, não quero continuar indefinidamente incluído no grupo dos jovens estilistas. O país não precisa de rótulos, precisa é de quem tenha sucesso comercial.»

Luís Barbeiro que defende uma moda de rua, introduz no seu discurso uma informação aliciante. Pelo que entendi não se excede nos preços. Esta impressão confirma-se quando ele consulta a lista do preçário. Por exemplo, o casaco sete-oitavos, com gola de veludo bordada, o que denuncia abastança, custa á roda de 37 contos.

E voilá! A feira continua. Do programa de hoje destaca-se um colóquio sobre moda, a sessão de entrega dos prémios correspondentes ao 6º concurso de *design* da moda industrial e, finalmente, o desfile dos criadores, no qual participam Eduarda Abbondanza, Matos Ribeiro, José António Tenente, Manuel Alves e Manuela Tojal. Ainda, relativo ao concurso, compõem o júri os jornalistas Sue Carragher, do "Fashion Weekley "(Reino Unido), Maurice Gatigno, do "Boutique France" (França), os espanhóis Jordi Mare e Olga Fernandez, respectivamente do "Noticiero Textil" e do "Textil Express" e, a representar Portugal, a comerciante Maria Leonor Guimarães Lobato e Helena Matos, criadora de moda.

Lourdes Féria

Capricha-se na qualidade dos tecidos e do desenho

Madrid é uma festa

Com «Velasquez, todo Velasquez», no Museu do Prado, a retrospectiva de António Saura, do Centro Rainha Sofia e a exposição de duas centenas de desenhos, curiosamente chamada «Beuys antes de Beuys», parafraseando Hemingway, poderíamos dizer

Do nosso enviado especial

Só assistindo a uma feira internacional poderemos compreender como o fenómeno da arte contemporânea, integra um tão elevado número de disciplinas, que só aparentemente, lhe são alheias.

Mal refeita de uma Feira do Turismo, já Madrid asfixia de visitantes para a nona edição da Feira Internacional de Arte Contemporânea (ARCO 90). Mais, no ponto de encontro de operadores estéticos, intercâmbio das respectivas linguagens e estratégias comerciais, políticos de arte, conferencistas e coleccionadores, a feira é um sorvedouro de atitudes que, de ano para ano, a têm como referência.

Entre as diferentes expressões artísticas, foi a escultura a que, nos últimos anos, conhece transformações mais radicais. Sobretudo, devido ao aparecimento de novos materiais, redimensionamento dos espaços onde se apresenta e intervém, e a interacção do elemento humano no espaço manipulado, subverteram de tal forma a actividade artística tradicional que, a própria escultura, se interroga sobre a possibilidade de uma definição estável.

Para se dar uma ideia aproximada do que nesse domínio se vê no ARCO 90, seriam precisos um dia para cada galeria que a apresenta, e mesmo assim, confrontados com a pintura objectual (autêntico dialecto da escultura), remeter-nos-íamos ao beco sem saída onde a pintura aguarda.

Eram portugueses dessa «indefinição», são a escultura de António Campos Rosado e a pintura estofada de Gerardo Burmoster (ambos da Galeria Pedro Oliveira, Porto), a pintura de Julião Sarmento e a instalação de Cabrita Reis (Galeria Luís Serpa, Lisboa).

Somam-se também as novas propostas de Helena Almeida (Galeria Emi-Valentim de Carvalho, Lisboa) ultrapassada que parece estar a relação fotográfica. Mas que dizer da pintura a néon que Fernando Calhau em Dezembro levou à Feira de Los Angeles e aqui repõe?

Com a duração aproximadamente de uma hora cada, quatro conferencistas espanhóis (Aurora Garcia, Tiomin Radiola, Glória Picazo e Marie Jo Lafontaine) abordaram a incapacidade com que o termo escultura ainda se apresenta.

Jorge Fallorca

ARCO
FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA
MADRID

Com o apoio

DISTRI Cultural
A qualidade da literatura
GRUPO DISTRI
RUA VASCO DA GAMA, 4 - 4A — 2686 SACAVÉM CODEX
Tels. 942 53 94/942 56 19

Somos especializados em livros estrangeiros

Ontem, na SPA, falou-se da obra e apresentou-se o autor

Tamen na terceira pessoa

A propósito de Pedro Tamen disse David Mourão-Ferreira que «a sua obra, pela qualidade e pelo impacto que tem na poesia portuguesa de hoje, dispensam qualquer apresentação». Foi ontem ao fim da tarde, na Sociedade Portuguesa de Autores, durante mais uma sessão do ciclo «O Poeta na Casa dos Autores».

À semelhança de anteriores sessões, esta celebração do poeta comportou, contudo, uma espécie de apresentação ritual, sob a forma de análise e leitura da obra. Assim, David Mourão-Ferreira frisou algumas das características da obra de Pedro Tamen, destacando aquela que é uma das suas características mais marcantes: «Nesta poesia, a complexidade nunca é arbitrária, mas sim uma necessidade da própria densidade do real. Daí que, à primeira vista, a sua poesia surpreenda e desoriente pela tendência para o gramatical, para uma quebra das leis sintáticas e a ruptura dos pactos linguísticos aceites.»

Ainda há poucos dias, em «auto-retrato» publicado no «DL» (e amplamente citado ontem), o poeta dizia, também na terceira pessoa: «Outro rótulo, que apressadamente lhe colaram à pele, é o de poeta barroco e inacessível. Pessoalmente, acredita que faz parte de uma família que em termos hábeis pode ser apelidada de barroca, mas rejeita a acusação de inacessibilidade ou a de jogador de palavras».

Pedro Tamen

Com o primeiro livro publicado aos 22 anos («Poemas para Todos os Dias», 1956), Pedro Tamen tem sido frequentemente considerado o autor de «uma das mais fascinantes aventuras da poesia portuguesa da segunda metade do século».

Hoje, 17 livros e 34 anos volvidos sobre o primeiro título, a sua obra continua a suscitar análises díspares mas por igual empenhadas num tema de fascínio aceite: a «dificuldade» da escrita do poeta, por muitos ainda tida como parte dos seus atributos como «poeta cristão». Pedro Tamen, que também considera terem sido os seus primeiros livros possuidores de «uma evidente tonalidade religiosa», afastou-se posteriormente desta tendência, aprofundando contudo aquilo que David Mourão Ferreira chamou também «uma forma de meta-poesia».

Referindo-se à temática amorosa na obra de Tamen, Mourão-Ferreira considerou ser este um dos aspectos mais característicos de certos poemas: «Não obstante as 'dificuldades' de superfície, a sua poesia está impregnada de sensualidade. A sua poesia de amor é uma forma de meta-poesia, como se alguns desses poemas tratassem também da própria poesia. Muitas vezes encontramos o sugerido no local do explícito. E é esta ambiguidade (que o faz dirigir-se à poesia como à mulher amada) que é a sua característica privilegiada.»

Seguindo a exposição de David Mourão-Ferreira, o actor e encenador Norberto Barroca disse alguns dos poemas de Pedro Tamen, numa interpretação vigorosa que mereceu aplausos bastante entusiasmados. Mais tarde, o poeta confessaria: «Com muita facilidade oiço dizer os meus poemas ou olho para aquilo que escrevem sobre mim, e é como se estivessem a falar de outra pessoa». Moderado de discurso e de modos, Pedro Tamen confessa contudo que «sempre escreveu pouco». Como se, na dupla inacessibilidade da escrita «habilmente apelidada de barroca» e da produção relativamente comedida, cumprisse o destino de ocultação que cabe aos maiores poetas.

B R E V E S

Buñuel e Hitchcock na RTP

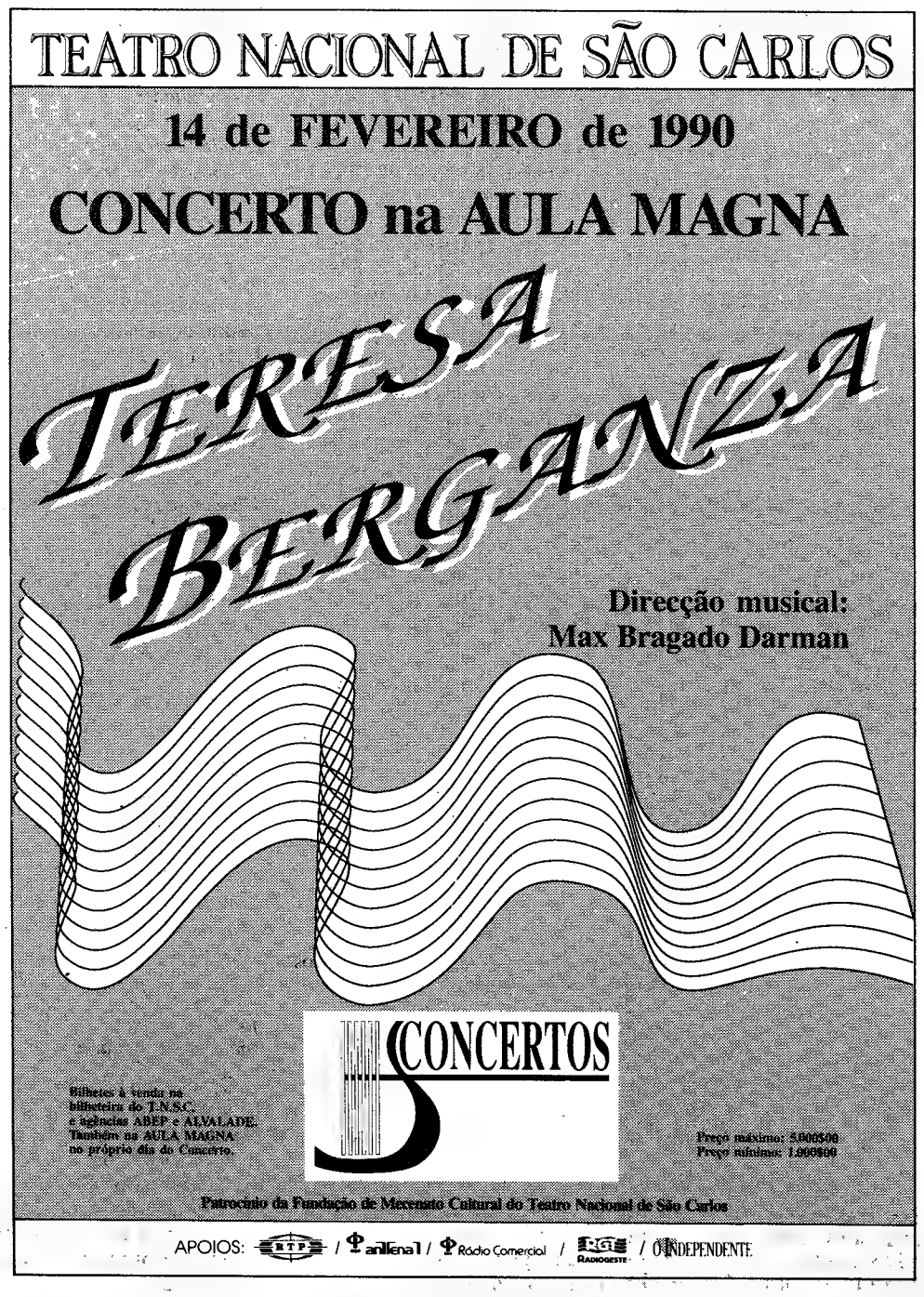
«Susana» de Luis Buñuel e «Janela Indiscreta» de Hitchcock são os dois momentos mais altos das transmissões cinematográficas da RTP na próxima semana. O primeiro a emitir às 21.20 do próximo domingo, no Canal 2, foi realizado em 1950, quando o autor já estava exilado na América do Sul. Interpretado por Rosita Quintana e Fernando Soler, este é um dos filmes mais notáveis de Buñuel, debruçando-se sobre a perturbação que uma jovem recém-chegada traz a uma pacata comunidade rural, cujas idéias acerca do bem e mal estavam até então muito bem definidas. A chegada da sensual Susana, fugida a um Reformatório, colocá-los-à, todavia, em confronto com as suas próprias e muito arreigadas crenças.

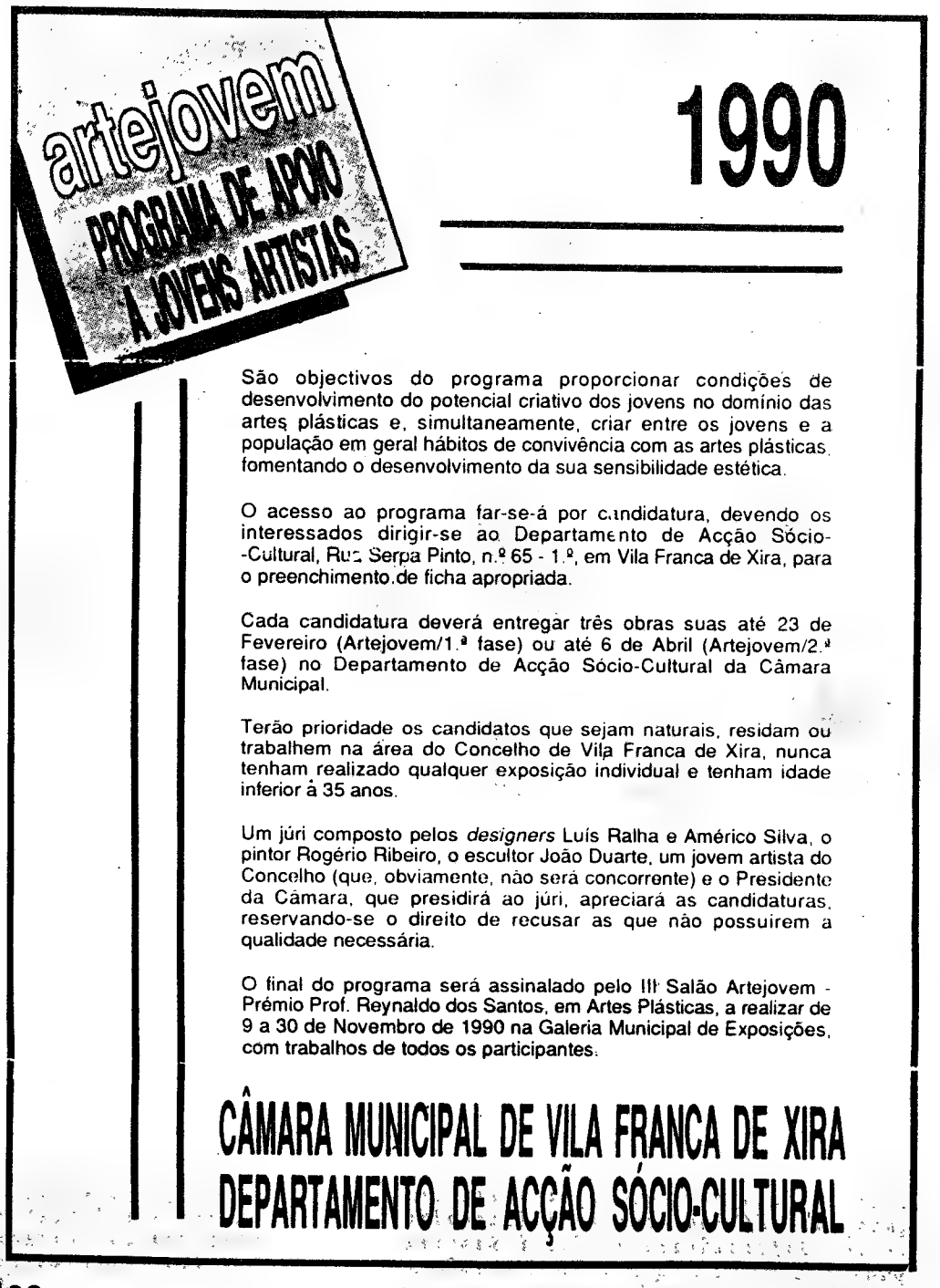
O serão televisivo de quarta-feira trazer-nos-à, por seu turno, no Canal 1, um dos momentos mais gloriosos da história do cinema. Grace Kelly e James Stewart são os protagonistas, Hitchcock realiza. O filme é «Janela Indiscreta», a quinta-essência do «suspense» passado ao cinema , a propósito de um crime testemunhado por um «voyeur».

Porque não há duas sem três, a RTP 1 oferece-nos domingo às 15 horas «A Terra dos Faraós» de outro nome grande do cinema norte-americano, o realizador Howard Hawks. Ao contrário de «Susana» e «Janela Indiscreta», este é , no entanto, um filme menor do autor que assinou «Ter ou Não Ter» e «À Beira do Abismo».Trata-se de uma incursão espectacular pelo Antigo Egipto, onde um faraó obcecado com a construção do templo que abrigará os seus restos mortais, desconhece as manobras de bastidores dirigidas contra a sua régia figura. A interpretação está a cargo de Jack Hawkins e Joan Collins.

«O Processo do Rei» no Festival de Berlim

O filme «O Processo do Rei», realizado por João Mário Grilo, é a única presença portuguesa no Festival Internacional de Cinema de Berlim, que começa hoje. O filme será exibido extra competição e integrado na rubrica «Panorama», no próximo dia 16.





DESPORTO

Droga na origem do assassínio do futebolista José Reis

Dos cinco elementos que compunham o bando, três já foram identificados pelas autoridades policiais

O assasínio do futebolista Reis continua envolto em algum mistério e as notícias que remetiam para o triste episódio «ajuste de contas» motivado por questões de droga parecem não ter a mínima consistência a avaliar pelos depoimentos recolhidos junto de pessoas próximas do infeliz guarda-redes do Tirsense. O dirigente António Leitão (chefe do departamento de futebol do clube de Santo Tirso) e o presidente José Maia eram dois homens desolados, quando souberam da morte do jovem Reis. Opinião de ambos: *Era um rapaz extraordinário.*

Aquilo foi um erro e queremos saber a verdade rapidamente. E rematavam o seu sentimento de desgosto e inconformismo questionando: *Como é possível uma crueldade destas!*

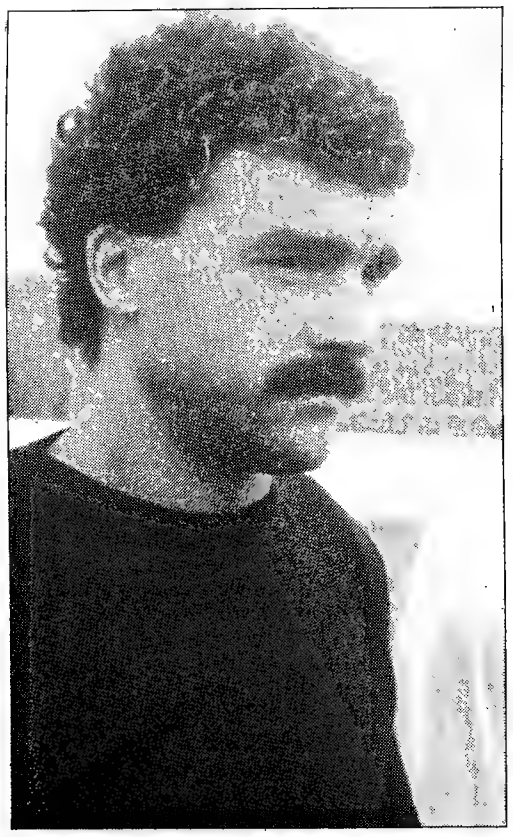
A história conta-se assim: José Reis deslocou-se a Póvoa de Varzim para, juntamente com familiares e amigos, festejar o nascimento de uma filha.

Depois do jantar no Restaurante Chelsea, uma passagem pelo Casino terminando a justificada festa no bar «Surf», na companhia do cunhado Ricardo Santos e dos amigos Fernando Pereira e José Maria Gomes Pereira. Ao sair do «pub» e quando se dirigiam às suas viaturas foram abordados por um grupo de indivíduos que os forçaram a entrar nos carros. Num Peugeot seguiram Reis e Ricardo Santos com dois sequestradores e para a viatura do Reis, foram empurrados os outros companheiros do futebolista com mais dois dos agressores, seguindo noutro carro o quinto elemento do «bando». Um despiste do Peugeot foi a causa que provocou o assassínio de Reis quando este se pôs em fuga, sendo perseguido por um dos energúmenos que o agrediu de forma bárbara e fatal com uma facada no pescoço. Reis viria a chegar ao Hospital de Vila do Conde sem vida e os restantes companheiros continuaram à mercê dos sequestradores sendo selvaticamente agredidos e sofrendo fortes ameaças de represália envolvendo familiares como vítimas futuras.

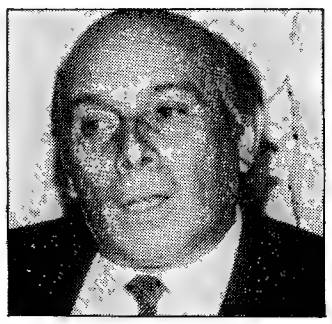
Droga parece estar no envolvimento deste fatídico incidente, tendo os sequestradores confundido o grupo acompanhante de Reis com outro que lhes deveria entregar uma «encomenda» e quando verificaram que aqueles não eram os seus «amigos» mais não fizeram do que iniciar a fuga abandonando os sequestrados no Mindelo (localidade onde residem os pais do infeliz Reis).

Enquanto o corpo de José Reis se encontra na casa mortuária do Hospital de Vila do Conde a aguardar as formalidades da autópsia, a PSP já identificou três dos presumíveis assassinos. Trata-se de Alberto Óscar Feio Bacelar Alves, Carlos Luis Alves Castro e Olga Maria da Cunha Simões.

Treinador Neca: «Foi uma notícia terrivelmente triste já que se tratava de um profissional de conduta irrepreensível. Reis denotava uma alegria muito grande e era um elemento extraordinariamente bem aceite pelo grupo de trabalho»



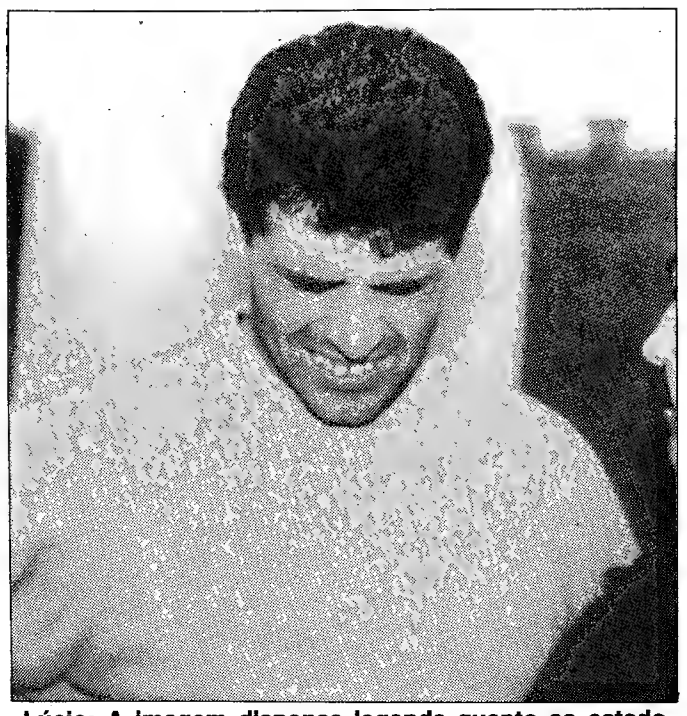
Uma facada no pescoço provocou a morte de José Moreira dos Reis nascido em Vila do Conde no dia 5 de Janeiro de 1960 e que aos 15 anos de idade iniciou a sua carreira de futebolista no Varzim transitando na temporada em curso para o Tirsense.



Lourenço Pinto e Francisco Silva reagem às acusações do Benfica

Reagindo às acusações formuladas pelos dirigentes do Benfica, tanto o presidente do Conselho de Arbitragem como o árbitro Francisco Silva não perderam tempo nas contestações, o dr. Lourenço Pinto afirma ao «Record»: «*As declarações do Benfica são um arrazoado de mentira*« e colocado perante a hipótese avançada por João Santos de que estaria para breve o seu pedido de demissão desmente: «*Fiquem descansados de que o mandato de que fui investido é para ser cumprido até ao último dia.*»

Francisco Silva está indignado e demonstra-o assim: «*Estou a ser vítima da desonestidade dos responsáveis do Benfica, que estão empenhados, a todo o custo, numa guerra contra o FC Porto e contra o sr. dr. Lourenço Pinto, pois o Benfica preferia o senhor Pinto de Sousa como presidente dos árbitros.*« E quanto a João Santos afirma: «*Enquanto tiver forças não descansarei sem o ver punido pelo tribunal.*»



Lúcio: A imagem dispensa legenda quanto ao estado emocional no momento em que tomou conhecimento do fatícico acontecimentos. O seu desabafo: «O Reis não merecia isto. É cruel de mais para acreditar no que aconteceu. Era um grande amigo e estou muito desgostoso com o seu desaparecimento, de uma forma tão ignóbel»

Seleccionador de ténis ao «DL»

Triunfo sobre o Gana estimula confronto com os soviéticos

A selecção portuguesa de ténis regressou do Ghana, onde Portugal bateu a selecção local por 5-0, num confronto respeitante à primeira eliminatória do Grupo-1 da zona Euro-Africana da Taça Davis.

O «DL» foi esperar a comitiva portuguesa, e conversou durante alguns minutos com o «capitão» Santos Costa. O também director-técnico nacional começou por afirmar: «*À partida, tinha esperança de alcançar este resultado final embora exprimisse naturais cautelas, devido às vitórias do Ghana em 1989 (Marrocos e Egipto). No entanto, depois do estágio na Academia Bollettieri (Estados Unidos), fiquei convencido que o nosso favoritismo tinha aumentado*».

Tendo em conta o desconhecimento quase total que envolvia esta selecção do Ghana, pois os seus jogadores nem se encontram classificados no «ranking» ATP, as principais dificuldades da formação lusa foram o piso dos «courts», o clima tropical e o público entusiasta, como explicou Santos Costa:

O piso dos «courts» (uma mistura de alcatrão com macadame) não era demasiado rápido, mas tinha umas características invulgares em relação aos normalmente utilizados nos torneios internacionais.

Temia-se um pouco que os grandes baluartes da equipa portuguesa, Cunha e Silva e Nuno Marques, pudessem minar o bom ambiente sempre necessário numa selecção, devido a uma rivalidade que chegou a descambar num confronto de palavras menos dignas em declarações prestadas por ambos à Imprensa, durante quase toda a época de 1989. Para Santos Costa, este problema nem se punha:

«*De todas as vezes que acompanhei estes jogadores, nunca encontrei mau clima entre os dois. Essas tricas nem sempre foram provocadas por eles, e vieram a público numa altura problemática entre os próprios jogdores, e entre eles e os seus técnicos. A verdade é que essas situações apenas se desenrolaram num plano de um relacionamento mais íntimo, ao nível da amizade, e nunca afectaram o entendimento inteligente que sempre revelaram quando têm de actuar juntas*».

Nos dois últimos confrontos de Portugal para a Taça Davis (o ano passado na segunda eliminatória, em Best, frente à Holanda, onde perdemos por 4-1, e agora em Accra), Santos Costa nunca optou por rodar um jogador suplente, no caso, Bernardo Mota, mesmo quando o resultado da eliminatória já estava encontrado. O que justifica esta filosofia do «capitão» português, tão contrária ao que, muitas vezes, se pratica entre outras selecções?

«*Não se trata de uma questão de filosofia, pois o Marco Secura até já jogou nas eliminatórias com a Roménia e a URSS. A opção por um suplente quando o resultado já está feito envolve demasiados factores para se poder simplificar numa única questão. «O factor mais importante prende-se com os regulamentos, que dizem claramente que os jogadores não podem ser substituídos (salvo em caso de lesão), embora isso aconteça, por vezes, como é sabido. Ultimamente houve pressões da FIT (Federação Internacional de Ténis) junto dos juízes-árbitros, no sentido de cumprirem rigorosamente essas normas, principalmente depois de há dois anos o Becker e o Wilander terem «aparecido» lesionados na derradeira jornada. «Deste modo, se eu quisesse substituir o Cunha e Silva pelo Bernardo ou pelo Pedro, teria de apresentar um documento (um formulário fornecido pela própria FIT) médico, onde fossem explicados os motivos impeditivos do Cunha e Silva actuar naquela competição. Convirá ainda dizer que o juiz-árbitro tinha feito sentir perante a comitiva do Ghana que queria ver os melhores jogadores em acção, independentemente dos resultados. No entanto, se eu tivesse notado qualquer intenção do seleccionador do Ghana em proceder a alguma substituição, teria feito provavelmente o mesmo.*»

Depois de ultrapassados os africanos, os portugueses terão de viajar para outro continente, pois defrontarão, de 2 a 6 de Maio, na segunda eliminatória, a poderosa selecção soviética, uma forte candidata à subida ao grupo mundial (primeira divisão). Com tenistas famosos como Andrei Chesnokov (16.º do «ranking» ATP), Alexander Volkov (65.º) e Andrei Cherkasov (89.º), os soviéticos partem naturalmente como favoritos frente a Nuno Marques (157.º) e Cunha e Silva (174.º). Normal, pois, que Santos Costa começasse já a preparar a longo prazo a participação portuguesa em 1991, mas o director-técnico nacional não se mostrou de acordo, não se dando por vencido:

«*Neste momento estou a planear a digressão a URSS. Os soviéticos são favoritos, mas se é verdade que eles têm jogadores experientes, os nossos também têm melhorado, e com a mentalidade ganhadora que esta equipa já atingiu, vamos à União Soviética para tentar vencer*».

Optimismo sempre bem-vindo, principalmente se nos recordarmos que, em 1988, a URSS veio a Portugal, derrotar a selecção nacional por 5-0, no Estádio Nacional, tendo ambas as formações apresentado já os mesmos jogadores actuais.

Hugo Ribeiro

Nigel Mansell: golfe muda-o para Portugal

Nigel Mansel (o campeão britânico de Fórmula Um) e o antigo futebolista Humberto Coelho estão, hoje e amanhã, entre os concorrentes que, em Tróia, vão disputar um torneio de golfe em representação das principais publicações especializadas nessa modalidade desportiva em toda a Europa. Nigel Mansell (de «handicap» dois) fará parte da equipa dos pesidentes de clubes, enquanto Humberto Coelho integra o conjunto da «Golfe Magazine» portuguesa.

O torneio, organizado pela «Golfe Magazine» (com o apoio da Região de Turismo da Costa Azul e de Tróia-Torralta) será disputado por 14 equipas (42 jogadores), em representação das publicações de golfe mais credenciadas da Europa, desde a «Golfe World» à «Golf Monthly» e «Golf Digest». Entre os jornalistas contam-se jogadores de baixo «handicap» (abono), como o sueco Martèn Nilehm (um), o inglês richard Simmons (dois) e o espanhol José Figar (cinco). Muitos dos concorrentes estrangeiros vão continuar mais alguns dias em Portugal, para efectuarem reportagens sobre o golfe português para as respectivas publicações, a maioria das quais de distribuição mundial.

A propósito: as preocupações ecológicas são, cada vez mais, uma constante dos nossos dias, mesmo para o cidadão comum. Por isso, é natural que quando nasce uma nova estrutura onde o desporto tem um papel importante, o respeito pelo meio ambiente seja uma preocupação. É o caso de «Pine Cliffs Golf & Country Club», um clube de golfe presidido por Nigel Mansell e também um empreendimento turístico de qualidade, que está a ser implementado na zona da praia da Falésia, em Albufeira.

Cumprindo o preceituado internacionalmente, desde o início do projecto que o referido empreendimento revela preocupação pela preservação dos velhos pinheiros existentes no local. Isto levou a que o campo de golfe do aldeamento (cores desportivas defendidas por Daniel Silva, o nosso melhor golfista) fosse concebido por forma a integrar-se perfeitamente na paisagem.

Para que isso fosse possível, os responsáveis por «Pine Cliffs» chegaram ao ponto de efectuar tranplantes e plantações de flores raras e de jovens pinheiros noutros locais, ao longo do percurso do campo de golfe. Por outro lado, foi implantado um sistema de rega que não só alimenta o «green», como dá às plantas e pinheiros a água de que necessitam para um bom desenvolvimento. Os cuidados foram a ponto de o «design» do campo ter sido concebido tendo em conta a flora existente e «Pine Cliffs Golf & Country Club» é (como diz Nigel Mansell *um exemplo de que o homem pode trabalhar em sintonia com a natureza e não contra ela*». E o popular piloto conclui: «*estou verdadeiramente apaixonado pelo vosso país. Já por cá tenho casa: e para aqui vou trazer todos os amigos que puder*».

Futebol : campeonatos voltam

Amanhã: Feirense-Estrela da Amadora, Sporting-Beira Mar e Chaves-Boavista (transmitido directamente pela RTP-2)

Depois de mais uma eliminatória da Taça de Portugal, regressam os campeonatos nacionais de futebol, com o seguinte programa para o próximo fim-de-semana:

1.ª Divisão

Chaves - Boavista; Tirsense - União da Madeira; Feirense - Estrela da Amadora; Braga - Belenenses; Marítimo - Vitória de Setúbal; Benfica - Vitória de Guimarães; Sporting - Beira Mar; Portimonense - Nacional e Futebol Clube do Porto - Penafiel.

2.ª Divisão

Zona Norte: Marco - Trofense; Aves - Leixões; Gil Vicente - Varzim; Infesta - Paços de Ferreira; Joane - Famalicão; Freamunde - Felgueiras; Rio Ave - Fafe; Maia - Vizela e Vianense - Bragança.

Zona Centro: Oliveira do Bairro - Benfica de Castelo Branco; União de Lamas - Oliveirense; Académico de Viseu - Peniche; Guarda - União de Leiria; Académica de Coimbra - Lousanense; Mirense - Marialvas; Caldas - Mangualde; Salgueiros - Espinho e Covilhã - Águeda.

Zona Sul: Torreense - Lusitano de Vila Real de Santo António; Juventude - Farense; Portalegrense - Alverca; Sintrense - Seixal; Olivais e Moscavide - Atlético; Estoril - Barreirense; Silves - Samora Correia; Olhanense - Lusitano de Évora e Loulenato - «O Elvas».

3.ª Divisão

Série A: Celoricense - Mirandela (0-0 na 1.ª volta); Caminha - Lanheses (0-1); Santa Maria - Ponte da Barca (1-0); Moreirense - Ribeirão (0-0); Esposende - Maria da Fonte (1-1); Delães - Amares (0-1); Valdevez - Prado (0-1); Vila Pouca - Vieira (0-1) e Macedo de Cavaleiros - Valpaços (1-1).

Série B: Régua - Leça (0-3 na 1.ª volta); Paredes - Sandinense (0-1); Pedrouços - Cinfães (2-3); Valonguense - Amarante (0-0); Lourosa - Lixa (0-1); Lousada - Rio Tinto (4-2); Paivense - Sanjoanense (0-2); Valadares - Vila Real (1-1) e Ermesinde - Santa Marta (1-0).

Série C: Estarreja - Valecambrense (0-1 na 1.ª volta); Alba - Gouveia (0-1); Oliveirinha - Mealhada (1-1); Mortágua - Anadia (0-4); Sabugal - Tabuense (0-3); União de Coimbra - Santacombadense (0-1); Luso - Argus (1-1); Seia - Valonguense (1-4) e Ovarense - Oliveira do Hospital (1-1).

Série D: União de Santarém - Marinhense (2-0 na 1.ª volta); Alcains - Ferrel (1-2); Nazarenos - Marrazes (2-1); Estrela de Portalegre - Mirandense (0-4); União de Tomar - Torres Novas (1-1); Alcanenense - Castelo de Vide (0-1); Desportivo de Fátima - Alcobaça (0-2); Alfeizerense - Naval (2-2); e Bombarralense - Sertanense (2-2).

Série E: Loures - Sacavenense (1-1 na 1.ª volta); Fanhões - Vila (0-0); Portosantense - Futebol Benfica (1-4); Praiense - Odivelas (1-2); Cacém - Cartaxo (0-2); Câmara de Lobos - Lusitano dos Açores (0-0); Santa Clara - Oriental (0-4); Fronteirense - Borbense (0-1) e Campomaiorense - União de Almeirim (1-1).

Série F: Caparica - Esperança de Lagos (0-5 na 1.ª volta); Leões de Tavira - Imortal (2-1); União de Santiago - Amora (0-1); Moura - Estrela de Vendas Novas (2-2); Palmelense - Quimigal (1-2); União de Montemor - Beja (1-2); Montijo - Vasco da Gama (3-0); Sesimbra - Trafaria (2-1) e Quarteirense - Almancilense (0-1).

Antecipações — a Federação de Futebol autorizou antecipações. Para amanhã, na *1.ª Divisão*: Feirense - Estrela da Amadora (15 horas); Sporting - Beira Mar (15.30); e Chaves - Boavista (21 e 30, com transmissão directa pela RTP-2). *2.ª Divisão*: Académica - Lousanense (15 horas). *3.ª Divisão*: Ovarense - Oliveira do Hospital e Estrela de Portalegre - Mirandense (ambos marcados para as 15 horas).

Castigos

O defesa Casaca, do Boavista, foi suspenso por dois jogos pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, que aplicou ainda uma partida de suspensão a quatro outros jogadores da Primeira Divisão.

Casaca foi castigado por ter sido advertido pela quinta vez esta época com o cartão amarelo, no jogo de domingo, frente ao Gil Vicente, para a quarta eliminatória da Taça de Portugal.

Os jogadores punidos com uma partida de suspensão foram Vítor Paneira (Benfica), Carlos Alberto e Rui Manuel (ambos do Penafiel) e Leiz (Nacional da Madeira), todos por indisciplina na última ronda da Taça de Portugal.

O Conselho de Disciplina federativo aplicou ainda duas multas ao Penafiel, ambas de 10 000 escudos, por falhas dos penafidelenses na terceira e quarta eliminatórias da Taça.

Cartão Jovem

Os portadores do Cartão Jovem beneficiam de desconto na aquisição de bilhetes para todos os jogos da 19.ª jornada do Nacional maior de futebol, excepto no Benfica - Guimarães.

EM AGENDA

Para além dos encontros de futebol que terão lugar em Alvalade, Santa Maria da Feira e Chaves, amanhã estarão em desfile os diversos campeonatos das diversas modalidades. Vejamos:

Andebol: São Mamede - Francisco de Holanda, no Pavilhão de São Mamede; TAP - Académica, no Pavilhão da Ajuda; Fafe - Belenenses, no Pavilhão de Fafe; Futebol Clube do Porto - ABC, no Pavilhão Dr. Américo Sá; Boavista - Benfica, no Pavilhão Garcia da Horta e Vitória de Setúbal - Sporting, no Pavilhão Académico de Velge, todos os jogos às 18 horas.

Basquetebol: Imortal - Guifões, no Pavilhão de Albufeira, às 16 horas; Sporting - Estrelas da Avenida, no Pavilhão de Alvalade, às 18 horas; Futebol Clube do Porto - Ovarense, no Pavilhão das Antas, às 15.30 horas; Beira Mar - Ginásio Figueirense, no Pavilhão do Beira Mar, às 17.30 horas e Barreirense - Esgueira, às 18 horas, no Pavilhão de Almeirim, às 21 horas.

Campeonato Nacional da I Divisão (seniores femininos): Olhanense - Académico, no Pavilhão Municipal de Olhão, às 16 horas; Escola Secundária da Amadora - Estrelas da Avenida, no Pavilhão Municipal da Amadora, às 21.30 horas e CIBF - CIC, no Pavilhão da Escola Carolina Michaellis, às 16 horas.

Hóquei em patins: Óquei Clube de Barcelos - Académica; Paço de Arcos - Oliveirense; Sanjoanense - Grundig; Sporting - Turquel; Sporting de Tomar - Futebol Clube do Porto e Valongo - Quimigal.

Râguebi: Académica - Belenenses, no Estádio Universiário de Coimbra, às 15 horas; Direito - CDUL, no Estádio Universitário de Lisboa, às 14 horas; Agronomia - Lousã, na Tapada, às 15 horas; e CDUP - CRAV, no Estádio Univerisário do Porto, às 15 horas.

Voleibol: Leixões - Grundig, às 21.30 horas; Benfica - Académico de Espinho, às 18.30 horas e Sporting - Sporting de Espinho, às 14 horas.

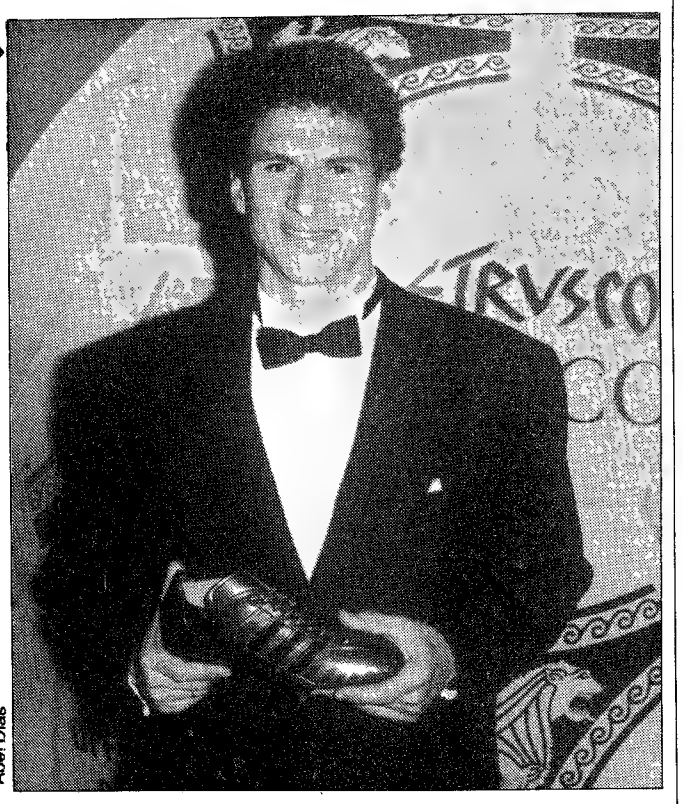
Campeonato Nacional da I Divisão (seniores femininos): Boavista - Fluvial Portuense, às 18 horas; Leixões - Benfica, às 17 horas e Estrelas da Avenida - CDUL, às 18 horas.

foot
CADA VEZ MAIS A SEU GOSTO!

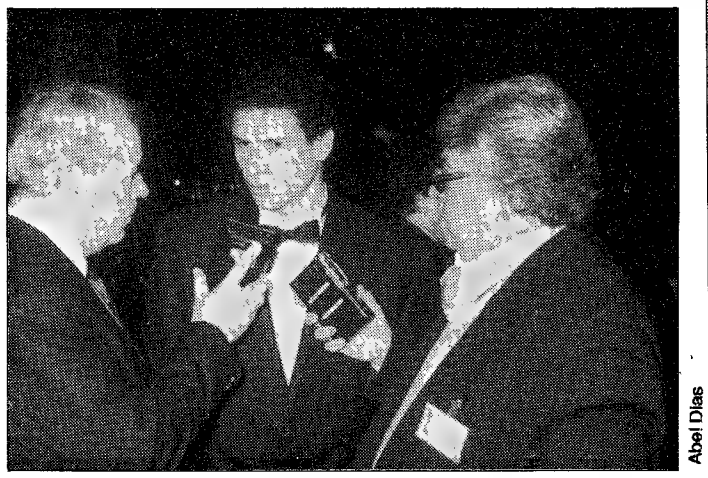
JÁ À VENDA

Simpaticamente, na «grande gala do futebol mundial»

Baltazar: «Há cinco anos estive no Benfica!» (3)



Abel Dias



Baltazar: o ponteiro do ataque do Atlético de Madrid (1.º brasileiro dinstinguido como goleador na Europa) fala para Portugal. Ribeiro Cristóvão (Rádio Renascença) e o «DL» recolhem as palavras do colega de Paulo Futre

Do nosso enviado especial

Colónia (RFA) — «*Exacto: pode escrever isso mesmo. Há cinco anos estava tudo tratado com o Benfica. Verbas acertadinhas com o presidente do Botafogo (que era o seu clube no Brasil) e com Fernando Martins. Todas as condições estavam preto no brancop. De repente, nunca soube porquê, avancei para Espanha sem passar pelo futebol português. Nunca consegui saber quem estragou o primeiro negócio...*

Baltazar Maria de Morais: 35 golos pelo Atlético de Madrid, na última época.Ficou a um tento de Coras e a oito de Mateut, os romenos que *limparam* ouro e prata na «Grande gala do futebol mundial», agora transportada de França e do Mónaco para esta cidade alemã de onde a «Adidas» atira seus tentáculos por esses países fora. Baltazar (homem-golo do «team» presidido pelo controverso Gil y Gil e treinado pelo muito discutível Javier Clemente) que se tornou o 1.º brasileiro a subir ao pódio na festa dos melhores fuziladores de redes:

— *Estou muito contente. É uma emoção muito grande, porque é um prémio ao mérito que não foi dado por nenhum júri mas pela minha própria conquista. É representativo em toda a Europa e na América do Sul. Fico muito agradecido aos meus colegas do Atlético de Madrid (que me ajudaram muito na conquista de golos), à minha família (quero realçar a minha mulher, que sempre me incentivou a fazer mais e melhor, compreendendo perfeitamente a vida de um profissional de futebol) e, sempre, por cima de todas as coisas, dou graças a Deus, porque foi Ele que me deu força para conseguir chegar a este momento da minha carreira.*

Contudo, o facto de ser o melhor goleador brasileiro na Europa, não me dá o direito de exigir obrigatória integração no «escrete» que vai ao «mundial». Realmente, tenho essa esperança: seria algo de maravilhoso poder completar a minha vida com um título mundial, mas sei que é difícil, porque o Brasil tem grandes jogadores e há uma série de dificuldades até se conseguir chegar às preferências do técnico Lazaronni...

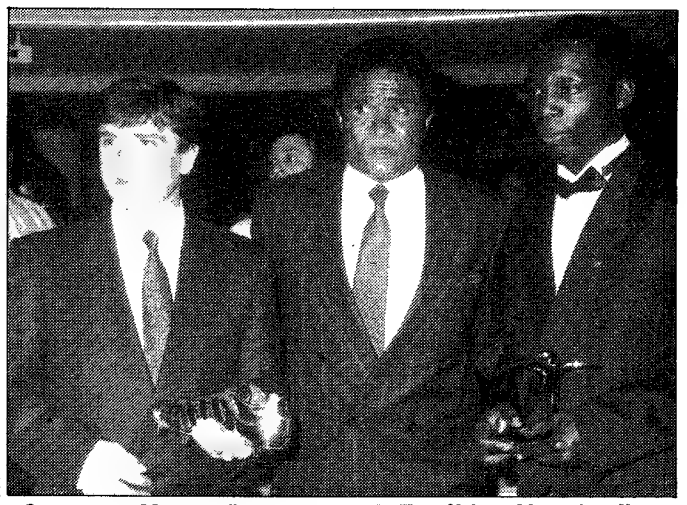
Baltazar recorda:

— *Participei na Copa América, depois na Taça dos Libertadores. A partir daí já não tive outra oportunidade de jogar pelo Brasil: e creio que esse objectivo está a ficar distante, embora ainda possa acontecer qualquer coisa de bonito, porque continuo a ter uma ponta de esperança.*

Fala-se de compatriotas de Baltazar no nosso futebol: Silas, Valdo, Ricardo, Aldair, Douglas, Branco...O *camisa nove* dos «colchoneros» adianta logo:

— *Conheço todos eles, praticamente estivemos juntos na selecção. Mas, o que mais considero amigo é o Silas, que é da minha religião, meu irmão em Cristo.E tem também o Ivan, que joga no Beira-Mar e é como se fosse da minha família. Eu fico muito feliz com o sucesso deles em Portugal, que é um mercado muito importante, muito fascinante, e os jogadores e técnicos brasileiros têm aí influência em todo o futebol.*

Aliás, entendo que o Brasil tem alta capacidade, para ganhar o título mundial. Talvez nunca tenha estado numa Copa com uma safra de jogadores tão bons, um «team» com muito entrosamento, muita experiência, beneficiando de a maioria estar na Europa.



Abel Dias

O romeno Mateut (bota de ouro), Eusébio e Vata (melhor goleador do nacional da última época)

— E o outro futuro, Baltazar?

— *A Itália é sempre um alvo de todos os profissionais porque ali está o 1.º futebol de todo o mundo. Eu ainda tenho de esperar o final desta temporada para deitar contas à vida, definir o meu futuro. O Atlético de Madrid é uma equipa que está tendo grandes dificuldades para se afirmar no alto contexto do futebol europeu. Sempre tem lutado, mas não consegue chegar a ser campeão: às vezes acontecem problemas esquisitos, mas o «onze» vai procurando lutar...E aqui é de inteira justiça destacar o Futre, esse menininho que é enorme jogador e grande pessoa, que tenho o privilégio de ter a meu lado. Fico muito favorecido no campo e as suas jogadas, as suas iniciativas, os seus raides já me deram muitos golos, afinal o cumprimento da minha missão no estádio.*

Aparentando a maior sinceridade:

— *Pela sua rapidez, pela sua habilidade, pela fantasia dos seus lances, pela inspiração, considero o Paulo Futre um dos melhores jogadores do mundo. Pessoalmente, eu até poderia ter feito mais golos, se compreendesse sempre aquilo que ele vai fazer. Fora do campo, temos uma boa amizade. Ele é um rapaz muito tranquilo, muito humilde para a fama que tem.*

— Já viu jogar o João Pinto?

— *Não. Apenas treinou duas vezes connosco, mas teve aquele problema da contusão...*

Baltazar conclui:

— *Um dia, gostaria de jogar no vosso país. É um mercado com muitos atractivos, que está ligado directamente ao público brasileiro e, assim a gente não esquece. Uma equipa como o Benfica, o Sporting ou o Porto tem representação muito grande em toda a Europa e lá pela minha terra. Quem sabe: pode ser que o destino ainda me leve ao futebol português!*

A ceia, no ostensivo e deslumbrante Hotel Meritim, ia encerrar o fascinante desfile das «estrelas» dos relvados. Dino Zoff, o antigo e grande guarda-redes transalpino agora treinador da Juventus, estava de cara fechada:

— *Fui totalmente colhido de surpresa pela demissão do presidente Boniperti, que estava à frente do meu clube, desde 1971 e é unanimemente considerado como pessoa da máxima confiança da família Agnelli, minha verdadeira entidade patronal. Dizem por aí que Boniperti tinha manifestado interesse em contratar Platini para o meu lugar, mas não acredito nisso, até porque os «tifosi» da Juve estão satisfeitos com o comportamento da equipa.*

Falar de Rui Barros? Do «picolo»? É um bom jogador, que interessa a qualquer turma, mas que tem andado em baixa de forma por causa de uma lesão que demora a tratar. Quanto ao amanhã, nada posso adiantar: não sei se o Rui continua em Turim ou volta para Portugal, pois isso terá de ser tratado com o nosso vice-presidente (Vittorio Chiusano) que fica no lugar de Boniperti. Mas, em consciência: conto com o português até ao fim da época, depois se vê...

Ao nosso lado falava-se do futebol romeno: dos golos que foram acrescentados ao pecúlio de Camataru, apenas para «honra e glória» de Ceaucescu, família, apêndices e adjacentes. Ficava no ar a dúvida sobre a produtividade de Mateut e Coras, com muitas reticências prolongadas. Porém, os homens fortes da festa germânica desabafaram para o casal Feist, contando ao Luís e a Manuela Paulino:

— *Foi a própria «nova» Federação romena quem garantiu que, desta vez, os dois jogadores tinham (mesmo) feito o maior número de golos da Europa. A partir daí, tivemos de distinguilos com ouro e prata...*

Vira-se a página. Mateut e Coras não devem ficar para muito brilho na história futura, vão morar bastante longe de Eusébio que, entre a nossa paragem em Londres (para a BBC o ouvir, pela equipa de José Bastos) até voltarmos a Portugal, deu (no mínimo) uma dezena de entrevistas para as câmaras de TV. Se fizermos contas, ao que isso lhe rendeu (mais de 150 contos por entrevista) fica a saber-se quem mais ganhou com o passeio a Colónia.

Neves de Sousa

Gullit: a secreta esperança do pronto regresso

Gullit: travagem

Ruud Gullit: o famoso holandês do cabelo ripado continua fora das quatro linhas brancas. Distinguido como 3.º melhor futebolista mundial na última temporada (depois do compatriota Van Basten e do italiano Franco Baresi) foi à RFA brilhar na festa da «Adidas» e do «France Football». Afastado dos rectângulos desde 24 de Maio de 1989, já foi operado três vezes ao joelho direito e, ainda esta semana, tornou à clínica belga de Pellemberg, onde o cirurgião Marc Maertens garante que a mais recente intervenção médica vai possibilitar a Gullit estar apto para jogar no «mundial», em Itália. «*De qualquer modo* (disse-nos o artista dos relvados) *estou resignado ao que possa acontecer, de nada valendo dramatizar mais o meu caso. Espero que, em princípio de Março, já possa correr e saltar, para então os médicos darem autorização para voltar a defender a camisola do Milão*».

Entretanto, já se sabe: caso Gullit não recupere totalmente, os milaneses deitaram olhar para a sucessão: será o romeno Hagi o novo multimilionário do futebol transalpino.

Alemães de honra

Karlheinz Rummenigge (agora nos suíços do Servette, autor de 24 golos no último campeonato daquele país), Paul Breitner (outro grande internacional germânico, ligado por contrato de dez anos à difusão da Adidas pelo mundo) e o «kaiser» Franz Beckenbauer, (que foi o maior libero mundial) actual seleccionador da Alemanha Federal. Na gala de Colónia, foram particularmente dintinguidos: para além do compreendido chauvinismo, uma plateia maioritariamente alemã estava ali para aplaudir as suas figuras dos estádios.

I Série N.º 34
Dia 9 de Fevereiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças

Portaria n.º 95/90:
Alarga o quadro de pessoal da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros com um lugar de escriturário-dactilógrafo.

Ministério das Finanças

Portaria n.º 96/90:
Aprova o modelo n.º 13 a que se refere o artigo 117.º do Código do IRS.

Ministérios das Finanças e da Administração Interna

Portaria n.º 97/90:
Cria a Esquadra Policial, tipo A, de Agualva-Cacém.

Portaria n.º 98/90:
Cria a Esquadra Policial, tipo A, de Camarate.

Portaria n.º 99/90:
Cria a Divisão, tipo A, da Polícia de Segurança Pública de Vila Nova de Gaia.

Portaria n.º 100/90:
Cria a Esquadra Policial, tipo A, de Valongo.

Ministérios das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 101/90:
Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral da Indústria um lugar de assessor da carreira de engenharia.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 47/90:
Limita o uso e comercialização de diversas substâncias e preparações perigosas.

Ministério da Administração Interna

Portaria n.º 102/90:
Define a área de jurisdição da Esquadra da PSP do Seixal.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 103/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade de Agudos», «Boinhos» e outras, situadas na freguesia de Jeromenha, concelho de Alandroal.

Portaria n.º 104/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Pego da Moura», «Pericoto» e «Ribeiro de Macho», situadas na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, concelho de Alandroal.

Ministério do Comércio e Turismo

Decreto-Lei n.º 48/90:
Regula as medidas de salvaguarda do abastecimento.

CASA DAS GABARDINAS
Pronto a vestir • Modas
Homem • Senhora
SALDOS. SALDOS
Rua dos Fanqueiros, 130-132 – Tell. 87 43 51 – 1100 LISBOA

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - Céu geralmente muito nublado. Vento fraco e períodos de chuva fraca,em especial no litoral. Nevoeiro matinal. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 3 metros.

Regiões do Centro e Sul: - Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco e nevoeiro, em especial durante a madrugada e manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul, mar também encrespado ou de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 metro no Barlavento e inferior a um metro no Sotavento.

MADEIRA

Períodos de céu muito nubaldo e vento fraco ou moderado de Leste

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e Mar encrespado con ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Nordeste. Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco ou moderado de Nordeste.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste fraco a moderado. Abuaceiros fracos durante a madrugada e manhã. Mar de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 4 metros.

Grupos Central e Oriental: - Períodos de céu muito nublado. Vento Oeste fraco a moderado, rodando para Noroeste a partir da madrugada. Aguaceiros em especial durante a madrugada e manhã. Mar de pequene vaga a cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

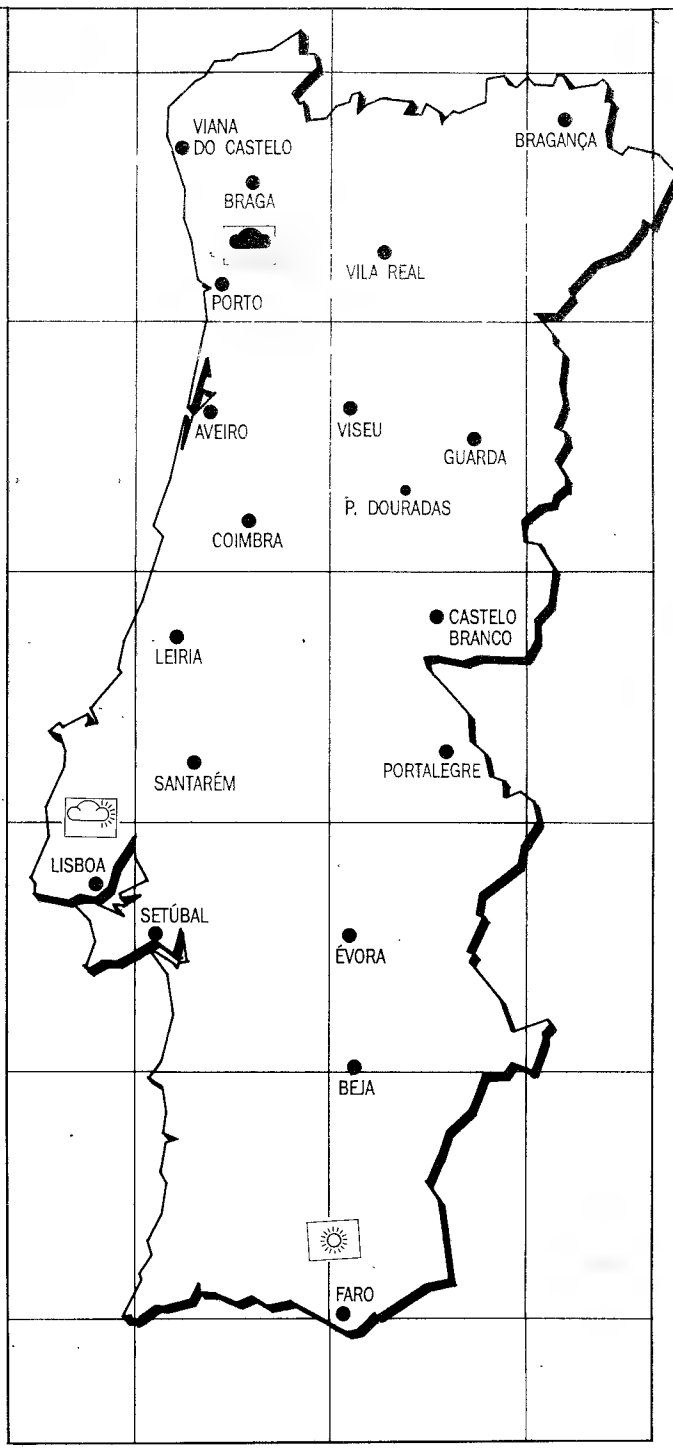
Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Sul.

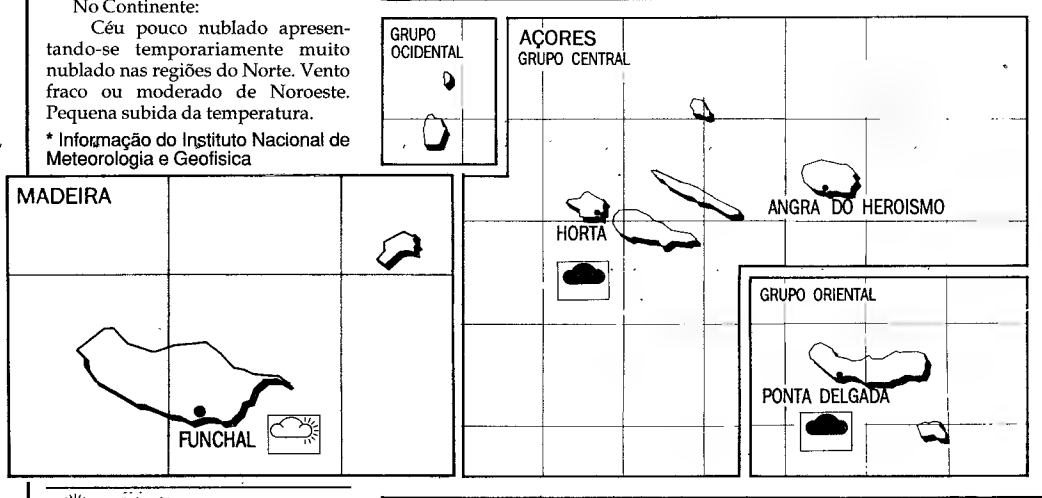
Amanhã

No Continente:

Céu pouco nublado apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Pequena subida da temperatura.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PRAIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.46	3,9m	08.39	0,7m
15.11	3,6m	20.43	0,7m

Amanhã

03.26	4,0m	09.14	0,6m
15.40	3,7m	21.18	0,7m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	11	11	Encoberto
V. Castelo	14	14	Chuva
Vila Real	12	12	Nevoeiro
Porto	14	14	Chuvisco
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	12	12	Nevoeiro
C. Carvoeiro	14	14	Encoberto
C. Branco	10	11	P. nub.
Portalegre	12	12	P. nub.
Lisboa	11	11	Neblina
Évora	10	10	Nevoeiro
Beja	9	9	Nevoeiro
Sines	12	12	Nevoeiro
Faro	11	14	P. nub.
Sagres	12	14	M. nub.
P. Delgada	15	15	Chuva
Horta	14	15	M. nub.
Funchal	12	12	Limpo

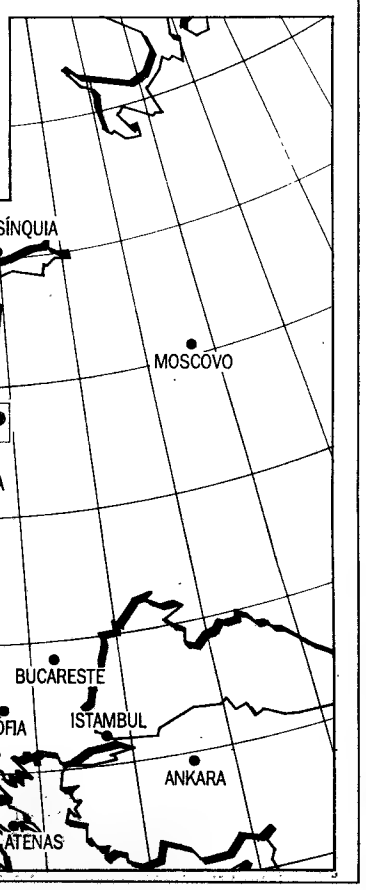
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 19; Porto, 15; Faro, 19; P. Delgada, 18; Funchal, 24.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	3	3	Nevoeiro
Londres	4	5	P. nub.
Paris	1	2	P. nub.
Bruxelas	3	7	P. nub.
Amesterdão	6	7	P. nub.
Genebra	1	1	Limpo
Roma	5	7	Neblina
Oslo	-1	3	P. nub.
Copenhaga	4	4	P. nub.
Estocolmo	-1	-1	M. nub.
Berlim	5	5	M. nub.
Viena	7	7	M. nub.
Varsóvia	4	4	M. nub.
Atenas	3	7	Limpo
Moscovo	2	2	Encoberto

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	3	5	P. nub.
Houston	15	23	Chuva
Los Angeles	8	19	Limpo
Montreal	1	5	Limpo
Nova Iorque	5	14	Chuva
S. Francisco	3	11	P. nub.
Toronto	-3	5	Limpo
Vancover	3	9	Chuva
Washington	4	12	Chuva
Hong Kong	8	16	P. nub.
Melbourne	1	7	P. nub.
Pequim	-5	2	Neblina
Perth	22	34	Chuva
Singapura	24	32	Trovoada
Sydney	18	24	Chuva
Tóquio	0	4	P. nub.
Wellington	10	18	P. nub.



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104 A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 363704; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja esq., Tel. 7588727; **Mercado do Chile:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha de França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 4104556; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Botto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema , Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira Melo, 21 B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279 **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A .Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Permanente; Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9242002. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Fran. Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, Rua Cabo da Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS
MÉDICO DE URGÊNCIA
766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa
Na linha do Estoril
O CABO AÉREO PARTIU-SE OUTRA VEZ
Oposição sulista à integração racial
REDUÇÃO DE TROPAS NA EUROPA?
O amor—tema do Carnaval do Rio

Oposição sulista à integração

«Vamos dizer ao presidente Nixon que não será reeleito se não nos der as nossas escolas», declarou ontem o antigo governador do Alabama e antigo candidato independente à presidência dos EUA, George Wallace, falando perante 11 mil pessoas, na cidade de Birmingham, estado de Alabama. À multidão entusiasta de brancos que se reuniu para o escutar, o tribuno sulista apresentou as delegações que vieram trazer o seu apoio aos que se opõem à integração escolar exigida pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Redução de tropas na Europa

O "Washington Post" publica hoje um artigo a dizer que a União Soviética começou a demonstrar certo interesse numa redução mútua de tropas em território europeu. O jornal, que não cita quaisquer fontes de informação, disse depreender-se que os russos haviam indicado poder estar praparados para considerar qualquer proposta nesse sentido.

Polícia argentino vê disco voador

Quando seguia ao volante do seu automóvel, numa estrada de Medanos, a 50 quilómetros de Bahia Blanca, um polícia argentino, Ricardo Radice, assistiu ontem de manhã, segundo afirma, às evoluções de um "disco voador", versão confirmada por outras pessoas. O disco voador - disse o polícia - voava a baixa altitude, quase a rasar a estrada, emitindo clarões vermelhos e azulados, desaparecendo em poucos segundos, a uma velocidade fantástica.

EFEMÉRIDES

1856

• Começa a publicar-se, em Lisboa, o jornal «Asmodeu», o primeiro periódico humurístico editado em Portugal.

1881

• Morre o escritor russo Fedor Dostoiewski.

1909

• Nasce, em Marco de Canavezes, a actriz Carmen Miranda.

1948

• Morre o realizador cinematográfico soviético Sergei Eisenstein.

1965

• Estudantes vietnamitas e chineses, à frente de cerca de dois milhares de jovens, atacam a Embaixada dos EUA em Moscovo, como protesto contra a acção militar norte-americana no Vietname.

1971

• Um sismo ocorrido em Los Angeles, EUA, causa cerca de 70 mortos.

1978

• Morre, em Estocolmo, o escritor sueco Harri Martinson, Prémio Nobel da Literatura em 1974.

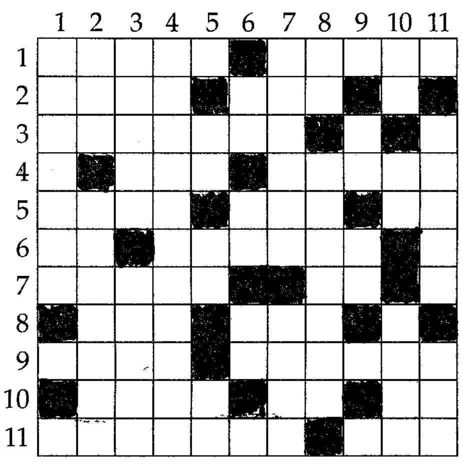
1984

• O Conselho de Ministros aprova um diploma que define o acordo entre os Governos de Portugal e de Espanha para a construção de uma ponte internacional sobre o rio Minho (no itinerário Sarne - Dublin - La Coruna - Ponte Vedra - Lisboa.

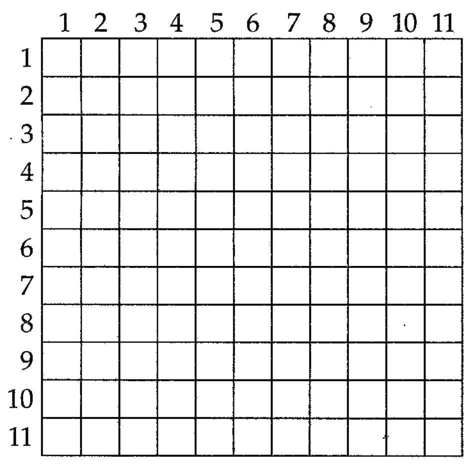
1988

• Morre a locutora portuguesa Maria Leonor, 67 anos.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17855



PROBLEMA N.º 16665

PROBLEMA N.º 17855

HORIZONTAIS:

1 - Tamanco rústico Ser racional.
2 - Cupido. Deusa (inv.).
3 - Pequenos tumores.
4 - Título honorífico na Índia. Substituição.
5 - Rumores. Interjeição usada para obrigar os distraídos a descobrir-se à passagem de qualquer símbolo respeitado. Preposição.
6 - Em o. Costumaram.
7 - Verbais. Solitário.
8 - Rio de França. Concedes.
9 - Capital do Gana, porto no golfo da Guiné. Aceirou.
10 - Poeta entre os gregos. Reis. Centímetro.
11 - Cidade da Argentina. Artilharia anti aérea.

VERTICAIS:

1 - Curto.
2 - Sapo do Amazonas. Órgão central da circulação do sangue.
3 - Animal bovino, do sexo masculino e não castrado. Serra de Portugal.
4 - Morta.
5 - Pronome pessoal. Ósmio (s.q.). Sufixo que designa estado.
6 - Preposição e artigo. Motivo (fig.). Contracção da preposição de com artigo.
7 - Madeira escura das Antilhas. Frágil.
8 - Compaixão (inv.). Saísses frequentemente à rua.
9 - Moderato. Pedra de moinho.
10 - Pertences. Cério (s.q.). Cratera.
11 - Sepultura. Artigo indefinido.

PROBLEMA N.º 16665

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Ósmio (s.q.). Preposição.
2 - Oportunidade. Da Polónia.
3 - Ondas curtas. Sacrificar.
4 - Limpa. Macacos americanos.
5 - Fulgir.
6 - Afastava.
7 - Fecho as asas para descer mais depressa. Brisa.
8 - Vela de moinho. Donzela de Orleães.
9 - Artigo indefinido (pl.). Prende com amarra.
10 - Tenho conhecimento de. Nome de letra. Monarca.
11 - Designásseis.

VERTICAIS:

1 - Paixão. Pronome reflexo. Emprega.
2 - Aborrecer. Estimes.
3 - Sufixo que designa estado. Progenitores. Suspiros.
4 - Incidirias.
5 - Anéis. Prefixo de privação.
6 - Preparara com ópio. Salário.
7 - Reúno. Gostas muito de.
8 - Rio de França. Caminhar.
9 - Que tem calos. Apre!
10 - Fúteis. Limpai com vassoura.
11 - Oceano. Assinalais.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 854

HORIZONTAIS: 1 - CASA. DE. Aal. 2 - Avisa. POBRE. 3 - Ditarei. Rãs. 4 - Idi. Crava. 5 - Soas. Boinas. 6 - Sras. 7 - Ar. Beco. 8 - Almada. Irós. 9 - CI. Mo. Arabá. 10 - Hospedar. Cr. 11 - Osso. Área.
VERTICAIS: 1 - Cádis. TACHO. 2 - Ávidos. Lios. 3 - Sitiaram. SS. 4 - Asa. Sarampo. 5 - Aru. Doe. 6 - Ba. DE. 7 - Épicos. Aa. 8 - Ri. Birra. 9 - Abrangera. 10 - Arava. COBRE. 11 - Lesas. Osaca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 664

HORIZONTAIS: 1 - Gontinhães. 2 - Leira. Aviai. 3 - To. Álitos. Riso. 5 - Anafa. Al. 6 - Abé. Ama. Uva. 7 - Al. Paxá. Id. 8 - ANI. Or. Solo. 9 - Charlas. Ut. 10- Ras. Ema. Res. 11 - Ar. Os. Mioma.
VERTICAIS: 1 - Glória. Acra. 2 - Oeta. Banhar. 3 - Ni. Elias. 4 - Tróia. 5 - Ia. Nápoles. 6 - Aramaram. 7 - Halifax. Sam. 8 - Avisa. As. 9 - Eito. Ouro. 10 - São. Aviltem. 11 - Isolado. Sa.

PROVÉRBIO: CASA DE POBRE, TACHO DE COBRE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Filme de Ron Howard, c/Steve Martin e Mary Steenburgen
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Filme de Euzhan Palcy, c/ Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
O CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
O CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
O CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/ Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
RAPOSA NEGRA
Filme de Fred Williamson
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
O GRITO DO SEXO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO EM MIAMI II
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
CEGOS, SURDOS E LOUCOS
Maiores de 12 anos.

A Vida é um Longo Rio Tranquilo — **PUB**
Em exibição sala 4 — **Quarteto** — **Maiores 12 anos**

ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
DOIS AMIGOS
DOIS DESTINOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
MARADOS À SOLTA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
INTERMEZZO
De Gregory Ratoff, c/Ingrid Bergman e Leste Howard, às 18.30 horas.
PEÇO A PALAVRA
De Frank Capra, c/James Stewart e Jean Arthur, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
VEREDICTO FINAL
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523

«Valmont» de Milos Forman, em exibição em várias salas de Lisboa

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
Com Sean Connery
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA

BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ÀFRICA TERRA
DE ESTRANHAS PAIXÕES
Filme de Chan Hoodley, c/Jane Cilliers e Sandra Prinfloo
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
GENTE ESTRANHA
Filme de Andrei Kouchalovsky
Maiores de 16 anos
Sessões às 19.15 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
O SEGREDO
DO IMPÉRIO DOS INCAS
Filme de Frank Kramer, c/ Conrad Nichold e Kelly London
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O GOLPE DO DRAGÃO
Filme de Larry Ludman, c/ King Stuart e Amy Baxter
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
ASSASSINATO
SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
DOIS AMIGOS
DOIS DESTINOS
Filme de David Sperstein
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
ASSALTO À 13ª ESQUADRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
MULHERES TARADAS
POR ANIMAIS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
O SEGREDO DO IMPÉRIO DOS INCAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
A VIDA É UM LONGO RIO TRANQUILO
Filme de Etienne Chatiliez
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE

CARTAZ

DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O NAVIO FANTASMA
Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
K-9 - O AGENTE CANINO
Filme de Rod Daniel
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
REGRESSO AO FUTURO II
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
ABSOLUTAMENTE LOUCOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas -
Telef. 4439759
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos

«SEVERA» de Júlio Dantas, com Lena Coelho, em cena no Teatro Maria Matos

Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CHUVA NEGRA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO

LISBOA

A BARRACA CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras- Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan.

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanço à 4ªFeira
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. e Feriados às 16 horas
SALADA
De Tristan Rémy, é um trabalho colectivo dos actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sába. e Dom. às 16 horas
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriados às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício.

.VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE...BATMAN'SO.

OUTRAS LOCALIDADES

.ESTORIL TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até Abril ,"Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai,

CARTAZ

Argentina, Brasil e Chile; nas galerias do Centro de Arte Moderna, a exposição "Panorama da Cerâmmica Espanhola Contemporânea".

PALÁCIO FOZ: até 17 de Fevereiro, uma exposição de pintura e escultura contemporânea aragonesa.

GALERIA ALMADA NEGREIROS - SEC (Av. da República, 16): até 25 de Fevereiro, diariamente das 10 às 20 horas, "Pintura Mexicana Contemporânea", com mais de duas dezenas de obras de 13 dos mais conhecidos artistas plásticos do México.

ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

ALFA MIXTA (Escola Gerais, 34): até 10 de Fevereiro, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura e Escultura de Liane katsuki, Romy Castro, Scoditti, Sobral Centeno e Verónica Nel.

ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.

EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107 C): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19 e sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19,30, Pintura de Miguel João.

GALERIA 111 (Campo Grande, 111): até 10 de Março, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30 e sábados das 10 às 13 horas, Pintura de Graça Morais.

GALERIA 601 (C. C. S. João de Deus . Av. António José de Almeida, 7): até 21 de Fevereiro, Pintura de João Monsanto.

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Pintura de Maria João.

GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15): até 18 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de Zé Penicheiro.

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 3 de Março, Pintura de Paulo Niza, Fotografia de Daniel Blaufuks e Design Gráfico de Victor Almeida.

GALERIA DO COLECCIONADOR (Forum Picoas): até 16 de Fevereiro, de segunda a sexta das 11 às 19, Pintura de Maria Antónia Santos.

GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13 horas, Pintura de Rui Viana.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 25 de Fevereiro, de terça a sexta das 15 ás 20 e sábados e domingos das 16 às 19 horas, Escultura de Joana Rosa - "Doodles" e Pintura de José Loureiro - "O Juramento".

GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do Faial, 14 A): Pintura de Luísa Costa Cabral.

GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial-Estrada de Benfica, 503): até 16 de Fevereiro, Colagens de Aníbal Alves.

GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, exposição de E. Cano e P. Feliciano.

GALERIA DA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4 r/c): até 19 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, uma exposição de Helena Mártires.

GALERIA JOÃO HOGAN (Voz do Operário): até 24 de Fevereiro, Pintura de António Bretano Pestana.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-bairro Alto): até 10 de Fevereiro, "Doodles" de Joana Rosa.

GALERIA MIRON (Rua do Mirante, 14 r/c): até 28 de Fevereiro, de segunda a sábado das 15 ás 20, Pintura de Lança Semedo "Veneza e Lisboa - Estenografia à Espátula".

GALERIA MONUMENTAL (Cª dos Mártires da Pátria, 101): até 25 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de José Drummond.

GALERIA MULTIFACE (C. C. Gemini, loja 65 - R. Sousa Lopes): até 18 de Fevereiro, Pintura de Pilar Sobral.

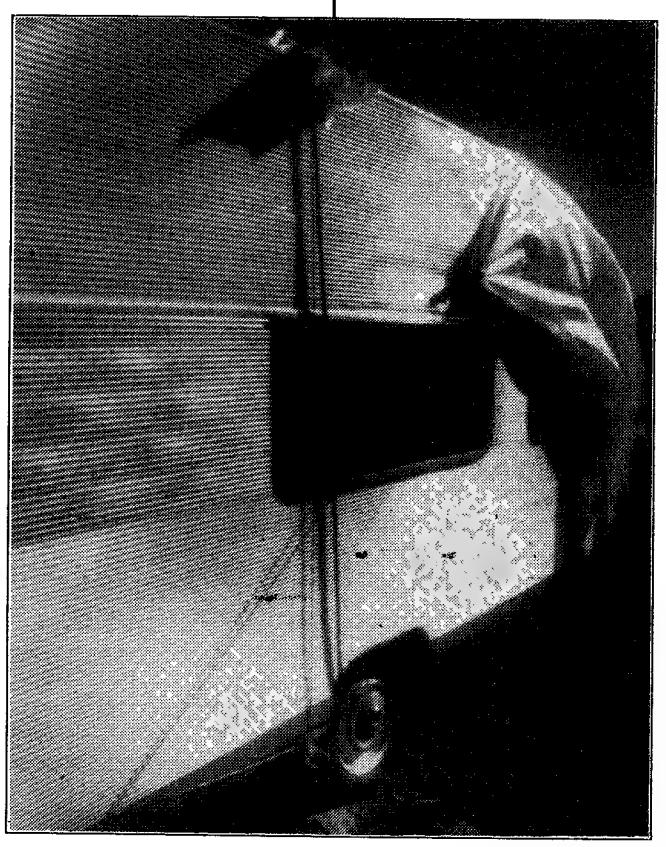
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 23 de Fevereiro, Pintura de Paulo Cardoso, Raquel Oliveira, Rocha Pinto e Sérgio Pombo.

GALERIA NASONI (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): Pintura de Noronha da Costa.

Martins Correia na Galeria de Arte do Casino Estoril

GALERIA SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 17 de Fevereiro, de segunda a sexta das 15 às 20 horas, Pintura de Artur Bual.

GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1): até 17 de Fevereiro, "salicária Tinctória" de Nicolau Tudela.



Fotografia de Paulo Roberto na Galeria de São Mamede

GALERIA DE SÃO MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 20 de Fevereiro, Fotografia de Paulo Roberto, "Claro-Escuro".

GALERIA SOCTIP (R. de Dona Estefânia, 195 D): até 6 de Março, a exposição "PALIMPSE[X]TOS", com obras de Francisco tellechea, Luísa Nogueira, Margarida Cepêda, Paulo Cardoso, Paulo Ossião e Vieira-Baptista.

ARREDORES

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 28 de Fevereiro, diariamente das 15 às 24 horas, escultura, cerâmica, desenho e pintura de Martins Correia. No Espaço 2, até 21 de Fevereiro, Pintura de Isabel teixeira de Sousa - autora distinguida com menção honrosa no Salão de Primavera de 1989.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** A Europa dos Doze; **20.30:** Musical; **21.00:** Passos Perdidos; **21.30:** Livre e Directo. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Falar Cinema - Uma entrevista com o escritor e cineasta Alain Robbe-Grillet; **17.30:** Música para conjuntos de sopro; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Música concertante de Rachmaninoff; **19.25:** Álbum Musical. - Obras de Verdi, Weber, Liszt, Gounod, Tschaikovsky, Chabrier, Rachmaninov, Sibelius, Beethoven e Fauré; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Alfa e Omega; **21.45:** Canções sem Palavras, livro 1, OP. 19, de Mendelssohn; **22.00:** Música Antiga. Obras de Telemann, Monteverdi, François Couperin e Bach; **23.00:** Sinfonia n.º 3 em ré menor, de Bruckner; **24.00:** Música de Câmara. Obras de Mozart e Brahms; **01.00:** Música para bailado. Daphnis et Chloé, de Ravel; **02.00:** Jazz na Madrugada. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiário de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiário de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiário de hora a hora.

BAZAR DA RUA DO CONDE, LDA.

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e dois de Novembro do ano em curso lavrada a folhas cinquenta e uma e seguintes do livro de notas número Sessenta e Nove-I, das notas do Vigésimo Primeiro Cartório Notarial de Lisboa, e referente à sociedade em epígrafe e com sede nesta cidade na Rua do Conde, número trinta e quatro, Amândio Duarte cedeu a sua quota do valor nominal de duzentos mil escudos a Ana Rita Folque Leitão, tendo o cedente renunciado aos seus poderes de gerência que vinha exercendo na sociedade e a sócia Silvina Coelho Duarte Gameiro cedeu igualmente a sua quota do valor nominal de duzentos mil escudos a José António de Vilhena Arantes Pedroso. Pela mesma escritura os actuais sócios nomearam gerente da dita sociedade a mesma sócia Ana Rita Folque Leitão.

Está conforme o original. Lisboa e Vigésimo Primeiro Cartório Notarial aos vinte e dois de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove.

A Ajudante
Isabel Maria Esteves dos Santos de Saraiva Santana

I.A.T.A.

I.A.T.A.

I.A.T.A.

FUNDADO EM 1966

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Alvará do Ministério da Educação e credenciado pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DE 4 A 20 MESES

• **ÁREA DE INFORMÁTICA**
ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES NAS LINGUAGENS – C – COBOL – BASIC – RPGII – PASCAL – LOTUS 123 – dBASE III – IV
MICROPROCESSADORES – ANÁLISE DE SISTEMAS – TELEPROCESSAMENTO

• **ÁREA DE GESTÃO**
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
CONTABILIDADE GERAL ou ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL – INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE – IRS/IRC – FISCALIDADE – ANÁLISE DE PROJECTOS E INVESTIMENTOS – CÁLCULO FINANCEIRO – GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS – GESTÃO DE STOCKS – GESTÃO FINANCEIRA – GESTÃO COMERCIAL MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS – GESTÃO DE PRODUÇÃO – GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIVERSOS
COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, JORNALISMO E PUBLICIDADE
HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS – ASSISTENTES DE RECEPÇÃO – SECRETARIADO DE DIRECÇÃO – DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – CAD (Desenho Assistido por Computador) – DESENHADOR DE MÁQUINAS – TOPOGRAFIA – MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES

PROFISSÃO – ACTUALIZAÇÃO – VALORIZAÇÃO – ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO – INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Palácio dos Duques de Bragança – Rua Vítor Cordon, 45 – 1200 LISBOA – Telefs. 371032 – 325577
Telex 43331 – Telefax 371032 – Informações das 9.30 às 19.30 h. ininterruptamente

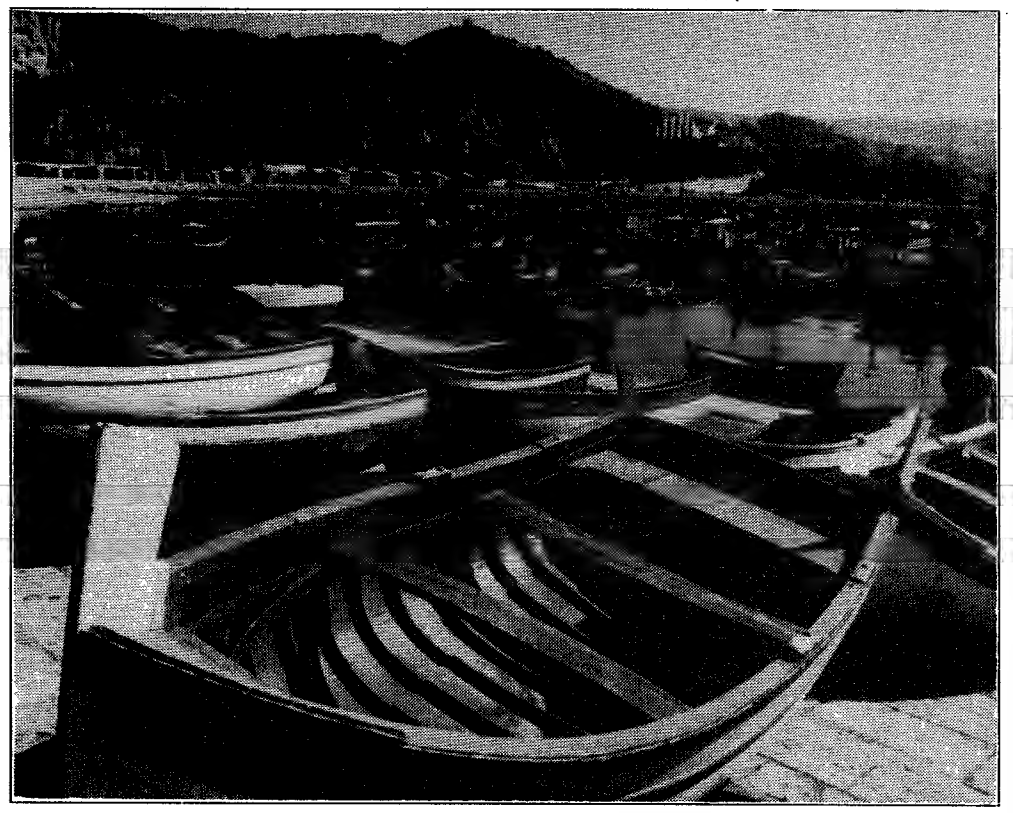
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.25 - RUA SÉSAMO
70ºepisódio: A primeira parte desta emissão infantil é preenchida com duas canções: uma sobre o alfabeto e outra sobre o medo. Os mais pequenos podem ainda assistir a um dia na vida de um menino da Guiné.
18.55 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.20- BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
21.20 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
6º programa: O impacto do património natural da Serra da Arrábida e da costa atlântica é o tema desta emissão, que fará uma breve introdução histórica sobre Palmela e a arte quinhentista da região de Azeitão. A equipa dirigida por Francisco Manso leva-nos ainda até ao Cabo Espichel, com uma passagem pela Ermida da Memória.
21.35 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.25 - TELEMUNDO
22.55 - CHEFE, MAS POUCO
23.25 - 24 HORAS
00.00 - REMATE
00.10 - PELA NOITE DENTRO
"A Sombra do Passado": Um filme de Irving Reis, com Edward G. Robinson, Burt Lancaster e Mady Christian. Joe Keller é dono de uma fábrica numa pequena cidade norte-americana. O governo de Washington acusa-o, entretanto, de vender material danificado durante a guerra, mas Joe escapa à condenação, ao contrário do seu sócio, Herbert Deever, que se encontra preso. An Deever, filha de Herbert, regressa à cidade a convite de Chris Keller, filho do sócio de seu pai, com quem cresceu. Os dois jovens vão passar o resto das suas vidas a tentar encontrar uma explicação para o que se passou com as suas famílias. Duração: 90 minutos.



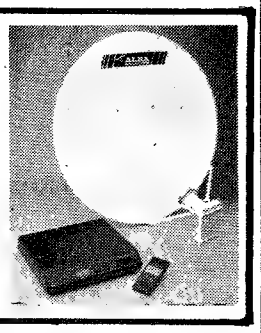
Sesimbra em "Caminhos de Portugal", no 1º Canal às 21.20

RTP-2

16.55 - 3, 2, 1 CONTACT
17.25 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - HAJA MÚSICA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
"O Homem da Carabina" e "O Homem Invisível"
20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
21º episódio: É grande o movimento no baptizado de Tereza, filha de Beija. Carneiro de Mendonça aceita o convite para a festa, o que deixa a família Sampaio bastante irritada. Gaudêncio procura Augusta para pedir Carminha em casamento, e ela sente que nele reside, de facto, a salvação da filha. Beija promete, entretanto, fazer da filha uma mulher honesta, enquanto Avelino insiste em declarar a sua paixão a Josefa. Esta, temendo o rumo desse amor, cancela as aulas de música. António conta a Aninha que viu Beija e pede-lhe que o ajude a cumprir a promessa que fez a Maria.
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES

No 2º Canal às 21.30, "Dona Beija"

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

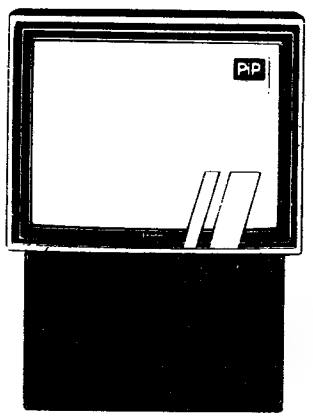
RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - SESSÃO DA TARDE
"Uma Escola Americana"
17.05 - DESENHOS ANIMADOS
17.30 - VIVAMÚSICA
18.15 - RICARDINA E MARTA
19.15 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - A MORGADINHA DOS CANAVIAIS
Último episódio
22.15 - Clif Richard
23.30 - CINEMA DA MEIA NOITE
"A Última Sessão"

RTP-2

09.01 - VIA RÁPIDA
09.55 - O JOGO DOS DISPARATES
10.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
13.15 - UM SOLAR ALFACINHA
14.15 - UM LONGO CAMINHO SILENCIOSO
15.00 - ESTÁDIO
19.15 - MUSIC BOX ESPECIAL
20.20 - O MEU IRMÃO TOM
1º episódio
21.15 - ESTÁDIO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
PELA NOITE DENTRO
RTP 2
DONA BEIJA
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Portugal é o único país da Europa onde se discute a atribuição de um canal de televisão à Igreja.»

Alberto Arons de Carvalho, «Tempo», 08.02.90

A PERGUNTA DO DIA

Amélia Leitão
Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários

Por que é que a natalidade continua a diminuir em Portugal?

«A descida da natalidade em Portugal teve início durante a década de 60, podendo atribuir-se à forte emigração da população em idade de trabalhar e de procriar a causa próxima deste fenómeno. Mais recentemente, têm sido os factores de ordem cultural, social e económica os principais responsáveis pela limitação do número de filhos por parte dos casais. O envolvimento cada vez maior da mulher portuguesa no mercado de trabalho, as dificuldades de ordem económica e social, os problemas ligados à habitação, a fixação dos casais jovens longe da área de residência dos pais (que poderiam dar apoio), uma legítima aspiração das famílias portuguesas a um nível e um estilo de vida que, regra geral, não é compatível com a existência de vários filhos, etc., serão alguns dos problemas que na realidade podem influenciar este fenómeno. Aliás, em toda a Europa depois do *baby-boom* do pós-guerra, verificou-se um decréscimo da natalidade que começou nos países mais evoluídos e de população mais envelhecida. Na Espanha, por exemplo, que tem uma população um pouco mais jovem que a de Portugal, tem-se assistido a uma diminuição da natalidade ainda mais forte do que a verificada no nosso país.»

Segunda-feira no
Diário de Lisboa
Os últimos bastiões do comunismo em Grande Angular
«O poder local e a corrupção» por Francisco Salgado Zenha
A crónica de Artur Portela
Artigos de Alfredo Margarido e J.M. Paquete de Oliveira

O D.L. SUGERE

a Fernando Collor de Mello

Leia ANEDOTAS DE SALA, um livro de António Sala. Aproveite a visita «relâmpago» a Portugal para comprar este *best-seller* do anedotário nacional. É conhecido o seu gosto por este género literário, que alguns dizem menor. Em Portugal também se cultiva a anedota e o inefável António Sala não se cansa de a divulgar. De tantas relatar acabou por reuni-las numa antologia. Nem sempre tem graça, mas este é o risco de quem quer fazer humor...

ANEDOTAS DE SALA

a João de Deus Rogado Salvador Pinheiro

Vá ao PERESTROIKA, um bar lisboeta premonitoriamente instalado nas imediações da Rua da Esperança. Agora que é presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa e parece empenhado numa Casa Comum com o Leste, só terá a ganhar com uma reestruturação da sua agenda de contactos nocturnos. Além do mais poderá ler as últimas do *Pravda* nas paredes do bar e experimentar os prazeres do *vodka*. Não se faça rogado que o Leste bem precisa de um salvador...

RÁDIO BENFICA
O.M. R.COMERCIAL
um programa de JOSÉ LAFÉRIA, RUI MORISSON e JOSÉ LUÍS SANTOS
FRANCISCO SILVA
Encontros Imediatos do 3.º Grau
O Bilhar Pool
e também FM LISBOA 100 3

a Francisco Silva

Não perca a RÁDIO BENFICA, um programa de José Laféria, aos sábados, das dez às onze, na onda média da Rádio Comercial. Por ter dirigido o Setúbal-Benfica, no último domingo, tornou-se uma das figuras mais faladas na informação desportiva. Mereceu mesmo, até, uma conferência de Imprensa em que o clube da Luz justificou a derrota com a sua arbitragem. Agora, é na Rádio que os seus apitos vão ser julgados. Ouça-os para não ficar fora-de-jogo.

a Hermínio Martinho

Veja A ÚLTIMA SESSÃO, um filme de Peter Bogdanovich, amanhã, pelas 23 e 30, no primeiro canal da RTP. Algures no Texas, um cinema fecha as suas portas num ritual de despedida em que contracenam Cybill Shepherd (a de *Modelo e Detective*) e Jeff Bridges. Não é o caso do PRD, mas tão-só do seu líder que já anunciou abandonar a presidência pois, segundo disse, «é preciso demonstrar que o partido não tem só o Martinho»...

Grupo de trabalho sobre assuntos sociais
NÚMEROS CLAUSUS, P.G.A.
DIREITO AO ENSINO
DIREITO À EDUCAÇÃO
Diário de Lisboa
SEGUNDA-FEIRA

meteorologia

As pernas do PM

Não, não irei chamuscar o nosso PM; já chega o que há. Aliás, considero pouco elegante da última coluna do jornal querer acrescentar algo sobre uma personagem da primeira página. E, se me baseio nalgumas linhas respigadas da introdução da famosa entrevista com Cavaco Silva no último *Expresso*, é por outras razões, como se verá.

Esse semanário escreve, pois: «O líder social-democrata mantém-se também uma pessoa reservada e tímida, o que transparece na sua pose um pouco rígida, no seu ar aparentemente «naif», ou na tendência para descansar um pé em cima do outro...»

Descansar um pé em cima do outro... Aí está. Está o quê? Meia dúzia de coisas e talvez mais:

a) a nova atenção dos jornalistas políticos a esse gesto psicossomático. Não é a entrevista que diz tudo;

b) a dificuldade em exprimir esse signo nítido (que não nenhum pecado) num português igualmente nítido;

c) qualquer signo, isolado, parece morto. O que o anima? O uso. É vivo quando usado. Possui então o sopro da vida? Ou é o uso o seu sopro? (Wittgenstein);

d) o desacerto entre a autêntica posição acima descrita e as fotografias que acompanham a entrevista, em grande plano, ou plano médio, solenes e sugestivos;

e) fica-se sem saber se é o pé esquerdo que repousa sobre o direito, ou se a direita se apoia sobre a esquerda. Ou a «tendência» depende dos dias?

f) se a frase de Cavaco Silva escolhida para título («Não deixarei a governação sem luta») é para tomar a sério, é óbvio que o PM tem de mudar radicalmente a posição das pernas.

***

Isto dito, isto escrito, observo de soslaio o que fazem as minhas pernas vulgares por baixo da mesa.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
40 313
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
13 028
12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
52 986
3 000 CONTOS

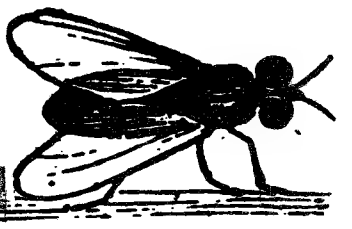
Para a próxima extracção, compre
LOTARIA
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Entradas de Lotaria
Sai sempre
Experimente
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

O BAIRRO GRANDELLA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
9 DE FEVEREIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



a Semana

A MOSCA

SOB A ÁGUA QUE CORRE...

Sexta, dia 2

Um dia cheio, tão cheio que, sob a torrente dos acontecimentos, nos arriscamos a não ver o leito do rio por onde corre esta nossa vida lusitana. É como segue: Taveira não pode sair do país por ordem dos tribunais, Lourdes Pintasilgo é doutora «honoris causa» em Lovaina, em França vai haver um mês cultural português, chega a arte austríaca ao Porto, há na Barraca uma festa cigana, Soares homenageia alfarrabista Amarajao, tocam «outsiders» no Rock Rendez Vous, Rui Alarcão continua reitor em Coimbra, Graça Morais inaugura exposição em Lisboa, Montserrat Roig lança romance catalão por cá, Antero Ferreira é o novo presidente do IPPC, morre com 88 anos o escultor Barata Feyo, autor do Alexandre Herculano da Avenida da Liberdade, diz «O Jornal» que Hollywood quer filmar no Alentejo e (ufff..) Bartolomeu Dias vai dar o rosto às novas notas de dois contos.

E agora do leito do rio. Mário Mesquita, sobre a chamada «sociedade civil» portuguesa, conclui editorial do DL com um «santa terra...». Medeiros Ferreira, no DN, sobre o poder dos militares, pergunta: «em que república já estamos?»

Sábado, dia 3

Sargentos comemoram o 31 de Janeiro de 1891, mas a «revolta» desta vez não é pela República é por dinheiro e afins; há mais música no Rock Rendez Vous, Portugal e Espanha vão abolir as fronteiras, o metro quadrado em Lisboa já vai nos 400 contos para habitação, upa-upa para escritórios, e Cavaco vai a S. Carlos expressamente para saudar a Régie Sinfonia, não fosse a gente pensar que ele gostava de Mozart.

Assim ou assado, a verdade é que este sábado é por Cavaco dominado, acordámos com ele nas mãos, graças a uma quilométrica entrevista ao «Expresso». No que toca à Cultura, ou melhor às metafísicas razões da saída de Teresa Gouveia da SEC, lê-se, relê-se e não dá para acreditar, tantos são os elogios à ex-secretária de Estado. Mas, se não dá para acreditar, sempre dá para reflectir: se neste Governo são demitidos os bons, que pensar dos que permanecem, a começar por Cavaco ele-próprio?

Domingo, dia 4

Os malefícios do cancro, ou da morte do baterista Mel Lewis e do fim (para já, só como cantor) de Sammy Davis, fumador e beberrão.

Por cá, tudo bem ou menos mal: na Aula Magna, canta e encanta John Cale para um público de trintões, enquanto na RTP chega ao fim o «Café Central» com uma xaropada sobre Portugal no divã.

Antes, houvera o regalo de ler Agustina no DN, com a nova série, Cartas de Campo Alegre, a falar disto ou daquilo, sai-lhe esta máxima pelo meio: «Quando se faz reportagem a respeito do alheio, caímos em sentimentos como se caíssemos em tentação».

Segunda, dia 5

Que isto de objectividade, é como o outro que diz, vou ali e já venho, provou-o hoje a televisão estatal italiana durante um programa inteiro. Assim: numa reportagem garantiu por A mais B que em 1946 o referendo monarquia/república fora todo aldrabado em prejuízo do rei. Quando o público já abanava a cabeça, que sim, e os monárquicos esfregavam as mãos, vem um locutor afinal dizer que fora tudo a gozar, ou, por outra, para mostrar que nem tudo o que luz é ouro, ou de como ver para crer, na televisão, calma aí.

Os portugueses são crentes doutra maneira. A maioria, mesmo sem nunca ter posto os pés no Brasil, acha que a telenovela que vê é um «retrato fiel» do mundo que por lá há. É uma sondagem DL sobre a telenovela em curso, em cada dez, cinco vêem—na às vezes, quatro sempre, um jamais; mais elas do que eles, menos os ricos que os pobres, com a idade a coisa agrava-se, entre Lisboa e Porto, a capital ainda assim abstém-se mais. Quanto ao resto, a maioria acha que não senhor, a telenovela não prejudica a produção RTP nem faz mal à língua que a gente fala (ou falava...). Vale tudo...

Terça, dia 6

Dois desaparecidos são notícia. Rushdie, na clandestinidade por causa dos mulçumanos xiitas, rompe o silêncio e diz que enquanto os conservadores lhe salvaram a vida em Inglaterra, os trabalhistas, por mor dos votos dos imigrados, quase apoiaram a sua condenação à morte, vai ter ele que repensar o modo como sempre votara.

Nuno Brangaça, morreu faz amanhã cinco anos, mas hoje o JL anuncia a publicação em Abril de um romance póstumo. Título: «Do Fim do Mundo».

Quarta, dia 6

Inaugura-se a ARCO 90 em Madrid, vem a arte de Aragão até cá, mas o dia é de prémios e uma condecoração. Premiados são Alexandre Cabral pelo «Dicionário de Camilo» e José Blanc Portugal por «Eneadas-9 Novenas», os críticos é que distinguem. A condecoração dá-a Soares a Martins Correia, 80 anos hoje, e uma retrospectiva escultórica em exposição no Casino.

À parte isto, Paredes grava em França com Charlie Haden, Santana Lopes começa a mexer na SEC, com a posse de novos directores-gerais, e sabe-se que discotecas encerradas por falta de segurança somam nove (quais? é segredo).

E de novo o leito do rio que não vemos de tanta água que corre. É como consta do relatório da Direcção-Geral de Cuidados Primários: desde 60 para cá temos cada vez menos filhos. E como morremos mais tarde, vai-se a ver, e Portugal envelhece.

Quinta, dia 8

Mais um dia em cheio: ele é leilão de arte, ele é desfile de moda, ele é parquímetros em Cascais e até eleições na Associação Académica de Coimbra. Mas, sob a água que corre, eis o leito do rio, ou D. Branca e mais os cúmplices (alguns...) condenados, é hoje a manchete dos jornais, foi ontem o sonho pobreta em breve desfeito em fumo. Há outros sonhos, porém, o de Serguei Paradjanov. Hoje a «O Diário» — bela entrevista — diz: «sou um místico. Se não vir uma cena em sonhos não a filmo».

Rodrigues da Silva

A VONTADE DOS POVOS

Dois acontecimentos de repercussão internacional dominaram esta semana a atenção dos "media": a proposta de Gorbachev, para a eliminação do monopólio do poder pelo PC soviético, e as decisões do Presidente sul-africano, Frederik de Klerk, que apontam para a libertação dos presos políticos e a legalização dos partidos nacionalistas no país do apartheid.

Embora não constituindo propriamente uma surpresa, as deliberações da liderança moscovita vão de encontro aos anseios dos povos soviéticos, que, para além do deputado radical Boris Yeltsin, tiveram no malogrado Andrei Sakharov um dos seus principais porta-vozes. Em cinco anos de Perestroika, o projecto inicial de Gorbachev foi largamente ultrapassado pela avalancha de reformas que alteraram radicalmente o panorama político do Leste europeu. A livre difusão dessas reviravoltas, aliada às graves dificuldades económicas internas, incentivaram os nacionalismos bálticos e azerbaijani, numa ameaça frontal à sobrevivência da Federação das Repúblicas Soviéticas. Sem recorrer à repressão violenta, nenhuma alternativa restava, portanto, ao Kremlin. "Ou provamos que somos capazes de liderar um processo de transformação rápido, mas controlado, ou isto torna-se um dilúvio incontrolável", afirmou o ideológo do PCUS, Vadim Medvedev, no último dia dos debates em torno da corajosa proposta de Gorbachev. A última palavra cabe agora ao Congresso dos Deputados do Povo, mas a opinião geral é a de que, com o surpreendente apoio de alguns conservadores, à cabeça dos quais se encontra Yegor Ligachev, a partida está ganha. Do impasse dos últimos tempos, a Perestroika vai agora retomar o fôlego na sua corrida para a democracia.

A China, Cuba e Albânia são os países que, nos últimos tempos, mais nervosismo têm revelado em face das sucessivas quedas dos velhos dogmas.

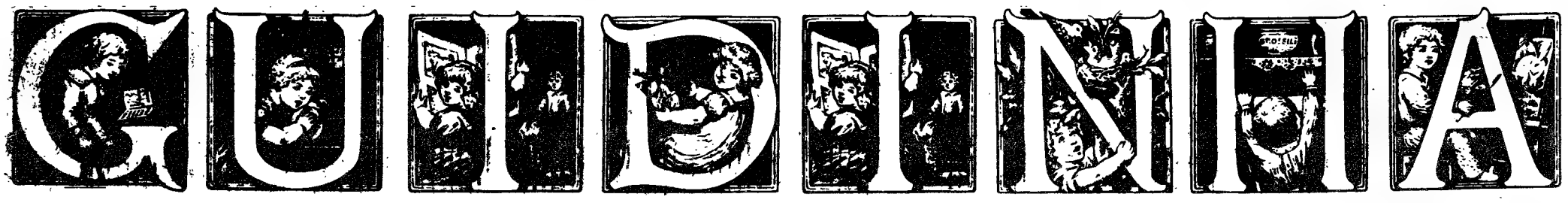
Pequim acusa Gorbachev de destruir o comunismo e reafirma a sua determinação em não embarcar na aventura das reformas, ao mesmo tempo que adverte não tolerar qualquer tipo de protestos (Tiananmen está bem presente na memória do mundo!). O líder cubano, por seu turno, profere discursos inflamados, que reflectem o seu desespero. Mas, perspicaz como é, apela ao sentimento nacionalista, pondo a tónica na ameaça consubstanciada pelos EUA. O exemplo do Panamá vem mesmo a calhar! Tirana, embora desmentindo quaisquer incidentes no país, tomou no entanto a iniciativa de introduzir tímidas medidas liberalizadoras, tendo presente para além da onda reformadora do Leste, os graves incidentes protagonizados por albaneses na vizinha Jugoslávia. Os acontecimentos, tanto na URSS, como na África do Sul, têm como ponto convergente o facto de ambos constituírem uma autêntica vitória da vontade dos povos, sobre o domínio de oligarquias e minorias instaladas no poder.

O regime sul-africano, que tem vindo a aligeirar o sistema de segregação racial, foi sacudido por de Klerk, ao anunciar, não só a libertação de Mandela e de outros presos políticos, como também a próxima legalização dos partidos nacionalistas, até aqui considerados terroristas.

O Congresso Nacional Africano, colhido de surpresa por esta abertura, ainda não conseguiu digerí-la, continuando com as suas posições radicais, enquanto o próprio Nelson Mandela afrouxa as exigências para a sua libertação. A posição do ANC terá concerteza muito a ver com a velha desconfiança em tudo o que provenha de Pretória.

Em todo o caso, vencidos os obstáculos menores que agora se colocam ao processo sul-africano, tudo leva a crer que o passo seguinte será o desmantelamento acelerado do apartheid e a abertura do caminho para a democratização do país.

Jorge Ferreira



OS MÉDICOS DA TELEVISÃO ESTÃO A MATAR A MINHA AVÓ

Olari lolé! Oralilo lolú! os meus leitores tem de me perdoar mas eu nos dias de anos canto sempre e hoje faz anos a minha avó Joaquina que na terra se chamava «snra Jaquina do Vale da Mó» e que em Lisboa se chama «D. Quiná das Avenidas Novas» para fingir que nasceu na cidade e para poder ir ao «Pub» e aos restaurantes exactamente como os outros provincianos disfarçados que lá vao enfim coisas da vida e do progresso social como diz o meu Pai que antes do progresso social era cobrador da companhia da Electricidade e que graças ao progresso social é chefe de uma repartição da Câmara Municipal de Lisboa mas ainda acaba ministro com mais um bocadinho do tal progresso social mas o melhor é eu explicar isto da minha avó fazer anos hoje porque alguns leitores ainda se lembram dela ter morrido e sido enterrada numa redacçao antiga ora isso é verdade ela realmente morreu numa redacçao antiga e foi enterrada e pusemos flores na campa dela e chorámos todos como mandam as leis e os bons costumes mas a verdade é que ela me faz falta agora e que por isso resolvi desenterrá-la e ressuscitá-la sem perguntar nada a ninguém e sem avisar as finanças nem a Caixa nem os Serviços Sociais nem o Ministério da Saúde nem nenhum dos inumeráveis organismos que tao bem cuidam da nossa saúde e do nosso bem estar enfim a minha Avó Quiná está viva e chata como era antes de ir para a cova só que estes anos que passou no cemitério fizeram-na ainda mais chata do que era antes mas como é sabido não se pode ter tudo e quem quer ter uma Avó viva tem de se sugeitar ao que ela é apesar do progresso social e do governo salvador do snr Cavaco do Vale da Mó desculpem o que eu quero dizer é do snr Cavaco Silva ora enfim corrigida esta gaffe que me podia prejudicar se eu nao a tivesse corrigido porque hoje em dia todos os cuidados sao poucos vou explicar o que aconteceu e o que aconteceu foi que a minha Avó mal ressuscitou sentou-se em frente do televisor a cores que o meu Pai trouxe de Espanha quando lá foi participar numa conferencia sobre «Os perigos do paludismo nos centros urbanos» em que foi delegado do país juntamente com mais cinquenta técnicos portugueses e por isso não lhe viram a bagagem na fronteira que é um privilégio que tem os delegados do governo a estas fronteiras que há agora e que sao muito úteis como se prova pelo facto de ninguém ter morrido de paludismo em Lisboa no ano passado mas adiante que a gente nao tem nada a ver com estas conferências de técnicos com o que a gente tem a ver é com a minha Avó Quiná que estava morta e agora está viva e vê televisão todo o dia ora como eu ia dizendo ela está viva mas é capaz de ser por pouco tempo porque vai de mal a pior é o que digo vai de mal a pior e a culpa é do progresso social que leva os médicos todos os dias à televisao dizer à gente o que há-de comer e o que nao há-de comer para ter mais saúde e viver mais tempo mesmo que a gente esteja feliz doente e nao queira viver mais tempo nem à bala antes do progresso social a gente ia ao médico quando estava doente e agora sao eles que vem ter com a gente mesmo que a gente os nao queira ver e esteja a vender saúde ora a minha Avó Quiná acredita em tudo o que vem na televisao e começa a sentir-se doente mal ouve falar nas doenças de forma que mais dia menos dia morre e lá tenho eu que ir desenterrá-la outra vez porque o que está acontecer é que ela ouviu falar nas vantagens das pessoas fazerem exercício e começou logo de manhã a fazer «jogging» em cuecas no largo da Graça assustando uma data de vizinhos que nunca tinham visto uma coisa assim e que julgavam estar a ver o fantasma do D. Nuno Alvares Pereira a correr pelas ruas atraz dos espanhóis enfim uma desgraça uma autêntica desgraça acabamos por agarrá-la quase na Baixa e por sentá-la outra vez na cadeira a ver televisao mas tivemos azar porque apareceu no écrã aquele médico que usa laçarote em lugar de gravata e que fala como se nós fôssemos todos crianças a chatear a gente com um discurso sobre o coraçao e sobre o que a gente deve comer e nao comer e disse que nao devíamos comer batatas a mais nem gorduras a mais como se a gente não soubesse isso muito bem antes de ele abrir a boca só que infelizmente a minha Avó enguliu tudo e deixou de comer batatas e massas e azeite o que meteu a minha Mai em sarilhos por causa do que se come cá em casa vai no dia seguinte apareceu outro médico a dizer para a gente comer menos carne e mais peixe e principalmente mais legumes a partir desse momento a minha Avó Quiná deixou de comer batatas massas azeite carne banha margarina refogados farinácios chouriços presunto e no dia seguinte por ter ouvido outra vez o médico do laçarote deixou de comer sal e passou a comer só legumes mas vieram as «cheias» e os legumes passaram a custar os olhos da cara no outro dia na praça pediram à minha Mai cento e setenta escudos por uma alface ranhosa o que preocupa muito o senhor primeiro ministro, mas ainda mais quem tem de as pagar por esse preço, e é claro que a minha Avó ficou sem salada para o almoço e como nesse dia estavam a pedir duzentos e cinquenta escudos por uns repolhitos que nem se podiam ver a minha Avó ficou sem jantar e começou a sentir-se mal eu cá por mim sou de opiniao que devemos levá-la a um dos médicos da televisao para ver se ele lhe paga a alimentaçao ou deixa de ir à televisao chatiar a gente mas o pior foi o que aconteceu hoje logo de manhã a minha Mai foi ver como ela estava e deu com ela meia morta com a cabeça encostada ao peito quase sem respirar a minha Mai teve um susto danado e agarrou-se a ela a chorar e vai ela disse numa vozita que mal se ouvia — Estou com «sida»...

A minha Mai ia morrendo porque toda a gente sabe o que é a «sida» e como é que se apanha essa doença de maneira que andamos todos preocupados porque além de «aspirina» nao temos outros remédios em casa senao umas pastilhas que o meu Pai toma para ir à retrete quando nao vai naturalmente eu cá por mim penso que a «sida» dela foi apanhada a ver um programa na televisao ou entao foi coisa que ela apanhou quando andou a fazer «jogging» ao largo da Graça, o que eu quero saber é com quem é que ela andou a fazer o tal «jogging»...

Canal DA Crítica

A MOSCA

MÁRIO CASTRIM

Os acontecimentos nos países do Leste europeu não podem ser tratados com leviandade. Tácticas para uso interno (género usar a política de fora para influenciar a política de dentro, como se viu na propaganda das últimas eleições) são condenáveis. Sob pena de transformar a informação num templo (num tempo) de vendilhões. Os tais acontecimentos são tratados sem um mínimo credível de objectividade. O correspondente da RTP em Moscovo, para não ir mais longe, expressa mais os seus desejos e os seus preconceitos do que a realidade.

Acontecem coisas de espantar. A propósito daquela manifestação em Moscovo. Diz a rádio desta cidade: foram algumas dezenas de milhares de manifestantes. Diz a voz da Alemanha, em língua portuguesa: foram cerca de duzentas mil pessoas. Diz o Fino: foram algumas centenas de milhares. Diz finalmente o Carlos Blanco: foi meio milhão...

Este último número, especialmente, aparece como absolutamente disparatado, vindo como veio, logo a seguir ao megafone do Fino. Ou Blanco não ouviu bem ou pretendeu corrigir o colega...

Tais joguinhos são indignos de uma força tão poderosa como a televisão.

Convém dizer que não discuto os números certos ou errados ou o sentido emprestado a esta manifestação. José Arbex, já citado, e que também é correspondente da BBC em Moscovo, supõe que ela seria de apoio a Gorbatchev, ao contrário do que pensarão finos & blancos. Mas isso não importa agora. O que importa é exigir uma informação contrastada e não direccionada na televisão portuguesa.

O assunto merece. Os telespectadores também.

AMADORES PROFISSIONAIS

Conversa com os ateltas do Sporting no Europeru do Corta-Mato.

Veemente, Fernando Mamede. Aquilo no Sporting é uma desgraça. Está mal no futebol e em todas as modalidades amadoras, atletismo incluído, onde apenas conserva o fundo e meio-fundo.

Na entrevista a Dionísio, depois da corrida, ficámos a saber que os atletas ainda não receberam os seus honorários.

Amadores? Profissionais?

Glasnost para o desporto, exige-se. Recordo igualmente aquele comentador do volei que lamentava o excesso de jogadores estrangeiros em Portugal — só no Sporting jogaram cinco. Jogadores, diz ele, que por vezes mal justificam o salário que recebem.

A esses amadores, pelos vistos, o Sporting paga.

OLHAR PARA O BONECO

No plano informativo, o escândalo continua, Há telejornais, em que mais de metade do noticiário é gasto com a situação internacional.

Mas vejamos um boletim informativo pivotado pelo Blanco.

Longo trajecto por Moscovo, por Bona, pela Suécia. Depois, as notícias nacionais incluídas numa breve síntese (!). Finalmente, cerca de 15 minutos dedicados à entrevista do prof. Cavaco Silva ao **Expresso,** incluindo um carticato debate (?) entre Cáceres Monteiro e Manuel Teixeira uma conversa de chacha.

A leitura de trechos da entrevista foi acompanhada de uma série de fotos do primeiro-ministro nas mais variadas poses. Vendidas em álbum, seriam certamente um êxito editorial, além de possuírem um alto valor familiar e histórico.

Olhar assim para o boneco não há outro primeiro-ministro que se gabe disso.

O ÓBVIO NO OVO

De Mota Amaral:

— Se o sistema eleitoral nos Açores fosse diferente, a posição do PSD seria diferente.

De Bagão Félix:

— A política de formação não pode estar dissociada da política de emprego.

Jornal da tarde:

— A Casa Branca está preocupada com a situação em Angola...

Pescador (a propósito do temporal).

— Paciência. A gente não ganha, mas o céu não cai.

Locutor do Telejornal:

— (Ilha de Faro)... zona de grande concentração de veraneantes no Verão.

Prof. Cavaco Silva:

As fronteiras têm que preencher certos requisitos para poderem ser fronteira de liberdade total das pessoas.

TEMPOS MUDARAM, PASTORES!

A mudança da linguagem, a sua adaptação à actualidade ou pura e simplesmente o abandono de certas expressões já queimadas, há-de fazer-se a todos os níveis. Não somente políticos. Religiosos, também.

Programa «caminhos». Diz aquele pastor: «Não é fácil liderar uma Igreja, se não dependermos de Deus, para conduzirmos as ovelhas ao pasto.»

Antigamente, talvez as «ovelhas» aceitassem estas maneiras de dizer. Mas os tempos mudaram, pastores! .

ESTRELAS 53?

«Sete Folhas» não nos dá, nem de longe, uma aproximação correcta à programação de qualidade da semana.

Não seria possível, convenhamos, em tão pouco tempo. Pelo que se trata de uma emissão praticamente inútil. Ninguém (eu não conheço ninguém) que se oriente por **Sete Folhas** para a sua escolha de programas.

Seria preferível um apontamento diário, com horário certo. Julgo que, em tempos, essa teria sido a solução preferida por Alice Cruz.

Mas pronto. Sobre a última emissão de **Sete Folhas,** um apontamento: todos os filmes e teledramáticos apregoados eram em língua inglesa! Exceptuando a menção à **Morgadinha,** a língua portuguesa praticamente não existia!

Conhece-se a importância da televisão na consolidação da unidade nacional. Sabe-se como para tal foi utilizada (igual ao que antes sucedera com o cinema) em países como os Estados Unidos. Certamente o nosso país não se confronta com problemas nesse domínio — mas se assim desprezamos a língua portuguesa, vejam lá se não estaremos a meter o inimigo em casaa.

Não é esse o único inconveniente. A presença quase exclusiva da língua inglesa dá a impressão de que nenhuma outra mais existe. Há um corte radical, abrupto, com a tradição cultural portuguesa, em especial no que respeita à língua francesa que praticamente desapareceu da televisão.

Entre nós, só a língua inglesa é natural, familiar. Tudo mais é bárbaro. No que respeita à presença linguística, Portugal já é a estrela 53 da «Union Jack».

Correcção atempada, no que respeita a **Sete Folhas.** Foi nomeada uma produção alemã. Um trabalho sobre a arte de mímica...

Tão queridos, estes soviéticos!

Os hamburguers falharam em Portugal. Foram agora estabelecer-se em Moscovo. Não se prevêem os resultados. Mas a recepção parece ter sito calorosa.

Fino diz que o Ocidente levou a Moscovo a comida barata como quem diz: o capitalismo conseguiu aquilo que o comunismo não conseguiu...

Curiosamente, José Arbex, no *Semanário* dá larga informação sobre a loja inaugurada (a maior do Mundo) e dá conta da grande afluência de consumidores «ainda que uma refeição média seja cara para os padrões soviéticos...»

Em que ficamos, pois?

Enfim, os moscovitas já têm hamburguers, como já tinham coca-cola e não me parece que sejam mais felizes que antes. O importante é que as pessoas conheçam as coisas, em vez de as idealizarem. Pensas que o hamburguer é melhor do que o salmão, o arenque fumado? Então toma lá...

Estes soviéticos!

Não tinham concursos de misses e agora têm. As damas de honor, a *miss* coroada enquanto chora de emoção, e o palco cheio de lantejoulas e luzinhas pisca-pisca, género Las Vegas de Olivais de Baixo, tudo tão saloio! Tão queridos...

E as velinhas? Não há manifestação de protesto contra isto ou contra aquilo em que os presentes não levem a velinha acesa, como já foi moda no Ocidente, lembram-se em Portugal quando pediam para pormos uma velinha atrás dos vidros, à noite?

Tão queridos, estes soviéticos, tão ingenuamente ridículos...

Pois é. A *perestroika* tinha de passar por aí, pela libertação dos pequenos fantasmas.

Quanto aos hambúrgueres. Serão assim tão baratos, como diz o Fino foleiro? Estarão ao alcance dos milhões de pobres que vegetam nos Estados Unidos?

Isto sou eu a perguntar.

CAFÉ CENTRAL: O ÚLTIMO

Baldados foram todos os esforços para estar presente ao abrir deste **Café Central**. Era o último e não queria perdê-lo. Cheguei apenas para a segunda parte. Não sei o resto do filme.

Sei que à volta da mesa (tantos, e tão pouco de beber em cima dela...) se sentavam Vítor Melícias, Orlando Vitorino, Francisco Louçã, Teresa Rita, Eduardo Cortesão. Era anfitrião Alexandre Manuel que, uma vez, mostrou o seu estilo: dar guita, intervir o menos possível.

Não quero, ou seja: não posso anotar todos os pontos referidos. Aliás, cada um deles daria motivo para mais uma edição do **Café Central:** a natureza (des)ideológica da cultura, a própria noção de cultura, a saúde dos portugueses, a independência de Portugal, a capacidade dos portugueses para defendê-la, etc.

O papel conflituoso foi assumido por Orlando Vitorino (meu Deus, como este homem está ansioso por deitar tantas palavras cá para fora!) que disse a certa altura:

— O general Ramalho Eanes declarou em Madrid que não via inconveniente nenhum, que ele aceitaria que Portugal se integrasse na Espanha se para isso se fizesse um referendo que desse esse resultado.

«O dr. Mário Soares, quando era primeiro-ministro, foi a Madrid e veio a notícia num jornal, pelo menos no jornal que eu li, de que ia a Madrid tratar com o primeiro-ministro de lá da integração de Portugal na Espanha. A notícia não foi desmentida.

Estas afirmações pesam apenas porque têm a força da própria televisão. Força grande que, só por si própria, confere credibilidade. Num café qualquer, seria minhoquice. No **Café Central** é grave.

Veremos.

AS PISTAS SEMEADAS

Artes e Letras é uma das rubricas de qualidade da RTP. Fica situada no Canal dois, em horário competitivo. Tem hipóteses apenas para alguns milhares de telespectadores. E viva o velho! Em tempos de televisão privada, nem isso.

Nesta rubrica entraram nomes portugueses, tão poucos que os dedos de uma só não seriam demasiados para os contar. E nunca atempadamente. No último fazia-se referência à injusta prisão «em que Otelo se encontra neste momento...»

Entre os nomes portugueses escolhidos para esta rubrica de prestígio figura a partir de agora, Eduarda Dionísio.

Não alinho na discussão de saber se Eduarda Dionísio merece a distinção mais do que outros. Prioridade e água benta cada qual toma a que quer. Importará agora é não tanto colocar o acento na obra da escritora (que já é vasta e valiosa) como naquilo que ela pode representar de incentivo à criatividade, à autenticidade ao trabalho — acto de liberdade e de libertação, à intervenção na circunstância histórica.

Eduarda Dionísio compõe-se de muitas eduardas dionísios, todas independentes e nenhuma autónoma, porque todas beneficiam de uma experiência comum e todas mutuamente se enriquecem. Não nos apareceu como racional exploradora de uma única indústria, para cujo **marketing** não está vocacionada, como disse.

Foram muitas as pistas de reflexão semeadas por Eduarda Dionísio. Provavelmente com maior impacto num programa menos artesanal, com mais diálogo e mais documentado.

HERMAN JOSÉ: O RISO E A LÁGRIMA

Com três emissões no ar, é possível já ter uma ideia mais clara do **Casino Royal.**

Verifica-se **em geral** alguma decepção relativamente a outros programas de Herman José. Talvez ao maior cómico português da actualidade tivesse sido mais fácil seguir o caminho já trilhado, cheio de padrões, de referências, de tiques. Assim faz quem pensa que não se mexe na equipa que está a vencer.

Herman José não pensou assim. Se quem ria muito, ri agora menos, talvez o faça porém com mais proveito. Muitos telespectadores (em especial os mais novos) virão ao encontro de uma memória colectiva mais vivida — e por isso mesmo mais actuante — do que conversada. Recordemos a cena da PVDE e a da escuta da BBC...

É certo que o tango da Marina Mota não resulta. Cantar aos berros, aquilo?

É certo que a paródia com o gás dos campos de concentração não é feliz.

É certo que Herman José não tem necessidade de recorrer aos baldios do humor.

Mas também é certo que, se se fizer uma antologia do **Casino,** há que contar com a cena no esgoto e com a escuta da BBC. Quando a câmara se desloca do rádio para o Fernando Pessa, ao vivo, o soco no estômago é muito forte. Talvez aqui uma l'ágrima de emoção ganhasse sobre o riso.

Ainda bem. Renego dos cómicos que não levem uma lágrima na bagagem.

Texto de
Jorge Silva Melo

COM CINCO PEDRAS NA MÃO

6 da manhã.

Saímos de Paris. Periférico. A triste **banlieu.**

Curioso: por toda a **banlieu,** publicidade ao Algarve. («**No Algarve o mar é mais belo**« — e o rabo musculoso de uma rapariga submersa em cloro).

Cruzamos os primeiros autocarros. Com a pobre gente enlatada.

— Nunca tomo os transportes públicos — diz o motorista que nos conduz e repete com ênfase o **nunca**.

É um pobre tipo que não terá ainda trinta anos e que trabalhará no cinema não há mais de dois ou três. Mas conduz já á **produção de cinema:** autogravador no máximo, ultrapassagens que o mínimo que se pode dizer é que serão controversas, acelerações tão rápidas que a mim se me vai a respiração. Se antigamente havia «beijos à cinema», desde o famigerado **Bullit** que há uma maneira específica de conduzir (mal) os carros de produção quase sempre a cair de velhos, quase sempre em excesso de velocidade.

Há uns meses ia-me estampando ao virar do cabo da Roca para a Peninha. Fatal como o destino: em sentido contrário, fora de mão, uma carripana da produção nesse autoconvencimento que é a sua específica maneira de produzir.

Eis-me então a fazer moral?

Ou prevenção rodoviária?

Não.

Mas são sete e trinta, estou no camarim, maquilhado e aguardo que me chamem ao 'plateau'. Há uma semana que o meu horário é este: acordar ás 5, vir para o **plateau** para um **Pronto a Filmar** ás sete e trinta, dormitar, representar, às 20.30 desmaquilhar.

Que sei eu então do que se passa por aí?

Oiço falar de reunificação das Alemanhas (Gorbatchev, **pelo pai dos povos** disse que podia ser?), contam-me a história da vala comum de Timisoara (digna de Heiner Müller e não menos arrepiante...), falam-me de greve dos transportes aqui em Paris.

Nada disso me atinge.

O que me preocupa é que os óculos não deixam marcas na maquilhagem, protejo o nariz com 'kleenex', preocupo-me em ter cigarros para o dia, em colocar os olhos de forma a receber a luz, e a avançar sobre os **rails** sem se notarem os passos, em esconder **o micro** que o engenheiro de som me mete no terceiro botão da minha casaca.

O mundo à minha volta?

Que espere!

É este o estado de quem faz cinema agora.

Esta a história.

E a profunda estupidez do motorista e o seu orgulho insensato ao dizer que «Nunca tome os transportes públicos» é esta mesma imunidade em que me encontro.

E como pedir que seja justo o olhar sobre a vida se para se fazer cinema é precisamente da vida de todos os dias, do seu cansaço, das suas angústias, das suas inquietações que precisamos de estar defendidos?

Como pedir — e peço — que me fale dos transportes públicos a quem **nunca** os toma? A quem se orgulha de nunca os tomar?

O estado de indústria cinematográfica exige este isolamento do mundo. Mas este isolamento do mundo não tem consequências específicas sobre o próprio cinema?

Se **Belarmino,** os **Verdes Anos** ou **Brandos Costumes** são os (belíssimos) filmes que são, não é porque quem os fez (e quem os fez não foi só o realizador) os ia vivendo também?

E filmes que serão menores como **O Cerco** de Cunha Telles e **O Mal Amado** de F. Matos Silva, não tinham eles uma verdade que correspondia a uma vivência directa da experiência narrada?

O que é esta vaga agora dos **filmes históricos** que parece ter acometido o pobre cinema português?

Não serão os filmes de quem **nunca toma** os transportes públicos, de quem está imunizado contra o quotidiano (fantasmático ou não) que nos rodeia?

Foi a longa polémica sobre o romance histórico na República de Weimar/Alemanha nazi e também ela me parece voltar a ganhar actualidade e pertinácia.

Milos Forman (nunca gostei muito) começou com o **Ás de Espadas** e os **Amores de Laura para vir a acabar no Amadeus** e no **Valmont;** Stephen Fears vai de **Laundrette** até ás **Liaisons Dangereuses;** Bertolucci do **Prima della Rivoluzion** até ao **Último Imperador;** Truffaut dos **400 Golpes** até ao **Último Metro.**

E que é feito das ruas?

Há quantos anos não vemos no cinema as ruas de gente sem história? Os sapatos cambados de quem viaja de metro? As camisolas suadas de quem desce do autocarro? Os sacos de supermercado? Os cacilheiros de quem vai trabalhar — não os dos alemães ou franceses em **mal de vivre.**

Campo de Ourique e os rapazes parados às esquinas, quem os filma? E aquela cena extraordinária que há uns meses vi em Alfama (não a conto)?

Os anos oitenta foram, dizem, os anos do regresso ao estúdio. Como foram os anos em que regressámos ao interior dos nossos apartamentos e pantufas deixando as ruas aos que pedem liberdade longe de nós, no Leste ou na América do Sul.

Mas não é esse o silêncio do cinema?

A sua impotência.

— Nunca tomo os transportes públicos, diz-me o pateta do motorista.

Mas o cinema também não.

Como os ministros que têm que perguntar à empregada o preço do quilo de batatas. Ou que julgam (não sei se se lembram) que a gasolina vai para o carburador.

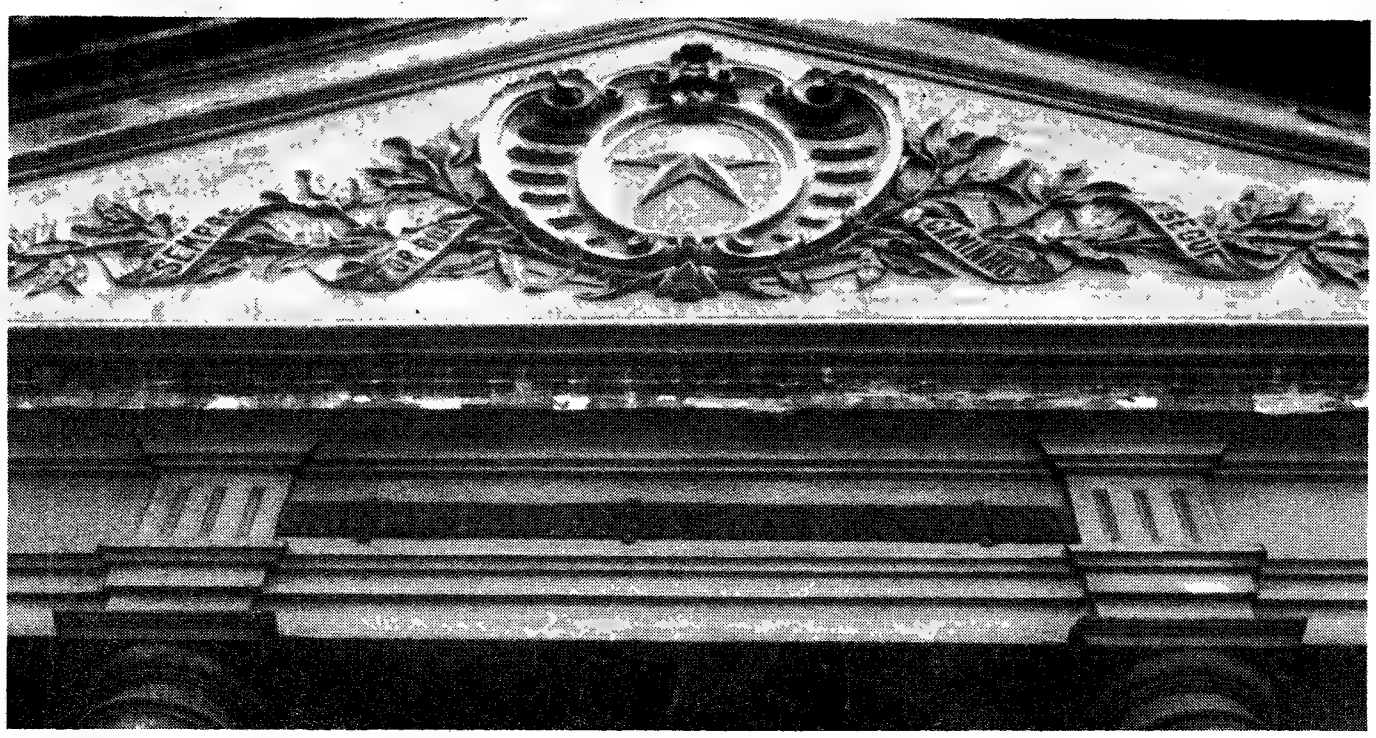
E depois chora-se a morte de Cassevettes.

E fazem-se retrospectivas de Rossellini.

Os hipócritas!

Jorge Silva Melo

Reportagem de
Daniel Oliveira e Paulo Henriques



«Sempre pelo bom caminho e segue», consegue-se ler no frontão já descascado da casa em ruínas. Foi talvez o espirito deste lema que levou Francisco Grandella a fundar um dos primeiros bairros operários do País. Nasceu em 1907 e fica em São Domingos de Benfica. Apesar da antiga creche do bairro estar em mau estado, o resto foi bem tratado

O BAIRRO GRANDELLA

Velho de 84 anos, o bairro Grandella está comprimido entre a mata e os altos edifícios de Benfica. Nasceu em 1907, para os trabalhadores da empresa Grandella, sobretudo para os da fábrica de fiação que ali se tinha instalado. Francisco Grandella fundou-o, sendo pioneiro na habitação operária em Portugal e fazendo jus à sua fama de empresário revolucionário. O projecto foi de Pedro Santos, empreiteiro da Penitenciária de Lisboa.

À beira da Estrada de Benfica estão dois edifícios do princípio do século. Um, impecável, encarnado, com um frontão neo-clássico sustentado por duas colunas brancas. O outro, ao lado, sem recheio nem telhados.

Por detrás, o verde da mata de São Domingos de Benfica e, escondido, o Bairro operário, atravessado por uma rua com dezenas de pequenas casas de dois pisos, também encarnadas, e todas iguais. Ao fundo, um muro de cimento e verde a perder de vista.

A vila tinha um médico próprio e escola e infantário gratuitos. A Escola chamava-se Afonso Costa, em homenagem ao republicaníssimo presidente, e agora está transformada numa creche. O infantário foi cair, em má hora, nas malhas burocráticas da Câmara, e está em ruinas, envergonhando os habitantes do bairro Grandella. Existia também uma Caixa de Socorros que prestava diversos serviços de apoio social aos trabalhadores. Era alimentada por uma quotização regular dos operários, multas e outras receitas menores.

Era invulgar encontrar naqueles tempos casas habitadas por operários em tão boas condições. O bairro, aliás, contrastava com o resto da capital, que vivia os maleficios de uma revolução industrial ainda tímida. **«Quem contemplar esse bairro hediondo, esse verdadeiro inferno, chamado Alfama, cheio de becos, de encruzilhadas, de lama, de miséria, de vício e de trevas, espécie de vala comum dos vivos, da qual, o próprio sol tem medo, porque de ele afasta os seus raios de ouro, com receio de sujá-los em tal estrumeira, indigna de uma aldeia e, simplesmente infame numa capital, para comtemplar depois esse bairro, por agora pequenino, pois está no seu começo, e que todos conhecem pelo Bairro Operário Grandella, fica deslumbrado»** lê-se na revista da época *«A cidade e os Campos»*, porta-voz dos funcionários do senhor Grandella.

O rico revolucionário

Francisco Grandella nasceu no concelho da Azambuja em 1952. Veio para Lisboa ainda jovem, empregando-se como marçano e, depois, caixeiro. Aos 27 anos, com dinheiro emprestado de um amigo, fundou a Loja do Povo. Mais tarde abriu o Centro Comercial, depois o Novo Mundo e por fim os Armazéns Grandella.

Foi um empresário revolucionário: Na publicidade, no comércio e nas relações que conseguia manter com os seus trabalhadores. Desde muito cedo ligado ao Partido Republicano Português, foi grande amigo de Afonso Costa, mesmo quando este já tinha caído em desgraça.

Já os seus negócios se encontravam nos auge da sua expansão, Grandella fundou a Fábrica de fiação, com o objectivo de alimentar os seus armazéns na baixa lisboeta. Para servir os trabalhadores da fábrica, e não só, mandou construir este bairro, em São Domingos de Benfica. Promovia então a imagem da **«grande família»**, na perspectiva de que o trabalho pode ser **«mais benéfico e agradável, e sobretudo mais equitativo e compensador»**. Embora paternalista, esta visão era progressista para a sua época.

A vila segue, em todo o processo político e social do princípio do século, um percurso inteiramente à margem e, mesmo, em conflito aberto, com o pensamento oficial. Este facto, aliado ao de Francisco Grandella ser republicano e maçon num país ainda monárquico, leva a diversos desentendimentos com a edilidade lisboeta. Esta acusa Francisco Grandella de não cumprir os prazos legais para o aluguer das casas. Logo na aprovação da planta do bairro, a Câmara argumenta que as bombas de incêndio não se podiam manobrar com facilidade nas ruas e nega-se, por isso, a prestar serviços de limpeza e iluminação.

Em 1907 o bairro contava com 78 casas prontas a habitar e dez em construção. Alojava cerca de 300 pessoas e as rendas oscilavam entre os três e os seis mil reis mensais.

Entramos pela rua dr. Gregório Fernandes, que atravessa o pequeno bairro. Do lado direito vêm-se as casas onde teriam vivido os chefes de secção da empresa. São edifícios de dois pisos com sotão e claraboias. Do lado esquerdo estão as antigas habitações dos operários, também de dois andares, mas totalmente independentes. Na rua ao lado, a de Santa Matilde-em homenagem à mãe de Francisco Grandella- viviam também os mais humildes da empresa.

A rua à direita é a principal do bairro: a de Francisco Grandella, ex-Avenida dos funcionários dos Armazéns Grandella, onde moravam os administrativos. As casas são diferentes entre si. No no topo de uma delas podem ver-se duas estátuas neo-clássicas, representando as duas actividades da empresa: o comércio e a indústria. Estas habita-

ções eram mais caras mas, após 25 anos de aluguer, passavam a pertencer aos inquilinos.

Continuamos a avançar pela rua Dr.Gregório Fernandes. À porta de uma das casas está um senhor idoso e magro, enfiado no seu robe. Humberto Grilo vive na vila desde muito novo. O filho do jardineiro de Francisco Grandella andou na Escola Afonso Costa e na creche do Bairro. A sua mulher, Filomena, é uma pessoa activa, que adora fazer quadras sobre a Lisboa do seu tempo. Foi ali no bairro que sempre fez a sua vida. Já morou em três casas diferentes, todas na vila Grandella e no quarteirão destinado aos operários.

«Isto continua a ser uma aldeia» diz ela. Sobre os novos habitantes, que ali compraram moradias, sobretudo aos ex-administrativos, a família Grilo afirma que **«são mais abastados»** e que têm com eles pouca familiaridade.

Naquela zona de Lisboa, nos tempos em que Filomena e Humberto foram para lá viver, há cerca de cinquenta anos, as desigualdades sociais eram mais evidentes. **«Em São Domingos de Benfica só existiam palacetes e casas abarracadas»** dizem-nos.

O pai e a madrasta de Filomena ainda são vivos e moram perto do bairro. António Portugal tem 84 anos e está reformado. Foi mecânico, mas, com as cheias de 67, a oficina onde trabalhava desapareceu. Esteve afastado do bairro durante cinco anos. Acabou por voltar . A sua mulher, Margarida, foi funcionária da fábrica de fiação. Agora é porteira do edifício que está no lugar das antigas instalações fabris.

«Agora é tudo muito mais limpo» diz o senhor António acrescentando: **«havia um caneiro ao ar livre, o curral do senhor Manuel *Ferro* e muita zaragata». «Agora há mais gente e isto é mais calmo»** contrapõe Margarida.

A fábrica fora de Portas

O complexo fabril de São Domingos de Benfica foi construído quando todo o espaço industrial da capital se encontrava nas zonas ribeirinhas da cidade: Alcântara e Xabregas. Respondendo à enorme expansão dos seus negócios, Francisco Grandella fundou a fábrica de fiação para que esta **«trabalhasse sem cessar»** podendo acorrer aos múltiplos e exigentes pedidos dos Armazéns Grandella. Em 1907 a fábrica empregava 200 trabalhadores e nada parecia deter a influente família Grandella.

O afastamento da fábrica de fiação em relação à cidade era anulado pela existência do apeadeiro de São Domingos de Benfica, servido pela linha de Sintra.

Em 1932 o Banco de Porto Côvo tomou posição hegemónica na Grandella & Cª, e, em 36, esta família era já proprietária única da empresa fundada por Francisco Grandella.

Nos finais da década de 40 a fábrica passa para as mãos da Companhia do Fomento Colonial, mais tarde denominada Sociedade Algodoeira do Fomento Colonial.

A fábrica já desapareceu e com ela o apeadeiro onde desembarcavam, aos fins-de-semana, milhares de alfacinhas que iam passear para fora de portas.

Juntavam-se ali, em São Domingos de Benfica, zona de quintas e matas, e até ao fim da tarde ali ficavam a lanchar em guitarradas. O senhor Portugal lembra-se dessa época. **«Depois de todos comerem e beberem muito havia sempre zaragatas»**, conta. À noite, a principal atracção era o Ferro de Engomar, salão de jantar, fundado em 1935 e vizinho do Bairro Grandella. As sessões de fado animavam os citadinos que se juntavam em festas, que o senhor Manuel, dono da loja, organizava.

O salão levava 300 pessoas. Nas traseiras do estabelecimento, cujo formato justificava o nome, havia uma esplanada repleta de árvores. Era o Caramanchão, onde mós de pedra serviam de mesas. Os pupilos do Colégio Militar fugiam para ali à noite e, quando os seus superiores os vinham buscar, o senhor Manuel *Ferro* escondia-os. Se encontra algum desses ex-alunos, ri-se, com eles, desses tempos de cumplicidade.

As guitarradas e violas juntavam no Ferro de Engomar, agora dividido por quatro estabelecimentos, coronéis, ministros e todo o tipo de boémios.

Mas o restaurante não era a única ocupação de Manuel *Ferro*. Tinha 340 ovelhas, que pastavam onde agora fica o café Califa. Com elas recordava o passado de pastor em Oliveira do Hospital.

Os touros eram a sua paixão. Andavam soltos até à estação mas, quando abriram a estrada da Luz, teve de se desfazer deles, **«senão iam parar ao Rossio». «Onde era a vacaria fica agora o meu snack-bar»** diz, com ironia, Manuel *Ferro*. Para ele os tempos da segunda guerra foram os mais difíceis. Levantava-se às seis da manhã, para servir aos trabalhadores da fábrica figos secos e um copo de bagaço. Fechava a porta à meia noite. Depois, duas vezes por semana, ia até ao Lumiar e dai até a Odivelas, a pé. Naqueles cinco anos, clientela não lhe faltava, mas comida, sobretudo carne, é que não havia, pelo menos no comércio legal. Tinha de a comprar ilegalmente para manter a casa. E nesses dois dias semanais não dormia, pois quando voltava com a comida tinha de abrir o estabelecimento. **«É incrível o**

cont. na pág. 8

UM DOS PRIMEIROS BAIRROS OPERÁRIOS DO PAÍS

cont. da pág. 7

que se tem de fazer para vencer na vida» diz, cansado, o senhor Manuel..

Morreu a fábrica ficou o bairro

A Academia Luis de Almeida Grandella, nome do irmão do fundador da vila, era dos poucos locais onde era possível o divertimento. Ali se organizavam festas, récitas de teatro, sessões de fado e bailaricos. A academia ainda existe mas agora serve sobretudo as pessoas mais novas dos edifícios de Benfica.

Haviam também as festas dos santos populares. No Santo António e no São João, faziam-se quermesses e e instalava-se um bufete na rua. Depois convidava-se um ceguinho para tocar. Com o dinheiro que se ia conseguindo juntar comprava-se fogo de vista e, por fim. lançava-se um balão, coisa que, diz o casal Grilo, **«era bonita de ver, pois não havia prédios na zona»**.

A cidade cresceu e a fábrica, que já não funcionava a ritmo normal, tornou-se inútil. Por isso, em Outubro de 1968, foi demolida, para que ali se construíssem altos edifícios. Já antes, com as cheias de 67, todo o bairro tinha sofrido um duro golpe .

A última revolução no Grandella

A Escola Afonso Costa já tinha sido entregue ao Governo e a creche encerrada. Veio entretanto o 25 de Abril e os habitantes do bairro pensaram que era altura de voltar a ter uma. O líder do momento foi o senhor José da Silva, na altura condutor do metropolitano de Lisboa e cunhado de Agostinho Neto.

Arrombaram a porta da Escola Afonso Costa e roubaram ferro para a reconstrução. Depois pediram o apoio às sedes da zona dos partidos políticos. A resposta mais pronta veio do MDP/CDE. **«Pedimos apoio a todos: da esquadra aos padres»**, contam. O líder do momento foi o senhor José da Silva, na altura condutor do Metropolitano de Lisboa, e cunhado de Agostinho Neto. Depois fizeram uma assembleia e formaram-se como comissão de moradores. Após muito trabalho, ficaram com a creche pronta.

Para conseguir que o Jardim Infantil do Povo funcionasse, o senhor Silva, homem sem papas na língua, andou a pedir por várias instituições. A Gulbenkian disse que sim. A Santa Casa da Misericórdia também deu dinheiro mas, para ser recebido, José da Silva teve de ameaçar que **«só saía dali a tiro»**. O Provedor da altura achou graça e acabou por dizer que sim ao pedido de apoio técnico.

O senhor Silva era o presidente da Comissão de Moradores de São Domingos de Benfica, que quase só tem gente do bairro, e que teve de se passar a chamar Associação, **«para não ser tão revolucionário»**. Acabou por se afastar da creche, que continua a existir, e diz que de lá só levou a experiência. É agora gerente de um Jardim Infantil em Casal de Câmara.

No bairro, as suas guerras passaram a ser outras. Do antigo presidente da Câmara conseguiu que fossem regularizadas a situações que já se arrastavam há anos: era o pagamento da água, que se fazia colectivamente, e o da iluminação, que continuava a não ser camarária. A Câmara, também a pedido do senhor Silva, mandou abaixo a antiga vedação de ferro, já muito envelhecida, que foi substituída por cimento. Aqui, José da Silva, parece não contar com o apoio dos habitantes mais antigos do Bairro. Ele próprio reconhece: **«foi pior a emenda do que o soneto»**.

Depois houve um senhor espanhol que comprou o bairro. José Seoane tinha como intenção, ao que parece, demolir o bairro para ali fazer mais uma urbanização. Pretensão de muitos, inclusive da CARRIS, que ali pensou fazer um terminal para os seus autocarros. Mas o empresário espanhol não tinha contado com a última das conquistas do cunhado do falecido presidente de Angola. O Instituto Português do Partimónio Cultural (IPPC), depois de uma luta do senhor Silva e do advogado Rodrigues Carvalho, considerou o bairro um imóvel de interesse público.

Seoane acabou por ter de pintar todas as casas e fazer-lhes os melhoramentos necessários. Depois vendeu-as aos inquilinos por um preço que oscilou entre os mil e os 1400 contos.

Antes de 82, ano em que o bairro passou a pertencer ao empresário espanhol, José da Silva chegara a propôr a formação de uma cooperativa para comprar as casas, o que custaria a cada família cerca de 350 contos. Mas os seus vizinhos não gostaram da ideia e acusaram-no de ser comunista. Ele zangou-se e afastou-se de todo o processo.

De uma coisa tem pena o senhor Silva: não terem ocupado a antiga creche. Ela pertencia a uma empresa fantasma e a comissão de moradores queria transformá-la num centro para a terceira idade. Mas a Câmara quer a posse do imóvel e envolveu-se na sua própria burocracia. O edifício é o único que não pertence nem aos moradores, nem a Seoane, e está prestes a caír.

Conto de
Jaime Rocha

METROmorfoses

UM BOMBEIRO PARA O CRUDE

Ninguém sabia porque é que um bombeiro fardado a rigor, de botins e bivaque, andava no metro com uma mala da **Nike**.

Umas vezes olhava para o escuro do túnel, outras para a linha. Enquanto esperou que o comboio aparecesse, não fumou, não viu as horas, não falou.

Parecia que ia cumprir uma missão delicada. Segurava a mala com força e estava tenso. Talvez se fosse suicidar. Não era possível um bombeiro suicidar-se com uma mala da **Nike.**

Gregório S. colocou-se ao seu lado. Tinha ouvido já comentar a presença do bombeiro de uma maneira pouco objectiva.

Que devia ser um funcionário público disfarçado de bombeiro; que ia certamente matar alguém ou arrombar portas; que se dirigia simplesmente a casa após uma noite de piquete nos **Sapadores**.

Já dentro da carruagem, o homem tirou o bivaque e encostou-se a uma das portas. Um letreiro aconselhava os passageiros a não se agarrarem à maçaneta durante a viagem, mas nem por isso ele deixou de se segurar e de brincar com os manípulos.

Era a primeira vez que Gregório S. via um bombeiro dentro do metro. Talvez levasse um martelo no interior do saco; ou um maçarico. Não tinha ar de quem transporta o almoço consigo. Comeria de pé num balcão de uma roulotte ou na cantina dos **Sapadores**.

Havia bombeiros que não conseguiam dormir sem sentirem um machado na mão e outros gostavam de ouvir o som dos alarmes durante toda a noite.

Gregório S. pensou que se tratava de um bombeiro que fazia serviço de segurança no hospital de Oncologia, mas ele não saiu em Palhavã.

«**Isto está mau de fogos**», disse-lhe Gregório S.

O outro não respondeu. Ajeitou o bivaque, segurou a mala ainda com mais força, mas não respondeu.

«**As cheias deviam ser no Verão, assim, muita água por todo o lado, muita alegria**», continuou Gregório S.

O bombeiro mantinha-se em silêncio. Havia qualquer coisa de estranho no seu comportamento. Nunca antes um bombeiro deixara de falar às pessoas.

Também não saiu em S.Sebastião, nem na Rotunda. Talvez andasse preocupado com o número de desastres de avião ou com os emigrantes e se sentisse impotente para resolver o problema.

Não era só Gregório S. que tinha dúvidas sobre o bombeiro. Todos pensavam que os carteiristas encontram todas as formas de actuar no metro. Um passageiro que Gregório S. não conhecia mas com quem se cruzava frequentemente, chegou a dizer alto para um grupo de empregadas da limpeza:

«**Até polícias andam por aí aos bolsos de cada um**».

Tratava-se de facto de um bombeiro misterioso. A mala que levava era preta, com as letras **Nike** impressas a vermelho.

Olhou finalmente para Gregório S. Tinha um brilho baço nos olhos quando o fixou, mas a cor acastanhada modificou-se de repente, tomou uns tons amarelos, como a das folhas do eucalipto uns dias após um incêndio.

«**Gosto muito de bombeiros, estão sempre dispostos a salvar as pessoas, a atirar-se aos rios, a subir varandas, a transportar moribundos. Gosto muito**», disse Gregório S.

O bombeiro nem pestanejou. Olhou para ele, mas era como se não o visse, como se os seus olhos fossem olhos de cego, às voltas, imparáveis.

Gregório S. não queria acreditar que o bombeiro fosse cego. Era impossível ser cego e andar com uma mala da **Nike**. Ainda pensou que ele poderia pertencer a uma **Liga de Cegos** e se dirigisse para o sítio onde se sorteava um Toyota, mas parecia-lhe improvável.

Foi nessa altura que o bombeiro se desequilibrou e foi embater no poste metálico que estava no centro da carruagem. Os seus olhos começaram a tremer e a revirar-se, enquanto o pescoço dava estremeções para um lado e para outro como no filme «**O Exorcista**».

«**Então!**», disse Gregório S.

«**Puxe o alarme**», respondeu o bombeiro.

«**Mas!**».

«**Rápido ou morro aqui de epilepsia**», gritou o bombeiro.

Gregório S. viu-lhe os olhos quase saltar-lhe das órbitas. Esbracejava convulsivamente. Foi nessa altura que Gregório S. se lembrou de um conto que Raymond Carver havia incluido no livro «**A Catedral**».

Descrevia um cego cujos olhos pareciam iguais aos de outra pessoa qualquer, mas reparando-se melhor, havia neles qualquer coisa de diferente, de arrepiante.

A pupila esquerda virava-se para baixo, em direcção ao nariz, enquanto a outra fazia um esforço para se manter imóvel. Segundo Carver, não passava de um esforço, uma vez que aquele olho andava a deambular sem ele saber e sem querer que isso acontecesse.

Terrível, nada do que estava a acontecer com Gregório S. tinha explicação. Dias antes, na firma de computadores onde trabalhava, haviam posto um persiana numa janela. Tinham-na colocado do lado de fora do vidro, com os fios também de fora, de modo que não a podia manejar.

Queixara-se. Tinham vindo depois dois técnicos de uma outra firma, um deles de origem alemã. Conversaram longamente sobre o local onde deviam fazer um furo para que o fio passasse para o lado de dentro. Foram-se embora sem decidir. Combinaram voltar ali três semanas depois, porque um deles ia a Bruxelas a uma reunião.

Agora, no metro, frente a um caso de epilepsia, Gregório S. constatou que o caso da persiana misteriosa era uma gota de água no meio das tragédias do mundo.

Talvez por isso, segurou no bombeiro,agora mais calmo, limpou-lhe a espuma da boca, ajudou-o a levantar-se e a perguntar para onde queria ir.

«**Vou ali à Pollux**».

«**Aonde?**», perguntou Gregório S.

«**Disseram-me para ir lá buscar um balde e uma pá**».

«**À Pollux?**».

«**Vou para a Madeira. Para o crude, sabe como são estas coisas!**», disse o outro.

Gregório S.,no meio do espanto, só conseguiu perguntar:

«**Então e onde o vão pôr?**»

«**Se calhar, temos que o atirar ao mar!**», respondeu o bombeiro.

Texto de
Roby Amorim

O INCÓMODO FANTASMA

Veio para ficar e a única coisa que é capaz de o perturbar são uns sonoros palavrões

Pois que se afirmam românticos e tradicionalistas, os ingleses adoram-nos. Aliás, até, e não esquecendo a faceta prática daquele país, porque representam um excelente atractivo turístico. Por cá, não pode dizer-se que sejam muito bem vistos. Logo que se dignam aparecer, lá surge todo um rol de alaridos, de lamentos e de sustos, de desmaios e arrepios, quando não é urgentemente reclamada a presença do exorcista, de hissope alçado, para correr com eles para outras paragens onde não incomodem mais ninguém. **Os fantasmas** !

Verdade seja dita, alguns exageram. Que deambulem pelos corredores, soltem gemidos tremendos, arrastem cadeias pelo soalho, façam voar os mais disparatados objectos, exibam manchas sangrentas nos seus lençóis puídos, é incómodo, é certo, mas podia-se-lhes perdoar.

Todavia, como em todas as coisas deste mundo (e, pelo visto, também do outro) há os que se excedem. Como aquele que teima, desde há tempos, em fazer a vida negra a um pacato casal da quase ignorada aldeiazinha de Adurão, perdida lá para as bandas da Pampilhosa da Serra. É que, contam as vítimas, «**aquela coisa fria**» não se limita à agressão psicológica tão característica dos retomados do Além. Passa as marcas e passa mesmo às vias de facto, para ser preciso, à estalada a estralejar na cara da pobre sra. Maria de Jesus, que já não sabe para onde se há-de virar, nem quem lhe possa acudir.

Tentou-se tudo: a exposição exaustiva de imagens de santos e santinhas por todos os quatro cantos da casa, proporciatórias e piedosas rezas e baldes de água benta, mas nada deu o menor dos resultados. Pelo contrário, parece terem ainda mais exasperado a activa alma penada que insiste em não largar a porta do perturbado casal.

Ao fantasma ninguém o viu, lá isso é verdade, o que levou algumas almas (estas ainda terrenas) mais incrédulas a inquirirem despudoradamente se «**aquilo das estaladas não será obra do marido**». Que não, responde indignada a sra. Maria de Jesus..., que em trinta e dois anos de casados foi coisa que nunca aconteceu...

Se ninguém, nem os próprios locatários da humilde casita de Adurão, lhe pôs o olho em cima, pelo contrário muita gente o ouviu. A especialidade da abantesma é produzir uma infernal barulheira. «**Parece um carpinteiro a pregar pregos**» toda a santa (perdão, diabólica) noite, lamentam os dois velhotes. Confirma a vizinhança.

Suspeitoso, o pároco da freguesia resolveu ver em que pé paravam as coisas. Visitou o casal, aconselhou calma, ofereceu-se para ajudar no que fosse possível, especialista que é em despachar almas para um mundo melhor, ou que se espera que o seja. E desandou.

Que tal foste fazer ! As coisas só conseguiram andar ainda para pior. No dia seguinte, o barulho a tal ponto aumentou de volume que «**até parecia que a 'coisa' usava a aparelhagem eléctrica de uma feira**».

Os velhotes já não sabem mais que fazer. Ir à bruxa está fora de causa, apesar dos inúmeros conselhos que toda a vizinhança lhes ofereceu nesse sentido. É caro, se calhar não resulta, e o dinheiro não abunda lá em casa nem para arrumar a conta do tendeiro.

O sr. António Carlos, que, felizmente para ele, nunca foi vítima de uma fantasmagórica estalada, resolve as coisas a seu modo, chamando «**nomes**» ao aborrecido novo inquilino e atirando-lhe com «**palavras que agora não repito**».

E, surpreendentemente, com resultados por vezes positivos. Um dia destes, estava o casal deitado, quando, para grande espanto de ambos, a travesseira da cama começou a ser puxada por o que só podia ser uma força invisível. De resto, bem se sabia do que se tratava... O sr. António Carlos não esteve pelos ajustes, agarrou-se com unhas e dentes à almofada, enquanto, no mais sonoro dos vernáculos, bradava enraivecido: «**Anda, filho da puta, que agora não sai daqui a travesseira** !» E ganhou a dele, que a alma do outro mundo, por mais que esforçadamente o tentasse, não conseguiu levar a sua avante.

Talvez tenha sido um simples golpe de sorte, ou aconteceu num momento de inesperada fraqueza do pouco recomendável visitante. Seja como for, a «**coisa**» não desiste de perturbar o velho casal, escolhido ninguém compreende porquê, que a casa é mais ou menos recente e não há tradições pelos arredores de outras desrazoáveis semelhantes visitas.

Coisa que dá para pensar maduramente, este método activo e eficiente de nos desfazermos do indesejável. Bem precisamos. Este nosso mundo anda cheio de fantasmas. São as almas penadas do fascismo, que se julgavam enterradas em Santa Comba, são os fumos sulfurosos do estalinismo, com estátuas a cair um pouco por todo o Leste, mas a manterem-se firmes cá por casa , é o decapitado racismo a pavonear-se de cabeça rapada por essas ruas, um nunca acabar.

Fantasmas indesejáveis que, a todo o momento, nos esbofeteiam e nos ameaçam, como o de Adurão insiste em fazer à sra. Maria de Jesus. Bastarão uns veementes palavrões para que levem sumiço ? Valha-nos aqui o sr. António Carlos !

Texto de
António Calvet de Magalhães

O REI VAI NU

OS PÓS-SALOIOS DESTE REINO

Saloios e saloias, houve alguns, quando Caneças era Caneças, os burros carregavam as bilhas de barro atestadas com água da fonte fornecida directamente ao consumidor. Com os tempos, o burro cedeu o lugar à carroça puxada pelo fruto dos seus devaneios com as éguas da vizinhança. Portadora de maior quantidade de bilhas, logo de maior quantidade de água, a carroça de mulas inicialmente equipada com rodas de madeira, adopta as velozes e silenciosas rodas de borracha transformando-se simultaneamente na certidão de óbito do famigerado saloio. Da carroça à caminheta e desta à camioneta japonesa, foi um ai que lhe deu. As bilhas claudicam inapelavelmente perante os gloriosos e arrogantemente «transparentes» garrafões de plástico e as águas proliferam mais do que as fontes. O saloio passa à história, perpetuado pelos registos gráficos de Bordalo, Valença, Stuart e outros, Caneças passa para as mãos dos mestres-de-obras, descendentes ocasionais dos encontros furtivos entre saloios e senhoras desconhecidas. Muito provavelmente, responsáveis inconscientes do **pós-saloismo**, os mestres-de-obras têm-se feito representar abundantemente através da sua obra neste reino, quer pelas «maisons» com parede de azulejo de casa-de-banho a forrar as fachadas, ou pelos primorosos bairros clandestinos no topo de colinas expostas amavelmente aos elementos e a permitir o fácil escoamento das águas dos esgotos rua abaixo. Sem dúvida alguma, estes paladinos da desconstrução criaram os precedentes necessários à futura implantação das Amoreiras, BNU's e outras aberrações do género.

Com o cimentar de tais antecedentes, surgem no final da década de 70 e como resultado de falhadas interrupções de gestação, uma praga denominada de **pós-saloios**. Proliferando como gafanhotos, invadiram-nos o quotidiano, poluindo metodicamente os espaços urbanos, sociais, políticos e económicos, bombardeando-nos com lugares-comuns, pirosas pirosises e outros mimos do género. Arvorando-se em profetas-gurus de pseudo-correntes-pós-qualquer-coisa, instruindo-se avidamente nas projecções de mal enjorcados vídeo-clips, de qualquer TV, de qualquer quarto de hotel com nome estrangeiro, para pós-saloio frequentar. Insinuando-se nos meios de Informação, assaltando os pseudo-centros de poder, seguindo o som inequívoco das trombetas da fama e fortuna, os pós-saloios, fazem salamaleques aos tecnocratas novos-ricos, desenvolvem e aperfeiçoam algumas técnicas de autopromoção, variadas na forma e no conteúdo. Uns, navegam à bolina, ou seguindo a corrente mais favorável no momento, baixando as velas apressadamente, quando o vento sopra forte. Outros, vão a nado, chafurdando em qualquer charco, **Independentemente** das condições do **Tempo**, fazendo manchete num **Jornal** privado, ou **Público**, vendendo banha-da-cobra, ou esticadores para os colarinhos, na Tê-Vê ou na Tê-Sê-Fê, bracejando à esquerda e à direita para não perderem o Norte. Uns e outros, formam a elite pós-saloia, com as suas figuras de proa, dentro e fora de portas.

Se dentro de portas, o **pós-saloio** se dedica às habilidades do catálogo pós-saloiista, tal como passar um mês num hotel com algumas estrelas, para fazer a apologia das torneiras de casa-de-banho, ou dos rolos de papel higiénico que conseguiu engolir, a justificar a publicidade paga, ou a negociatazinha da praxe, fora de portas a história já é outra; o embasbacamento perante as diferenças culturais, entre este reino e os reinos de verdade, constitui uma das «performances» mais brilhantes do pós-saloiismo. A organização social, os serviços públicos, ou simplesmente os direitos dos cidadãos, ofuscam a visão de um **pós-saloio** que se preza, não resistindo à inveja mais brejeira pondo em imediato funcionamento a caixa da verborreia, dando largas às memoráveis tiradas pós-saloiistas, condignamente representadas de Paris a New York, passando por New Orleans. Um desperdício!

A elite pós-saloia fora de portas, tem no entanto dado um precioso contributo para a compreensão de fenómenos culturais que, caso contrário, passariam totalmente despercebidos ao comum dos mortais: a importância dos tons da «lingerie» utilizada por uma estrela de cinema francesa e de como tal afectou o discernimento (já antes muito afectado, diga-se de passagem) do ilustre representante do **pós-saloiismo** (**neo-pós-saloiismo**) deste reino, no reino de França, ou a transcendentabilidade da varinha-mágica (um invento U.S. por sinal) que a representante mais **pós-saloia** de todas as **pós-saloias** nos transmitiu em desespero de causa desde um apartamento algures na América.

Ainda nesta categoria da hierarquia pós-saloia, podemos inventariar um sem-número de membros com destaque para os «rápidos». Vê-los passar vertiginosamente, de tacho para tacho, faz o «Speedy Gonzalez» parecer paralítico. Os resultados destas «mudanças» estão bem à vista de todos: um jornal semanário de espectáculos, enfezado e com cara de capa de disco dos anos cinquentaa (estilo Calvário e Cia.); um diário tão privado que não sai a público (e é melhor que não saia pois já ninguém pode com aquela foleirada «gráfica») uma catrapazada de títulos, comprados e vendidos, por um menino do papá que queria brincar aos jornais (com o coiro dos jornalistas) e a quem deram como prémio de consolação, uma pasta ministerial para brincar à cultura, o que é muito bem feito.

Doutras fornadas, saíram os **pós-saloios** em vias de privilégios; espécie menos espectacular, por razões óbvias, mas a treinar muito, seguindo os planos de treino dos seus mentores, fazendo a via sacra do Bairo Alto e seus foleiros bares (**pós-saloios**, **pós-saloíssimos** e os inclassificáveis) esperando atenta e pacientemente às portas dos mesmos que lhes atirem um «ossito», arrastando-se de «vernissage» em «vernissage» por essa interminável lista de lojas de monos (mais conhecidas por galerias) insuportavelmente **pós-saloias**, geridas por senhores e senhoras meninos e meninas afins, constituindo-se em locais ideais para trocar impressões sobre os maravilhosos efeitos da última marca de «gel» para o cabelo, cuja paleta de cores se ajusta perfeitamente às necessidades mais prementes de qualquer fazedor de superfícies e volumes emoldurados, ou não, a preceito e disponíveis, em qualquer desses locais, pela módica quantia de um ou mais anos de salário mínimo nacional.

No final da escala hierárquica aparecem os infantes ou **J.P.-S.** (**Juventude Pós-Saloia**) dando os primeiros passos na senda **pós-saloiista**, fãs incondicionais dos notáveis, rejubilando a cada **pós-saloice**, acalentando a esperança de poderem reverentemente apresentar-lhes a irmã mais velha, irlhes comprar cigarros ou o jornal semanário do guru e poder satisfazer todos os caprichos dos **pós-saloios** deste reino, em que o rei vai nu (cada vez mais nu).

Texto de
Duda Guennes

TESTAMENTOS:
QUE SE CUMPRA A ÚLTIMA VONTADE DO FALECIDO

O escritor norte-americano Gore Vidal já tem pronto o seu testamento. Seus bens serão dados em usufruto a Howard Austen, seu (dele) secretário e companheiro há 39 anos. Quando Austen morrer, os bens do escritor serão herdados por bibliotecas dos Estados Unidos. Há, porém, uma exigência no testamento. «Minha herança beneficiará as bibliotecas nas quais o próprio leitor pega o livro na estante. As que tiverem funcionários para fazer isso não receberão nada» — adverte Vidal. E as exigências são para serem cumpridas.

Está nos dicionários: «Testamento — Acto pela qual alguém declara suas últimas vontades e estabelece a disposição dos seus bens depois da morte».

Últimas vontades que têm de ser seguidas pelos herdeiros, caso contrário pode dar a maior bronca, com a perda dos respectivos bens.

Às vezes — e não são poucas — os testamenteiros usam das suas prerrogativas para executarem mórbidas vinganças contra os seus herdeiros. Como foi o caso da viúva do falecido Erick Ritter, de Dortmund, Alemanha. Quando o testamento do marido foi aberto, devidamente, pelo advogado encarregado, na presença dos herdeiros, ela também ficou de boca aberta. O defunto havia especificado, claramente:

«Meus herdeiros só poderão entrar de posse dos bens que lhes lego depois de cada um se comprometer a cortar, por turnos, o relvado inteiro do meu jardim, sempre que isso seja necessário. E a minha mulher também terá de fazê-lo. Durante anos ele obrigou-me a cortar essa relva, agora exijo que os demais o façam, em meu lugar».

A sr.ª Ritter, indignada, teve que aceitar e sossegou os parentes assustados, explicando que o «relvado do jardim» do falecido media apenas dois metros por um.

Ao falecer em 1957, o rico norte-americano Alan B. Randall deixou de herança para um sobrinho, que era dono de um bar, «dois elefantes vivos e não vendáveis». É o que se pode chamar um presente de grego.

Outros, em vez de deixar animais como herança, deixam os seus bens para animais de estimação, cão ou gato, geralmente. Como foi o caso da sr.ª Hancock, de Beckenham, Inglaterra, que deixou por testamento a «pequena» soma de duas mil libras esterlinas para o sustento do seu cão «Rajah».

A velha senhora deixou também bem explicado, no testamento, o regime diário que deve ser respeitado para o seu fiel amigo: seiscentos gramas de carne de vitela e rins, biscoitos e, de vez em quando, determinadas pílulas de vitaminas.

Rosemary Ambler, que morreu em Março do ano passado, aos 86 anos, deixou toda a sua fortuna — 40 mil dólares — para os seis cães da raça Corgi de propriedade da rainha Isabel II de Inglaterra, e não deixou nada para o seu filho único, Tony, de 50 anos, que lhe devia dinheiro. Thomas Catchart, encarregado da herança, declarou que a sr.ª Ambler deserdou o filho porque estava irritada com ele. Tony, por sua vez, afirmou que a mãe sofria de alucinações, e lamentou: «O que mais me irrita é o facto de minha mãe não ter sequer se lembrado de sua cadelinha, Sallly. Pobre animal; sobre ela não há uma palavra no testamento».

Pobre Tony! Pobre Sally! Mas os ingleses são assim mesmo.

Aliás, no ano de 1988, mais de 20 mil pranteados cidadãos britânicos deixaram heranças para instituições de caridade e mostraram maior preocupação com o bem-estar dos animais (beneficiados em 12,4 por cento dos testamentos) do que com crianças (7,7%), os loucos (1,1%), o Terceiro Mundo (3,2%) ou as artes (0,7%).

UM POUCO DE HUMOR

Já o norte-americano, Williams Putman, que faleceu aos 71 anos, deixou determinado em testamento que legava «ao nosso bom planeta Terra, os milhares de torrões que arranquei nos campos dos melhores clubes de golfe dos Estados Unidos». Deixou também para o filho um relógio eléctrico «para que ele fosse pontual», e para a filha um retrato dele, a óleo, «para que ela tome cuidado para não se tornar tão gorda e sem graça como eu, ao envelhecer».

À mulher deixou três mil dólares «para ela comprar alfinetes».

Mister Putman era um gozador, bem humorado. Muito mais gozador ainda foi Ludovico Cortusio, jurisconsulto de Pádua, falecido em 1418. Cortusio proibiu terminantemente, quando estava para bater as botas, que alguém chorasse no seu enterro. E, para garantir a alegria, fez um testamento, no qual determinava:

— Quem chorar no meu enterro não deverá receber um centavo como herança; quem rir mais será meu herdeiro universal. Nada de sinos fúnebres, mas sim muita música alegre. Nada de roupas escuras: quero cores vivas, estampadas, com muitas flores, muito amarelo».

Vocês já imaginaram como deve ter ocorrido o funeral de Cortusio? Bem que merecia ser filmado por Felini.

Mario Del Monaco cantou 427 vezes «Otelo». Não admira, portanto, que em suas disposições testamentárias pedisse para ser sepultado com os trajes de Otelo e que gravações da ópera, na sua voz, fossem executadas durante o enterro.

PERFEITAMENTE LEGAL

A paixão de uma rica proprietária de um «Rancho» no Texas eram automóveis. Quando ela morreu, verificou-se que a sua última vontade era ser enterrada dentro do seu carro-desportivo. Então, carro e motorista, devidamente sentado ao volante, foram cuidadosamente acondicionados em um caixão mortuário gigante, depois este foi colocado no mausoléu da família, cuja entrada teve de ser alargada a fim de dar passagem à nova inquilina.

Claro que os herdeiros bronquearam e o caso foi até ao tribunal de Dallas, onde o juiz determinou que o desejo da falecida, se bem que nada habitual, era perfeitamente legal e devia ser respeitado.

Outro fazendeiro do Texas deixou em testamento uma cláusula estabelecendo que todos os anos, oito mil dólares da sua fortuna deveriam ser utilizados na preparação de uma lauta ceia de Natal para 200 cavalos.

SUAVE VINGANÇA

A riquíssima viúva de um fazendeiro de Maryland deixou a numerosa família consternada quando partiu desta para melhor.

A falecida legava toda a sua fortuna ao parente que pudesse comprovar uma vida inteira de virtudes: não deveria, jamais, ter fumado, bebido álcool e, é claro, nunca ter-se casado.

Foi realmente um golpe baixíssimo no meio da malta, que sentiu-se profundamente magoado.

O herdeiro só podia ser um membro da família: o neto da falecida, um puto com oito anos.

Um grande industrial de calçados, John Alluster, de Detroit, deixou para Edward, o filho mais velho, 87 mil pés direitos de sapatos; deixou para o filho Steve, o caçula, também 87 mil pés esquerdos. E fez questão de especificar, numa cláusula do testamento, que proibia os filhos de unir a herança. Explicou: «Assim, vejo-me vingado da indiferença que ambos sempre me demonstraram».

O financista inglês, Arthur Robin, absolutamente convencido de que a sua filha era ainda imatura para administrar seu património, determinou em testamento que ela só poderia tomar posse da herança quando completasse 50 anos. Valéria, a filha, à época com 25 anos, continua à espera, doidinha que o tempo passe logo. Quer envelhecer o mais cedo possível — e ainda faltam oito anos para Valéria meter a mão na «massa».

SAÚDE E MODÉSTIA

Dona Amélia Leffingwel era uma velhinha bem-humorada, que faleceu em Vermont, depois de ter completado 80 anos bem vividos. No testamento, deixou um enorme baú ao médico que a tratou durante mais de 40 anos. Ela havia prometido ao médico que ao morrer iria deixar-lhe tudo que tinha. E quando o médico, emocionado, abriu o baú, quase procumbiu: dentro dele estavam intactos todos os remédios que receitara para a falecida cliente durante todo o tempo em que fora seu médico de confiança.

E, para terminar, tem aquela do velhinho reformado que, ao falecer, deixou testamento redigido nestes termos:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo: eu nada tenho, devo muito e o restante deixo aos pobres».

Texto de
Chakê Matossian

A DOS FILÓSOFOS

DESCARTES: FILOSOFAR CONTRA AS MOSCAS

Enquanto que Sócrates se compara a um moscardo, Descartes inverte a metáfora e vê na mosca a imagem do inimigo. Numa carta dirigida a Huygens, associa os seus adversários a «duas ou três moscas voando à volta da cabeça de um homem estendido à sombra numa floresta para aí descansar » (1). Por conseguinte, os ataques inimigos não passam de uma simples parasitagem, apenas têm a eficácia de incomodar a concentração do filósofo. Miseráveis e insignificantes, as moscas «são às vezes capazes de impedir» o repouso do homem deitado.

Esta inversão corresponde curiosamente à alteração operada por Descartes no campo da filosofia, a este gesto inaugural que consiste em eliminar o saber recebido, em duvidar dos benefícios da educação, em pôr em causa os mestres. Ao afastar a mosca, Descrtes expulsa, simultaneamente, a imagem do pai da filosofia, torna-se no anti-Sócrates ou, talvez, no outro-Sócrates. Ao adoptar enquanto postura propriamente filosófica a do sonhador descansando na floresta, Descartes inverte a posição socrática, escolhe a posição condenada no **Fedro.**

A filosofia baseia-se na dúvida mas esta última não diz apenas respeito aos sentidos que nos enganam. Para atingir as ideias, é preciso duvidar do senso comum, ou seja duvidar de tudo o que vem de fora. Filosofar é gerar-se a si-próprio, dar luz ao Ego e, daí, ser o seu próprio pai. O que ensinam os mestres? Não comunicam um saber, mas exercem, sim, um poder através da repressão dos apetites. Detêm este poder porque, à partida, há uma situação de inigualdade, o confronto da criança com o adulto: «pensei ainda que, pelo facto de todos termos sido crianças, antes de sermos homens e precisarmos de ser governados durante muito tempo pelas tendências e pelos nossos preceptores, muitas vezes em contradição uns com os outros, não aconselhando talvez sempre o melhor, nem uns nem outros, é quase impossível que os nossos juízos sejam tão puros e sólidos como seriam se tivéssemos o uso inteiro da razão desde a nascença e nunca tivéssemos sido guiados senão por ela» (2).

Derrubar o edifício construído pela educação não significa que se deva elogiar a ingorância. É importante ler os Antigos, passar pelas artes e pelas ciências: «não deixava, entretanto, de apreciar os exercícios com que se ocupam nas escolas» (3); as línguas, as fábulas, as histórias, a eloquência, a poesia, as matemáticas, a moral e a teologia, a filosofia, a medicina, a jurisprudência, todas as ciências merecem um exame: «é bom tê-las examinado todas, mesmo as mais supersticiosas e as mais falsas, para conhecer o seu justo valor e livrar-se de ser por eles enganado» (4).

É preciso, portanto, viajar na cultura e parar a um dado momento para iniciar o caminho filosófico na solidão. Descartes não quer pertencer a nenhum enxame, o seu discurso como também o seu método só valem para ele, situam-se fora do domínio público: «não poderia aprovar de modo nenhum esses temperamentos perturbadores e inquietos, que, não tendo sido chamados, nem pelo nascimento, nem pela fortuna, à direcção dos negócios públicos, não deixam nunca de fazer neles, em pensamento, alguma nova reforma. E se eu pensasse que neste livro haveria o menor indício pelo qual pudessem suspeitar de tal loucura em mim, ficaria muito desgostoso em consentir que fosse publicado. O meu intento nunca foi mais além do que procurar reformar os meus próprios pensamentos e de construir em terreno totalmente meu. E se, tendo-me agradado muito a minha obra, aqui vos mostro o modelo, não é que, por isso, eu pretenda aconselhar alguém a imitá-la» (5).

Pelo facto de recusar mexer nos assuntos públicos, Descartes repudia o papel do filósofo socrático que percorre a cidade para picar e despertar os habitantes. De resto, o próprio modelo da cidade encontra-se eliminado do **Discurso do método.** Com efeito, Descartes convoca a arquitectura para ilustrar o seu método e mostra-nos que não se trata de reconstruir uma cidade mas de edificar uma casa particular: «É verdade que nunca se viu derrubar todas as casas duma cidade, só com a intenção de as reconstruir doutra maneira e de tornar assim as ruas mais belas; mas, vê-se que muitos mandam destruir as casas para as reedificar» (6). Descartes constrói uma casa, a sua. E nesta casa, como veremos, as moscas não podem entrar.

(1) Carta de Huygens, 19 de Agosto de 1638.
(2) **Discurso do Método,** (2.ª parte), Lisboa, Livraria popular Francisco Franco, p. 39.
(3) **Ibid.,** a.ª parte, p. 29.
(4) **Ibid.,** p. 30.
(5) **Ibid.,** 2.ª parte, p. 41.
(6) **Ibid.,** p. 39.

Se do tempo cabo verdeano de Graça Morais a figuração conhece outros inquilinos, e a cor se emola num horizonte de terras, é sobretudo pela introdução da palavra, que compreendemos o arrepio de ternura que na ilha viveu

A PRINCESA DO FOGO

Jorge Fallorca

«A minha família aumenta e desejo-a por estas terras fora, porque estou neste mundo para viver com esta abundância, como este mar que se estende a meus pés tão imenso, tão luminoso, que me cega de emoção» - Esta página, com data de 7 de Julho de 1988, pertence a um bloco onde a Graça Morais foi anotando as surpresas e descobertas, alegrias e sofrimentos de uma curta permanência em Cabo Verde.

"A iniciativa não partiu de mim, mas de um convite que o embaixador Fernandes Fafe fez a alguns escritores e músicos. Inicialmente também esteve para ser convidado o João Hogan, mas o avanço da doença pôs de parte a ideia e sugeriram ao embaixador o meu nome. Não pude aceitar logo, mas face à insistência acabei por dizer que sim, sem a obrigatoriedade de ter de fazer um trabalho. Primeiro, estive lá duas semanas. Numa segunda fase, que viria a prolongar-se por dois meses, senti a necessidade de arranjar um atelier para poder trabalhar".

«DL» - Os trabalhos, que agora mostras na Galeria 111, foram todos feitos lá ou a partir de apontamentos que trouxeste de Cabo Verde?

"Pintei lá os mais pequenos, e também a maior parte dos desenhos que aqui vês. Enchi montes de cadernos com apontamentos, esboços...

«DL» - Sendo transmontana, o que é que mais te impressionou nas ilhas?

"O primeiro impacto foi com a paisagem e a cor. Sobretudo, a grande nudez da paisagem das primeiras ilhas que conheci; o Sal, que é o deserto total, S. Vicente e o Fogo. Daí as terras (sena e ocres) que utilizei nestes quadros. Nesta pintura não há ruptura, há uma continuação, mesmo na forma como desenvolvo o desenho. A grande diferença é nas pessoas, porque realmente são diferentes".

«DL» - Nesta série há a introdução de um novo elemento na tua pintura: a palavra.

"Realmente nunca aconteceu. Eu acho que esta série tem muito a ver com o silêncio e com a palavra. Quando digo silêncio, refiro-me mesmo à forma de dançar dos cabo verdianos. Na dança, e mesmo na própria música, há um entendimento físico e espiritual muito grande. Isso é mais perceptível na maneira como o cabo verdiano, do interior, observa e comunica com as pessoas. São ilhéus... Os graffitis que transportei para estes quadros também vêm na sequência do meu fascínio pela oralidade e o pouco criolo que percebo. Eu ouvia quase sempre um programa de rádio, entre as 6 e as 6 e 10. Esse programa emocionava-me muito, porque percebi que era o meio de contacto inter ilhas. Enquanto o ouvia, fui fazendo uma série de desenhos que são uma espécie de diário íntimo. Durante aqueles dez minutos, o locutor despejava, sem qualquer pontuação, as mensagens, os recados que aquelas pessoas dirigiam uns aos outros. Desde as melhoras aos parabéns, tudo passava por aquele programa. Até que um dia, ouvi a nostalgia com que um esposo, ainda no aeroporto mas já a caminho da América, se despedia da mulher, e percebi melhor a ternura daquela gente que está sempre a partir para qualquer lado desejosa de ficar. Aquele programa era um retrato emociante da gente de Cabo Verde".

«DL» - Esse programa permitia-te partilhar a intimidade daquelas pessoas.

"Sinto uma grande curiosidade em relação às pessoas e às coisas. Vivo uma disponibilidade permanente, e quando sou confrontada com a intensidade dessas energias, normalmente respondo através do desenho. Porque o desenho é a expressão mais directa, mais íntima e mais simples. Depois dessa experimentação, passo então para o quadro, onde também há o desenho e a pintura".

«DL» - É precisamente essa técnica mista que caracteriza a tua pintura.

"Quando me interrogo se sou mais pintora que desenhadora, acho que sou mais desenhadora. Nas últimas telas, o desenho serve de base para a pintura, mas depois autonomiza-se. Há uma fusão, se quizeres".

«DL» - Agora pedia-te para irmos às ilhas do teu Trás-os-Montes, donde nos tens trazido histórias, revelado mitologias inesquecíveis...

"Eu nunca consigo contar uma história com princípio meio e fim. As realidades que eu pinto nunca são a realidade tal como a entendemos. Incomoda-me que as pessoas me conotem como pintora transmontana, porque inevitavelmente perguntam-me logo se faço paisagens.

As realidades que eu pinto nunca são a realidade tal como a entendemos.

Não me considero de maneira nenhuma uma paisagista ou uma retratista. Realmente, quando me baseio em histórias e mitos, tudo aquilo é fruto da minha péssima memória para as fixar. O que me parece importante, é o desafio de transportar para os meus quadros a alma, a essência dessa oralidade. Quando cheguei a Cabo Verde a interrogação pôs-se mais uma vez: e agora? Inibiu-me, o peso dessa presença tão forte. Mas a partir do momento em que se verifica uma transferência de afectos, a pintura bem ou mal começa a surgir".

«DL» - Porque é que os teus quadros são tão grandes?

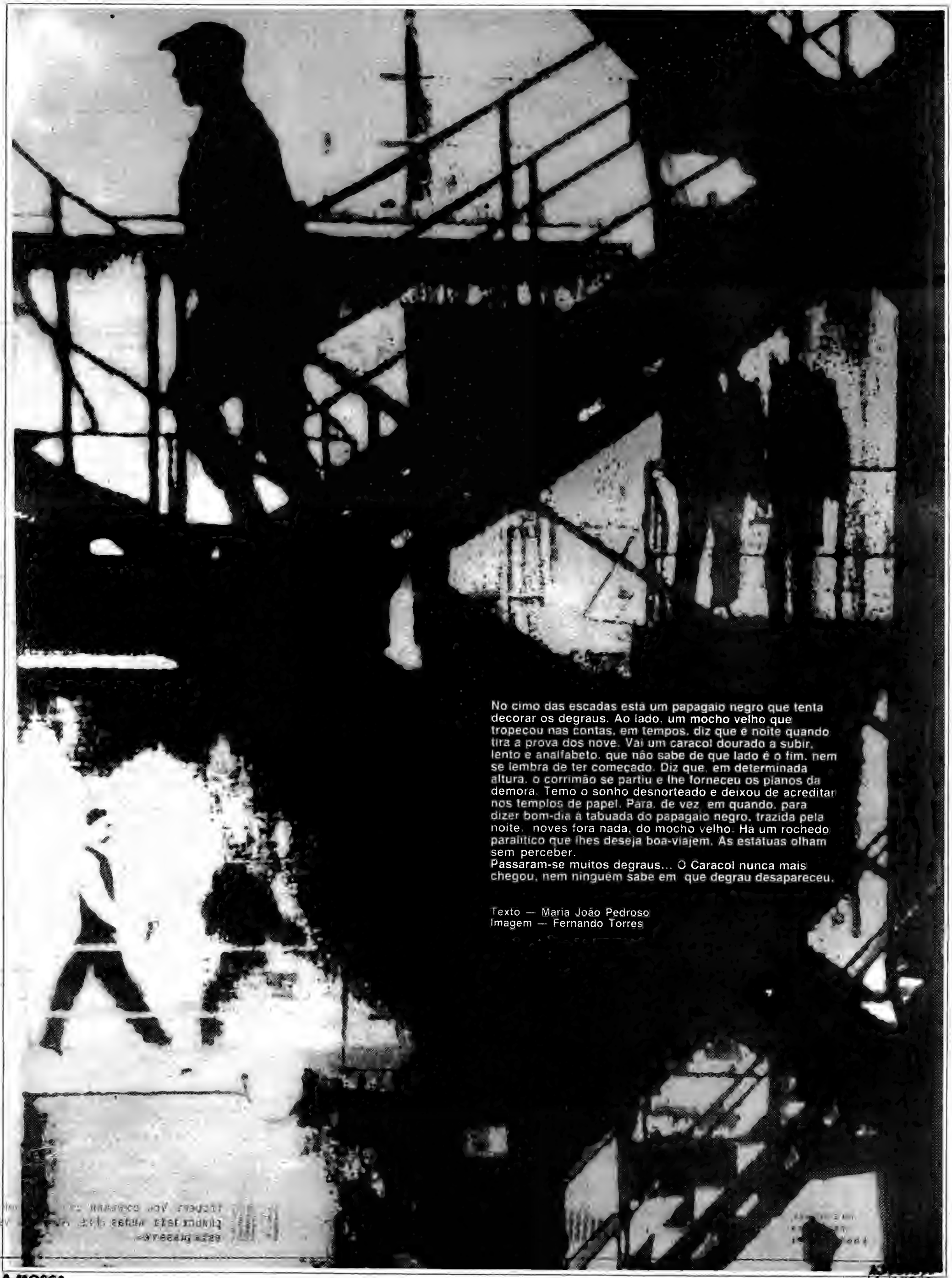
"Achas? Normalmente sinto-me bem a fazer desenhos muito pequeninos. É uma conversa secreta entre mim e o papel. O desenho é uma técnica muito sóbria: só exige um lápis e um papel. Às vezes surge-me uma ideia nos sítios mais inesperados e aponto-a numa base qualquer. É por isso que tenho montes de desenhos, apontamentos, dispersos por tudo quanto é caderno. Mas ao passá-los para a pintura, eu sinto-me muito bem em superfícies amplas. Talvez porque assim há uma entrega que também é física. Por outro lado, em pintura determinados resultados só se conseguem em grandes dimensões".

«DL» - Essa exigência da participação física também se põe a quem os vê, porque a tua pintura não é de maneira nenhuma passiva.

"Quando estou a pintar sou o mais egoísta que possas imaginar. Mas também compreendo, e desejo, que os meus quadros possam despertar o imaginário de cada um. E isso é que é importante".

Uma velha placa de ferro encontrada na praia, viria a revelar-se determinante para a Graça ultrapassar hesitações impostas pela nova realidade. São também do mesmo diário cabo verdeano estes apontamentos: «Não me interessa fazer um discurso político a partir deste país, mas conceber uma arte baseada numa atitude ética. Preciso para isso de me apropriar de tudo o que vejo, o que sinto, para que linguagens coabitem e se identifiquem. Vou continuar com a primeira pintura feita nestas ilhas. A Vitória vai estar presente».

O desenho é a expressão mais directa, mais íntima e mais simples.



No cimo das escadas está um papagaio negro que tenta decorar os degraus. Ao lado, um mocho velho que tropeçou nas contas, em tempos, diz que é noite quando tira a prova dos nove. Vai um caracol dourado a subir, lento e analfabeto, que não sabe de que lado é o fim, nem se lembra de ter começado. Diz que, em determinada altura, o corrimão se partiu e lhe forneceu os planos da demora. Temo o sonho desnorteado e deixou de acreditar nos templos de papel. Para, de vez em quando, para dizer bom-dia á tabuada do papagaio negro, trazida pela noite, noves fora nada, do mocho velho. Há um rochedo paralítico que lhes deseja boa-viajem. As estátuas olham sem perceber.
Passaram-se muitos degraus... O Caracol nunca mais chegou, nem ninguém sabe em que degrau desapareceu.

Texto — Maria João Pedroso
Imagem — Fernando Torres

PERC

Fotos:
José Maria Nolasco

Texto:
Rui Eduardo Paes

O destino é um lugar vazio. A questão nem sequer reside em ir até ele.
uma questão de chegar. Todas as partidas anunciam o destino, é verdade,
mas o destino é uma incógnita ao infinito, mesmo quando o temos
como assegurado. Sentamo-nos no lugar errado, e vêmo-los passar,
destinos possíveis, talvez os destinos dos outros, pela janela do transporte
que tomámos. E quando finalmente chegamos, o destino já é outro,
e podemos escolher. Ou ficamos ou continuamos. A morte não tem nada
a ver com isto, é o bilhete comprado ao revisor.
Podemos rasgá-lo em pedaços pequenos, levianamente.
O destino residia já em nós, não era preciso partir.
O destino é uma estátua interior...

RCURSOS

MÚSICAS Oblíquas

A M O S C A

Rui Eduardo Paes

DOIS NOVOS DOS NO SAFETY E DOS OWT

O ROCK DO ROCK

Se ainda faz sentido falar em **rock** nos dias que correm, a virtude (ou o esforço, como quiserem) não decorre das suas próprias energias mas, como diz o poeta nestas circunstâncias de dúvida e aperto, de *ailleurs*. E no entanto, nunca como hoje o nome **rock** foi aplicado com tanta propriedade a certos objectos musicais. Basta um olhar histórico para perceber: o *rock and roll* dos *fifties* não era mais do que a branquização do *rhythm 'n' blues* e depois, nos anos sessenta, não passou da condição pública de uma linha dura da *pop*, em contra-corrente sem dúvida mas ainda assim convenientemente circunscrita aos parâmetros do sistema comercial e ideológico.

Desde fins da década de 70 que se sucedem as tentativas de depuração e retorno a uma matriz que é afinal tão mítica quanto as soluções propostas mas que, malgrado todos os equívocos, fizeram com que o **rock** finalmente se tomasse como tal e nada mais, ou menos. Contribuíram para tal o *punk* e o *cyberpunk* posterior, certo *heavy metal* e mais determinantemente as suas variantes consequentes, o *speed* e o *trash*, ou esse familiar próximo a que chamam de *hardcore*. Deram um empurrão precioso as revisões das estéticas *garage* ou *noise* (esta em linha directa, note-se bem, da musicologia do ruído de John Cage), a mania das *guitar bands* e os conceitos (oh, ironia!) do *anti-rock*.

Pode ser que uns Sonic Youth, que tanta fama criaram com a explosão deste **rock** novo, sejam afinal um produto de uma reflexão, com tudo de intelectual, sobre os estados e as vias da música contemporânea, com pouco ou nada a ver, à partida, com as questões específicas do rock, mas a verdade é que do compositor Glenn Branca (de quem foram discípulos) ao grupo vai a distância que explica algumas das linearidades constatáveis no que a esta música diz respeito. Ou seja, se o **rock** é presentemente, e totalmente, aquilo que é, os impulsos de que beneficiou foram muitas vezes exteriores aos seus próprios domínios, e isto custe a quem custar e mesmo que seja a comprovação de alguma incapacidade. Levaria a concluir, o fenómeno, coisas como a consideração de que a distância é proporcional à lucidez, se assim não se resvalasse perigosamente para o psicologismo.

E no entanto os exemplos aí estão: os Captain Beefheart tinham como base de trabalho os *blues* urbanos e não obstante isso, ou precisamente devido a tal facto, foram fundamentais para as noções do rock que agora todos nós partilhamos. Jimi Hendrix sintetizou na sua guitarra todos os valores musicais dos negros americanos do seu tempo e hoje a maior aspiração de um guitarrista, independentemente da geografia ou do *background* cultural, é parecer-se com o mestre. Os Soft Machine ou os King Crimson agiam fora do que se pressupunha na altura ser o *pop/rock* e eis que temos como evidente o sustentáculo actual para se tocar o **rock** em clara alternativa ao modelo instituído e obrigado pelas multinacionais do disco. São exemplos ao correr da pena: há milhentos outros, recordáveis sem esforço.

Mas podíamos ir mais longe, e verificar quão importante foi que existissem músicos como Fred Frith, o homem que esteve por trás das experiências pioneiras levadas a cabo pelos Skeleton Crew, Henry Cow, Art Bears, Massacre, Material, Residents, Etron Fou Leloublan. Não é ele, nem perto nem longe, o habitual músico de rock, mas foi decisivo para que confluíssemos na meia dúzia de considerandos que nos norteiam quando é dessa tipologia musical que nos ocupamos. Por pior que achemos as fórmulas de *jazz-rock* reinantes nos seventies, que ninguém duvide que graças às práticas de então o *jazz* permitiu uma leitura do **rock** altamente salutar para este género.

Por mais incrédulos que nos sintamos a propósito das relações entre a cultura erudita e as culturas populares e mediatizadas, mormente as subculturas jovens (que alguns chamam «cultura da droga», como recentemente o fez, em pleno Parlamento, a nossa Natália Correia), é um facto indesmentível que a produção teórica «séria» justificou propostas musicais feitas do outro lado do muro cujos horizontes nada aparentavam do seu enraízamento. O **rock** presente, o **rock** dos Cassandra Complex, dos Bug, dos Butthole Surfers, dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, foram beber inspiração, motivos, referências, razões, fora do seu círculo, para já não falar das vezes que o fizeram até fora da música.

Mas o inverso também aconteceu e vamo-nos frequentemente deparando com obras de músicos estranhos ao universo exclusivo do **rock** mas que tocam uma música ainda mais umbilical do que aquela que se ouve nos circuitos usuais desta linguagem. Assim, se uns Bourbonese Qualk, sendo basicamente instrumentistas de **rock**, partem para outras vivências, como a electrónica ou o orientalismo exploratório, ilustrando o seu mais recente «My Government is My Soul» (álbum da New International Records, editado em 89 e importado pela Contraverso) a vitalização, por esta via, do **rock** que praticam, já trabalhos como «Good as Gold», dos Owt (Homestead Records-Contraverso, também de 1989) e «This Lost Leg» dos No Safety (RecRec-Contraverso, ainda de 89) são evidentes incursões de *outsiders* num espaço que não é originalmente o seu mas que demonstram dominar com especial perícia e maior sucesso que muitos militantes de longa data.

D. Luís ouvindo no Palácio a ópera *Lauriana*, cantada em S. Carlos. Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro em 1884

Os Owt consistem simplesmente numa dupla, Zeena Parkins e David Linton, herdeiros das atribulações improvisatórias radicais de há dez anos. Cansados de desrespeitar as estruturas musicais (quaisquer estruturas, diga-se de passagem), verificaram que o **rock** é de facto das poucas alternativas que ainda restam às músicas dominantes, inclusivamente no que ao *pop/rock* diz respeito, com a vantagem de ser uma música razoavelmente articulada em termos de construção. Ela uma harpista de traquejo que ousou revolucionar o seu intrumento, electrificando-o e acoplando-lhe uma panóplia de artefactos electrónicos, e ele um baterista de primeira água, com uma batida das mais fortes que nos tem sido dado ouvir e que acentua igualmente por meio da alta tecnologia, são suficientes para cobrirem amplamente o espectro sonoro e assinarem o título porventura mais vigoroso gravado nos últimos anos. Está tudo neste disco, o passado e o futuro do **rock**, a realidade circundante sob todos os seus ramos e a efabulação que foi sendo cultivada ao nível utópico durante os trinta anos de vida da família musical em questão.

Nem Parkins nem Linton são músicos de **rock**, saliente-se, e não estaríamos longe da verdade se até argumentássemos que a sua cumplicidade inclina-se mais para os lados do *jazz*, mas neste «Good as Gold» dir-se-ia que ambos vão mais longe do que qualquer das imediatamente lembradas personalidades carismáticas do **rock** contemporâneo, demasiado presas à forma da canção para dar largas à própria implicação terminal do estilo que é o seu. Zeena Parkins toca a harpa como se fosse uma guitarra e utiliza a potencialidade dos seus *devices* não para a obtenção de efeitos complementares, de mero enfeite, mas como fundo, como matéria-prima, e David Linton sabe ir buscar à bateria do **rock** o melhor que ela tem, com a rara habilidade de refutar as suas piores características, que como se sabe são as que mais sobressaem na percussividade do maior número de bandas **rock** existentes.

Se o outro disco referido retorna já ao uso de vozes e à explícita mensagem do canto, os valores, como verificará quem ouvir «This Lost Leg», são ainda os mesmos, porém. Chris Cochrane, Ann Rupel, Doug Seidel, Pippin Barnett, a mesma Zeena Parkins e também Jim Staley, David Shea e Tim Hodgkinson, os No Safety em suma, são um paquiderme de sabedoria instintiva, e pouco inocente como convém. «Sabedoria» essa fundamental para o **rock** obtido, um produto em que se preservaram os alicerces cortando-se com o primado da pop, o que não é tarefa fácil. Redescobrimos, aqui, o baixo do **rock** tal como sempre o idealizámos, graças ao jeito especial de Rupel, as guitarras nunca as encontrámos onde, mal habituados por audições menores, julgaríamos que

aparecessem (Cochrane e Seidel), os naipes de vozes e as vozes solistas fazem questão em não obedecer aos clichés dominantes.

É como se finalmente o **rock** se convertesse ao incondicionalismo musical que só em sonhos antevíamos, como os Cream mas melhor, como os Kinks mas mais porque simplesmente o vemos realizado perante nós, ou como os velhos e desconhecidos (as qualidades superiores pagam-se caro, é óbvio) Chrome e Faust mas mais perto, projectados para além do tempo que lhes trouxe o fim, isto é, para este tempo.

VGM

QUINZE NOVAS ETIQUETAS EM PORTUGAL

As irmãs francesas Nato e Chabada, a californiana New Albion Records mais a nova-iorquina New World Records e a germânica TNT contam-se entre as quinze etiquetas que a Você Gosta de Música, numa recente visita à MIDEM, certame anual que reúne editores, distribuidores e demais comerciantes do disco de todo o mundo, conseguiu trazer para Portugal mediante acordos de representação. A novidade é de peso e vem animar consideravelmente a situação de marasmo com que a música de importação se vinha caracterizando no nosso país, estes últimos meses.

As primeiras remessas chegarão daqui a algumas semanas, cobrindo os mais diversos géneros musicais, da improvisação mais ou menos jazzística aos clássicos da pop e do rock passando pela música erudita e pela folk. A maior parte dos catálogos adquiridos pela VGM ainda estão em segredo (que é a alma do negócio, como se costuma dizer), mas os acima adiantados são sem dúvida dos mais importantes. A Nato e a Chabada já foram comercializadas em Portugal pela Contraverso, mas desentendimentos que deram notícia nos meios musicais lisboetas levaram à ruptura entre Jean Rochard, dinamizador das duas marcas, e os portugueses.

O contrato com a VGM é a oportunidade para não perdermos o acompanhamento das novas músicas europeias resultantes do free jazz. A última produção Nato será, aliás, uma das apostas da Você Gosta de Música para os apreciadores, com um compacto que pretende ser uma «banda sonora» para a revista «Spirou», juntando gente como Clive Bell, Steve Beresford, Tony Coe, Mike Cooper, Lol Coxhill, Michel Doneda, Max Eastley, Stuart Elliott, John Zorn, Harry Beckett, entre muitos outros «habitués» da marca, num total de 52 músicos. O trabalho vem na sequência de outros «dossiers» monotemáticos, como os que foram editados a propósito de Godard ou Hitchcock, e será evidentemente acompanhado de outras obras que ficaram para trás no tempo, muitas delas «esquecidas» pela Contraverso.

A New Albion, por sua vez, fornecerá os escaparates da VGM com material das músicas livres contemporâneas, coisas como um «Three Voices» de Morton Feldman por Joan La Barbara ou «19 (solo) compositions» de Anthony Braxton, «Mantra», para dois pianos e electrónica, de Stockausen, ou «Windhorse Riders» com David Hykes e Djamchid Chemirani cantando e tocando música persa para percussão, «The Key to Songs; Return», um quase-rock de Morton Subotnick e «In The Great Abbey of Clement VI», num solo isolado de trombone por Stuart Dempster. Surpresas a descobrir.

A New World Records virá com dois tabuleiros, um para a música dita «clássica», o outro para o jazz «mainstream». Casos de um Paine (a Sinfonia nº 1 Abertura de «As You Like It») tocado pelo famoso Zubin Mehta com a Filarmónica de Nova Iorque, ou de um Roy Eldridge original, «The Nifty Cat». A alemã TNT é a etiqueta, no entanto, que mais interesse suscitará entre o consumidor médio de música, graças às suas longas listas de reedições dos antigos e antiquíssimos obreiros do rock and roll e da pop music dos anos 60, tais como Bob Dylan, Rolling Stones, Doors, Jefferson Airplane, Who, Crosby, Stills, Nash & Young, Janis Joplin, Kinks e por aí fora, destinado aos nostálgicos.

Vasco Martins e os disparates

Ao contrário do que simpaticamente dizia o crítico João Lisboa no «Expresso», também sou capaz de dizer uns quantos disparates. O último aconteceu a semana passada, nesta secção, quando, de boa fé mas redondamente enganado, escrevi que Vasco Martins, o músico cabo-verdiano de quem ouvi uma surpreendente demo-cassete intitulada «Quiet Moments», não tinha nenhum disco gravado.

É mentira e não errei por um ou dois discos, mas por três. Se a «gaffe» não invalida em nada o essencial do que ficou afirmado em «Na Periferia do Mundo», é sempre aborrecido desinformar o leitor, para mais quando se pretendia divulgar uma música quase totalmente desconhecida no nosso país. A verdade é que não é fácil encontrar esses três títulos em Lisboa, mesmo que desçamos o Combro e vasculhemos as discotecas do Poço dos Negros. O Bana tem um ou dois e é certificado bastante. Desculpem lá.

Texto de
Lourdes Féria

Fotos: Rui Pacheco

JUDITE CORREIA

UMA MULHER DE SUCESSO

Fala da balança comercial, do valor acrescentado, do mercado de capitais, de toda uma matéria árida e cifrada que escapa ao entendimento dos leigos. Ao fim e ao cabo, tudo se resume ao dinheiro, a mola que faz girar o mundo. Ao discurso dos cifrões, tema do quadro exposto numa das paredes do seu gabinete, no topo das Amoreiras, e que tem a assinatura de Pedro Portugal. Talvez para contrabalançar esse lado da sua personalidade, a economista Judite Correia necessite de estar rodeada de objectos artísticos. Ela trabalha numa sala, banhada de luz, onde sobressaiem peças de design italiano e português.

A pintura, a escultura, o design, a roupa de criador, apaixonam-na. Vestia um tailleur verde garrafa, com ferragens douradas, e uma blusa de musseline negra, conjunto da autoria de Lolita Lempicka. Saia ligeiramemte acima do joelho, sapatos de salto alto, é a imagem da mulher de negócios que ousa sair do convencional. Não abdica da sua condição de mulher, o tom subtilmemte sexy da indumentária, que usa, sugere feminilidade. Manifestando um certo arrojo de estilo, se tivesse que escolher um criador, entre os seus preferidos, elegeria, sem hesitações, Cristian Lacroix. Aprecia o barroco, o que não impede que também se sinta atraída pelo classicismo, nunca fora de moda, de um Chanel.

Corretora da Bolsa de Valores de Lisboa, onde dispõe de três mesas, Judite Correia pespectiva a sua actividade mantendo a distância em relação às forças políticas que constituem o actual leque partidário. "Sou a favor da liberdade e de uma economia aberta que dê oportunidades a todas as pessoas. Defendo uma sociedade, na qual valha a pena trabalhar e lutar sem o proteccionismo de ninguém. Quem mais unhas tem é que toca viola. Há que fazer, há que provar e testar as nossas capacidades. Deve-se conservar aquilo que está bem, desde que não se aceite esse conceito de bem como verdade absoluta. As coisas avaliam-se em função dos contextos. Não me coibo de me pôr à prova constantemente, se isso se traduzir num salto qualitativo a nível pessoal. Encaradas as coisas, segundo esta óptica, então não me considero conservadora."

P - Como é que conseguiu penetrar no mundo, essencialmente masculino, da Bolsa?

R - Através da via do concurso público. Os candidatos prestam provas, oral e escrita, que são submetidas à apreciação de um júri formado por cinco pessoas. Até aí o esquema era o da sucessão monárquica, o cargo passava de pais para filhos ou do corretor para o seu proposto. Fui aprovada e só um ano e meio depois é que me chamaram. Julgo que o atraso teve a ver com as pressões da alguns colegas mais retinentes à presença das mulheres...mas trata-se de um assunto que não queria comentar.

P - Antes deste novo rumo, que imprimiu à sua vida, ocupou lugares na função pública, ligados ao planeamento e à análise de conjuntura da economia portuguesa.

R - Não convém permanecer demasiado tempo no mesmo emprego, embora as mudanças impliquem custos psicológicos. Quanto mais não seja para contrariar a inércia, o comodismo que se instalou no tecido da sociedade portuguesa. Vivi uma experiência extremamente rica no sector privado. Estive numa empresa a treinar líderes, a ensinar-lhes como se fabrica um gestor.

Uma fase estável

P - Imagino o clima da Bolsa semelhante ao que se observava no filme "Wall Street". Uma tensão diabolica, nervos à flor da pele e muito desgaste psicológico. Será que compensa gastar assim as energias?

R - Compensa no momento em que se fecha um bom negócio, o que não sucede com a frequência desejável. Em vinte negócios possíveis concretiza-se um. A nossa Bolsa não se parece, nem de perto nem de longe, com a de Wall Street. O modelo que seguimos aproxima-se mais do da City de Londres. Na de Nova Iorque reina a confusão e o perigo iminente da derrocada do edifício de números inscritos nos ecrãs. Para além do simples mercado de acções existe também o de mercadorias, que depende de factores climatéricos, técnicos e políticos. Lá tanto se vende platina como barriga de porco ou sumo de laranja. É um espectáculo digno de ser visto, em segundos ganham-se e perdem-se fortunas. As transacções exigem rapidez e um perfeito domínio da comunicação gestual.

P - A Bolsa de Lisboa já se recompôs do abalo de 1987?

R - Sem dúvida que atravessamos uma fase estável. Evidentemente que o «crash» internacional nos afectou, até porque aconteceu numa altura em que a nossa Bolsa era ainda muito débil, tinha começado somente no ano anterior. Reflectindo a conjuntura do País e a integração no Mercado Comum, passou a desempenhar um papel mais actuante, mas carecia de solidez. Qualquer gota de capital estranjeiro caída aqui é um mar. De repente, surge um «boom» tresloucado que fez com que algumas empresas atingisem cotações perfeitamente surrealistas. Segue-se a queda que provocou inibições e desconfianças no terreno dos pequenos investidores. Depois de um período letárgico, em 1989 o panorama mudou de figura, para o que contribuiu a clarificação do quadro fiscal. Esta medida restituiu aos estrangeiros a vontade de investiram. No último Verão regista-se, outra vez, uma subida que não chega a durar um mês, entretanto assiste-se a um mini-«crash» que afasta os investidores. Nada de dramático, são desaires recuperáveis, apesar dos premonitores da desgraça afirmarem o contrário.

P - Consta que, durante a baixa, houve quem acumulasse fortunas.

R - Naturalmente. Tanto se ganha dinheiro numa maré de baixa como de alta, visto que a Bolsa funciona na base da compra e venda.

P - A economia portuguesa acusa sinais de crescimento?

R - Não obstante a subsistência do desemprego oculto ou de subemprego, o crescimento é notável. Os fundos da CEE e do investimento estrangeiro revitalizaram a balança de pagamentos. Sucede o mesmo com a balança de transacção de correntes, devido a duas rubricas que tradicionalmente a equilibram: o turismo e as remessas dos emigrantes. Também a balança comercial em que, por norma, somos deficitários porque importamos mais do que exportamos, está a melhorar.

P - Quer dizer que podemos respirar de alívio?

R - Defrontamo-nos com o grave problema da dívida pública que decorre, não tanto da dívida directa, mas dos juros acumulados. Vivemos uma fase de austeridade, motivada por grandes constrangimentos conjunturais, e estamos agora a usufruir do esforço imposto pela política restritiva dos governos socialistas. Obviamente que os fundos da CEE, e não se discute se são bem ou mal canalizados, nos permitiram enveredar por uma política mais expansionista.

P - Enquanto não vem o pau folgam as costas.

R - Quando nos confrontarmos com a concorrência directa é que se vai ver. Desconfio que há buracos, nomeadamente com as verbas do Fundo Sccial Europeu. Suponho que o fundamental era termo-nos preparado para o desafio, investindo no capital humano. Gostaria de me mostrar optimista, até porque vivi intensamente aquela época marcada pelos salários em atraso, com uma inflacção na ordem dos 30% e uma taxa de desemprego elevadísima.

O povo tem a memória curta

P - Entrámos na década de oitenta sob a égide da crise do petróleo.

R - O povo tem a memória curta mas um estudioso da economia portuguesa não a pode ter. Estou convencida de que este Natal foi um dos mais prósperos das últimas décadas, as lojas esgotaram os artigos, verificando-se uma subida considerável dos índices de consumo. Mas, atenção ao futuro, nem tudo são rosas, há que avisar as pessoas de modo a não se picarem nos espinhos.

P - Acredita na competência dos empresários portugueses?

R - Contamos com empresários, de mentalidade relativamente moderna, forjados no pós-25 de Abril, acontecimento que destruiu um modelo económico centrado no desenvolvimento das exportações e nos baixos custos de produção. Desmantelado esse sistema, adoptámos o modelo de transição para o socialismo, que conviveu com o da economia de mercado. Entretanto, a experiência mostrou que seria sensato reprivatizar as empresas estatizadas, porque se geraram zonas de conflito advindas de o Estado ser simultaneamente produtor e consumidor, fiscalizador e contribuinte, cliente e patrão. Com as privatizações, o especto das posições estratégicas alterou-se e, até ao fim do século, vai-se definir a estrutura do poder económico em Portugal.

Texto de
Manuel Cintra

RETRATOS NO TEATRO
MÁRIO VIEGAS

Com o seu ar meio brincalhão meio trapalhão, de quem vive muito através do seu sentido de humor, Mário Viegas recebeu-me para esta conversa no Ritz Clube, onde estava atarefado com a exposição em torno de «O Regresso de Bucha e Estica», o espectáculo que encenou e está a ser apresentado naquele espaço. Com o ar de quem conta outra vez a vida toda, falou-me de si de uma maneira que eu suspeito ser sempre nova, pois um homem assim tem obrigatoriamente muita imaginação. Com simplicidade, nada cheio de si próprio, mas contente de ser quem é e de cada vez mais fazer apenas aquilo que lhe agrada, falou enquanto ia dizendo precisamente que quando fala é assim, talvez de mais, talvez apenas muito.

Mário Viegas, que aliás se chama também António, nasceu em Santarém, cidade que, como ele diz, tem como características as vantagens e os inconvenientes de estar a uma hora de Lisboa. A mãe era professora do ensino secundário, de letras, e o pai, como, aliás, o avô, conceituados farmacêuticos em Santarém, profissão à qual, em princípio, Mário Viegas estava também destinado. Mas foi preciso tirarem rapidamente daí a ideia: embora em Santarém nessa época os contactos com o teatro fossem quase nulos (a não ser um clube recreativo, uma companhia amadora e o facto de Vasco Morgado lá ir muitas vezes estrear os seus espectáculos) Mário já aos quatro ou cinco anos inventava teatrinhos, com figuras de papel presas num pau, por ele construídas, e que davam origem a pequenos espectáculos que preparava minuciosamente para nas férias apresentar aos adultos, com requintes de horário, bilheteira, etc.

O caso é que os poucos contactos que tinha com o teatro o atraíam muito; assim, tinha por hábito faltar às aulas para ir assistir aos ensaios da velha companhia Rafael de Oliveira, de longa tradição e que tinha mais de vinte peças em reportório, peças como A Muralha, A Calúnia, Amor de Perdição, Aqui fala o Morto, e tantas outras, que ensaiavam para apresentar todos os dias uma diferente; Mário diz tê-las visto todas, tendo ficado com uma grande admiração por essa companhia. Ia chumbando a admissão ao liceu, de tantas vezes que faltou às aulas... teria 9 ou 10 anos. Lembra-se que também adaptava romances, transformando-os em peças, que, ao modelo da rádio, tinham que ter dois personagens de cada vez. Lia para si próprio em volta alta romances, o que terá estado na origem da sua actividade de recitador de poesia. Entretanto, o seu teatrinho foi evoluindo, os bonecos de papel foram substituídos por fantoches de luva e um dia a mãe veio mesmo a oferecer-lhe um teatro que mandara construir. A sua companhia chamava-se ABC...

Quando concluiu o liceu, Mário começou por ir para Direito, mas rapidamente mudou para História, e, nada convencido de terminar o curso, era o teatro que o continuava a atrair. Inscreveu-se num curso nocturno que então havia no Conservatório, curso que frequentou em segredo, não ousando dizer aos pais. Até que no segundo ano da faculdade decidiu mesmo assumir que era teatro que queria e largou a Universidade para se inscrever no Conservatório, onde, aliás, não se aguentou muito tempo: de facto, tendo sido convidado para fazer um pequeno papel em Cascais, em «O Comissário de Polícia» que Carlos Avilez então montou, viria a ser expulso do Conservatório pois não era permitido trabalhar como profissional sem autorização. Estreou-se pois em 68, nessa peça, embora dançando e cantando, coisas para as quais nunca teve muito jeito, mas isso veio a ser o arranque de uma colaboração em algumas outras peças.

Tendo decidido que ia para o Porto acabar o curso, prometendo ao pai que assim fugia ao teatro, acabou por ir para ao Cénico do Porto, numa época de grande expansão do teatro universitário, e participou em Fuente Ovehuna, de Lope de Vega, que então se montou com grande sucesso, com encenação de Correia Alves. Foi nesse espectáculo que se estreou como cenógrafo José Rodrigues, e pessoas como José Afonso que então conheceu e que ainda hoje continua a ser, dentro dessa área, aquele que mais admira, e que mais falta lhe faz desde que morreu. Esse espectáculo acabou por ser rapidamente proibido pela censura.

Paralelamente aos seus primeiros passos como actor, Mário Viegas desenvolveu, desde os quinze anos ainda em Santarém, uma importante actividade como recitador de poesia; durante muitos anos, e sobretudo até ao 25 de Abril, esta actividade teve características sobretudo de intervenção, e reconhece hoje que não tinha consciência de que os poemas que escolhia eram muitas vezes fracos do ponto de vista literário, pois o que lhe interessava na altura era ler coisas de conteúdo clandestino, tendo uma atitude provocatória e de intervenção, embora também fossem os textos que então o traíam. Não tem hoje a sensação de ter sido um herói, mas reconhece que para ter lido determinadas coisas em público naquela época foi necessário ser «completamente louco»...

Mário Viegas foi desenvolvendo activamente este seu tipo de intervenção, começando a partir de certa altura a gravar discos de poesia, que já são doze ao todo, coisa de que não se pode gabar mais nenhum recitador português. Hoje, quando faz um desses espectáculos, toma o cuidado de escolher os poemas e os textos de modo a, por um lado, tentar que contem histórias, e por outro que se articulem os mais densos com outros de mais fácil assimilação, pois é difícil pôr o público a ouvir poesia muito tempo seguido sem se aborrecer. Aliás, cada vez mais se preocupa em construir espectáculos que divirtam e tenham um fio condutor narrativo, como sucedeu com o seu espectáculo «Mário Gin Tónico», aquele que dento deste campo mais gostou de fazer. Explica-me ainda que das suas duas actividades, a de actor e a de recitador, é a segunda que mais lhe agrada, que melhores momentos lhe trouxe, e de que mais se orgulha. O que ao mesmo tempo é triste, pois foi um campo em que fez sempre tudo sozinho, sem que ninguém lhe ensinasse... Assim assistiu ao nascer de cantores como o Zeca Afonso, o Adriano Correia de Oliveira, o José Jorge Letria, o Francisco Fanhais, que tão importantes viriam a ser para a fase seguinte da cultura portuguesa.

A carreira de Mário Viegas como actor foi-se desenvolvendo, embora tenha sofrido uma rude interrupção quando, embora normalmente tivesse podido obter adiamento do serviço militar, Mário foi subitamente posto a fazer esse serviço em Mafra, durante longos anos, precisamente por ter sido detectada a sua atitude política como recitador.

Mais tarde, já depois do 25 de Abril, viria a fazer parte da Barraca, onde teve momentos de grande sucesso. Entretanto, tornou-se muito popular, sobretudo através de experiências de Televisão como «Peço a Palavra», um programa para crianças que obteve grande sucesso, e as inúmeras intervenções junto de Júlio Isidro, umas boas e outras más, mas para as quais necessitou certamente de uma enorme imaginação. Também a sua participação em «Kilas, o Mau da Fita», filme de José Fonseca e Costa, acrescentou muito à sua popularidade, pelo sucesso que o filme teve. Veio, aliás, a participar em outros filmes de Fonseca e Costa, estando neste momento prestes a rodar mais um.

A partir da altura em que foi dirigir o TEP para o Porto, pouco depois do grande sucesso que obteve com «O Suicidário», de Nicolai Erdman, no Teatro Aberto. No Novo Grupo que ajudara a fundar com João Lourenço, Mário estreou-se como encenador, actividade que tem desenvolvido nestes últimos anos. No ano passado, o espectáculo «Final», de Beckett, com Manuela de Freitas, Glicínia Quartim e José Mário Branco, no Teatro Politeama, foi prova das suas capacidades como encenador. Mas Mário não se acha destinado a continuar essa actividade. Por um lado tem-lhe agradado, mas é de ser actor que gosta mesmo, e é isso que quer ser. Mas ao referir-se ao espectáculo de Tchekov que fez com Manuela de Freitas e com o qual fizeram uma digressão pelo País todo, fala-me também do seu sonho de ter uma companhia ambulante, com a qual fizesse apenas isso, de terra em terra, para esse público de província que lhe agrada muito mais do que o da cidade, sendo muito mais saudável e receptivo.

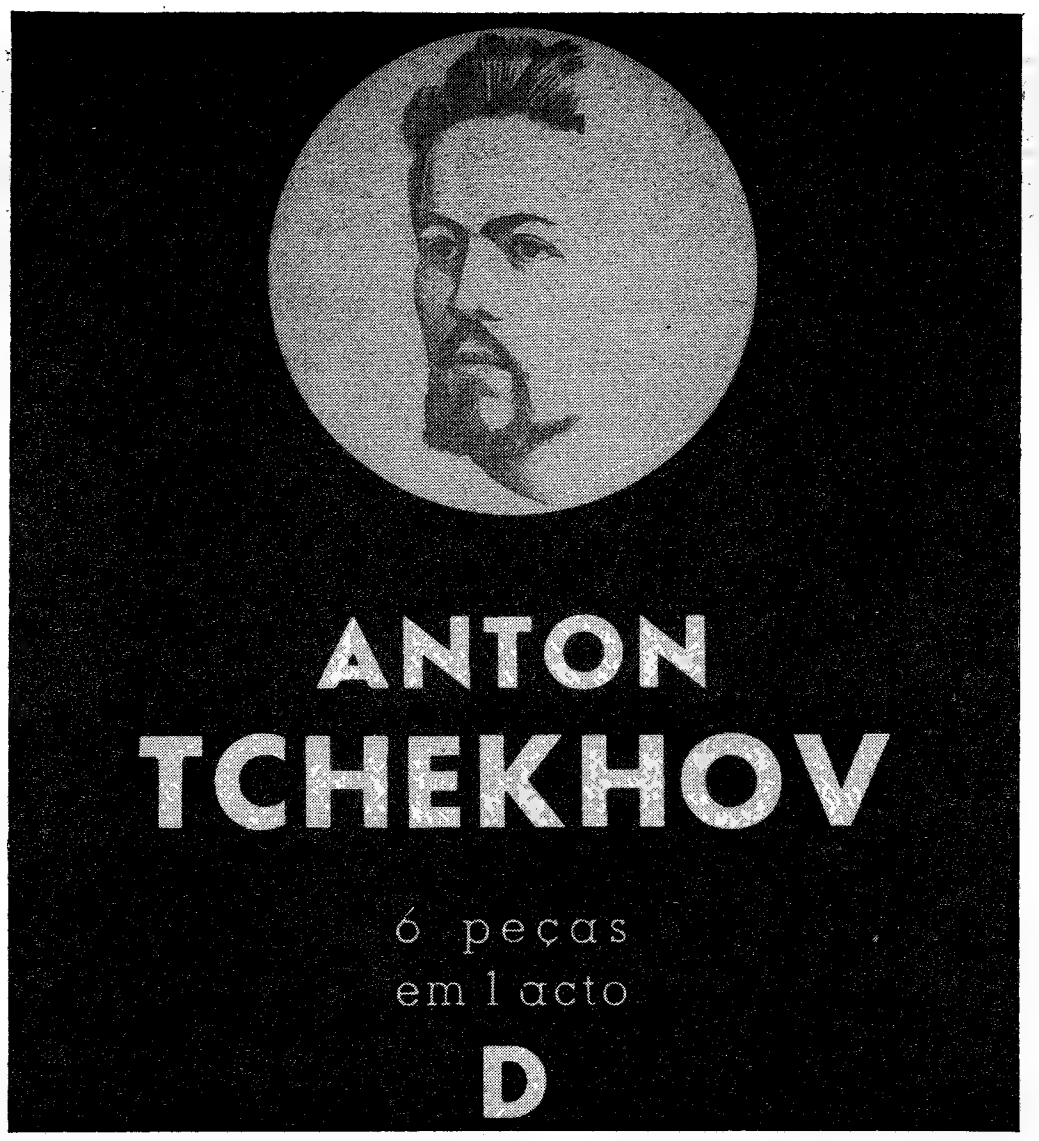
Há, portanto, como é natural, uma série de contradições neste homem activo e multifacetado. Há também um grande gosto por aquilo que constrói, aquilo em que participa. Sente-se, pela maneira como disso fala, o carinho especial que tem pelo seu último espectáculo, «O Regresso de Bucha e Estica», interpretado por Juvenal Garcês e Mário Firmo, que está em cena no Ritz Clube, de onde se espera que parta em digressão. É bonita a atitude descontraída, pouco ambiciosa, de ter feito este espectáculo capaz de agradar a muitos e que se sente feito com uma graça e uma simplicidade muito especiais. Mário tem tanto orgulho nele como em tudo o que faz. Porque o faz com prazer e com empenho, duas condições mais que necessárias num homem de teatro.

Agora prepara mais coisas, está já a ensaiar com João Lourenço a peça «Dans la Solitude des Champs de Coton», de Jean-Marie Koltès, que grande sucesso está a obter em França, e na qual contracenará com João Perry. Entre os projectos que tem para breve, está também um monólogo de Hélder Costa sobre o nazi Rudolf Hesse, e por consequência sobre o nazismo.

Tal como me havia ameaçado, Mário não se cala. Tem gosto em falar. Leva-me à porta, vai conversando, reparamos que entretanto a noite caiu, e é como se esta conversa, não tão longa assim, mas de muitas palavras, pudesse continuar pela noite fora. Mas não; vou já pela rua abaixo, pensando em vir assistir a «O Regresso de Bucha e Estica» muito em breve, pensando que sabe bem sentir o prazer em que trabalha, e pensando já na melhor maneira de mais tarde vos contar isto tudo, com prazer também.

Carlos Porto

1990 ANO TCHEKHOV PÁTIO DAS COMÉDIAS



O Canto do Cisne, peça em 1 acto de Anton Tchekhov, escrita em 1887/1888, foi apresentada no 2.º espectáculo dos Companheiros do Pátio das Comédias, grupo experimental que se constituiu em Lisboa nos anos 40 e a que pertenciam, entre outros, António Pedro, Costa Ferreira, Jorge de Sena, Fernando Gusmão. Nesse 2.º espectáculo, além da peça do autor russo, foram estreadas as peças **O Gramofone,** de Armando Ventura Ferreira, e **Continuação de Comédia,** de João Pedro de Andrade.

O Canto do Cisne teve interpretações de Costa Ferreira, que também encenou, e, em papel secundário, Simbolino da Cunha. Cenário de Joaquim Correia. Sobre a peça e sobre o espectáculo escreveu Jorge de Sena:

Costa Ferreira... compôs, admiravelmente, a figura do actor envelhecido e sem talento, ébrio, desiludido, medroso do vazio da sua vida de histrião e da sua morte ignorada e solitária. Esta maravilhosa peça, que Tchekhov escreveu aos 25 anos, encerra, na ironia trágica de o velho actor se agarrar à vida recitando partes do Rei Lear, **do** Boris Godunov, **etc., desesperadamente vivendo o que, na sua juventude incertamente gloriosa, terá revivido e encarnado mal, encerra já todo o Tchekhov subtil, delicado, carinhoso, compreensivo dos destinos falhados ou inúteis, dos contos e das peças que virão depois. Para um dramaturgo que, como ele, abominava o teatro e se sentiu seduzido pela luz da ribalta; para um espírito sereno e amargamente aberto às alegrias e às tristezas mais mesquinhas da vida, e tão lucidamente sábio da desproporção entre as causas e os efeitos da tragédia ou da farsa quotidianas — esta peça de juventude, à margem do encanto que provoca, é, de facto, muito importante. Por ela se vê a clara compreensão que Tchekhov tira da essência do teatro, como expressão da tendência humana para o alheamento da personalidade e para a saudade do que essa perdida personalidade talvez nunca pudesse ter sido,** O Canto do Cisne, **na sua desafinação psicológica em burlesco e doloroso contraste com a tradição da ornitologia poética, é uma obra-prima, cuja realização honra quem a efectua dignamente. E isso aconteceu** agora. (...) Jorge de Sena — «Do Teatro em Portugal» — pp. 131/32 Edições 70 — Lisboa/1989.

Tchekov em livro

Se em relação às montagens do seu teatro, Tchekov teve a sorte que se sabe, no que se refere à sua edição as coisas não foram muito melhores. Por isso, uma vez mais, se lança daqui o apelo: para quando a reedição em Portugal do Teatro Completo de Tchekhov traduzido directamente do russo?

Vimos que **O Urso,** na tradução de Luiz Francisco Rebello foi publicada no n.º 73, de Setembro de 1943, da revista «Vértice», de Coimbra; a mesma tradução foi incluída na obra «Teatro Moderno — Caminhos e Figuras», de Luiz Francisco Rebello (Lisboa/1957). Nessa mesma obra foi publicado o monólogo **Os Malefícios do Tabaco.**

Em 1960, a Livraria Divulgação, do Porto, lançou clandestinamente, na qualidade de distribuidora, por não possuir alvará de editora, o volume **6 Peças em 1 Acto** de Anton Tchekhov, que inclui os seguintes textos: **O Canto do Cisne,** tradução de Rui Sequeira; **O Urso,** tradução de Luiz Francisco Rebello; **Um Pedido de Casamento,** tradução de Correia Alves; **O Trágico à Força,** tradução de Correia Alves (estas duas peças foram interpretadas por actores do TEP, como veremos): **Os Malefícios do Tabaco,** tradução de Luiz Francisco Rebello. A selecção e edição foi da responsabilidade de Correia Alves, com prefácio de Deniz-Jacinto e arranjo gráfico de Amândio Silva. Porto — s/d. Em 1961, a mesma livraria e com o mesmo formato e aspecto gráfico, editou um outro volume, com as duas peças restantes do teatro breve do autor: **A Boda e Na Estrada Real,** tradução e edição de António Pinheiro Guimarães, prefácio de Carlos Porto.

O primeiro destes volumes seria reeditado, agora com a chancela da Minotauro, que estava ligada à direcção, em 1965, com o mesmo prefácio. Col. Teatro Minotauro/Lisboa 1965.

MEMÓRIA

Com 38 anos, morreu em Lisboa, no dia 27 de Janeiro de 1990, Deniz Cintra, compositor e intérprete de baladas, e actor, irmão de Luís Miguel Cintra, actor e encenador, e de Manuel Cintra, actor e encenador, colaborador do «DL». Como actor, Deniz Cintra colaborou num espectáculo histórico do Grupo Cénico da Faculdade de Letras, então dirigido por Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, **O Anfitrião**, de António José da Silva (1969). Ainda nessa qualidade, participou no segundo espectáculo da responsabilidade dos futuros fundadores do Teatro da Cornucópia, **Três Entremeses**, de Cervantes (1970). Colaborou no primeiro espectáculo de Os Bonecreiros após a cisão com os actores que viriam a fundar a Comuna, espectáculo com textos de cordel **A Grande Cegada dos Touros, Mulheres e Fado**, apresentado ao ar livre. Aí musicou poemas de Luiza Neto Jorge, poemas que cantou além de ter participado no espectáculo como actor.

APARTES DA GERAL

Aqui, na geral, gostamos das variações sobre as portas que António Augusto Barros escreveu no Expresso/Cartaz (3-02-90), a propósito da **Salada**, da Cornucópia. Sem esgotar o tema, lembramos-lhe o título daquela pecinha de Musset **Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée** (que a Cena já fez). Aliás, AAB parece evocar essa peça, quando fala das portas giratórias.

Já agora lembremos, só a título de curiosidade, e de exemplo, portas de Pessoa: **Alguém vai entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir**... («Hora Absurda»).

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta, (Tabacaria») Também a porta do espectáculo de Richard Démarcy «não dava para sítio nenhum», lembra A.A.B.

Escusado será dizer que aqui na Geral se adora a tal «Salada».

(2)

Este mundo está cheio de enigmas. Não é que o conhecido encenador e não menos célebre crítico Carlos Quevedo lamenta n'O Independente (26-01-1990) não ter podido ver o espectáculo do Teatro da Politécnica por este já não estar em cena. Ora, acontece que o espectáculo de Mario Feliciano **D. João e a Máscara** se mantém em cena, como é público. Provavelmente, o crítico d'O Independente quis fazer humor. Um humor enigmático, se se assim se pode dizer.

(3)

Voltemos à **Salada** e à Cornucópia. Vínhamos para a casa com a pressa do costume quando fomos abordados por um senhor que nos disse: Fulano, dê-me um minuto para lhe contar uma história. Não sei se sabe, mas a Cornucópia está a organizar sessões com a **Salada**, dedicadas às escolas. Chegou um desses convites às mãos de uma professora que reagiu assim: O quê? Cornucópia? Devem ser uns comunistas... Garantiram-lhe que não, e depois que a Câmara local fornecia carrinhas para o transporte das crianças... Claro, volta a mesma professora, claro, uma Câmara comunista, era só o que faltava, e deviam dar muito mais!...

Não foi uma história o que o nosso amigo nos contou, foi uma anedota... E lá ficámos a carpir as nossas mágoas.

(4)

Numa nota que escrevemos sobre o recente espectáculo do Instituto Franco-Português com uma peça de Boris Vian, lembrámos a carreira portuguesa do teatro do autor francês. O nosso amigo da última página, Jorge Listopad, veio lembrar-nos uma apresentação de um texto daquele autor que nos falhou. Tratou-se de uma prova de exame de José Ananias, com o texto **O Último dos Ofícios**, na tradução de Engénia Vasques que foi também uma das intérpretes. Estávamos em 1980.

(5)

Alice deixou a redacção do «Diário de Notícias», onde continuará a colaborar, para poder dedicar-se à escrita literária. Daqui lhe mandamos um abraço lembrando as belas entrevistas que ela fez a gente do teatro.

Anunciando para 11 próximo a última representação do espectáculo do Teatro da Politécnica com a peça de António Patrício **D. João e a Máscara.**

Em compensação, o leitor encontra ao lado a notícia da estreia de dois espectáculos: **A Severa**, recuperação do velho texto de Júlio Dantas, no Maria Matos, reaparição de Sérgio de Azevedo como produtor; **Iuzéczé?,** título esquisito para um espectáculo que não tem nada de esquisito a não ser o talento, na Casa da Comédia.

Ainda em cena: **A Pécora,** de Natália Correia, espectáculo da Comuna; sem ser da Comuna, mas na Comuna, **A Pregação,** do Bando; no Teatro Aberto, o êxito do Novo Grupo, **Happy End,** de Brecht/João Lourenço; outro êxito que continua é o do regresso de Mário Viegas, só como encenador e produtor e coordenador, etc, no **Regresso de Bucha e Estica,** no Ritz. Por falarmos em êxito, não esquecer no Estoril, **What Happened to Madalena Iglésias?** do Filipe La Féria, claro. No Cinearte, A Barraca mantém **Margarida do Monte de Marcelino Mesquita/Hélder Costa.**

Fora de Lisboa: Os Homens e as suas Sombras, de Alfonso Sastre, nos Bonifrates, de Coimbra; **A Sapateira Prodigiosa,** de Lorca, pelo Fatias de Cá, em Tomar; aqui ao lado, **Divinas Palavras,** de Valle-Inclán, pelo Teatro de Carnide.

No Parque Mayer, a revista **Ai! Cavaquinho!,** (ABC); a comédia **Os Meninos à Roda da Mamã,** (Variedades); no Villaret, **Ora Bate, Batman'so.**

A Barraca no Cinearte: Margarida do Monte

Voltemos à Comuna, ao fim-de-semana: **O Festival da Otite.**

Júlia Correia encena no TEP

ESTREIAS

IUZÉCZÉ? — colagem de textos.

TABELA

* Anuncia-se o reaparecimento do Teatro Experimental do Porto apesar das dificuldades que o grupo tem vindo a atravessar e que são públicas. O TEP tem em preparação um espectáculo para crianças que poderá ser visto por todos os públicos. Trata-se de uma criação do Grupo Grips, de Berlim, um dos mais célebres de toda a Europa e que é garantia de qualidade. Com o título **Max e Mila** o espectáculo tem encenação de Júlia Correia sobre a tradução de Christine Zurbach, cenografia de Acácio Carvalho, música de José Prata, interpretação de Fernanda Gonçalves, Pedro Aparício, Margarida Machado, Jorge Vasques e Luís Correia.

* O arquitecto e cenógrafo José Manuel Castanheira deslocou-se a França a convite da Faculdade de Arquitectura de Clermond Ferrand, onde proferirá uma conferência sobre Cenologia. O cenógrafo português participará em Paris numa reunião com quatro cenógrafos soviéticos.

* FITEI avança. Data marcada: 30 de Maio a 10 de Junho. Trata-se do XIII e promete manter o nível dos festivais anteriores.

Além do teatro, o FITEI deste ano promete actividades paralelas como recitais de canção e cinema e sessões de cinema. Cá ficamos à espera.

Encenação: José Carretas. **Interpretação:** José Meireles, Leonor Alpiarça, Maria João Luís, Marta Tereno e Rui Paulo.
Estreia: **Casa da Comédia/**6-02-1990

A SEVERA, de Júlio Dantas. **Adaptação e Poemas:** Rosa Lobato Faria. **Música:** Fernando Correia Martins. **Encenação:** Nicolau Breyner. **Cenografia:** Moniz Ribeiro. **Figurinos:** Melo Frazão. **Coreografia:** José Luiz Ardiz. **Produção:** Sérgio de Azevedo. **Interpretação:** Lena Coelho, Carlos Quintas, Manuel Cavaco, Henrique Viana, Victor de Sousa, José Raposo, Diana, Maria João Abreu, Gil de Vilhena, António Miguens, Rosa Villa, Carlos Zel.
Estreia: **Teatro Maria Matos/**7-02-1990

ÚLTIMAS

D. JOÃO E A MÁSCARA, de António Patrício, pelo **Teatro da Politécnica. Encenação:** Mário Feliciano. **Cenografia:** Manuel Graça Dias/Egas José Vieira: **Música:** António Victorino de Almeida. **Interpretação:** Eunice Muñoz. João Grosso, Estrela Novais, Rui Pedro, Fernando José Oliveira, Carmlen Santos, Ilda Roquete, Marques d'Arede, Paula Mora, Jorge Sequerra, etc.
Última: Teatro da Politécnica/11-02-1990

Cinema

A MOSCA

AMÉRICAS INTERIORES

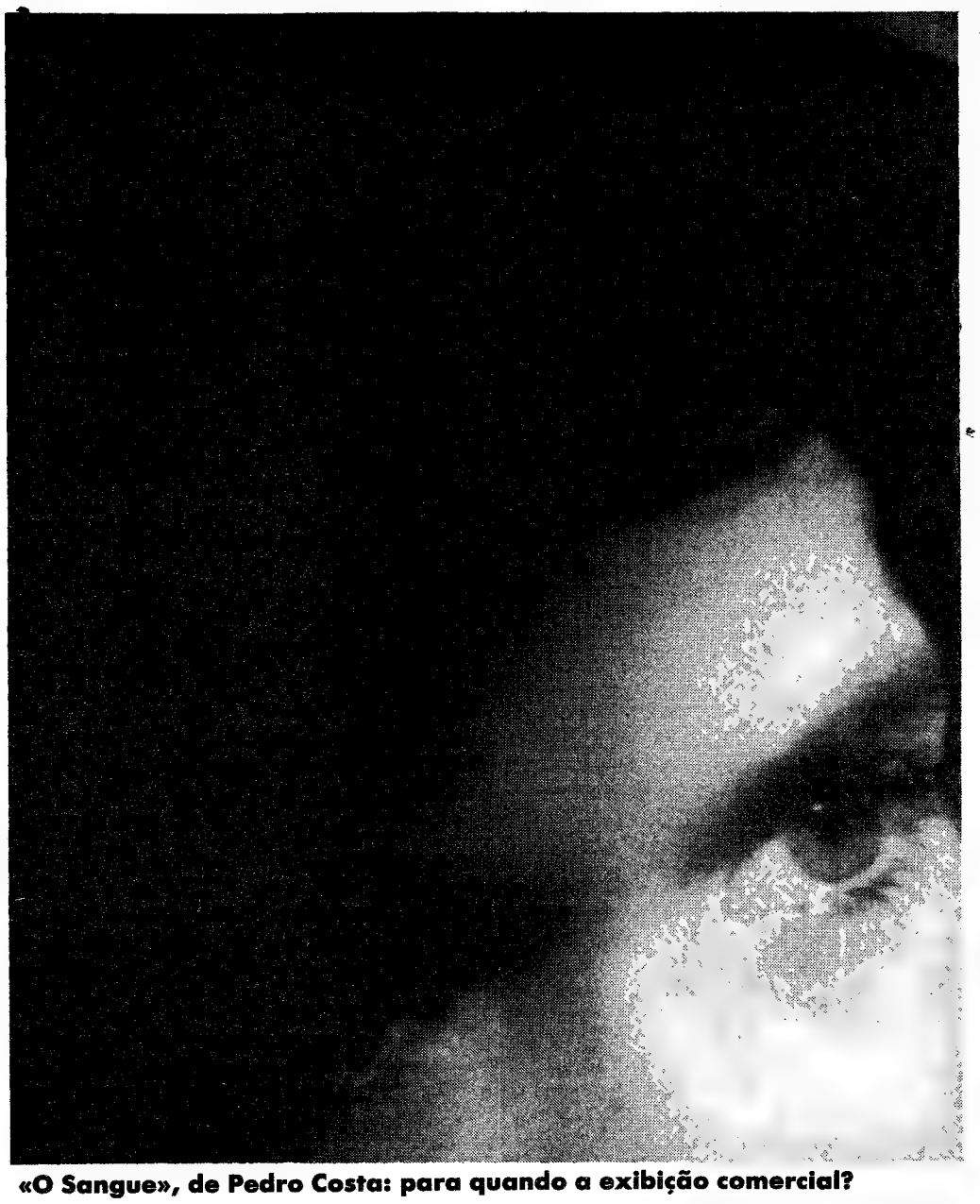
Rodrigues da Silva

Se há imagens que valem mais do que mil palavras, há dados que falam por si. Assim estes que acabam de ser divulgados pelo Cine Clube de Leça da Palmeira: em 1989, dos 242 filmes estreados no Porto... 164 tinham a marca «made in USA». A cinematografia que a seguir à norte-americana surge mais representada é a inglesa com... 19 filmes. Vêm, depois, a italiana com 17, a francesa com 9 e por aí fora como se imagina até às periferias das periferias que só surgem com... meio filme, isto é, têm honras de citação estatística porque entraram numa co-produção, nalguns casos com... os Estados Unidos.

Claro que o Porto não é Portugal, ou melhor, Lisboa. O Cine Clube de Leça da Palmeira, aliás tem o cuidado de lembrar os muitos filmes que, estreados na capital em 1989, não conseguiram chegar ao Porto, cidade que pouco mais salas de cinema tem do que o «shopping» das Amoreiras.

Mas mesmo com a ressalva do Porto não ser Lisboa, estes dados falam por si. E se constatando-os, imediatamente nos vem à ideia a força avassaladora da indústria cinematográfica norte-americana que se impõe ao Mundo graças à posse de múltiplos circuitos de distribuição/exibição, de uma consequência de tudo isto nos esquecemos a maior parte das vezes, a colonização estética a que o espectador comum está sujeito.

É esta constante colonização do gosto, somada a uma máquina promocional multimédia, que explica o que acaba de acontecer em Lisboa... nem mais nem menos do que tem sucedido muitas e variadas vezes. Assim: enquanto filmes maus ou assim-assim esgotavam lotações no circuito comercial, um belíssimo filme português ante-estreava na Cinemateca, não reunindo mais do que duas centenas de espectadores.



«O Sangue», de Pedro Costa: para quando a exibição comercial?

E este filme chama-se «O Sangue», e, arriscando ir contra a corrente, deixe-me que lhe direi que foi a melhor estreia da semana, pena é que à sua primeira exibição pública outras se não sigam, sabe-se lá quando é que o filme será distribuído no circuito comercial.

Assim sendo não valerá a pena, por ora, falar muito mais deste filme de Pedro Costa, excepto para alertar, desde já, que é muito raro — mesmo muito raro — uma primeira obra (portuguesa ou não) possuir a dimensão interior e a concepção estética de «O Sangue».

Se a sua exibição comercial for tão cuidada como a do último filme de João César Monteiro, é bem capaz de acontecer que o filme de Pedro Costa seja um razoável êxito de bilheteira. Se ao invés, porém, for atirado para uma qualquer sala, onde entrará em «competição» com mais não sei quantos filmes «ao lado», o fracasso pode ser o seu destino.

Porque este é um filme que, no seu obstinado rigor, de facto, não é um produto de consumo, não serve de entretenimento. Está ali — quando estiver — para valer por si próprio, no desafio à colonização do gosto que a pouco e pouco foi tornando o espectador comum num consumidor incapaz sequer de entender outras lógicas narrativas que não as hegemonicamente dominantes.

E é esta hegemonia colonizadora que faz com que produtos menores, reúnam o que se costuma chamar os favores do público. O exemplo acabado desta menoridade imposta ao consumo é o mais recente filme de Brian de Palma, «Corações de Aço».

É mais um filme sobre o Vietname, o que em si não é um crime. Crime (entre aspas, já se vê) é a debilidade deste projecto, uma mediocridade em toda a linha, a começar nos intérpretes e a acabar no que é uso dizer-se «a moral da história».

O «herói positivo» é Michael J. Fox, um actor que não se recomenda; o «mau da fita» é Sean Penn, insuportável nos seus tiques. O resto é Brian de

PARADJANOV NA MALAPOSTA VENTOS DE LESTE NO PICOAS E «OSCARES» NA CINEMATECA

Este fim-de-semana deverão ser nomeados os finalistas dos «oscares» de 1989. Por estranho que isso pareça, o atraso da nomeação (costuma ser até ao fim de Janeiro) levou a que o programa que mais abaixo se pode ler surja incompleto. É que uma boa parte da programação dos filmes da Cinemateca aparece com a indicação de... «filme a designar». De que se trata? Apenas do seguinte: a Cinemateca está a passar este mês um ciclo dedicado aos «oscares», pondo em confronto os de 1939 e os de 1989. Ora, como os de 1989 ainda não estão nomeados, nada mais resta à Cinemateca do que... esperar até segunda-feira para completar a sua programação.

Mas se para os «óscares» de 1989 é isto que se passa, para os de há 50 anos, tudo é diferente, a programação já está decidida. E vale e pena, ou não fosse 1939 um dos melhores anos da história dos «oscares».

E é assim que... obviamente, passa o super-premiado «E Tudo o Vento Levou», que Victor Fleming assinaria, mas que teria também co-realização (não registada no genérico) de Georges Cuckor e Sam Wood. O maior «cult-movie» da História do Cinema, porém, mais do que os três realizadores, teve a marca de David O'Selznick, produtor e verdadeiramente o autor de todo o projecto.

Meio século depois, o filme resiste sempre e, mesmo se a segunda parte não tem o absoluto fascínio da primeira, «E Tudo O Vento Levou» é ainda o filme de todos nós. Passa segunda-feira à noite, espera-se que na melhor cópia, a fiel aos enquadramentos e ao colorido originais.

Antes, ainda, de «E Tudo O Vento Levou», a Cinemateca exibe, alguns dos outros grandes filmes de 1939, com destaques para o «Peço A Palavra», de Capra; «A Cavalgada Heróica», de Ford; e «Ninotchka», de Lubitsch, (todos sem legendas), com, respectivamente. James Stewart, John Wayne e Greta Garbo.

Da Cinemateca para o Forum Picoas, onde, na sala 1, prossegue o ciclo Ventos de Leste, com obras de cineastas originários da URSS, nalguns casos filmando lá e, numa segunda fase, no Ocidente.

A semana oferece neste particular filmes de exibição relativamente recente em Portugal, mas que é um regalo rever, pelo menos os de Iosseliani, Askoldov e Tarkovski, com o de Konchalovsky num segundo mas ainda assim meritório plano.

Na periferia de Lisboa (Olival Basto), o Teatro da Malaposta exibe dois antiquíssimos filmes que sempre se vêem e revêem. Trata-se da média-metragem de Buñuel «Terra sem Pão» («Las Hurdes»), 1932; e o único filme realizado por André Malraux, «L'Espoir» 1939, sobre a Guerra de Espanha.

Finalmente, destaque-se a programação do Instituto Alemão. É um ciclo com curtas-metragens de cineastas como Fassbinder, Straub e Helma Sanders que são exibidas numa arrumação temática. O ciclo encerra no dia 13 (às 19 e 30) com um debate, no qual participa a dr.ª M.J. Schmid, co-fundadora e membro da comissão de escolha de filmes do Festival de curta-metragem de Oberhausen (RFA). E, a propósito de debates e encontros, atenção ao que — como já noticiámos — se realiza no domingo pelas 21 e 30, no Teatro da Malaposta, Serguei Paradjanov estará presente, vindo do Porto, onde se encontra para, no decorrer do Fantasporto, assistir à retrospectiva da sua obra.

Outra extensão do Fantasporto a Lisboa: a do último filme de Resnais «I Want To Go Home» (1989) que passa dia 14, no Instituto Franco-Português. Infelizmente, a sessão é reservada unicamente aos aderentes à Carte-Plus do IFP.

Toda a programação a seguir, com a ressalva de eventuais alterações de última hora.

Hoje, dia 9

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Intermezzo», de Gregory Ratoff; e «Mr. Smith Goes To Wanshington», de Frank Capra. Forum Picoas/au-

«Valmont», de Milos Forman: menos alma do que espectáculo

Palma que durante não sei quanto tempo joga a carta da provocação para concluir há conformismo mais tonto que se poderia imaginar.

Quando depois de pretensamente nos ter provocado com a guerra, a violação de uma prisioneira vietnamita e o seu assassinato, Brian de Palma, apazigua os espíritos mostrando-nos que os maus foram castigados, e «o pesadelo já passou», tudo o que há a dizer é que já passou, sim, porque o filme chegou ao fim.

*

Um filme de outra dimensão (e de outros méritos também) é «Valmont», de Milos Forman. Visto uma primeira vez, pareceu-me o artifício da embalagem. Revisto, pouco melhor o achei. Admito, porém, que a avaliação pessoal de «Valmont» parta de um pressuposto, a de que esta terceira adaptação do clássico de Laclos não respeita o espírito do clássico setencista.

Um pressuposto que é um erro, confesso, porque um filme vale por si, não pela referência literária ou outra que invoque. Mesmo assim, aceito com dificuldade que um filme que invoca «Ligações Perigosas» tenha apostado tanto no espectáculo exterior e tão pouco na interioridade psicológica das personagens.

É óbvio que, no mínimo, não se pode recusar a «Valmont» o êxito do espectáculo, a conseguida reconstituição histórica, a capacidade de centrar a história não em madame de Merteuil, não em Valmont dele próprio, mas em Cécile. Mas toda esta aposta me parece algo falhada. Até pelas interpretações e aqui é impossível não comparar o filme de Formam com «Ligações Perigosas», de Stephan Frears, que vimos no ano passado em Lisboa.

Se Meg Tilly, em madame de Tourvel, não chega aos calcanhares de Michelle Pfeiffer; se Colin Firth, como Valmont, é uma sombra de John Malkovitc; se mesmo Fairuza Balk, em Cécile, perde em confronto com Uma Thurman, que dizer de Annette Bening, que, em madame de Merteuil, tenta fazer esquecer Gleen Close.

Claro que não o consegue, e só o último plano de Gleen Close, numa Merteuil desfeita, no filme de Frears, vale mais que todos os clichés interpretativos de Annette Bening do filme de Forman.

Como se a encenação tão exterior deste desempenho fosse o símbolo do filme «Valmont». Que méritos possui, mas de **alma** carece.

*

A semana completou-se com mais duas estreias literalmenet para esquecer. «Brigada Assassina» é uma história parva daquelas que a América vai produzindo unicamente para manter a máquina oleada, os circuitos de distribuição, depois se encarregam de despachar o produto para os terceiros mundos todos.

Gene Hackmaan (que pena este grande actor aceitar tudo o que se lhe propõe) salva «in extremis» o assassinato de Gorbachev, em visita aos Estados Unidos, na mira de um «complot» americano-soviético amante da guerra fria. Basta dizer isto para se perceber o resto, os masoquistas que vejam como é.

Mas, atenção, por estranho que pareça, houve pior esta semana: «A Vida é um Longo Rio Tranquilo», um filme francês desde já candidato ao mais chato do ano. Literalmente, insurpotável, este suposto olhar sobre a França país real. Que esta existe é um facto, ontem e hoje. Ontem, quando os franceses riam com Funés e marginalizavam Tati; hoje, quando gostam de «A Vida é um Longo Rio Tranquilo» e a gente se lembra que um cineasta genial como Robert Bresson está sem filmar vai para dez anos.

A América impõe ao Mundo um gosto dominante, mas cada país, a França por exemplo, também tem as suas **américas.** Que a Portugal chegue este filme de Etiènne de Chatiliez, de que (oh deuses) nem um só plano fica na memória, e filmes de Rivette, por exemplo, tardem a chegar... é disso a prova.

ALMODÓVAR EM FARO

Fora de Lisboa são as seguintes as sessões especiais de que temos conhecimento.

FARO

No Teatro Lethes, sessão do Cine Clube (às 18 e 21 e 45 do dia 15): «A Lei do Desejo», de Pedro Almodóvar.

VISEU

No Auditório Mirita Casimiro: «Vozes Distantes, Vidas Suspensas», de Terence Davies (dia 9, às 21 e 30; dias 10 e 11, às 16 e 21 e 30; dias 12 e 13, às 21 e 30); «Setembro», de Woody Allen (dia 15, às 21 e 30; sessão do Cine Clube).

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal:

EM ESTREIA

- «Sexo, Mentiras e Vídeo», Steven Soderbergh (1989)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Valmont», Milos Forman (1989)
- «Clube de Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Entre Primos», Joel Schumacher (1989)
- «Veredicto Final», Joseph Ruben (1988)
- «Absolutamente Loucos», Julien Temple (1989)
- «O Amor é uma Grande Aventura», Blake Edwards (1989)
- «Regresso ao Futuro, Parte II», Robert Zemeckis (1989)
- «Corações de Aço», Brian de Palma (1989)
- «Os Reis da Noite», Eddie Murphy (1989)
- «Chuva Negra», Ridley Scott (1989)
- «Brigada Assassina», Andrew Davies (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «A Vida é um Longo Rio Tranquilo», Etiènne Chatiliez (1987)
- «Os Caça Fantasmas II», Ivan Reitman (1989)

R. da S.

ditório 1 (às 14.16 e 30, 19 e 15 e 22): «Gente Estranha», de Andrei Konchalovsky. Instituto Alemão (às 18): curtas-metragens sobre o tema «Confrontações». Instituto Franco-Português (às 21): «Gervaise», de René Clement. Teatro da Malaposta (às 21 e 30): «Terra sem Pão», de Luis Buñuel, seguido de «Os Ciganos», de João Abel Aboim.

Amanhã, dia 10

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Young Mr. Loncoln», de John Ford; «Stagegoach», de John Ford; e «Ninotchka», de Ernest Lubitsch. Forum Picoas/auditório 1 (às 14,17 e 30 e 21): «Stalker», de Andrei Tarkovski. Teatro da Malaposta (às 21 e 30): «L'Espoir», de André Malraux.

«Cavalgada Heróica», de John Ford, amanhã, às 18 e 30, na Cinemateca

Depois de amanhã, dia 11

Forum Picoas/auditório 1 (às 14, 17 e 30 e 21): o mesmo programa do dia 10. Teatro da Malaposta (às 17): o mesmo programa do dia 10.

Segunda, dia 12

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): filme a designar e «E Tudo O Vento Levou», de Victor Fleming. Forum Picoas/auditório 1 (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22): «A Comissária», de Alexandre Askoldov.

Terça, dia 13

Cinemateca (às 18 e 30 e 21 e 30): filmes a designar. Forum Picoas/auditório 1 (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22): o mesmo programa do dia 12. Instituto Alemão (às 18): curtas-metragens sobre o tema «Homens e Mulheres».

Quarta, dia 14

Cinemateca (às 18 e 30 e 21 e 30): filmes a designar. Forum Picoas/auditório 1 (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22): «Os Favoritos da Lua», de Otar Iosseliani. Instituto Franco-Português (às 21): «I Want To Go Home», de Alain Resnais.

Quinta, dia 15

Cinemateca (às 18 e 30 e 21 e 30): filmes a designar. Forum Picoas/auditório 1 (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22): o mesmo programa do dia 14.

R. da S.

Video rama

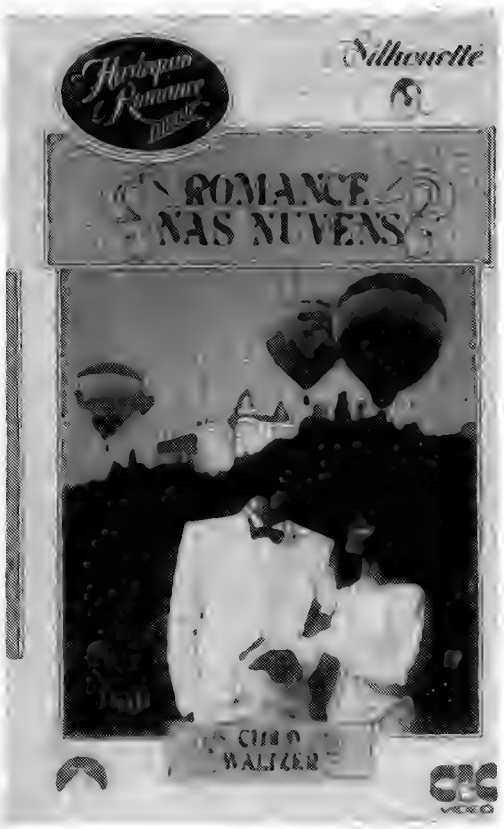
A MOSCA

Maria João Martins

Romance nas Núvens

É um tele-filme do género que a RTP transmite em catadupas, ainda que um pouco mais cor-de-rosa. Uma jovem jornalista apaixona-se pelo vôo em balões de ar quente, não tardando muito até que ela se apaixone pelo proprietário dos ditos balões. Juntos vão viver aventuras capazes de despertar a inveja da Corin Tellado.

«Cloud Waltzer». Realização: Gordon Fleming. (E.U.A - 1987). Intérpretes: Kathleen Beller, François-Eric Gendron. Cor. 90 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Edição Edivídeo.

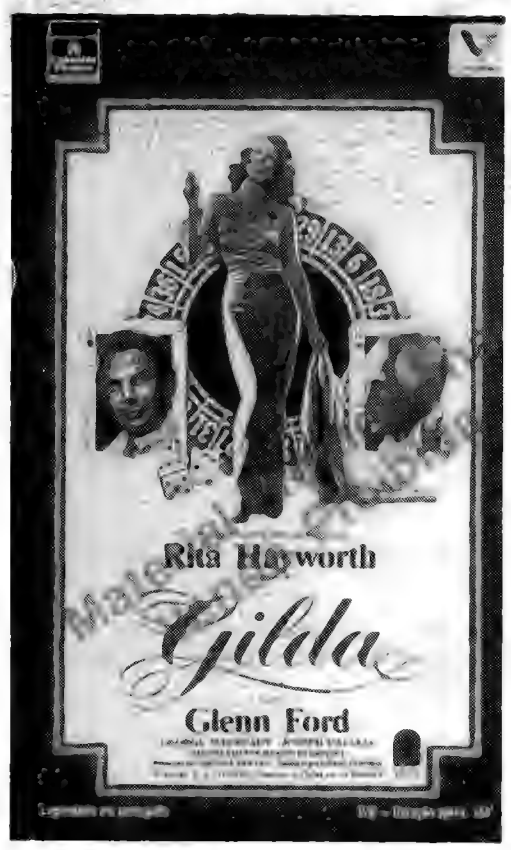


«Lord Jim»

Ao longo da década de 60, Peter O' Toole interpretou um conjunto de películas que o deixaram na retina de milhões de espectadores. Tal como «Lawrence da Arábia» ou «A Noite dos Generais», «Lord Jim» de Richard Brooks foi um dos seus melhores filmes, um romance de gosto aventureiro, cuja acção baseada num livro de Joseph Conrad, decorre nas perfumadas paragens do Extremo Oriente, onde O'Toole se transforma num oficial da marinha britânica desavindo com o Comandante.

Ao espectador de hoje, «Lord Jim» parecerá talvez excessivamente datado, pelas suas características de super-produção feita a pensar na concorrência com o fenómeno televisivo, mas ainda assim vale a pena saborear o pitéu.

«Lord Jim». Realização: Richard Brooks. (E.U.A - 1965). Intérpretes: Peter O' Toole, James Mason, Curt Jurgens, Eli Wallach. Cor. 147 minutos. Aventura. Para maiores de 12 anos. Edição RCA Columbia/Publivídeo.



Gilda

Quando em 1946, «Gilda» de Charles Vidor estreou nos écrans do pós-guerra, os cartazes de propaganda proclamavam: «nunca houve uma mulher como Gilda» e a verdade é que esta personagem, interpretada pela malograda Rita Hayworth, continua a figurar entre as páginas mais douradas da história do cinema. A atestar a longevidade dos seus méritos, está a figurinha animada de Jessica Rabbit no filme de Zemeckis,de madeixa descaída sobre um olho, as luvas e o vestido negro, num momento em que a sedução se impunha através de uma canção sussurrada.

Glenn Ford, outro nome clássico da cinematografia americana, é o homem que com Gilda estabelece a mais explosiva relação amor/ódio da Meca do Cinema. Para ambas as vedetas, o filme funcionou um pouco como o insuperável clímax das respectivas carreiras. Depois de «Gilda» nada mais voltaria a ser como era, nem mesmo o conceito e imagem de uma mulher-fatal.

«Gilda». Realização: Charles Vidor. (E.U.A - 1946). Intérpretes: Rita Hayworth, Glenn Ford, George MacReady, Joseph Calleia. Preto e branco. 105 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Edição RCA Columbia / Publivídeo.

Até à eternidade

Galardoado no ano de 1953 com os Óscares de melhor filme, realização, actor secundário, actriz, argumento adaptado, fotografia a preto e branco, som e montagem, «Até à Eternidade» conta com o elenco mais deslumbrante que a Columbia podia reunir. Burt Lancaster, Deborah Kerr, Donna Reed, Frank Sinatra e sobretudo o eterno rebelde Montgmory Clift, belo e triste como só ele o podia ser, foram ingredientes bastantes para transformar esta americaníssima história de amor e guerra numa lenda de Hollywood.

Pena que esta edição não esteja submetida ao regime de venda directa.

«From here to eternity». Realização: Fred Zinnemann. (E.U.A - 1953). Intérpretes: Burt Lancaster, Montgmory Clift, Deborah Kerr, Frank Sinatra, Donna Reed. Preto e branco. 114 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Edição RCA Columbia/Publivídeo.

totalmente convicta do destino que Vidor entretanto lhe confiara. Porque o que nos fica, uma vez rebobinada a «cassete», é a desesperada loucura de Rita quando canta uma célebre ode ao terramoto de São Francisco e a interpretação que ela faz do Carnaval sul-americano: três dias de festa antes das trevas, como a vida dela, quando consumida por um insano sentimento de ódio-paixão por um Glenn Ford igualmente atormentado.

A angústia subjacente à personagem foi o que, de resto, ficou para a história do cinema de tal modo que hoje se pode afirmar que, depois de Gilda, nenhuma mulher, á excepção talvez de Ava Gardner, foi tão tristemente fatal.

Aos vinte e oito anos, Rita Hayworth tornou-se lenda. Os cabelos livre mas cuidadosamente descaídos sobre os ombros, o rosto amendoado, o olhar sugestivo de grandes pecados que no caso de Gilda não eram mais do que isso mesmo, sugestões inconsequentes. Foi assim que Charles Vidor a fixou no celulóide em 1946 e é assim que nós a recordamos, três anos volvidos sobre a sua morte, na sequência de uma horrível doença que transformou a deusa do amor numa imagem de deformação e sofrimento.

Como todas as estrelas de desmedido esplendor, Rita parece havé-lo adivinhado e, com ela, muitos dos cineastas que a dirigiram. Em «Gilda», o inesperado «happy end» não dissolve em nós a sinistra certeza de que toda aquela vulnerabilidade irá acabar mal e a própria actriz não parece estar

CLUBES DE VIDEO

video 1000

ALUGUERES DESDE

100.00

NOVO CLUB Loja 1 — Rua Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — Rua Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — Cç. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. Madrid, 14-B (ao Areeiro) • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • LISBOA
Loja 6 — Rua Nova • Pederneira • NAZARÉ
NOVO CLUB Loja 7 — R. Aldolfo Coelho, 12 • Tel.: 82 12 42 (Alto S. João) • LISBOA

VÍDEO 1000

Filmes da Semana

• A DAMA E O VAGABUNDO
• A HORA DOS HERÓIS
• JOVENS PISTOLEIROS
• SARILHOS NA FRONTEIRA
• ESCORPIÃO VERMELHO
• COCKTAIL
• ULTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

OS JOVENS E O CINEMA

MAIS FUGAZES DO QUE OS ANJOS

James Dean

Estamos numa civilização em que o rosto da juventude, umas vezes diáfano, outras mais irreverente, mas sempre permeável a interpretações fascinadas, põe a coberto interesses propagandísticos díspares. Basta para o concluír folhear uma revista de grande tiragem, atentar nos «spots» televisivos ou passar,mesmo que a «vol d' oiseau» ,pelos programas dos diversos conjuntos que compõem o leque partidário nacional. Esta não é, no entanto, uma situação conjuntural, uma moda de raízes lançadas ao acaso e destinada a murchar logo que se encontre objecto de consumo mais imediato e menos questionável.

As lendas da pedra filosofal e da aspiração à perpétua juventude por alquimistas anónimos e audazes, quer tenham existido ou não, remontam por exemplo ao tempo das catedrais góticas ou mais longe ainda na angústia da Roma desaparecida. Depois «foi o nada que é tudo» e as histórias da história, os homens e as mulheres como Isabel de Inglaterra que ocultava os prenúncios da velhice com bálsamos de atribuições únicas feitos em terras inominàveis com jade e murmúrios de cetim.

Enquanto cristalização da imagem tornada vida, o cinema intensificou mitos e adensou impressões. Pela beleza e pelo amor fez mais do que «Tristão e Isolda». À juventude, mais do que uma canção de Brel ou a reminiscência de uma geração em lava, ofereceu Dean ou Gérard Philippe e sobretudo a imagem paradigmática de Judy Garland, menina mulher que aos 17 anos canta «Over the Rainbow», com a sabedoria do homem platónico que regressa à caverna depois de no mundo haver apreendido que para cada sombra insalubre há pelo menos um glorioso arco-iris..

Garland no país das maravilhas

Se Monroe ficou para a história do século XX como o destino de todos os desejos, Judy Garland foi sobretudo, apesar do êxito dos seus papéis adultos em «O Canto do Missouri», «The Harvey Girls» ou «Nasceu uma estrela», a adolescente que encontra um círculo de amigos um quanto inconvencional e se projecta para a posterioridade mercê de três minutos mágicos que só por si parecem ter valido uma carreira.

Judy canta «Over the Rainbow» e há algo que em nós se agita,não sei se nostalgia,se saudade do que se sonhou em criança ou mais longe ainda ,algures no útero materno,mas que quase de certeza ainda nos fará vibrar daqui a cinquenta anos quando forem brancos os meus cabelos e «O Feiticeiro do Oz» se houver convertido num adorável centenário. Garland cresceu, tornou-se estrela de primeira grandeza no cinema e no coração de Minnelli, abandonou as tranças, vestiu traje militar para conforto dos soldados americanos na frente, fez curas de emagrecimento que lhe haviam sido impostas pelos patrões da «Metro» e morreu de excesso de barbicúricos em 1966, mas para o público cinéfilo ela continua a ser Dorothy, a menina que visitou a fantasia acalentada pelo seio da tempestade.

As circunstâncias em que ela se transformou em protagonista da conhecida película de Victor Fleming estão sobejamente divulgadas. A «M.G.M» queria Shirley Temple à viva força, a «20 th Century Fox» fazia birra e recusava-se a cedê-la Houve então alguém que teve uma idéia providencial e se lembrou de uma jovem intérprete de musicais. O resultado está à vista desde há cinquenta anos e promete continuar a recrutar muitos «fãs» entre os amantes do cinema clássico norte-americano.

Jimmy Dean, a Leste de Hollywood

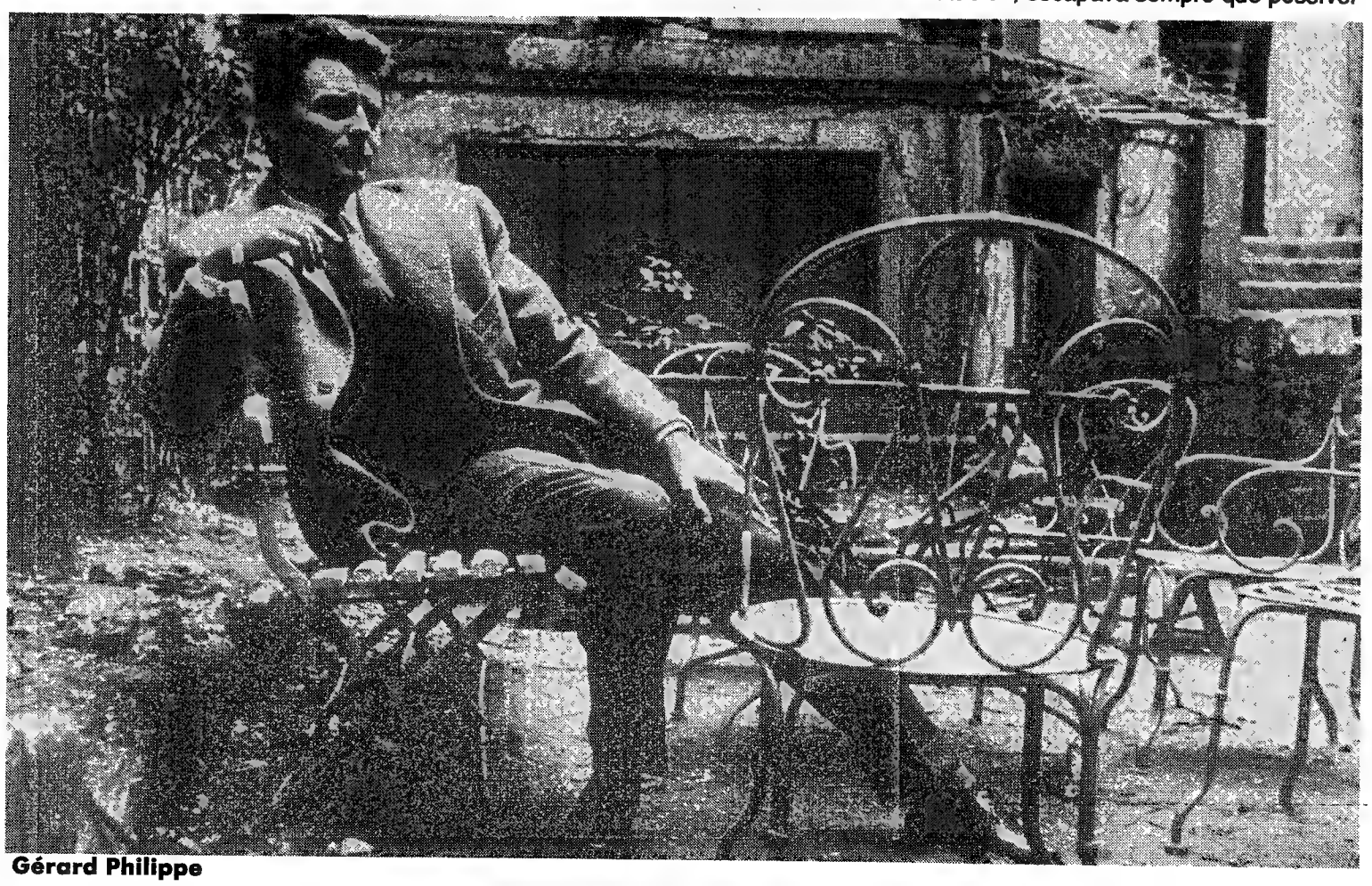
Ao contrário do que então era conveniente, Jimmy Dean mostrou-se sempre muito avesso ao culto da personalidade próprio da Meca do Cinema. Abominava Lee Strasberg, o grande mestre do «Actor's Studio», escapava sempre que possível às sessões de fotografias e identificava-se fácilmente com o felino que tinha em casa. Tal compostura valia-lhe, no entanto, o deasagrado do escritor John dos Passos que a este propósito escrevia na revista «Esquire» :«James Dean é um adoloscente sinistro com o qual temos de acabar». A indiscutível perturbação que esta atitude denuncia, não passou despercebida a Elia Kazan que preferiu este jovem arisco e admirador de Marlon Brando ao também estreante Paul Newman para protagonista de «A Leste do Paraíso».

Ao fazê-lo o grande cineasta de origem húngara entrou na história dos grandes mitos do século xx. Jimmy Dean era Cal e as duas outras personagens que ainda interpretaria no cinema eram como que transplantações desta para outros tempos e espaços. A morte do actor, ocorrida em 30 de Setembro de 1955, quando nos Estados Unidos ainda não haviam estreado quer «Fúria de Viver», quer «O Gigante» obteve a reacção de todos conhecida.

A juventude havia ganho um símbolo, mas os jornais portugueses da época pouco sensíveis a tais matérias quase não noticiavam a ocorrência.

Gérard Philipe, um anjo febril

Destacava-se dos outros dois pela postura nitídamente romântica na melhor tradição dos romances de Dumas, pela sólida cultura livresca e sobretudo pela impetuosidade quase febril que empenhava na interpretação de personagens assinaladas pela aureóla da paixão e do escândalo como o Fausto de «Beauté du Diable» ou o Monsieur Ripois do filme do mesmo nome. Durante a sua breve carreira ,escassamente conhecida do público português, apesar do actor haver passado por Lisboa quatro meses antes da morte o haver silenciado aos 37 anos de idade, ele foi a deslumbrante tulipa que «ne dure que du matin jusque au soir». Caracterizou-se pelos cabelos muito puxados para trás, pela madeixa como que descaída sobre a testa e pela sedução elegante. No teatro clássico, como no cinema foi o amante imaginário de todas as cultoras do mistério e depois do seu desaparecimento, ocorrido em 25 de Novembro de 1959 nenhum «bad boy» regressaria à velha forma.



Gérard Philippe

Maria João Martins

África AQUI

A M O S C A

NELSON MANDELA

Finalmente Nelson Mandela libertado, "África Aqui" recorda um poema da autoria do poeta moçambicano José Craveirinha, datado de Março de 1977.

Maria José Belo Marques

Desde que o meu amigo Nelson Mandela foi morar em "Robben Island"

Desde que o meu amigo Nelson Mandela no tribunal
deu voz de prisão perpétua a Mr. John Vorster
e decidiu morar com mais outros
numa ilha tranquila
infelizmente 4 milhões
de only brancos na África do Sul
ficaram detidos.

E a propósito disto sabem o que é que aconteceu?
Nada de especial em termos de psicologia
a não ser 16 milhões a tomarem consciência
do seu dramático dilema social
e por uma questão política
já nem com bombas
voltam atrás.

E depois de tudo isto a esposa do meu amigo Nelson Mandela
assim que o marido mandar sair da prisão domiciliária
o sardento Mr. "Apartheid" andrajoso de incoerência
lá para o fim da tarde em casa a Winnie
vai perguntar: - Dear Nelson
aonde vamos passear tonight?
E o meu amigo Nelson um bom marido bonacheirão
encolhendo os ombros fortalecidos nos comícios
de solidariedade com toda a ilha da solidão
povoada de milhões no presídio das ideias
vai responder: - I don't know darling -
E descontraído como um operário de férias
Nelson Mandela atirará uma fumaça do cachimbo
sobre a velha rota do Cabo da Boa Esperança
e com os olhos mergulhados no Atlântico e no Índico
virado para a Winnie acrescentará: - Oh, darling
vamos até ao cinema em Pretória
ou no Soweto?

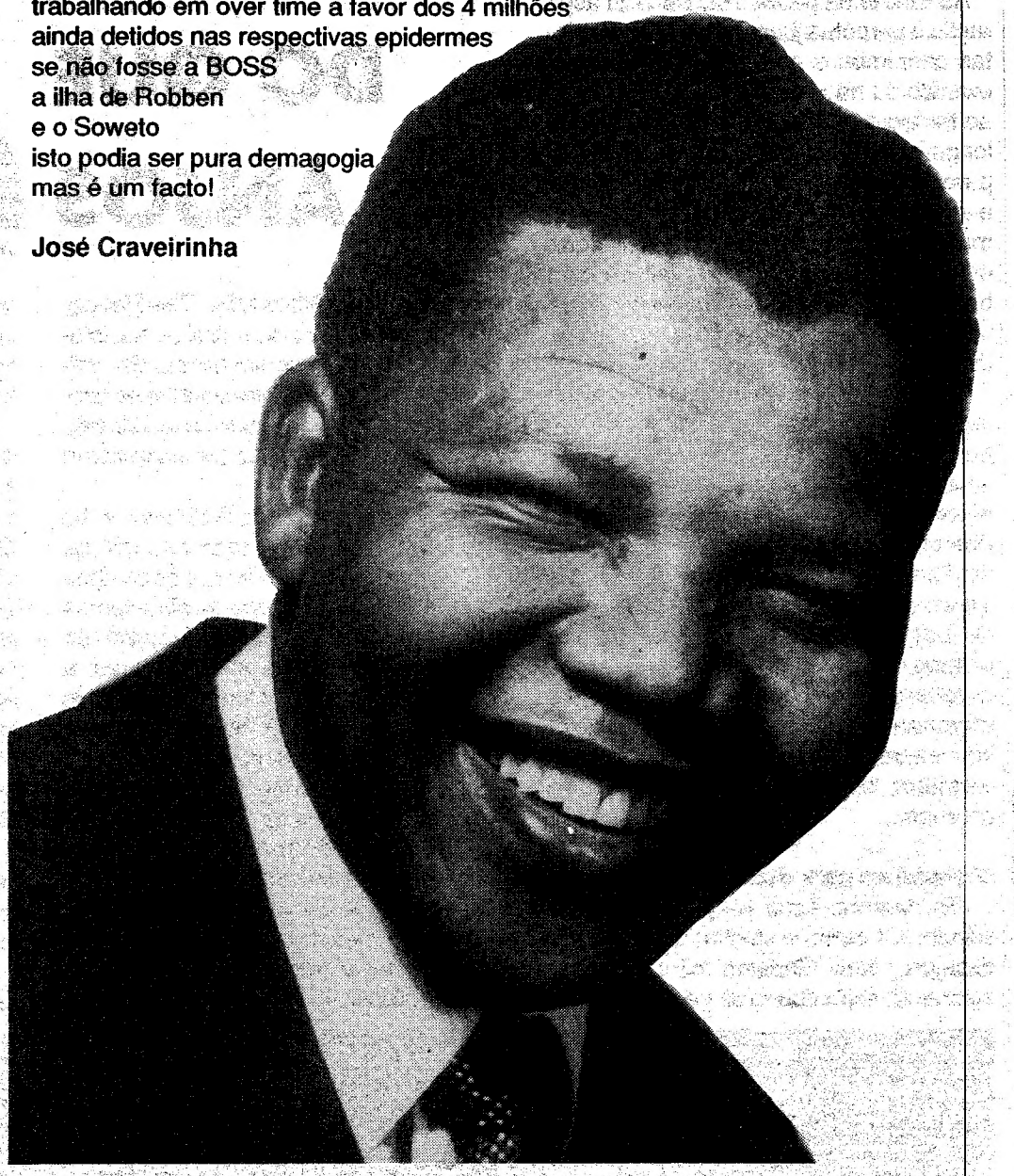
Pois lembro-mer como se fosse agora a amnistia geral
que o meu amigo Nelson Mandela no gozo da sua vilegiatura na ilha
independentemente do seu leão de nervos afiando as garras nos muros
mesmo assim concedeu ao perpétuo condenado Mr. John Vorster
e também me lembro das super manifestações de gratidão
dos 4 milhões vacinados em massa da sua fatalista brancura
a gritar Thank You Very Much quando foram isentados
dos encargos com os abutres Mirages sobrevoando Soweto
sem mais impostos por causa dos agentes da BOSS a vigiar Soweto
e finish descontos nos vencimentos devido aos blindados Panhard
a fazer enjoar de ice cream de pólvora as crianças do Soweto
ou então every body livres da permanente assistência médica
ao contaminado pessoal dos laboratórios de urânio
algures escondidos na máxima segurança
a fabricar uma coisa ultra-secreta
que todo o Mundo sabe
excepto o régulo
dum bantustão.

A situação diz respeito especialmente
aos 4 milhões de sul-africanos quando foram nacionalizados
em cidadãos africanos do mesmo país que o meu amigo Nelson Mandela
ele a disparar o nome para todos os noticiários da Terra
a partir da estância de repouso chamada Ilha de Robben
dentro da solução em prol de 16 milhões de pessoas
mais os 4 milhões restantes menos a BOSS
porque o factor tempo é vital
para o Nelson ir ao cinema
braço dado com a Winnie
seja num teatro de Pretória
de Joannesburg
ou no Soweto.

Perante a situação do meu grande amigo Nelson Mandela
da actividade extra-conjugal de sua esposa Winnie
os problemas psicológicos do velho réu John Vorster amnistiado
e o fenómeno da ilha de Robben a cercar a África do Sul por todos os lados
as medidas a tomar ficam expostas neste relatório.

Acerca dos 16 milhões de patrícios do casal Mandela
trabalhando em over time a favor dos 4 milhões
ainda detidos nas respectivas epidermes
se não fosse a BOSS
a ilha de Robben
e o Soweto
isto podia ser pura demagogia
mas é um facto!

José Craveirinha



Boas-vindas!

À imagem do que já acontecia com outros países africanos de língua oficial portuguesa, também a Guiné-Bissau conta agora com um restaurante, onde se poderá experimentar a sua gastronomia. Na inauguração contou entre os seus convidados com muitos músicos africanos aqui residentes, nomeadamente os do grupo guineense Issabary, que actuará todas as noites na discoteca a abrir, nos finais de Fevereiro, na cave do restaurante. Mas, para que não se pense que se trata de uma iniciativa "bairrista", os seus proprietários garantem, uma vez por semana, comida típica de Angola, Moçambique e Cabo Verde, também. Com grande fartura de pratos europeus, a lista que nos é apresentada tem grande variedade de mariscos, sendo especialidades da casa arroz e açorda de marisco, o creme, esse, tem pedaços gostosos de lagosta. Os preços não são proibitivos, principalmente atendendo à decoração da casa, de madeiras claras e iluminação decente, recusando as detestáveis luzes fosforescentes, agora em moda, e lindíssimas máscaras africanas nas paredes. As mesas têm toalhas e guardanapos de pano, o que é uma surpresa agradável. Um conselho: seria de aproveitar os óptimos petiscos que África tem para utilizar como entradas. A quem não conheça, aconselha-se os caldos de mancarra e chabéu, típicos da Guiné-Bissau.

Restaurante Quartinga-Bolama
Rua Silva Carvalho, 167

TELE Visão

A MOSCA

SÁBADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
«Cadichon», «O Cão Vagabundo», «Teatro Jovem»: os alunos do Externato de Alfragide contam «histórias mimadas», como a da Carochinha; Denver, o Último Dinossauro», «Transformers em Acção» ,«Concurso de Cor e Salteado». e «Olho Vivo»
12.00 - Sinfonieta
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta
14.00 - Parlamento
14.30 - Crime, Disse Ela!
15.15 - Sessão da Tarde
«Uma Escola Americana», de Rod Amateau (EUA-1985), com interpretações de Michael J. Fox, Nancy McKeon, Todd Bridges, Anthony Edwards, Angela Cartwright, Bob Denver e Dwayne Hickman. Duração: 105 minutos.
Tal como em quase todas as escolas americanas, Excelsior Union High School também tem as suas grandes divisões no que diz respeito à população estudantil. Aliás trata-se de uma só divisão entre os que têm e os que não têm. Entre os que têm dinheiro, posição social e pais influentes e os que nada mais têm do que um nome e um número de inscrição. Assim, quando Beau Middleton, menino família local, e tum tal Jay Jay Manners, conhecido como o palhaço da turma e aclamado como o campeão dos bandalhões, entram em choque instala-se um autêntico estado de guerra naquela escola.
17.00 - Desenhos Animados
17.20 - Vivamúsica
18.05 - Ricardina e Marta
Sempre fica o domingo para nos recompormos...
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.25 - A Morgadinha dos Canaviais
22.25 - Clif Richard
23.30 - Cinema da Meia-Noite
«A Última Sessão», de Peter Bogdanovich (EUA-1971), com interpretações de Timothy Bottoms, Jeff Bridges, Cybill Shepherd, Ben Johnson, Cloris Leachman, Ellen Burstyn, Eileen Brennan, Clu Gulager, Sam Bottoms, Sharon Taggart e Randy Quaid. Duração: 113 minutos.
A questão do sexo numa pequena cidade texana em 1951, quando o único divertimento para os jovens era a sessão semanal de cinema, é o tema central deste filme.

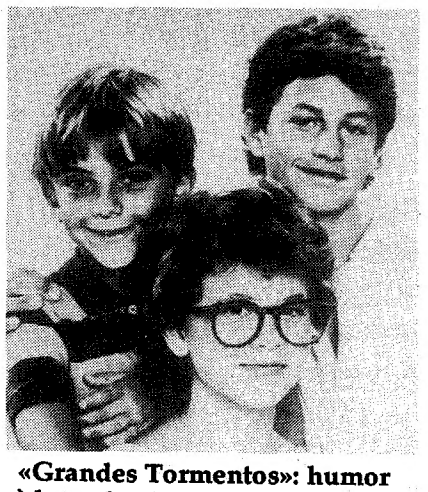
RTP 2

09.00 - Via Rápida
09.55 - O Jogo dos Disparates
10.45 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»
13.10 - Lou Reed
14.15 - Der Langue Stillewege
Estreia
15.00 - Estádio
19.00 - Music Box Especial
19.50 - Encontro em Trieste
Estreia: Mais uma história de amor e espeionagem, com a guerra fria como cenário.
21.15 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

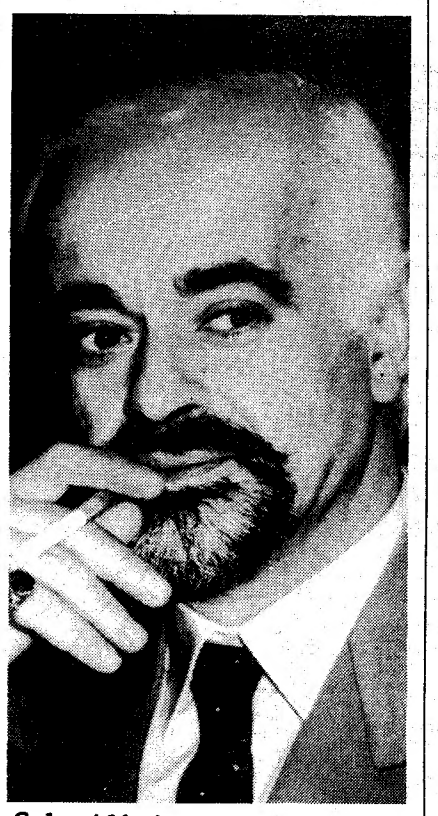
RTP 1

09.00 - Juventude e Família
«O Meu Pequeno Pónei», «Brincar É Coisa Séria» e «Isto É Cinema»
10.05 - TV Rural
10.30 - 70 X 7
11.00 - Eucaristia Dominical
12.05 - Juventude e Família
«O Palhaço»
12.30 - O Mar e a Terra
13.00 - Notícias
13.10 - Grandes Tormentos
13.35 - Espaço 1999
14.20 - O Posto
15.00 - Primeira Matinée
«A Terra dos Faraós», de Howard Hawks (EUA-1955), com interpretações de Jack Hawkins, Joan Collins, James Robertson Justice, Dewey Martin, Alexis Minotis, Sydney Chaplin e Kerima. Duração: 101 minutos.
Há cinco mil anos atrás, as legiões egicpías regressam em triunfo a LUxor, após terem dominado os Chuchitas. O faraó alargou as fronteiras do Império e acumulou um vasto tesouro, mas vive obcecado pela vida além do túmulo, pelo que deseja construir um túmulo verdadeiramente enexpugnável a todos os violadores de tumbas. A obcessão é tal que o leva a convocar Vashtar, um arquitecto Chuchita para o desenhar, prometendo-lhe a liberdade de todos os prisioneiros do seu povo.
16.50 - Cidades do Património Mundial
Trata-se de uma estreia, com o primeiro programa dedicado a Évora.
17.20 - Concurso 1, 2, 3
Mais uma série, de mais um concurso.
19.00 - McGyver
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Querido John
Ralph consegue vencer a sua habitual timidez e comparece na festa organizada pelo Centro Cultural da Comunidade, onde vai ter oportunidade para dançar e contactar com outras mulheres.
21.00 - Vencer em Manhattan
22.00 - Domingo Desportivo



«Grandes Tormentos»: humor à hora do almoço

RTP 2



«Solar Alfacinha»: a dúvida das séries portuguesas

09.00 - Music Box Especial
09.55 - Troféu
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Horizontes
13.50 - Veterinário de Província
15.00 - Troféu
17.00 - Sobrevivência
17.55 - Quem Sai aos Seus...
18.15 - Imagem e Imagens
18.40 - Um Solar Alfacinha
Estreia de mais uma série portuguesa, desta vez tendo o fado como tema. Não se trata de um documentário, mas de uma série com enredo cómico (?)... Será suportável?
19.35 - Os Trintões
20.25 - Artes e Letras
«Alexandre Trauner»: um filme sobre o cenógrafo, que chegou a paris vindo da Hungria como pintor e começou a trabalhar como asistente de Cazare Meerson, o primeiro grande cenografista do cinema.
21.20 - Cineclube
«Susana», de Luis Bunuel (México-1950), com interpretações de Rosita Quintana, Fernando Soler, Luis López Somoza, Vicotr Manuel Mendoza, Matilde Palou e Maria Gentil Arcos. Duração: 87 minutos. Num cenário dantesco de trvões, raios e chuva, Susana conquista a liberdade, fugindo do reformatório onde estava detida. Chega ao rancho de Carmen onde durante a sua estada consegue seduzir pai e filhos. A «guerra» familiar estala por causa de Susana, e tudo volta à normalidade só depois da sua partida. «Susana» foi um dos poucos filmes de Bunel exibidos em Portugal nos anos 50. Apesar de ser um dos mais subversivos do cineasta, a censura não teve quaisquer objecções à sua exibição.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Rota de Howard
14.25 - Vila Faia
(1º e 2º episódios): Tinha que ser!
15.15 - O Mundo Animal
Estreia
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», « As Viagens de Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Clube dos Subscritores
21.40 - Casino Royal
22.35 - Quase Adultos
23.25 - 24 Horas
23.55 - Remate

Marybel Trafaria, a menina dos Cigarros do «Casino Rayal»

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Bonanza»; bloco B: Director de Turma» e «Casa de Irene»
16.55 - Os Cinco
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.40 - Meu Pé de Laranja Lima
18.30 - Coisas da Escola
19.10 - Desenhos Animados
19.35 - O Homem Invisível
20.30 - Cantando Espalharei...
No programa de hoje Jacinto Ramos dita poemas de D. João manuel, Raul Brandão, Augusto Gil, Antero de Quental, Florbela Espanca, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro.
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Festival de Teatro de Lisboa
Ainda da «era Abecasis». Sete companhias estrangeiras e duas nacionais garantiram o progrmama teatral dos «Festivais de Lisboa/89», organizados pela Câmara Municipal de Lisboa. Em palco autores como Garlo Gozzi, Carlo Goldoni, Gabriel Garcia marquez, Oshra Elkayam, Phillippe Avron, Euripides, Adolfo Gutkin e António Patrício.

ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL e BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES e QUIM DE OLIVEIRA.**

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.
ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • **TELEFONE 32 01 21 •**
1200 LISBOA

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «A Viagem do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Primeira Página
22.10 - Crónica do Crime
23.05 - 24 Horas
23.35 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Dick Powell»; bloco B: «Vingadores»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
Janine quer tomar parte mais activa nas missões dos caça-fantasmas. Porém, quando as situações se começam a complicar ela chega à conclusão de que é bem melhor o seu trabalho de secretária...
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.40 - Meu Pé de Laranja Lima
18.15 - Music Box - «Via Rápida»
19.10 - Desenhos Animados
19.30 - O Homem Invisível
20.30 - Cinemagazine
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois
«Tarot», de Rudolf Thome (RFA), com interpretações de Vera Tschechova, Hanns Zischler, Rudiger Vogler, Katharina Bohm, William Berger, Kerstin Eiblemaien, martin Kern, Peter Moland e George Tabori. Duração: 115 minutos. Desta vez não se trata de um filme norte-americano... a RTP descobriu que há mais cinematografias.
Eduard e Charlotte compraram uma casa no campo onde se instalaram para passar um Verão tranquilo. Durante cerca de vinte anos estiveram juntos e há dois anos que se reencontram depois de se terem separado. Desta vez, vão tentar não cometer os mesmos erros do passado. Ela é atriz, mas a sua carreira começa a não satisfazer plenamente e assim decidiu escrever um romance. Ele é realizador de cinema e tenta encontrar um tema para argumento de um novo filme.

«Tarot»: desta vez um filme alemão-federal

QUARTA

RTP 1

«A Janela Indiscreta», ou o grande estilo de Hichcock

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção
14.15 - Vila Faia
15.10 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.05 - Vamos Jogar no Totobola
21.20 - Lotação Esgotada
«A Janela Indiscreta», de Alfred Hitchcock (EUA-1954), com interpretações de James Stewart, Grace Kelly, Wendel Corey, Raymond Burr, Thelma Ritter, Judith Evelyn, Georgine Darcy, Sara Berner, Frank Cady e Ross Bagdasarian. Duração: 100 minutos.
L. B. Jefferies é fotógrafo de uma revista e encontra-se confinado ao seu apartamento em Nova Iorque, depois de ter partido uma perna durante uma arriscada reportagem. Passa as noites na companhia da sua bela e sofisticada namorada, Lisa, que quer casar com ele de qualquer forma.Visita regular no seu apartamento é também a opinativa enfermeira, Stella, designada pela companhia de seguros, na companhia de quem passa as manhãs. Porém, as tardes estão reservadas para a única actividade que Jefferies se pode permitir: observar os vizinhos dos prédios fronteiros, através das janelas das traseiras.
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Justiceiro»; bloco B: «Devlin Connection»
16.55 - Os Campbells
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.40 - Meu Pé de Laranja Lima
18.15 - O Homem na Terra
19.30 - Estrada 66
Estreia: Quando o seu carro se avaria, Tod Stiles e Buz Murdock encontram-se isolados numa cidade de madeireiros. Quando pedem ajuda esta é-lhes sucessivamente negada.
20.25 - Lusitânia Expresso
A moda é em Lisboa, e Lisboa está cada vez mais em moda.
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Histórias de Porterhouse
22.30 - Século XX - Coragem para Falhar
A história do progresso no campo das operações cirúrgicas. O coração abriu a série, e outras se lhe seguiram: colocação de lentes artificais num olho, a implantação de próteses de metal e plástico ou as operações ao ouvido com a ajuda de um microscópio... mas tinham que ser problemas bem localizados, pois quando a doença era generalizada (espalhada por todo o corpo) não podia haver esperanças de sucesso.
23.20 - Som da Surpresa

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - Vila Faia
15.10 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «Tom Sawyer», «Kate e Skubanek» e «Vem lá Filme»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Winston
Churhil: os anos agitados (Setembro de 1928 a Novembro de 1929): Churchill caça veados na Escócia com George V, enquanto Chamberlain e Hoare conspiram para o afastar do cargo que ocupa no Governo. Os conservadores perdem as eleições e Churchill parte para a América. Aí dá conferências e discute cinema com Marian Davies, finança e política com William Randolph Hearst, mas esse tempo não vai durar muito: o grande «crash» na bolsa de Wall Street deixa-o sem dinheiro. Nada como volta a Inglaterra e porque não também à política?
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP 2

«Estrada 66», a estreia de mais um clássico

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Ilha da Fantasia»; bloco B: «Fiscais»
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.15 - Um Bilhete para o Mundo
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.20 - Os Henderson
19.35 - Estrada 66
20.25 - Primeiro Andamento
Liliana Bizineche, cantora lírica, interpreta algumas árias das óperas «Bodas de Fígaro», de Mozart; «Semiramide», «Italiana em Argel», e «Trovador», de Rossini e«Carmen», de Bizet, gravadas no teatro S. Luiz pela RTP, em concerto integrado nos Festivais de Lisboa/1989.
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Emoções
Zach descobre uma cantora que pensa poder transformar numa grande vedeta, com evidentes benefícios para a sua editora. Durante dois meses ele e Sandy ensinam-lhe tudo o que sabem... e quando as suas canções começam a atingir os «tops», ela resolve mudar de editora.
21.55 - Hora da Verdade
22.55 - Quinta Dimensão
Um contabilista consegue prever subitamente as consequências das acções e atitudes que tomou e decide então pôr em perigo o seu emprego para que elas se concretizem.

HOJE

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.20 - Palavras Cruzadas
15.15 - Portugal He Nome Inteiro
«Regresso a Sefarad»
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «O Fantocheiro Mágico» e «Fifften».
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.25 - Vale Tudo
21.20 - Mobil nos Caminhos de Portugal
«O Mar e a Serra» é o título do programa de hoje, cuja núcleo temático é o impacto do património natural da Serra da Arrábida e da Costa Atlântica, com uma introdução histórica por Palmela e pela arte quinhentista da região de Azeitão. O contraste das actividades humanas tradicionais, desde o fabrico do quijo (Azeitão), à pesca artesanal e desportiva (Sesimbra) é também abordado no programa.
21.35 - Missão Impossível
22.25 - Telemundo
22.55 - Chefe, mas Pouco
23.20 - 24 Horas
23.55 - Remate
00.10 - Pela Noite Dentro
Desabituados que estamos ao cinema norte-americano, a semana televisiva vai ser profícua nesse aspecto, a começar já esta noite com «A Sombra do Passado», de Irving Reis (EUA-1948), com interpretações de Edward G. Robinson, Burt Lencaster, Mady Christians, Louisa Horton, Howard Duff, Frank Conroy, Lloyd Gough, Arlene Francis, Henry Morgan e Elisabeth Fraser. Duração: 90 minutos.
Trata-se de um melodrama familiar que relata o mau-estar moral do pós-guerra centrado na tragédia pessoal de um homem que deixou outro ser condenado em seu lugar por um crime de especulação e oportunismo durante os esforços de guerra. A situação vai afectar as vidas dos filhos, cuja total conciliação só vai ser conseguida com grandes custos.

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Alf» e «Director de Turma»; bloco B: «Devlin Connection»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.20 - Haja Música
19.35 - O Homem Invisível
20.30 - As Cidades e as Terras
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações

Rádio

A MOSCA

RUI CARTAXO

RESPOSTA FLEXÍVEL

Enquanto é cedo para avaliar profundamente a prestação da nova «estrutura» da **TSF,** é tempo já de fazer alguns comentários à nova grelha do **FM** da **Comercial.**

A Comercial, pela voz dos seus responsáveis **(João David Nunes, Jorge Dias** e **Pedro Castelo),** definiu claramente os seus públicos-alvo e desenhou uma resposta flexível para as necessidades desses consumidores.

A flexibilidade vem-lhe, por um lado, de criação de menos espaços diários de programação, que poderão responder de uma forma mais homogénea e eficaz; por outro lado, a ideia é, segundo o «administrador-delegado» da Rádio Comercial, João David Nunes, testar a grelha no ar e substitui-la integralmente se fôr caso disso.

A «grelha» diária está a responder razoavelmente, com destaque para o trabalho de **Luis Montez;** de manhã, e **Adelino Gonçalves** e **Jaime Lopes** ao fim da tarde e à noite.

Havendo alguns programas no fim-de-semana que são agradáveis inovações, (como é por exemplo o caso dos espaços de balanço das décadas de 70 e 80, é ainda de saudar o regresso de **António Santos,** que conseguiu garantir novamente o apoio da Crisal.

E é no fim-de-semana que a Rádio Comercial se propõe fazer investimentos mais «vultuosos» caso se chegue a um compromisso com a direcção da **RTP.**

A ideia é ir buscar de novo **Maria Elisa,** autora de **«Fogo Cruzado»,** o programa de maior audiência de sempre da Comercial e **Carlos Cruz,** autor de **«Pão com Manteiga»** e **«Duplex»,** para só lembrar os êxitos mais recentes.

Também **Joaquim Letria,** um excelente comunicador e com experiência de rádio na secção portuguesa da **BBC** parece estar no horizonte dos homens fortes da **Sampaio e Pina.**

O regresso próximo das vedetas à Comercial é um facto a saudar, pois temos todos a ganhar com isso.

As próximas vedetas da Comercial.

R.C. FM ESTÉREO

O MERCADOR DE SONHOS — De 2.ª a 6.ª, das 21 às 24; apresentação e realização de Jaime Lopes

Especialmente concebido para «Combater» o xaroposo **«Oceano Pacífico», «O Mercador...»** beneficia de um maior eclectismo, um conhecimento mais extensivo da música pop e sobretudo uma voz muito melhor do que no programa rival.

O CANTANTE — De 2.ª a 6.ª, das 10 às 12; apresentação e realização de Luís Montez.

O «miúdo» cresceu e fez-se um belo animador e um entusiasta dos puros programas de música «rock». Agora no horário nobre, **Montez** não poderá perder a aposta.

RFM

ÂFRICA — Aos sábados, das 19 às 20; edição e apresentação de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

No momento em que se vive a libertação de **Nelson Mandela, «Âfrica»** lembra aqueles que cantaram a luta do velho resistente sul-africano: **Miriam Makeba, Hugh Mazequela, Lady Smith, Black Mambazo, Johnny Clegg, Dollar Brand, etc.**

RIOS NEGROS — Aos domingos, das 21 às 22; apresentação e realização de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

Destaque para o último álbum ao vivo de **Keith Janett,** Tocando em trio com **Gary Peacock** no baixo e **Jach DeJohntte** na bateria.

Bobby Watson, saxofonista que tocou no grupo de **Art Blakey,** tem o seu último disco também noutra emissão.

A ILHA DOS ENCANTOS — De 3.ª a sábado, da 1 às 3; apresentação e realização de Amílcar Fidelis.

Michel Nymau, e os **American Club Bird,** com **«United Kingdow» (?),** são os destaques da rubrica os **«Tesouros da Ilha»** das emissões de 3.ª e 4.ª feira.

CMR

ESPELHO D'ÁGUA — Aos sábados, das 13 às 15; edição e apresentação de Teresa Fernandes.

Michael Franks e o seu álbum **«One bad Habbit»** em foco nesta emissão do **«Espelho».**

SEGREDOS — Aos sábados, das 20 às 22; edição e apresentação de Margarido Guimarães.

Exclusivamente dedicado a vozes femininas, esta emissão de **«Segredos»** põe em realce **Anita Baker** e **Dianne Reeves.**

BAILE DE FINALISTAS — Aos sábados e domingos, das 19 às 20; edição e apresentação de Luís Ferreira de Almeida.

Cliff Richard e os **Shadows,** por demais conhecidos, andaram pelo Sul da Europa, nomeadamente em **França** e **Itália.** São as suas «aventuras» nestes países que o **«Baile»** desvenda este fim-de-semana.

CIRCUITO FECHADO — Aos domingos, das 0 às 2; edição e apresentação de José Mariño.

«Reacções em cadeia — 3.ª parte», é o título pouco sugestivo que introduz o piano e as canções de **Mathilde Santing** e dos vanguardistas novaiorquinos **Lounge Lizards** e **John Cale.**

TSF

FLASH-BACK — Aos domingos, das 12 às 13; apresentação e realização de Emídio Rangel.

A inteligência demolidora de José Magalhães, aqui e ali servida por alguns golpes baixos, a lucidez de **Pulido Valente,** muitas vezes arrogante, e a capacidade de encaixe de **Pacheco Pereira** contribuem para este belo momento de dialética política.